



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
Programa de Pós-graduação em Geografia

WANDERSON FREITAS FRANÇA

**ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: OS MONUMENTOS NA
CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE PETRÓPOLIS-RIO DE JANEIRO**

JUIZ DE FORA – MINAS GERAIS
2023

WANDERSON FREITAS FRANÇA

**ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: OS MONUMENTOS NA
CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE PETRÓPOLIS-RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração em Dinâmicas Socioespaciais, para obtenção do grau de Mestrado em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta

CO-ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Maria Lucia Pires Menezes

JUIZ DE FORA – MINAS GERAIS

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

França, Wanderson Freitas.

Entre a memória e o Esquecimento: os monumentos na construção das identidades de Petrópolis-Rio de Janeiro / Wanderson Freitas França. -- 2023.
199 p. : il.

Orientador: Guilherme Augusto Pereira

Malta Coorientadora: Maria Lucia Pires

Menezes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Memória Negra. 2. Paisagem Cultural. 3. Racismo. 4. Sankofa. 5. Urbanização. I. Malta, Guilherme Augusto Pereira, orient. II. Menezes, Maria Lucia Pires, coorient. III. Título.

Wanderson Freitas França

Entre a Memória e o Esquecimento: os monumentos na construção das identidades de Petrópolis - Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmicas Socioespaciais.

Aprovada em 31 de Agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Pires Menezes - Coorientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Clarice Cassab Torres
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Juliana Maddalena Trifilio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Renata Aquino da Silva
Instituto do Ciência e Tecnologia de Maricá - ICTIM

Juiz de Fora, 01/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Aquino da Silva, Usuário Externo**, em 01/09/2023, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clarice Cassab Torres, Professor(a)**, em 01/09/2023, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Maddalena Trifilio Dias, Professor(a)**, em 04/09/2023, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Augusto Pereira Malta, Professor(a)**, em 24/10/2023, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



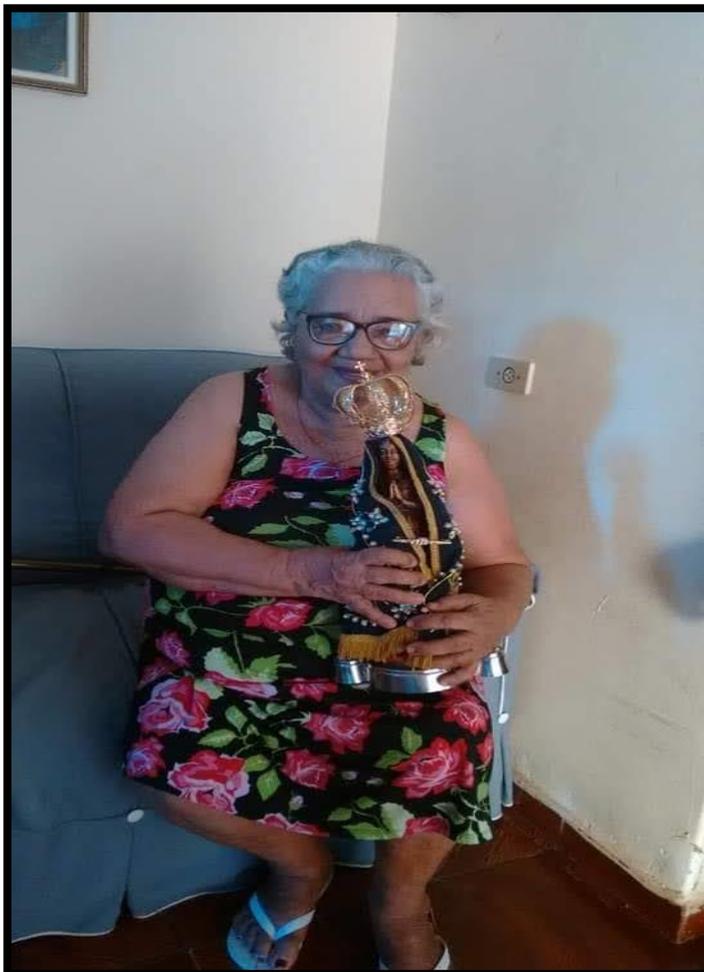
Documento assinado eletronicamente por **Maria Lucia Pires Menezes, Professor(a)**, em 24/10/2023, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-U f (www2.u f.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1447359** e o código CRC **74978E71**.

DEDICATÓRIA

A minha Avó materna, minha mentora, meu Ori
Gertrudes Teixeira de Freitas
(1937-2019)



Ela dizia que éramos parecidos e de fato somos. Nas andanças da vida me deparei com uma mulher muito sábia que para o azar dos homens lia e interpretava o mundo como ninguém.

Seu único neto, como gostava de enfatizar, acabou se tornando geógrafo! Coincidência? Acredito que não! Guardamos conosco no coração nossas principais referências, ela está aqui comigo, nunca esteve tão viva e presente. Viver é isso, deixar saudade, mas também sabedorias, guiando o passado e o presente na cabeça e no coração, ambos em eterna companhia.

DEDICATÓRIA

A geógrafa que possibilitou as entradas pela Geografia Cultural,
Maria Geralda de Almeida
(1948-2022)



Nessas breves palavras está a minha admiração profunda pela mulher que me possibilitou trilhar os caminhos na Geografia Cultural. Nas novas andanças geográficas métodos e metodologias que me trouxe calma em meio às aflições acadêmicas. Ao atravessar diferentes espaços e desbravar as mais belas paisagens nos estabelecemos em todos os tipos de gentes. Não sabemos muito bem lidar com os territórios do coração, somos egoístas, não queremos regionalizar nada. Não queremos deixar partir quem tanto nos inspirou. Na fronteira dos mundos atravessou para o espiritual deixando um legado imensurável para a Geografia. Assim, ela se faz presente! Seu Orí nos coloca sempre em questionamento, nada passa despercebido, tudo vira lugar na imensidão de conhecimento geográfico. Só se vive mesmo na saudade do peito das outras pessoas.

DEDICATÓRIA

À todos os povos originários, negras e negros;

Aos grupos culturais que de alguma forma foram colocados em condição de desumanidade pela colonização;

À todos e todas os(as) profissionais da saúde e educação pública desse país que lutaram arduamente contra o projeto nefasto de genocídio bolsonarista durante a pandemia da Covid-19;

À todas e todos que de alguma forma se sentirem representados por esse estudo.

AGRADECIMENTOS

Olhar por toda essa jornada e compreender que ela nunca se fez sozinha porque muitas e muitos antes de mim abriram os caminhos necessários para eu estar aqui em Niquelândia-GO, em Goiânia-GO, em Petrópolis-RJ, em Juiz de Fora-MG, no tempo presente em Brasília-DF e agora em retorno pra casa, adentrando universidades públicas e gratuitas da mais alta qualidade. Quanto suor e sangue ancestral derramado para que eu, enquanto homem negro homossexual, e tantas outras pessoas atravessadas por interseccionalidades pudessem adentrar esse espaço? A Geografia enquanto ciência ainda carece de mapear os lugares que guardamos na memória por onde passamos e que de alguma forma se tornam lentes as quais interpretamos espaços, paisagens, territórios, lugares, regiões, fronteiras e mais do que isso, compreender uma sociedade construída extremamente desigual para usufruto de uma minoria. As culturas que foram colocadas em condição de desumanidade estão por aí com as suas geograficidades prontas para serem mapeadas e possibilitando enxergamos mundos jamais desbravados que se desdobram em caminhos mais justos e humanos. Mesmo falhando muito, mesmo caindo muito, mesmo muita gente apontando o dedo e dizendo que não iria dar certo cá estamos aprendendo a fazer nossa própria caminhada mais autônoma e abrindo caminhos para que tantas outras e outros possam adentrá-las para mostrar essa potência.

É de uma prepotência profunda acreditar que a forma como produzimos conhecimento é isolada e neutra sem atravessar nossas essências, subjetividades e identidades. Agradeço minhas ancestralidades que sem elas nada aqui seria possível, nenhuma apreensão seria despertada se não fosse por toda a sua história de luta e resistência e aqui fica a minha gratidão profunda por terem alicerçado os caminhos.

Agradeço a Oxalá e meu pai Ogum por terem feito meu planejamento espiritual sobre essa jornada em Petrópolis que fora uma das maiores batalhas que já travei em toda a minha trajetória. Sem a luz, serenidade, calma e amor profundo de Oxalá nada seria possível. O que seria de mim sem Ogum conduzindo meus passos? Mesmo aqueles momentos de reflexão que não faziam sentido algum, mas que no campo de batalha contra a colonização se tornaram importantes estratégias ao pensar quais métodos e metodologias seriam estabelecidas em momentos diferentes. Também se torna oportuno mencionar que Ogum vem chegando, reunindo seu pessoal e como reunimos parceiras e parceiros nessa batalha por quem agradeço nessas breves palavras.

Aos meus pais Vandete Ribeiro de Freitas e Walmi Alves França que pela dádiva da adoção possibilitaram mesmo que com muito sacrifício e privações materiais não me faltar as condições morais para que eu crescesse e pudesse estar aqui hoje. Com todas as dificuldades do meu comportamento sempre julgado como rebelde onde muitos falaram que eu não conseguiria e hoje conseguimos! Com todas as desavenças no meu processo de crescer e amadurecer compreendo cada medo de vocês, cada aflição, cada insegurança que passaram e que passam até hoje sobre o mundo que nos cercam. Ainda sobre a família gratidão profundada pela pessoa por quem eu tenho a dádiva de ser irmão caçula de Wannem Freitas França que com muita reciprocidade foi meu porto seguro em momentos de turbulência nessa loucura toda que é viver. Tenho muito orgulho de você, do mulherão da porra que é e que tem se tornado a cada dia. Agradeço também pela minha irmã me oportunizar uma das maiores alegrias dessa vida porque essa jornada foi travada pensando sobre gerações próximas sempre centrando meu pensamento no meu sobrinho João Pedro Freitas Taveira e minha honra todinha de ser padrinho de Henrique Freitas Taveira.

Sobre o campo familiar agradeço meus avós maternos Sebastião Ribeiro de Freitas e Gertrudes Teixeira de Freitas que mesmo tendo retornado pra Aruanda sinto seus axés a me conduzir. As minhas tias e tios Maria Marlene, Neuza, Terezinha e Ademar (in memoriam), Arlita, Josival, minha madrinha Kátia Elenice, meu padrinho Marcos. Aos meus primos e primas Andrea, Eduardo, Marcos Aurélio, Loiane, Sara, Gabriela, Grazielle, Whalker, Jenivânia, Whallys, meu muito obrigado por serem uma família acolhedora.

Sobre a família que escolhemos, ou melhor, que somos escolhidos, a minha profunda gratidão e admiração a Priscila Barbosa de Jesus, Helena de Castro Côrtes, João Carlos de Lima Neto pelas trocas descontraídas, aos puxões de orelha, as viagens que viraram folego em dias nublados e aos cafés-terapias onde compartilhamos sempre com muita reciprocidade choros, aflições, alegrias e vibrações amigas. Aproveito a oportunidade de saldar a minha família que possibilitou minha caminhada em Petrópolis ao abrirem as portas de sua casa, me receber, acolher, me sacudir e cuidar zelosamente em um momento muito difícil da minha existência, por aqui fica minha enorme gratidão e admiração a Leonardo Pereira da Costa Fontana e Eduardo Borges Marra. Sobre a família que construí em Petrópolis meus profundos agradecimentos à Matheus Perdigão Magalhães (Arôs Veios) por ter permanecido por quase toda a minha jornada em Petrópolis, pela paciência e parceria, me acompanhando nos trabalhos de campo e sendo suporte em momentos de superação. Ao meu irmão, parceiro e amigo Pedro

Ivo Cipriano Inocência por ser guerreiro de uma flecha só e dividir seus pontos cantados, poemas, macumba pictórica, sua arte e a possibilidade de tornar-se negro em Petrópolis apreendendo suas paisagens contraditórias de forma mais leve e retomando nossas ancestralidades. Também agradeço a acolhida de Marcela (mulhê!) que de sorriso largo sempre soube sentar meus pés no chão e me transbordar de alegrias. Agradeço também a Leticia, Leandro e Sófía pela colhida em Brasília e por me possibilitarem o suporte necessário para o meu retorno mais próximo de casa. Gratidão e admiração profunda a Maiara Monique Souza, Jaqueline Pereira, Marilda Pereira e Raiane Pôrto pelas pessoas incríveis que vocês são, por sempre acreditarem em mim, e que mesmo distante fisicamente sinto seus axés a me envolver.

No campo das orientações dessa caminhada agradeço imensamente pelas leituras e direcionamentos de grande maestria da minha orientadora Maria Lucia Pires Menezes e ao meu orientador Guilherme Augusto Pereira Malta. Essa sabia condução somando esforços de forma fluida demonstra o tamanho da confiança e autonomia com que fizeram a minha orientação. Todo o meu respeito e admiração pelas potências incríveis que vocês são, por oportunizar um trabalho que usualmente se esbarra no racismo estrutural e institucional dentro das universidades e que sobre suas conduções foi possível travar essa batalha. Gratidão eterna ao meu Orí acadêmico e minha Orí acadêmica.

Agradeço também a Professora Juliana Maddalena Trifilio Dias que com sabias pá-lavras desde o início do meu ingresso sobre essa empreitada soube escavar entradas por caminhos da Geografia Cultural que me possibilitaram avançar academicamente. Além disso, seu olhar muito aguçado trouxe inquietudes que me colocaram em deslocamento ao mesmo tempo em encontros comigo mesmo e sobre as referências que carregamos. Girar essa chave na cuca trouxe várias das minhas motivações nessa empreitada. Gratidão!

Ainda sobre espaço acadêmico agradeço com o peito apertado e os olhos cheios de lágrimas, porém com profunda gratidão pela possibilidade das trocas estabelecidas com a geógrafa que acolheu minha singularidade de mundo dentro da academia, a professora Maria Geralda de Almeida por direcionar caminhos tão oportunos na Geografia Cultural. Sem essa entrada essa pesquisa teria ganhado outros rumos e que talvez mais um trabalho concluído sem respeitar a minha própria identidade. Aproveito a oportunidade também de agradecer por ter me semeado em um solo tão oportuno dentro do Grupo de Estudos em Geografia Cultural do Laboratório de Dinâmicas Sócioespaciais (LABOTER) da Universidade Federal de Goiás que me possibilitou um amadurecimento científico muito significativo. Um abraço fraterno em

todas e todos do Grupo de Estudos em Geografia Cultural, que esse agradecimento possa lhes alcançar e lhes envolver.

À UFJF, ao Instituto de Ciências Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia que possibilitou a concessão da Bolsa PBPG Rodízio PROPP sobre um dos maiores períodos de ataque a ciência e educação pública brasileira promovida pela era nefasta bolsonarista. O meu desenvolvimento científico e enquanto pessoa humana, embora todas as dificuldades que atravessamos, só foi possível pelo funcionamento e articulação de verdadeiros heróis e heroínas dessas instituições públicas, gratuitas que oferecem um serviço de mais alta qualidade para a sociedade brasileira que mesmo sobre constante ataque aguentaram firmemente esse pesadelo que terminou, contudo com uma perda irreparável onde nos matemos em alerta sobre as ervas-daninhas. Não desejo essa experiência para nenhum(a) pós-graduando(a) e que a ciência pública brasileira seja sempre tida e valorizada enquanto política de Estado e não como política de governo. Agradeço cada parceira e parceiro de Pós-graduação pelas trocas virtuais porque os corredores físicos de nossas instituições foram-nos arrancados pela gestão ineficiente bolsonarista, com carinho Matheus, Douglas (Gustavo), Diego (São Francisco), Eduarda, Isabel (It's a Bell) e Cláudia. Aos professores e professoras pelo ministério das disciplinas que possibilitaram nosso bom desenvolvimento na jornada acadêmica porque nada se faz sem o formão da dádiva docente que nos lapidam.

Por fim, mas não menos importante agradeço profundamente todas as negritudes com quem pude aprender durante nossas parcerias na realização da roda de conversa contribuindo sobre o entendimento multicultural de Petrópolis. Suas identidades, símbolos, marcas, memórias e contribuições estão em todas as partes dessa cidade possibilitando compreender a verdadeira potência de corpos afrocentrados, demonstrando que Petrópolis é, também, uma PRETÓPOLIS, cidades de originários, pretos e pretas diversas que nos imergem sobre uma cidade múltipla de fato. Gratidão por somarem esforços e me possibilitar avançar sobre essa batalha com a lança compartilhada de suas memórias e vivências.

Axé e Umbunto!

RESUMO

O presente estudo dessa dissertação é o resultado do esforço de compreender no tocante dos monumentos circunscritos nos espaços públicos do centro histórico de Petrópolis, cidade localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro, como estão relacionados diretamente sobre as construções identitárias de grupos culturais colocados em condição de menos importantes (indígenas, negros e negras) sobre uma lógica racista que desconsidera o papel que essas múltiplas culturas exerceram, e exercem, ao longo do tempo sobre a produção material e imaterial da cidade. Desse modo, busca-se analisar, por meio das paisagens contraditórias entre os monumentos e os bairros negros da cidade, considerando as minhas trajetórias e o lugar que me situo enquanto negro transado com o urbano, como esses elementos simbólicos possibilitam a perpetuação e a manutenção de uma visão colonizadora sobre as construções identitárias que se desdobra na manutenção do poder da branquitude que produz desigualdade racial. Assim, por meio de metodologia ativa de roda de conversa decidi colocar os monumentos na gira ao reunir nosso pessoal, negras e negros petropolitanas(os), para transarmos nossas experiências em coletividade e valorizar nosso ponto de vista sobre nossas vivências na cidade. Desse modo, o pensamento Afrocentrado em conjunto com a Geografia Cultural foi central, somando com outros saberes de descolonização, na valorização de nossas referenciais culturais indígenas e negras. Como resultados percebemos o quanto os monumentos funcionam como símbolos de perpetuação de ideias colonizadoras que incidem sobre o apagamento intencional da contribuição que esses “outros” grupos culturais possibilitaram sobre a produção material da cidade. Dessa forma, essa estrutura converge sobre a não identificação de pessoas negras em Petrópolis, o que acaba por privilegiar a branquitude local. Finalizo não apenas no intuito de concluir um estudo, mas evidenciar a potência das trocas estabelecidas com nossas parceiras e parceiros negros ao transar nossas experiências sobre a realidade local ao direcionar os estudos geográficos entendendo porque as paisagens dessa cidade se apresentam contraditórias para nós e como isso impacta grupos culturais de formas diferentes.

Palavras-chave: Memória Negra, paisagem cultural, Racismo, Sankofa, urbanização.

RESUMEN

El presente estudio de esta disertación es el resultado del esfuerzo por comprender los monumentos circunscritos en los espacios públicos del centro histórico de Petrópolis, ciudad situada en la región serrana del estado de Río de Janeiro, cómo se relacionan directamente con las construcciones identitarias de los grupos subalternos (indígenas, negros y negras) en una lógica racista que desconoce el papel que estas múltiples culturas han desempeñado, y desempeñan, a lo largo de la historia sobre la producción material e inmaterial de la ciudad. De esta forma, buscamos analizar, a través de los paisajes contradictorios entre los monumentos y los barrios subalternos de la ciudad, considerando mis trayectorias y el lugar donde me sitúo como hombre negro en transacción con lo urbano, cómo estos elementos simbólicos permiten la perpetuación y el mantenimiento de una visión colonizadora sobre las construcciones identitarias que se despliega en el mantenimiento del poder de la blancura que produce la desigualdad racial. Así, a través de la metodología activa de los círculos de conversación, decidí poner a girar los monumentos reuniendo a nuestra gente, mujeres y hombres negros petropolitanos, para compartir colectivamente nuestras experiencias y valorar nuestro punto de vista sobre nuestras vivencias en la ciudad. De este modo, el pensamiento afrocentrico en conjunción con la Geografía Cultural ha sido central, junto con otros saberes descolonizadores, en la valoración de nuestros referentes culturales indígenas y negros. Así, este estudio pretende traer y valorar formas de pensamiento que no son usualmente utilizadas por la academia en la forma de producir conocimiento. Como resultado, nos damos cuenta de hasta qué punto los monumentos funcionan como símbolos de perpetuación de ideas colonialistas que se centran en el borrado intencionado de la contribución de grupos culturales subalternizados. Em este punto, esta estructura converge en la no identificación de los negros en Petrópolis, lo que acaba privilegiando la blancura local. Concluyo no sólo para concluir un estudio, sino para mostrar que a partir de las experiencias de los compañeros negros y de las compañeras negras, podemos adentrarnos en los estudios geográficos en la consolidación de la producción desigual del espacio que se despliega en el paisaje y cómo impacta de forma diferente a los grupos culturales de la ciudad.

Palabras-clave: Memoria Negra, paisaje cultural, racismo, Sankofa, urbanización.

ABSTRACT

The present study of this dissertation is the result of the effort to understand the monuments circumscribed in the public spaces of the historic center of Petrópolis, a city located in the mountainous region of the state of Rio de Janeiro, how they are directly related to the identity constructions of subaltern groups (indigenous, black and black) on a racist logic that disregards the role that these multiple cultures have played, and play, throughout history on the material and immaterial production of the city. In this way, we seek to analyze, through the contradictory landscapes between the monuments and the subalternized neighborhoods of the city, considering my trajectories and the place where I am located as a black man transacted with the urban, how these symbolic elements enable the perpetuation and maintenance of a colonizing view on identity constructions that unfolds in the maintenance of the power of whiteness that produces racial inequality. Thus, through the active methodology of conversation circles, I decided to put the monuments in the spin by bringing together our people, black Petropolitan women and men, to share our experiences collectively and to value our point of view on our experiences in the city. In this way, Afrocentric thinking in conjunction with Cultural Geography was central, along with other decolonizing knowledge, in valuing our indigenous and black cultural references. Thus, this study aims to bring and value forms of thought that are not usually used by the academy in the way of producing knowledge. As a result, we realized how much the monuments function as symbols of perpetuation of colonialist ideas that focus on the intentional erasure of the contribution of under-perceived cultural groups. Thus, this structure converges on the non-identification of black people in Petrópolis, which ends up privileging local whiteness. I conclude not only in order to conclude a study, but to show that using the experiences of black partners and black partners allows us to enter into geographical studies in the consolidation of the unequal production of space that unfolds in the landscape and how it impacts cultural groups in the city differently.

Keywords: Black Memory, cultural landscape, racism, Sankofa, urbanization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Petrópolis – Rio de Janeiro	23
Figura 2: Vista de drone no mirante do Cristo do município de Niquelândia - Goiás.....	24
Figura 3: Pôr do sol em Goiânia - Goiás Campus Samambaia, UFG	25
Figura 4: Conjunto de rosas do quintal da casa de Dona Gertrudes	26
Figura 5: Povos Originários - Indígenas Coroados que antecederam o espaço urbano de Petrópolis.....	37
Figura 6: Ogum sentado a frente da canalização do Rio Palatino em Petrópolis.....	38
Figura 7: Vista do BNH do Alto da Serra, Setor Ferroviário e Morro da Oficina um ano após os deslizamentos das chuvas dos dias 15/02/2022 e 20/03/2022	47
Figura 8: Parceira Rejane da Silva Miosso	49
Figura 9: Parceira Marcela Cardoso Machado	51
Figura 10: Parceira Adriana Carvalho Rangel	52
Figura 11: Parceira Roberta Gregório dos Santos Neves.....	54
Figura 12: Parceira Aline Andrade	55
Figura 13: Parceiro Pedro Ivo Cipriano Inocêncio	57
Figura 14: Vista panorâmica da Praça da Liberdade.....	61
Figura 15: Passeios de Bodinhos na Praça da Liberdade década de 1990	61
Figura 16: Conjunto paisagístico da Praça da Inconfidência – Igreja do Rosário dos Homens Pretos e Mercado de Abastecimento Popular	62
Figura 17: Palácio de Cristal.....	63
Figura 18: Igreja do Sagrado Coração de Jesus	64
Figura 19: Obelisco	67
Figura 20: Rua 16 de Março em Petrópolis	67
Figura 21: Catedral São Pedro de Alcântara	71
Figura 22: Palácio Amarelo.....	72
Figura 23: Museu Imperial.....	74
Figura 24: Vista do Mural na lateral sul do CIT na Praça da Liberdade.....	83
Figura 25: Vista do Mural na lateral oeste do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis.....	83
Figura 26: Vista do Mural na lateral leste do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis.....	84
Figura 27: Vista do Mural na lateral norte do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis.....	84

Figura 28: Margem esquerda e direita do rio que foi local do quilombo da Vargem Grande em Petrópolis.....	85
Figura 29: Quilombo da Tapera no Vale do Cuiabá em Petrópolis	86
Figura 30: Busto Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade	88
Figura 31: Pai José Ancestral do Quilombo da Vargem Grande Petrópolis	90
Figura 32: Dona Teresa Ancestral do Quilombo da Vargem Grande Petrópolis.....	91
Figura 33: Site do Museu da Memória Negra em Petrópolis.....	92
Figura 34: Igreja do Rosário dos Homens Pretos.....	94
Figura 35: Mercado Popular Municipal	94
Figura 36: Símbolos adinkras nos portões dos casarões da Avenida Koeler.....	96
Figura 37: Espaço na Praça da Liberdade destinado a reproduções culturais negras diversas.....	97
Figura 38: Vista do bairro Quissamã.....	101
Figura 39: Vista do Bairro Caxambu	101
Figura 40: Vista do Bairro Sertão do Carangola.....	102
Figura 41: Capa Revista Extra Fome na cidade do Rio de Janeiro	106
Figura 42: Conjunto de monumentos em Niquelândia-Goiás.....	110
Figura 43: Genocídio provocado pelo garimpo ilegal em terras Indígenas Yanomamis em Roraima – BR.....	118
Figura 44: Operação Polícia Federal contra trabalho escravo nos municípios goianos de Itumbiara, Edéia e Cachoeira Dourada.....	119
Figura 45: <i>A Redenção de Cam</i> , do pintor espanhol Modesto Brocos de 1895.....	124
Figura 46: Pórticos nas entradas dos bairros Quitandinha e Bingen em Petrópolis-RJ.....	137
Figura 47: Ideia do Imperial no site de informações aos turistas da TURISPETRO.....	138
Figura 48: Pessoa negra em carne e osso em condição de rua dormindo na base da estátua de d. Pedro II em Petrópolis – cidade imperial	139
Figura 49: “Nossa História” linha do tempo de fatos “importantes” na formação espacial de Petrópolis.....	141
Figura 50: Disposição Latitudinal entre América Latina e África.....	145
Figura 51: Sesmaria do Vale do Rio Piabanha em território dos Índios Coroados, atual município de Petrópolis – Rio de Janeiro.....	148
Figura 52: Mucama que sustenta o império de Orleans e Bragança	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perguntas orientadora-geradoras da Roda de Conversa	45
Tabela 2: Conjunto de Monumentos Distribuídos na Praça da Liberdade.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CENIP	Centro de Ensino Integrado de Petrópolis
CIT	Centro de Informações Turísticas
CMCP	Conselho Municipal de Cultura de Petrópolis
CPTRANS	Companhia Petropolitana de Transito de Petrópolis
CEDERJ	Consórcio de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
EJA	Educação de Jovens e Adultos
HGTP	História Geografia e Trânsito de Petrópolis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAPN+	Lesbicas-Gays-Bissexuais-Travestis-Transgêneros-Transexuais-Queer-Intersexual-Assexual-Pansexual-Não-binário+
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFF	Universidade Federal Fluminense
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
IHP	Instituto Histórico de Petrópolis
IPHAN	Instituto de Patrimônio e Artístico Nacional
PVNC	Pré-Vestibular para Negros e Carentes
TURISPETRO	Secretaria Municipal de Turismo de Petrópolis
M-C	Modernidade-Colonialidade
UCP	Universidade Católica de Petrópolis
SION	Nossa Senhora do Sion

SUMÁRIO

MEMORIAL - INSPIRAÇÕES... TRAJETÓRIAS... MEMÓRIAS... DONA GERTRUDES...	21
CAPÍTULO 1- OS MONUMENTOS NA GIRA: PRETÓPOLIS E SUAS IDENTIDADES	34
1.1 – RODA DE CONVERSA COMO METODOLOGIA DE DESCOLONIZAÇÃO.....	41
1.2 – TRAJETÓRIA DAS PARCEIRAS E DOS PARCEIROS	47
1.3 – POR VOZES NEGRAS: MEMÓRIAS E MONUMENTOS.....	60
1.4 – MONUMENTOS BRANCOS, PAISAGENS NEGRAS.....	80
CAPÍTULO 2 - NO CAMINHO DA DESCOLONIZAÇÃO, PAISAGENS E PENSAMENTOS EM MOVIMENTO	104
2.1 – A TRANSA COM A PAISAGEM.....	108
2.2 – CAMINHOS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	114
2.3 – PAISAGEM ORÍ ... DIÁSPORAS.....	129
CAPÍTULO 3 - PETRÓPOLIS, CIDADE IMPERIAL PRA QUÊ E PRA QUEM?	136
3.1 – O QUE O ESPAÇO E O TEMPO EM CIRCULARIDADE NOS REVELAM?	140
3.2 – AS SESMARIAS.....	147
3.3 – PRETÓPOLIS	151
3.4 – O RELEVO COMO POTENCIALIZADOR DA IMAGEM DO RACISMO.....	156
3.5 – ESTRUTURAS DE EMBRANQUECIMENTO JURÍDICAS	158
3.6 – DESABAFO DO CRIME DE RACISMO AMBIENTAL CLIMÁTICO DE 2022 .	162
CONSIDERAÇÕES EM CIRCULARIDADES FINAL?	166
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	171
ANEXO 1 – ROTEIRO ORIENTADOR DIRECIONADOR DA RODA DE CONVERSA	177
ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO DE LIVRE ESCLARECIDO	179
ANEXO 3 – TRANSCRIÇÕES DA RODA DE CONVERSA	181

MEMORIAL - INSPIRAÇÕES... TRAJETÓRIAS... MEMÓRIAS... DONA GERTRUDES...

*Nas palmas de tuas mãos
Leio as linhas da minha vida.
Linhas cruzadas, sinuosas,
Interferindo no teu destino.*

*Não te procurei, não me procurastes.
Íamos sozinhos por estradas diferentes.
Indiferentes, cruzamos.*

*Passavas com o fardo da vida...
Corri ao teu encontro.
Sorri. Falamos.
Esse dia foi marcado
com a pedra branca
da cabeça de um peixe.*

*E, desde então, caminhamos
juntos pela vida...*

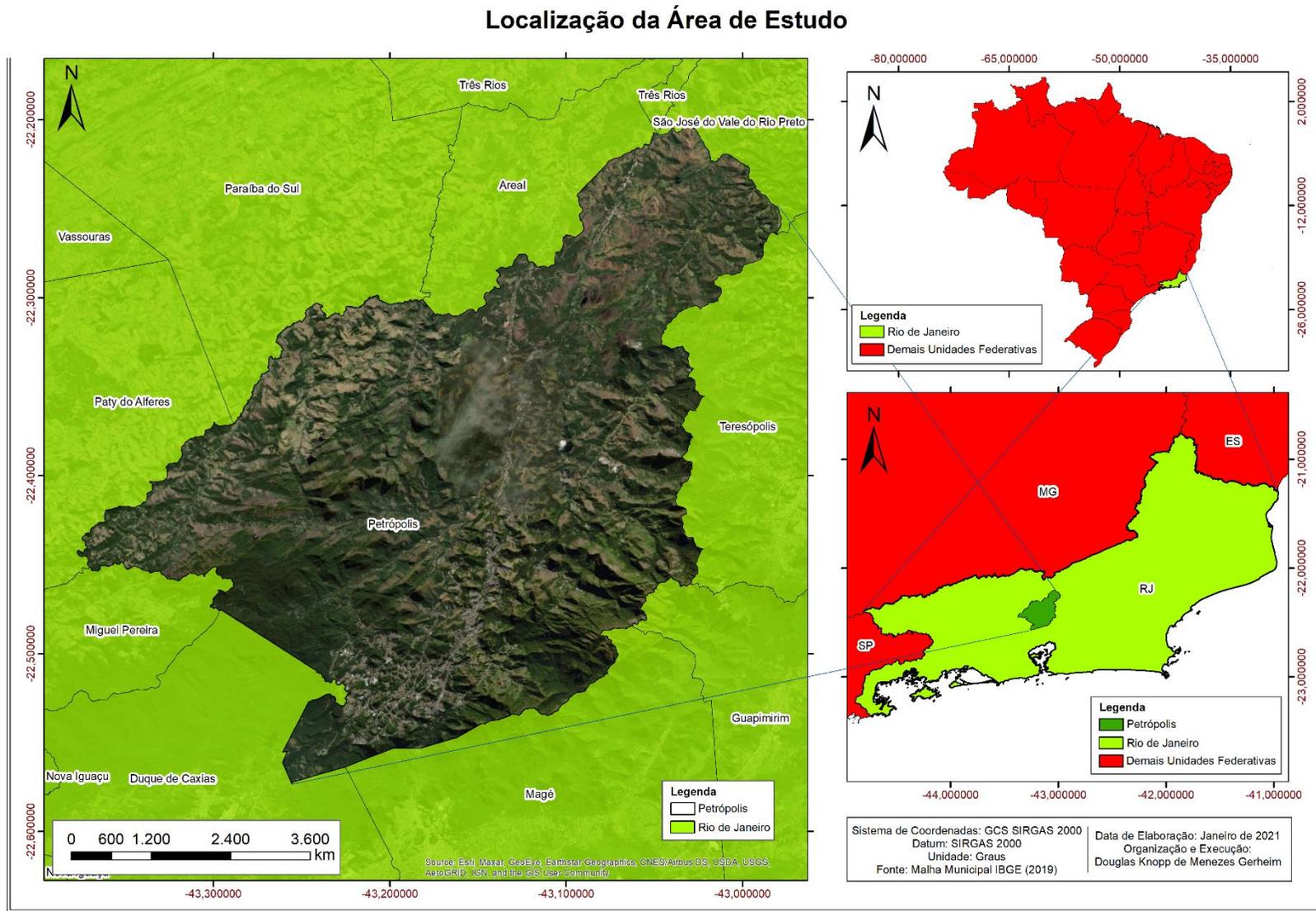
Cora Coralina

Por alguma razão, o caminhar da vida trouxe-me para o estado do Rio de Janeiro. No movimento de sair de Goiás, estado de onde sou natural, saí de mim mesmo, confrontei-me. Por meio dessa experiência singular, pude olhar de outra escala o meu eu, meu modo de vida, minhas raízes, minha ancestralidade, o ser goiano estrangeiro em um habitat cultural completamente estranho ao meu. Consequentemente, vários elementos adormecidos em minhas memórias despertaram-se tornando uma ferramenta singular de compreensão do mundo, da minha própria escala, do meu eu.

Assim, minha relação com Petrópolis – Rio de Janeiro (Figura 1) iniciou em 2016, em uma rápida visita a um casal de amigos goianos, Leonardo e Eduardo, que por lá residiram entre 2015 e 2022. Chegando à cidade, os pôrticos anunciam: **Petrópolis, Cidade imperial!** Além disso, desde a entrada, itinerário e chegada ao centro histórico, o que me causou espanto e, ao mesmo tempo, a sensação de contemplação, foi a imponência dos monumentos. Quando se adentra em um lugar diferente do nosso habitual, imediatamente queremos associar elementos culturais semelhantes ao que se está acostumado. Mesmo que isso ocorra de forma inconsciente, é um processo de identificação. Embora muito vislumbrado, como um turista em um país estrangeiro, essa rápida passagem me causou um grande incômodo por não me identificar com as memórias projetadas pelos monumentos, haja vista um padrão hegemônico branco, colonizador, eurocêntrico, estampado nessa paisagem que não acolhe o que é estranho a ela: o ser negro.

Meu segundo contato com Petrópolis veio em 2018, dessa vez como morador. Aqui, não posso deixar de considerar a minha formação enquanto geógrafo. Meus olhos percorriam a paisagem urbana como se fossem livros, e eu tentava de alguma forma interpretá-las. O horizonte, os gostos, os cheiros, os sabores e as texturas levaram-me a experimentar uma cidade completamente diferente daquela primeira passagem (ALMEIDA, 2013). No movimento de compreender as paisagens contraditórias entre os monumentos do centro histórico em contrapartida com os bairros periféricos da cidade, onde residia, pude perceber processos extremamente divergentes na narrativa histórica de formação urbana. Isso me despertou um rememorar da minha infância.

Figura 1: Mapa de localização do município de Petrópolis – Rio de Janeiro



Fonte: GERHEIM, Douglas Knopp de Menezes. (Janeiro de 2021)

Como toda memória tem uma história, essa inicia-se em dezembro de 1992. Nasci e fui criado, até os 15 anos, em Niquelândia, cidade ao norte do estado de Goiás. Quando criança, lembro-me do convite da paisagem para desvelar o espaço à minha volta. As serras no horizonte observáveis da rua de casa viravam dinossauros adormecidos; as árvores tortas dos cerrados no período das secas, grandes garras afiadas; os ipês na estação sazonal das secas pareciam algodões-doces (amarelos, roxos e brancos) e o cristo da cidade, um grande robô com super poderes.

Figura 2: Vista de drone no mirante do Cristo do município de Niquelândia - Goiás



Fonte: BATISTA, Marina. Secretaria Municipal de Turismo de Niquelândia. Disponível em < <https://www.curtamais.com.br/goiania/descubra-niquelandia-cidade-de-goias-com-tesouros-ainda-pouco-conhecidos> >. Acesso em: 20 de mar. 2021.

Onde eu nasci o sol toca o chão tingindo o céu em telas cintilantes de amarelo, dourado, vermelho e alaranjado. Essas telas, em conjunto com os planaltos suaves, as planícies e os Cerrados compõem um cenário inesquecível que nos faz transportar pra dentro dela, na parede da memória do Brasil central (Figura 3). O vermelho vibrante das terras dos Cerrados é da cor do coração! Coincidência? Eu diria que não!

Outro fator relevante que me liga à paisagem se relaciona com a minha avó materna, Dona Gertrudes. Quase todos os domingos tínhamos por hábito almoçar em sua casa. Corria para abraçá-la, e era um dos momentos mais esperados da semana. Como de costume, vinha a “bença” aos mais velhos. Essa prática cultural é muito comum no interior de Goiás, sendo

imprescindível o respeito aos mais velhos, que receba suas bênçãos, valores que são passados de geração em geração.

Figura 3: Pôr do sol em Goiânia - Goiás Campus Samambaia, UFG



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 28 de jul. 2020.

Depois do almoço em família, eu sempre me deitava em seu colo enquanto ela mexia em meus cabelos. Sentia as suas mãos ásperas me acariciar, pois seu passado, enquanto trabalhadora rural no sertão goiano, lhe conferiu o desgaste acelerado da pele com pouco viço. Constantemente estava cultivando algo em seu jardim, no fundo do quintal, e o seu cheiro era de rosas: amarelas, vermelhas, roxas, brancas e lilases (Figura 4). Seu sabor era de café coado na hora, de bolos de milho, dos biscoitinhos doces de polvilho que dissolviam no céu da boca e do pão de queijo.

A visão dela era bem dessas avozinhas de interior, rechonchuda, vestido florido longo, óculos no rosto. Estava sempre a sorrir e a me contar histórias do seu tempo de “menina-moça”. Sua visão de mundo era de uma experiente matriarca que, viúva muito cedo, cuidou sozinha das quatro filhas e de um único filho, bem como da fazenda onde as mulheres tomaram a frente em uma cultura rural perversamente machista. Atravessada pelos saberes do mundo, se graduou pela universidade da vida e do julgamento dos homens.

Figura 4: Conjunto de rosas do quintal da casa de Dona Gertrudes



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 10 de dez. 2021.

Quando ainda tinha um pedacinho de terra, nossa família materna se encontrava em alguns finais de semana. Em meados de outubro, início do ciclo das chuvas na região Centro-Oeste, preparávamos a terra, fazia o arado e plantava a “roça” de feijão, arroz, milho, abóbora e, em meados de dezembro e janeiro, iniciavam as colheitas. As lembranças das rodadas de pamonhas são muito frescas em minhas memórias. Na parte da tarde, minha avó caminhava em meio aos cerrados e sempre me chamava para acompanhá-la. Com o dedo apontado para o horizonte ela dizia:

– Meu “fio”, ali são as serras que funcionam como “telhados de casa”, ajuda a espalhar as chuvas, aí a água vai correndo tudo isso até cair no corgo.

– A água desce isso tudo, vó?

– Desce meu “fio”, aí o corgo alaga que a água sobe cá em cima. Quando a água volta, a gente “pranta arrois”, feijão, “aborbora”, as terras ficam boa pra “prantar”!

Nas trilhas, me mostrava as serras mais altas que funcionavam como divisor de águas: em suas palavras, elas eram como “telhado de casa”, a área de inundação próxima dos rios que eram bons locais para se plantar devido ao depósito de matéria orgânica. Apontava com

exatidão a localização das serras que fazia fronteira com a fazenda dos meus bisavôs e como o Lago Serra da Mesa colocou tudo debaixo d'água. Ela mostrava com perfeição as plantas com propriedades medicinais e comestíveis dos cerrados: sagra d'água, mastruz, óleo-de-pau, aroeira, assa-peixe, angico, sucupira, lobeira, pequizeiro, buchinha, alfavaca, cajuzinho do cerrado, catolé, lobeira, taioba, jatobá, entre outras.

Pelo movimento do sol, ensinava-me a orientar e a contar as horas, igual no seu tempo quando trabalhava na roça, onde não dispunha de tanta tecnologia, e à noite a me orientar pela constelação do Cruzeiro do Sul. Minha família predominantemente negra nos ensinava a respeitar as pessoas sem distinção da “pele”. Sempre muito incisiva nesse ponto, contava como amigos, família e até mesmo meu avô, Sebastião Ribeiro de Freitas, falecido em 1975, sofreram com a discriminação racial. Afirmava que tínhamos que ter orgulho de nossas origens, das nossas raízes, e que isso era o que nos tornava uma família forte e bonita.

Narrava as mudanças paisagísticas no contexto rural e urbano niquelandense enquanto narrava a sua própria história. Niquelândia foi uma das lavras de ouro mais produtivas do estado de Goiás do século 18 ao 19. Ao contrário dos livros de histórias que tratam da formação do município, os quais elucidam apenas o lado dos bandeirantes brancos, os “bravos desbravadores”, temos um município marcado, em seu passado, por inúmeros homens negros e mulheres negras que foram escravizados na exploração do ouro, massacre dos povos indígenas Avá-Canoeiros que habitavam essas terras antes dos “descobridores bandeirantes” e da miscigenação violenta desses povos (BERTRAN, 2002). Daí a origem da minha família: descendemos de pessoas que foram escravizadas.

Além disso, minha saudosa avó ensinou-me a ler e a interpretar o mundo com sabedoria, em um tempo em que as técnicas de trabalho no campo eram lentas e exigiam das trabalhadoras e trabalhadores rurais uma profunda vivência do espaço rural para se criar conhecimento do mundo. Essa essência de se utilizar da observação do espaço e das paisagens criando conhecimentos à sua volta, incorporando saberes da cultura interiorana, do relevo, das ruralidades, da fauna e da flora, dos símbolos paisagísticos, da astronomia, das memórias, dos rios, do relevo, da oralidade das histórias, do urbano e rural em modificação, tinha uma próxima semelhança com as ementas das disciplinas da graduação em Geografia na Universidade Federal de Goiás (UFG) durante a minha formação.

Eu não fui o primeiro geógrafo da família. Minha avó foi a primeira, seu laboratório foi o mundo e suas experiências adquiridas foram passadas pela oralidade mediando conhecimento no ofício de ler e de interpretar as paisagens e o espaço nos quais eu estava inserido. Só fui tomar conhecimento disso, com certa dificuldade, quando entrei para a

universidade criada pelos “homens” onde fui iniciado pela geografia acadêmica. Parte do que sou hoje é um fragmento vivo da memória de Dona Gertrudes. E, assim, esse fragmento torna-se fundamental na minha vida, nas minhas subjetividades e na minha formação identitária.

Não posso deixar de comentar, neste momento, que outros dois fatores influenciam diretamente na minha identidade e, conseqüentemente, na forma como compreendo o espaço e a paisagem à minha volta: 1) em meu nascimento, fui doado pela minha mãe biológica para outra família; sempre tive uma boa relação com meus pais adotivos, pois eles nunca esconderam esse fato, mas ecos dessa experiência ecoam em meus pensamentos, e 2) pela minha condição enquanto gay, com a qual, por volta dos quatro anos de idade, já me compreendia e que carreguei escondida até a idade adulta, como se um outro eu vivesse dentro de mim. Não encontrei ambiente familiar e cultural seguro, quando criança e adolescente, para externalizar essa condição. O medo de ser expulso de casa, a preocupação em não corresponder às expectativas dos meus pais e da família, a aflição da possibilidade de viver em solidão o restante da minha vida e a percepção de um mundo amplamente homofóbico fez da minha mente um presídio, que escondia algo de todos, mas que na verdade se esconde de si mesmo. Dessa forma, nunca aceitava de imediato alguns padrões culturais, o que transparecia na escola, com a família, os amigos e as amigas de infância como um comportamento rebelde.

O meu eu geógrafo perpassa por todas essas questões, eu não seria verdadeiro se dissesse que isso não interfere na minha maneira de ver o mundo, como sou sensível com tantas questões socioculturais à minha volta. Já fui concebido ao mundo totalmente contra hegemônico: negro, empobrecido, homossexual e criado em uma família centrada na figura de uma mulher empoderada. Com certeza, ao carregar todas essas condições em minha identidade, esses fatores sempre me instigaram a elucidar uma dialética constante da minha existência frente a esse mundo e como ele se apresentava diferente de mim.

Existe uma essência nas vivências individuais de cada um e cada uma, e que, somente por ela, compreende-se o mundo avesso àquele que se diz que é o certo dentro de um padrão cultural hegemônico. Nessa perspectiva, incluem-se vários sujeitos, sejam as mulheres em uma sociedade misógina e machista; os negros, negras e povos indígenas em uma sociedade racista; a sertaneja em uma sociedade cosmopolita; o (a) LGBTQIAPN+ em uma sociedade heteronormativa; os caipiras interioranos em contrapartida aos “civilizados”; pessoas com deficiências em uma sociedade dita “fisicamente perfeita”; sejam as pessoas com religiões de matrizes africanas ou indígenas frente à intolerância religiosa; ou o meu próprio exemplo com várias dessas elucidções atravessando uma única identidade.

Diante do exposto, desde a minha entrada no curso de Geografia (2013), pela UFG, muito tem me inquietado sobre a forma como se faz ciência e seu distanciamento da sociedade e dos diversos modos de vida já elucidados. Destaco com propriedade, também, o distanciamento dessa ciência das origens interioranas. Quem vive no interior dos estados brasileiros percebe a realidade que estou expondo aqui, em especial aqueles que possuem um desenvolvimento territorial tardio como Goiás.

Existe um abismo enorme entre a academia e as cidades do interior, o que distancia esses parceiros e parceiras de transitarem seus próprios corpos, seus pensamentos e seus modos de vida dentro desse espaço. É evidente que, na atualidade, há várias pesquisas e extensões em localidades mais distantes, todavia, ainda é pouco diante da grande produção científica atual. Isso deve-se a vários fatores, mas, em especial, o que quero chamar a atenção aqui é a função da universidade como uma instituição estruturada e reprodutora de uma base hegemônica branca, burguesa, predominantemente masculina, heteronormativa, racista, que desconsidera, muitas vezes, a diversidade cultural da sociedade brasileira.

Há a reprodução, muitas vezes, de uma ciência com rigor acadêmico, que recorta os sujeitos para que caibam em conceitos distorcidos da realidade. O rigor que permeia a universidade, baseada em uma ciência moderna, advinda de um racionalismo hegemônico eurocentrado, é incapaz de compreender a realidade latino-americana, e em especial a brasileira, em pluralidades de vivências. Recortam-se tanto os sujeitos até ficarem irreconhecíveis para os pesquisadores e pesquisadoras.

Eu era um estranho dentro da universidade, levei comigo minha identidade interiorana, a simplicidade, os costumes, as negritudes antepassadas, as mulheres da minha vida – pois, como dito anteriormente, provenho de uma família centrada na figura da matriarca –, bem como levei as narrativas de vidas propagadas pelas oralidades dos mais velhos e minha homossexualidade. Mas não se enganem: também há rebeldia, questionamentos e indignações. Por esse motivo, tive muita dificuldade em permanecer no espaço acadêmico, por vezes pensei em desistir diante das adversidades por aproximar minhas vivências ao rigor universitário de adestramento.

Mas, segui com muita dificuldade, por meio do meu trabalho de conclusão de curso **Capital do Níquel: paisagem geográfica como laboratório de compreensão do município de Niquelândia-Goiás**, que mostra um forte caráter descritivo da paisagem. Essa pesquisa, desenvolvida na UFG, revela-se uma mistura de métodos e metodologias positivistas com uma análise marxista muito desajeitada. Na releitura desse trabalho, pude perceber a minha escrita na terceira pessoa do singular, com descrições fiéis de dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), análises de imagens de satélite e um forte tom crítico em relação à alteração do espaço pelo “homem” sem considerar as diversidades cultural e simbólica da paisagem (FRANÇA, 2016).

Obviamente, em parte, isso se deve à minha falta de amadurecimento científico. No entanto, é um bom exemplo a ser elucidado pelas referências que permearam a minha formação dentro da universidade: ementas das disciplinas, professores, professoras, currículo do curso, métodos de avaliação, a falta de laboratórios abertos no turno noturno onde cursei a graduação etc. Ressalto que não se trata aqui de desconsiderar o positivismo como vertente importante dentro da Geografia. Contudo, uma ciência engessada, rigorosamente descritiva sem levar em consideração os modos de vida (pesquisador(a) e parceiros(as) de pesquisa), a cultura e as subjetividades levam a uma repetição mecanicista descabida, que tem nos bastidores uma essência de perpetuar um padrão de violência. Sendo assim, ela desconsidera a diversidade cultural da sociedade latina. Mesmo sem me reconhecer enquanto pesquisador, consegui concluir a graduação; essa conclusão não veio sozinha, mas por meio de muito estímulo de Dona Gertrudes, da família, dos amigos e amigas com quem compartilhei a casa, aflições, alegrias e tristezas. Deixo com muito carinho aqui a lembrança de Priscila Barbosa de Jesus, Helena de Castro Cortez e João Carlos de Lima Neto: A Grande Família.

Mesmo diante das adversidades, não parei por aí. Durante minha formação continuada na Especialização em Educação e Diversidade (2017-2018), pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), cursada no polo da cidade de Goianésia, estado de Goiás, já me incomodava a falta de representatividade negra nas cadeiras de formação dessa instituição pública. Deparei-me com uma turma de pós-graduação com trinta e cinco pessoas; dessas, trinta eram mulheres, e apenas cinco homens, com uma baixa representatividade de pessoas negras. A paisagem à minha volta já me dava indícios de contradições que precisavam ser averiguadas. Isso fez-me construir a pesquisa sob o título **Negro é a cor mais Quente: contribuições geográficas**. Nesse trabalho, consegui relacionar símbolos paisagísticos na formação do espaço de Goianésia e como eles acabavam induzindo a um racismo velado, que estratificava e empobrecia a população negra em detrimento da indústria canavieira local, resultando, assim, na baixa acessibilidade de negros e negras na universidade e, conseqüentemente, baixa ocupação das cadeiras na pós-graduação (FRANÇA, 2018).

No caminhar dessa pesquisa, ainda não estava satisfeito com a minha forma de fazer ciência. Boa parte do meu amadurecimento veio pelas tímidas leituras iniciais da Geografia Cultural, que me permitiram romper com esse paradigma, como um passarinho a descobrir um novo mundo fora do ninho que não lhe cabe mais. Nesse sentido, destaca-se que cada sujeito

está permeado de subjetividades e algo do outro vive em nós; assim, toda consciência presente está fundamentada de alguma forma nas vivências passadas e nas referências da vida que se carrega (LOWENTHAL, 1998; WRIGHT, 2014; DIAS, 2019). Desse modo, este trabalho trilha caminhos deixados por minhas ancestralidades, nas quais me lanço junto com eles e elas, rememorando, juntando e interpretando símbolos, remontando e apontando novos caminhos.

Existem várias formas de se fazer um caminho, mas a verdade é que nenhuma escolha é por acaso. Mesmo a caminhada mais solitária por vezes estará fadada ao rememorar de outras pessoas que carregamos conosco, e que a cada etapa elas ganham vozes e se projetam. Buscamos algo externo que reforça o habitar interno, é um fluxo recíproco, identificamos marcas, mas queremos deixar nossas marcas (DIAS, 2019).

Uma dessas referências que carrego comigo, e em nossa intimidade construída ao longo de uma parceria, é a geógrafa Priscila Barbosa de Jesus, que me fez o convite para participar do **Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia Cultural: Identidades e Território do Laboratório de Estudos e Pesquisa de Dinâmicas Territoriais (LABOTER)** da UFG. Destaco que a minha entrada nesse grupo foi tão importante, pois ocorreu concomitante ao início da pandemia da Covid-19 em abril de 2020. As leituras, o apoio, as trocas, as parcerias estabelecidas com o grupo e com a maestria da coordenadora, Professora Maria Geralda de Almeida, trouxeram-me fôlego nessa obscuridade histórica que nosso país atravessou. A exploratória pelas diversas vertentes da Geografia Cultural foi, sem dúvida, uma base de suma importância para a consolidação da presente pesquisa. Fica aqui o meu agradecimento por terem aberto as portas de um espaço de debates tão fértil e oportuno.

Entendemos, assim, a relação com a memória nesta dissertação, adentra-se por três caminhos: 1) as minhas memórias, em que vivo em um **déjà-vu** constante no espaço urbano de Petrópolis; 2) pelas histórias em que os monumentos impõem e; 3) pelas memórias de moradoras e moradores negros petropolitanos que me auxiliaram nessa caminhada. Nesse sentido, não é possível conceber a memória apenas no exercício de rememorar coisas boas, ao contrário: ela também está permeada de histórias que nos escapam, de lutas políticas, relações de poder. Aqui se percebe que a tentativa de esquecimentos de determinadas memórias da nossa cultura é intencional para beneficiar culturas dominantes (HALBWACHS, 1990). Assim, o esquecimento compreende justamente uma relação da formação espacial pelo tempo passado (RICOEUR, 2007), que tenta ocultar as memórias subalternas. Nem sempre a história narrada pelos monumentos de uma cidade permite identificar a totalidade cultural que atuaram e atuam sobre sua formação espacial.

Dessa forma, os elementos paisagísticos postos como textos permitem fazer essa leitura apontando múltiplas existências, toponímias, heróis e heroínas que construíram a história, bem como permitem decifrar a formação multicultural do espaço urbano da cidade (ALMEIDA, 2013; CORRÊA, 2013). Contudo, ao mesmo tempo que determinados elementos simbólicos narram a “história”, é importante sempre buscar as “histórias”, pois não se pode esquecer de que o Brasil é um país construído dentro de uma estrutura racista e sob um forte discurso eurocêntrico, predominantemente masculino e patriarcal, que converge no silenciamento de tudo que seja contrário a essa imposição de padrão hegemônico, roubando de outros grupos culturais a participação memorial de formação do espaço (ALMEIDA, 2019; RIBEIRO, 2019).

Por esse motivo os monumentos no centro histórico de Petrópolis são tão estranhos a mim. Eles desconsideram a história da população negra e indígena local, como se esses grupos culturais não tivessem contribuído de maneira alguma com a consolidação do espaço urbano. É como se não existissem e logo podem estar fadados a serem esquecidos; entretanto, ao observar a paisagem da cidade, outros caminhos se revelam. Existem contradições na paisagem deixadas pela ancestralidade que conduzem a outras narrativas desse urbano: um desses caminhos são os inúmeros elementos de resistência, de **axé**¹ na “cidade imperial”, de **afroinscrições** que remontam à memória negra (AQUINO, 2018) e **indígenasinscrições** (KOPENAWA, 2015; KRENAK, 2020). Esses símbolos são a minha identidade, referências que tentaram silenciar pelo pensamento dominante eurocentrado e que nos revelam caminhos, que aguça meus sentidos para encontrar significado e significação identitária.

Dessa forma, essa pesquisa perpassa a filosofia africana de **Sankofa**² que, ao me permitir olhar para o passado por meio do tempo presente, através desse conhecimento ancestral africano, foi possível buscar uma análise da memória e do esquecimento, em que se percebe a tentativa intencional do esquecimento das memórias julgadas como de menor importância, cultura negra e indígenas, sobre a produção espacial da cidade petropolitana. Busca-se, nessa lógica de análise, a relação dos monumentos presentes no centro histórico de Petrópolis, com

¹ Na Filosofia africana, axé é energia vital trocada entre formas do mundo espiritual e mundo material. É o intercâmbio partilhado entre os dois mundos em circularidade contínua “considera-se também como lugar as formas tangíveis ou intangíveis que coabitam o *Orun* e o *Aye*: seres, lugares e elementos” (FAISLON; BENEDICTO, p. 19, 2020). Dessa forma, consideramos aqui as contradições existentes na paisagem como caminhos deixados pelos ancestrais negros e negras, que nos possibilita remontar tramas de suas vivências no espaço revelando formas, territórios e símbolos de resistência desse grupo cultural (AQUINO, 2018).

² Na escrita adinkra, dos povos Akan, região do atual país africano de Gana, Sankofa significa o pássaro mitológico de duas cabeças, em que uma representa o tempo presente e a outra o passado. Dessa forma, busca-se na pedra fundamental da filosofia africana voltar ao passado para apreender o tempo presente, em um tempo em circularidade (NASCIMENTO, E., 2014)).

as construções identitárias de pessoas que muitas vezes são desconsideradas sobre o pensamento da cidade, por meio da verbalização das parceiras negras e parceiros negros, pela metodologia da roda de conversa. Assim, é possível trazer a dimensão dos monumentos sobre o nosso ponto de vista, e isso é o que nos interessa aqui.

Portanto, as minhas vivências enquanto negro habitando a cidade, e transando com as paisagens contraditórias, é crucial para a nossa estratégia de perceber o espaço geográfico petropolitano sobre ação de grupos culturais múltiplos (colonas negras, colonos negros, povos originários e colonos brancos), onde o racismo tenta apagar seus protagonismos da memória local. Assim, nesse processo de apreender paisagens contraditórias, estabelecer parcerias com moradoras e moradores negros se tornou imprescindível na valorização de nossas experiências sobre o urbano e, desse modo, lançando-me com minhas parceiras e parceiros apontando caminhos, e inspirando-me a segui-los, desvendá-los, remontá-los, em coletividade, ancestralidade e axé.

Por fim, esta pesquisa está organizada em três capítulos. Os dois primeiros produzidos intitulados **Paisagens e pensamentos em movimentos e Petrópolis: cidade imperial pra que e pra quem?** foram desenvolvidos e apresentados para a qualificação e estruturam-se ainda reproduzindo uma lógica acadêmica, partindo do teórico para pensar as experiências dos grupos culturais colocados em condição de desumanização. Não satisfeito com isso, ao desenvolver o terceiro capítulo intitulado **Os monumentos na gira: Petrópolis e suas identidades**, por provocações também direcionadas pela própria banca de qualificação, fiz questão de trazer as experiências e vivências das(os) parceiras(os) sobre os monumentos petropolitanos transadas na roda de conversa como primeiro capítulo. Contudo, os dois primeiros capítulos que se tornaram posteriores à apreensão da gira podem apresentar desconforto sobre a descontinuidade temporal das reflexões e essa decisão por manter assim é totalmente intencional. Isso demonstra que, mesmo buscando nossa autonomia do pensamento nosso alicerce de pensamento ainda está pautado sobre uma lógica eurocêntrica; entretanto nunca é tarde para alterar o rumo da produção de conhecimento. Assim, demonstra-se não apenas uma evolução na produção científica desse trabalho, mas pautada em um tempo em circularidade das filosofias africanas, onde tudo nos pertence o que possibilitou a pavimentação necessária para hoje estarmos aqui mostrando os caminhos que percorremos e a evolução do pensamento (MARTINS, 2021).

CAPÍTULO 1- OS MONUMENTOS NA GIRA: PRETÓPOLIS E SUAS IDENTIDADES

Sarava Ogum!
Olha Ogum vem chegando
Reunindo seu pessoal
Olha Ogum vem chegando
Reunindo seu pessoal
Salve suas benditas falanges
Salve, salve seu general
Salve suas benditas falanges
Salve, salve seu general
Olha Ogum vem chegando
Reunindo seu pessoal
Salve suas benditas falanges
Salve, salve seu general

(PONTO CANTADO)

Passados três anos desde o meu ingresso no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, esse se tornou um dos maiores desafios da minha vida. Contudo, ao revisitar os direcionamentos da banca de qualificação dessa empreitada, dois caminhos apontados trouxeram-me direcionamentos oportunos, sendo o primeiro deles um apontamento coletivo no esforço de trazer a discussão sobre os monumentos presentes nos espaços públicos do centro histórico de Petrópolis como o primeiro capítulo; já o segundo, foi feito pela Professora Juliana Maddalena Trifilio Dias ao me provocar sobre quais monumentos e qual Petrópolis quero apresentar neste estudo. Chamo atenção aqui para esses dois caminhos, porque se tornaram uma estratégia política, trazendo fôlego em tempos de obscuridade, quando o medo não prevalece sobre a esperança.

Por esse motivo, percebi que minha caminhada nunca se fez sozinha, porque fui atravessado por Dona Gertrudes, conhecimentos ancestrais, corpos e identidades múltiplas. Subjetividades estas que, sobre uma base de pensamento hegemônico eurocêntrico colonial, são sempre consideradas de menor importância, tratada como “as outras”. Contudo, a contradição do pensamento colonial se revela da confluência sobre a diversidade de culturas e formas de pensamento que interagem no-sobre o espaço geográfico, criando paisagens contraditórias em relação às nossas vivências e identidades. Contraditórias porque, embora haja uma tentativa de imposição cultural hegemônica, que nega “as outras”, ela estará fadada a ser questionada porque o simples fato de existirmos em nossas essências negras, indígenas, mulheres, quilombolas, sertanejas, sertanejos, ribeirinhos, ribeirinhas, LGBTQIAPN+, ou atravessados por várias dessas subjetividades, será sempre um ato revolucionário.

Desse modo, conforme Eliza Larkin Nascimento (2014, p.28) nos orienta sobre a filosofia africana do ideograma de Sankofa “que ensina o conhecimento passado como pedra fundamental para construção do futuro. A pedra africana, como também a indígena, está faltando no tripé sobre o qual tentamos construir a identidade brasileira”. Consequentemente, essa relação me fez olhar para a história de evolução espacial de Petrópolis de uma forma diferente daquela narrativa em que os monumentos nos apresentam, colocando como protagonismos apenas referenciais eurocentrados. Percebi que os monumentos petropolitanos representam a materialização de um pensamento que ainda sobrepõe o pensamento de violência do passado colonial, que repete insistentemente uma única história associada à imagem eurocêntrica na tentativa de esquecer “as outras” referências culturais do espaço geográfico. Ou seja, na ausência de referências culturais múltiplas é uma estratégia, uma forma de o pensamento colonial manter a estrutura de poder da sua imagem de dominação.

Embora “as outras” culturas, indígenas e negras, tenham possibilitado a produção material de Petrópolis, essas referências têm sido, ao logo da história, (in)visibilizadas intencionalmente. Se de um lado nós temos a tentativa do esquecimento dessas culturas múltiplas, do outro temos a imposição de uma referência memorativa a ser seguida à imagem da colonização: a **branquitude**³. Compreendido esse bem bolado, é diante dessas ausências que devemos fazer o resgate do esquecimento como um fazer político, que orienta a retomada da memória de culturas que ao longo do tempo foram colocadas em uma posição de menor importância pelo pensamento da colonização e que são base para as nossas construções identitárias.

Por esse motivo, comecei a me enveredar por meio das outras histórias no-sobre o espaço urbano petropolitano. E é sobre essas histórias que gostaria de abrir esse primeiro capítulo. Assim, trago duas imagens que remetem ao passado de Petrópolis, mas que muito pouco é mencionado ou dada a devida importância sobre as narrativas da cidade, porque obviamente não são dignas de serem imperais ou não possuem traços finos europeus.

A primeira figura (Figura 5) remete a uma ilustração do que seria a referência mais próxima do que temos hoje dos Indígenas Coroados, que aqui lhes intitulo como Caboclos e Caboclas, que habitavam o espaço que antecede a urbanização de Petrópolis no século 18. Hoje, povo já dizimado pela colonização, percebemos que suas imagens são meras abstrações sobre o relato do olhar do colonizador: além das poucas referências encontradas, suas menções são quase sempre comparativas sobre a noção de “civilidade europeia”, sendo associadas pejorativamente sob “cabeças chatas, selvagens ou bravios”. Comportamento nada sofisticado para os padrões culturais europeus, o que justificaria o genocídio provocado sobre esse povo com o pretexto de “progresso e desenvolvimento”. Vale destacar, também, que essa imagem dos Índios Coroados, minuciosamente colocada como “atrasada” pelo olhar da invasão colonial eurocêntrica, consta até hoje, período de realização dessa pesquisa, em materiais didáticos disponíveis para serem utilizados por professores e professoras da educação básica de

³ Segundo Silvio Almeida (2019), a branquitude pode ser compreendida como uma estrutura de poder hegemônico, fomentada pelo imperialismo e colonialismo, que privilegiou ao longo da história, e ainda privilegia, pessoas brancas em acesso material, simbólico, serviços e intelectualidade. Essa estrutura de poder possibilita a continuação de uma base cultural de exploração que inferioriza e acomete violência sobre pessoas negras e indígenas em detrimento de pessoas brancas. Mesmo que pessoas brancas no tempo presente não tenham cometido nenhuma violência contra outros grupos étnicos, elas acabam por se beneficiar dessa estrutura racial de poder fomentada no passado, e que ainda permanece atualmente possibilitando privilégios.

Petrópolis na disciplina de História, Geografia e Turismo de Petrópolis (HGTP), e em materiais de estudo para concursos públicos, disponíveis no site da própria prefeitura da cidade.

Figura 5: Povos Originários - Indígenas Coroados que antecederam o espaço urbano de Petrópolis

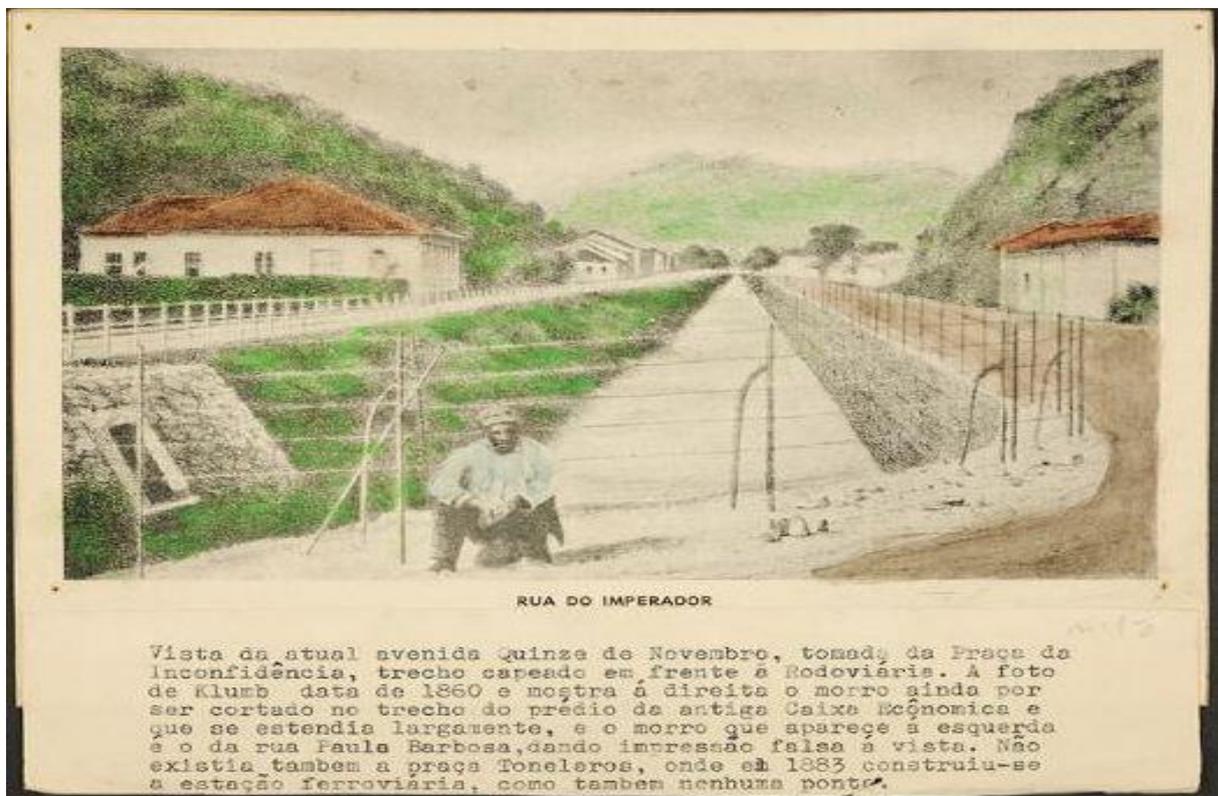


Fonte: WINTER, Juliana Maria Costa Fecher. Caderno Pedagógico de História, Geografia e Turismo de Petrópolis – 6º ano. Disponível em: < <https://www.petropolis.rj.gov.br/see/index.php/educacao-municipal/proposta-curricular/category/6-cadernos-pedagogicos-de-hgpt-6-ao-9-ano-ensino-fundamental.html> > Acesso em 03 de fev. 2023.

Já a segunda imagem (Figura 6), se relaciona com uma litografia do arquivo do Museu Imperial, também situado na cidade petropolitana, que possui referência datada de 1860, data próxima da inauguração do planejamento urbanístico de Petrópolis, em 16 de Março de 1843, em que podemos observar, segundo a descrição, que se trata de uma paisagem da localização da atual avenida nomeada Rua do Imperador, uma das principais vias públicas do centro histórico da cidade, onde o sentido de orientação parte da Praça da Inconfidência sentido centro (direcionamento para o monumento do Obelisco).

Para além disso, percebemos que existe uma descrição da paisagem com um nível de detalhamento de orientações geográficas que vai desde referências como o antigo nome da rua, a Praça da Inconfidência, rodoviária, prédio da antiga Caixa Econômica e rua Paulo Barbosa, variando sua descrição até o nome do autor do registro e sobre a falta de infraestrutura na cidade pela ausência de pontes sobre o rio já canalizado.

Figura 6: Ogum sentado a frente da canalização do Rio Palatino em Petrópolis



Fonte: Museu Imperial. Rua do Imperador, Coleção José Kopke Fróes. Disponível em: < <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/5401> > Acesso em 03 de fev. 2023.

O que essas duas imagens têm em comum? Pois bem, elas são o retrato perfeito da cultura brasileira. Digo isso, porque, na representação das Caboclas e Caboclos, seus retratos são apenas as lendas de um povo que sofreu genocídio pela invasão colonial europeia. Já a segunda tudo está descrito com um nível de detalhamento, à exceção de um detalhe, mas que com toda certeza não era de grande importância para a branquitude no tempo apreendido e nem no tempo presente, que seria a única presença humana negra, e aqui o intitulo seu nome como Ogum, sentado à frente de onde se orienta a canalização do rio. Ou seja, o retrato perfeito da cultura brasileira, porque os grupos dominantes que promoveram os símbolos importantes da cultura brasileira fazem questão de esquecer, apagar, negar, camuflar, silenciar, ignorar, desumanizar referências culturais indígenas e negras que estão associadas à memória da evolução urbanística da cidade. E, quando o fazem, simplesmente as colocam de uma forma que, ao serem comparadas com a cultura branca, assumem um caráter de pouca importância ou valorização.

Contudo, embora no tempo presente, essa referência de pensamento herdada da colonização ainda persista, a gente vai sacando a jogada e percebemos que o legado de luta e resistência dessas “outras culturas” ainda se tornam muito latentes de serem adentradas. As (os) Caboclas(os) e Ogum abrem caminhos como suas lanças direcionadoras, me possibilitando apreender como o processo de evolução espacial petropolitano pode ser analisado por meio de referências culturais múltiplas. Conseqüentemente, diante desse cenário, os monumentos presentes no centro histórico petropolitano assumem uma centralidade sobre essa tentativa de apagamento intencional ao apresentar uma história única, a história sobre o olhar da branquitude, de evolução da cidade, ora convergindo sobre a ideia da “cidade imperial”, ora convergindo sobre a “cidade dos colonos alemães” onde “é por aí que dá para gente entender a ideologia do branqueamento, a lógica da dominação que visa a dominação da negra mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais” (GONZALEZ, p. 237, 1983).

Contudo, Ogum é o orixá nas religiosidades de matrizes africanas, Umbanda e Candomblé, que possui a simbologia da proteção, das guerras, das lutas e das batalhas. Exímio estrategista, foi o primeiro orixá a descer na Terra para prepará-la para receber a humanidade. Dominador da técnica de moldar o aço e o ferro, confeccionou as ferramentas como enxadas, martelos, flechas, facas, espadas, lanças, entre outras que possibilitaram o avanço tecnológico e o progresso da humanidade.

Por esse motivo, fiz um pedido especial ao artista plástico Cipriano, macumbeiro umbandista petropolitano, com quem tenho trocado muitas experiências e aflições sobre nossas vivências negras sobre a cidade, para me indicar um ponto cantado ao meu pai Ogum. Os pontos cantados são utilizados nos ritos das religiosidades de matrizes africanas para buscar as forças dos orixás, deuses cultuados em muitas crenças africanas e, dessa forma, pedir seu auxílio. Prontamente, Cipriano fez mais do que havia lhe recomendado, cantando dois pontos de Ogum quando, ao ouvi-los, tive a certeza de qual escolha fazer. O ponto cantado do início desse capítulo representa mais do que um pedido pessoal: ele abre essa reflexão demonstrando a força e a potência da coletividade de referências culturais negras petropolitanas.

Dessa forma, essa reflexão vem como uma ponta de lança forjada por Ogum, que nos auxilia na batalha contra o projeto de colonização que tenta (in)visibilizar as histórias e bem como as referências culturais simbólicas diversas no-sobre o espaço da formação urbana de Petrópolis.

Mas nessa batalha não estamos só, peço licença a nossas ancestralidades – indígenas e negras – que tanto lutaram e lutam no tempo presente, que deixaram suas marcas e símbolos no-sobre o espaço, que me possibilitou adentrar sobre paisagens contraditórias de Petrópolis e compreender suas contribuições culturais na produção espacial e, dessa forma, trazer outras (re)leituras dessa cidade. Também se torna evidente a importância que Ogum nos orienta ao reunir o nosso pessoal – visíveis e invisíveis – pois não cheguei até aqui sozinho, mas com todas e todos aqueles que lutaram e lutam diante de equilíbrio sociocultural global forjado pelas nações europeias. Sendo assim, Martins (2021, p.84) direciona sobre uma concepção de tempo em circularidade que “a primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. (...) Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta”.

Diante disso, nada mais justo do que colocar os monumentos na tecnologia africana da gira para apreendermos esses elementos simbólicos tão imponentes na paisagem urbana de Petrópolis por outras escalas de vivências fora da lógica colonizadora. Conforme nos orienta Cipriano (2022, p.150), a gira pode ser entendida como o movimento circular nas religiosidades afros, e para a Umbanda “cantam-se as orações no terreiro para dar força vital ao ser, onde giram símbolos e onde os vivos e os mortos-vivos fazem parte desse mesmo círculo”. Cabe ressaltar que essa forma de pensar nos possibilita compreender os monumentos, subvertendo uma lógica de pensamento sobre um tempo retilíneo eurocêntrico e centrando nosso esforço em circularidade, movimento espiralar, percebendo como esses símbolos se apresentam sobre nossas identidades (MARTINS, 2021).

Sendo assim, convidei nosso pessoal, reunindo negros e negras, para colocarmos os monumentos na gira. Para fazer isso, a metodologia mais oportuna nessa movimentação foi a Roda de Conversa, onde foi possível transar vivências urbanas negras em coletividade. Transar significa justamente as trocas que pudemos estabelecer na experiência da gira da roda de conversa ao compartilhar memórias com as nossas e com os nossos ao divergir e convergir, ouvir e ser ouvida, concordar e discordar, memorar e rememorar, deixar marcas e ser marcada, valorizar nossas vivências.

Iniciar esta dissertação falando sobre os monumentos pelas narrativas de pessoas negras petropolitanas é mostrar um horizonte da produção espacial geográfica para além de uma narrativa chata e repetitiva de cidade imperial. Trazer a visibilidade das várias identidades, identidades negras, é mostrar uma realidade que muitas vezes é desconsiderada sob um racismo

estrutural na forma como fazemos ciência; contudo, aqui vão assumir centralidade. E é nesse rico repertório que concentramos nossa estratégia de batalha contra o racismo que se desdobra dessa estrutura de pensamento.

Outra lança direcionadora que cabe destaque aqui para nos auxiliar no entendimento dessa pesquisa é que, embora meu esforço em trazer as memórias negras sobre a discussão dos monumentos se deve sobretudo ao meu lugar de fala enquanto negro transando com a cidade, contudo meu movimento não se faz apenas sobre a cultura negra, pois não existe Petrópolis, como também não existe Brasil sem a contribuição significativa que os povos indígenas exerceram e exercem sobre a evolução espacial geográfica da América (KRENAK, 2018). Posto que a roda de conversa se centra sobre pessoas negras, a ausência de indígenas se deve durante a realização desta pesquisa não ter conseguido encontrar representantes dessa cultura, moradoras(es) da cidade, para fazer composição na roda. Contudo, esta pesquisa se empenha em trazer a discussão sobre as culturas indígena e negra.

É sobre essa Petrópolis, no tocante a um enfoque cultural múltiplo, e é sobre os monumentos atravessados por várias identidades negras que quero trazer aqui. A simbologia da roda, circularidade, nos possibilita apreender um mundo que troca, que se movimenta em ciclos que vão se alternando, ora convergindo ora divergindo. Roda de jongo, roda de samba, roda de pagode, roda de capoeira, roda de umbanda, roda de candomblé, roda de birim, roda de maracatu, roda de congada, roda de conversa, roda... e assim giramos.

1.1 – RODA DE CONVERSA COMO METODOLOGIA DE DESCOLONIZAÇÃO

Em um dia de retorno às aulas após o carnaval, com um número reduzido de alunas e alunos, a coordenação da escola onde trabalho atualmente em Sobradinho, Distrito Federal, reuniu as turmas e um professor de geografia, colega de trabalho, decidiu passar um documentário britânico chamado **Brasil: uma história inconveniente**, ano de lançamento em 2000, que abordava sobre a escravidão no Brasil. Embora o colega fizesse várias intervenções instigando a moçadinha – e é aí que notamos o papel fundamental que os professores e as professoras exercem em sala de aula – achei engraçado porque, sem grandes surpresas, a maioria dos (das) especialistas que falava sobre a escravidão eram brancos ou brancas. Apesar da abordagem crítica do documentário, eram incapazes de trazer a perspectiva da escravidão pelos próprios indígenas, negros e negras, no protagonismo, como se não fôssemos capazes de ser dotados de intelectualidade suficiente para falarmos por nós mesmas e é nessa minúcia do racismo que muito me incomoda.

Diante desse fato, podemos analisar o caso recente de escravidão nas vinícolas das empresas Aurora, Garibaldi e Salton no município de Bento Gonçalves, estado do Rio Grande do Sul, que mantinham mais de duzentos trabalhadores negros, nordestinos, nessa condição desumana. Logo surgiu o vereador escravocrata de Caxias do Sul, cidade vizinha ao ocorrido, Sandro Fantinel, do partido Patriota – sem grandes novidades, homem branco – esboçar suas falas xenofóbicas e racistas: “não contratem aquela gente lá de cima”, se referindo aos nordestinos, e ainda complementa em seu discurso de ódio ao incentivar a contratação de “argentinos”, sob a justificativa de que “são limpos, trabalhadores, corretos e mantêm a casa limpa”; e segue ladeira abaixo sobre sua fala na tribuna pública da câmara de vereadores: “com os baianos que a única cultura que eles têm é viver na praia tocando tambor era normal que fosse ter esse tipo de problema”.

Essa fala esboça justamente a forma como a branquitude pensa a gente como vagabundos e vagabundas que precisam ser escravizados. E ainda dizem que somos todos iguais, mas a condição de igualdade como pensam é a de que todos indígenas, negras e negros têm que ser todos iguais em subserviência para a branquitude, todos dóceis e submissos aos seus interesses.

Dessa forma, conforme nossa Orí Gonzalez (1983, 225) nos orienta nesta pesquisa:

o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

É uma percepção da tentativa do apagamento intencional das intelectualidades negras e indígenas que ainda persiste sobre a nossa cultura. Conforme Abdias Nascimento (2014) direciona, desde o início da colonização a população afro-brasileira – e aqui incluo a indígena também – vem sofrendo com a falta de acesso à memória, provocada por uma herança colonial, o que acaba por impossibilitar nós, negros, negras e indígenas de nos reconectarmos com nossas origens culturais, históricas, geográficas e étnicas. Mesmo que muitas pessoas rompam com essa problemática, é um processo árduo e doloroso.

Dessa forma, esta pesquisa está indissociavelmente ligada sobre a escala das minhas vivências enquanto negro habitando Petrópolis, e a sensação que tive foi a de nunca ter sido acolhido por ela. Ou seja, muitas vezes senti que a história de pessoas negras e indígenas nunca fora contada por elas mesmas, e é aí que entram os monumentos na realidade petropolitana, porque esses elementos simbólicos se impõem sobre a história pela perspectiva de enaltecimento da cultura branca bem como o passado de violência que submeteram as outras

culturas. Muitas dessas experiências aconteceram por meio de encontros em espaços públicos do centro histórico petropolitano, onde estão circunscritos os monumentos onde comecei a indagar: Mas esses monumentos só contam a história dos brancos? A quem remetem essas representações monumentais? A cidade está cheia de pessoas negras e onde encontramos os monumentos ou aspectos presentes na paisagem para relacionar a evolução espacial da cidade de forma valorativa por meio desse grupo cultural? O que grupos culturais indígenas e negros têm a dizer sobre os monumentos?

Assim, são muitas as estratégias que as nações da Europa se utilizaram para colocar sociedades africanas e originárias das Américas em condição de desumanização. Dessa forma, na estruturação do nosso pensamento geográfico não poderia ser diferente em se utilizar de variadas estratégias para buscar nossa autonomia epistemológica. A descolonização da cuca foi se aquilombando no Afrocentrismo sobre o enfoque da Geografia Cultural. Também se torna importante destacar que temáticas como gênero, sexualidade e questões raciais, por muito tempo, foram consideradas pela Geografia de menor importância e, assim, encontrei acolhimento para desenvolver essa temática sob um enfoque da Geografia Cultural (JESUS, 2021).

Diante do exposto no que concerne ao método a metodologia escolhida, aqui ela assume um caráter qualitativo e apoia-se sobre a Roda de Conversa. Somente por meio dessa metodologia ativa que os monumentos poderiam entrar na gira e, desse modo, poderíamos assumir a nossa própria voz e trançar nossas experiências. Por muito tempo, temos sido colocados nos bastidores da história pela branquitude, e é preciso assumirmos o protagonismo da nossa própria história (NASCIMENTO, 2006).

Também se torna evidente destacar conforme nos direciona Krenak (2020, p.16) que

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida.

Desse modo, o autor nos direciona sobre uma subversão do nosso pensamento em buscar na diversidade de formas de ser e existir uma compreensão ampliada sobre as problemáticas que abordamos (KRENAK, 2020). Ou seja, assumimos uma posição empática com o ambiente e com as pessoas “confiante de que a descrição dos problemas identificados é, também, o meio tanto de revelação quanto de solução desses problemas sociais” (CHIZZOTTI, 2003, p.227).

Também é notório destacar que em várias culturas indígenas e africanas a oralidade assume papel central na organização do pensamento. Conforme Bâ (2010, p. 182) aponta, a oralidade precede a memória, o seu resgate de forma íntima e profunda envolve uma totalidade que está ligada a escala das vivências; dessa forma, o autor evidencia:

Ora, é nas sociedades orais que a função da memória é mais desenvolvida e mais forte o elo entre o homem e a Palavra. Na ausência da escrita, o homem se liga a sua palavra. Tem um compromisso com ela. O homem é sua palavra e sua palavra da testemunho do que ele é. A própria coesão da sociedade depende do valor e do respeito a palavra.

Indo ao encontro desse pensamento, Kopenawa (2015, p.75) também possibilita uma contribuição oportuna de se destacar sobre a influência da oralidade sobre a memória ao guiar:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as nossas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa mente é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim.

Sendo assim, destaco a importância da roda de conversa, porque nos permite estar mais próximos dos nossos e das nossas, e é nessas experiências – valorizar nosso ponto de vista – o que nos interessa aqui (KOPENAWA, 2015). Assim, tal metodologia nesta pesquisa foi pensada em estabelecer parcerias. Aqui, cada parceira e parceiro cederam seus conhecimentos sobre suas vivências em relação ao urbano que, ao trocá-las, trouxeram à tona memórias que nos possibilitam transitar entre visíveis e invisíveis, passado e presente e, dessa forma, construir em coletividade, de pessoas negras que produzem a cidade, nossa percepção acerca dos monumentos.

Dessa forma, inicialmente esta proposta metodológica foi pensada em reunir nosso pessoal em sete pessoas, quando foram adotados os seguintes critérios: ter idade igual ou superior a 18 anos; se autodeclarar pessoa preta-negra; ser morador ou moradora natural ou não natural da cidade com tempo mínimo de cinco anos; ter vivências frequentes com os monumentos no centro histórico de Petrópolis. Definida essa etapa, esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética da UFJF, e aprovada para ser desenvolvida. Após a conclusão dessa fase, o convite foi realizado para três pessoas, com quem tive contato inicial no Conselho Municipal de Cultura de Petrópolis (CMCP) no segmento de Cultura Africana e Afro-brasileira. Dessa forma, pude apresentar a proposta da pesquisa ao parceiro artista plástico Pedro Ivo Cipriano Inocência, a parceira Aline Andrade e uma terceira pessoa. Após aceitarem o convite, solicitei que indicassem pares próximos que pudessem contribuir com a temática, e respectivamente os

nomes de Roberta Gregório Neves e Adriana Carvalho Rangel foram apontados. Mais duas pessoas foram convidadas das andanças que pude estabelecer em Petrópolis, quando uma se relacionou com meu trabalho de professor de Geografia na educação básica de Petrópolis, em que realizei o convite para a parceira Marcela Cardoso Machado, diretora da escola municipal Salvador Kling, onde trabalhei por um ano, e a outra indicação partiu de um amigo, e convidei a parceira Rejane da Silva Miosso.

A sétima pessoa foi convidada, também por meio segmento de Cultura Africana e Afro-brasileira, e chegou a participar do primeiro encontro, mas por motivos técnicos não conseguiu dar continuidade. Como os encontros e horários já tinham sido definidos de acordo com a disponibilidade de todos e todas, e o primeiro encontro do eixo temático de apresentação da história oral já tinha acontecido pelo grupo, optei por não convidar outra pessoa; assim, as rodas de conversa se desenvolveram e concluíram com um total de seis parcerias. Os encontros só foram desenvolvidos e executados mediante o máximo de esclarecimentos possíveis de dúvidas, informações e assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (Anexo 2).

Assim, a Roda de Conversa foi planejada em três encontros, com roteiro semiestruturado em três eixos temáticos direcionadores, e cada um tinha um conjunto de informações e perguntas orientadoras-geradoras para auxiliar nos direcionamentos das falas.

Tabela 1: Perguntas orientadora-geradoras da Roda de Conversa

ENCONTROS RODA DE CONVERSA	PERGUNTAS ORIENTADORAS-GERADORAS
1º 06/12/2022	<p>* Levantamentos das trajetórias das (os) parceiras e parceiros da roda de conversa:</p> <p>– Conte-nos sobre a sua trajetória em Petrópolis?</p> <p>Orientações: nome completo, idade, bairro onde mora, formação, profissão, filiação, se é mãe ou pai de quantos(as) filhos(as), se é natural da cidade, se não é natural, uma breve elucidação da motivação que fez escolher Petrópolis como morada, se é pioneiro ou pioneira na ocupação de bairros, se é líder de bairro, se está à frente de alguma associação de moradores, se está à frente de alguma Organização não Governamental (ONG), se está à frente em alguma mobilização social, se é artista (se sim, em que campo atua).</p>
	<p>– Conte-nos: desde criança você tem contato com os monumentos do centro histórico? Consegue descrever uma memória afetiva importante que se relaciona aos monumentos?</p>

<p>2º 13/12/2022</p>	<p>– Conte-nos: qual foi o seu primeiro contato com os monumentos em Petrópolis que você se lembra? (pergunta para parceiros e parceiras não naturais de Petrópolis caso haja).</p> <p>– Os monumentos presentes no centro histórico fazem parte do nosso cotidiano, no ir e vir da cidade, sendo negra ou negro. Conte-nos se você se sente representada(o) de alguma forma pelas histórias projetadas por esses elementos simbólicos?</p> <p>– Você acredita que os monumentos impactam na forma como nos reconhecemos enquanto negros e negras em Petrópolis?</p>
<p>3º 20/12/2022</p>	<p>– Você acredita que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento urbano em Petrópolis?</p> <p>– Os monumentos permitem identificar grupos culturais negros na formação urbana da cidade?</p> <p>– Quais elementos da cultura negra na paisagem têm um significado maior para você?</p> <p>– Se lembra de algum relato ou símbolo da participação da cultura negra na produção material ou imaterial da cidade que não aparece nos monumentos?</p> <p>– Gostaria de comentar algo que não foi tratado durante a roda de conversa?</p>

Desde o convite inicial para a composição da roda, a apresentação da proposta da pesquisa e os esclarecimentos de informações foram realizados por telefone por meio de ligações ou mensagens via *WhatsApp*. Além disso, os três encontros ocorreram em ambiente virtual por meio da plataforma *Google Meet*. Por essa pesquisa ter sido desenvolvida em contexto da pandemia da Covid-19, e mesmo a vacinação, que se encontrava em fase avançada durante a realização dos encontros, a prioridade foi preservar a integridade física dos parceiros e parceiras. Além disso, cabe ressaltar que no período que antecedeu a realização dos encontros das rodas de conversa, entre os dias 06/12/2022 e 20/12/2022, foram registrados casos da varíola dos macacos em Petrópolis, o que reforçou o direcionamento dos encontros para que acontecessem em ambiente virtual.

Cada encontro teve duração planejada de aproximadamente duas horas, em que o tempo de durabilidade foi respeitado, visando evitar demasiados períodos de exposição ao ambiente virtual, o que poderia comprometer a qualidade das interações e desgaste dos parceiros e parceiras. Ao final dos três encontros, foram realizadas as transcrições (Anexo 3) e feita a validação das falas por cada parceiro e parceira. O resultado dessa gira está apresentado nos próximos tópicos que se seguem.

1.2 – TRAJETÓRIA DAS PARCEIRAS E DOS PARCEIROS

Trazer os monumentos não apenas pela dimensão teórica, mas trocando com pessoas negras que pensam e produzem a cidade de Petrópolis é potencializar as escalas de vida que não são usualmente consideradas no modo de produzir ciência. Daí a relevância dessa movimentação, porque por muito tempo, vozes negras têm sido intencionalmente silenciadas e, na realidade petropolitana, essa tentativa de silenciamento é ensurdecedora; contudo, aqui vão produzir ecos.

Nesse duro percurso, enfrentamos pandemia, falta de vacinação, o luto de perder várias pessoas próximas, duas das piores chuvas da história de Petrópolis, que destruiu boa parte da cidade: mais um duro golpe. Foram 238 pessoas mortas pelo crime de racismo ambiental climático contabilizando as vítimas do dia 15 de fevereiro e 20 de março de 2022. A triste realidade sobre esse fato é que, mesmo passado todo esse tempo, nas regiões empobrecidas da cidade muito pouco foi feito pelo poder público (local, estadual e federal), o que pude comprovar em trabalho de campo realizado entre os dias 25/01/2023 a 29/01/2023. Após a conclusão das rodas de conversas para sistematização das falas, ouvi que várias famílias estavam retornando para os locais de risco de deslizamentos nos bairros periféricos em contrapartida do centro histórico, perfeitamente restabelecido (Figura 7).

Figura 7: Vista do BNH do Alto da Serra, Setor Ferroviário e Morro da Oficina um ano após os deslizamentos das chuvas dos dias 15/02/2022 e 20/03/2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor 26 de jan. 2023.

Ao olhar a cor das pessoas que morreram nesse crime ambiental climático, lá está mais uma vez a grande maioria de pessoas pretas. Coincidência? Por esse motivo, esta dissertação se estendeu na tentativa de respeitar o luto da cidade e poder trazer as vozes de pessoas negras na estratégia de valorização de suas memórias sobre o urbano de Petrópolis.

Dessa forma, reunir nosso pessoal, estar com as nossas e com os nossos revela a Petrópolis que é também uma **PRETÓPOLIS**, que a cidade de Pedro é também a cidade de pretos e pretas, e que a cidade do colono alemão é também a cidade de colonas negras, colonos negros e povos originários (AQUINO, 2018). Minha disposição por essas vozes que intencionalmente tentam ser (in)visibilizadas pela branquitude é porque o esquecimento não se trata apenas de desconsiderá-las da lógica de produção espacial da cidade, mas sim por revelar que uma estrutura de poder, que privilegia pessoas brancas que se apropriam dessa desigualdade racial para manter privilégios, se perpetua desde os 1500 e, conseqüentemente, sobre a fundação da cidade em 1843.

Sendo assim, abrimos nossa roda de conversa apresentando as falas das nossas parceiras e dos nossos parceiros. Apesar da transcrição não abarcar a totalidade dessa experiência vivenciada por nós durante a realização dos encontros, tentei trazer o máximo de elementos que possibilitassem uma imersão mais profunda na leitura. Dessa forma, as reticências em meio às falas representam pausas para reflexão ao buscar nas memórias as palavras para serem trocadas na gira. Também se observam reticências entre colchetes que significa fuga de pensamento fora do contexto dos eixos direcionadores ou pensamentos confusos que foram sendo direcionados para o objetivo da temática proposta. Destaco que essas fugas de pensamento foram importantes, porque muitas vezes trouxeram tons de descontração e ampliaram a identificação do grupo, que possibilitou posteriormente maiores trocas de experiências e o compartilhamento de suas memórias. Também fiz questão de destacar as risadas durante as falas, pois em meio a tantas imersões desconfortáveis, muitas delas eram seguidas de alegria e afetividades que transbordavam em celebração ao compartilharem suas experiências na roda de conversa.

Do mesmo modo, optei por trazer as falas na íntegra, destacando trechos que se relacionam de forma mais incisiva sobre os eixos temáticos, e respeitando a espontaneidade das parceiras e parceiros, buscando apenas retirar algumas repetições excessivas de vício de linguagem. Outro detalhe importante é que priorizei, também, manter na íntegra a ordem de fala espontânea das interações que, ao serem verbalizados alguns termos e siglas mais usuais

sobre o cotidiano petropolitano, ganharam significados imediatos entre parênteses. A única intervenção feita, para trazer a leitura mais fluida no primeiro eixo temático sobre a história oral de apresentação dos parceiros e parceiras, foi a de manter a totalidade das falas para facilitar o entendimento sobre a trajetória de cada um e cada uma.

E, assim, abrimos nossa primeira roda de conversa fazendo a apresentação das trajetórias. Essa parte foi fundamental, porque nos traz uma dimensão de formação de cada parceira e parceiro, suas trajetórias, as memórias daquelas referências que nos antecederam e que possibilitaram reunir o nosso pessoal. Dessa forma, o itinerário de formação identitária faz parte também da apreensão de mundo, e aqui apresentamos algumas das ricas identidades que estão produzindo essa cidade e o que elas têm a dizer sobre os monumentos em Petrópolis.

Figura 8: Parceira Rejane da Silva Miosso



Fonte: Acervo da pesquisa. (Autorização de uso de imagem via termo de consentimento de livre esclarecido)

Meu nome é Rejane da Silva Miosso, sou moradora de Petrópolis há muitos anos, mas não nasci aqui, sou mineira uai, numa cidadezinha chamada Pirapetinga, não sei se vocês conhecem e **eu vim pra cá bem criança, tinha por volta uns quatro anos quando eu vim pra cá, então naturalizada petropolitana**. Aí é ... tenho duas filhas, tendo uma bem branquinha de olho verde que puxou a família do pai e a outra mais mestiçada que puxou a minha família, mais moreninha ... e eu trabalho na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) no cargo de auxiliar administrativo, alguns anos ... 22 anos na verdade. [...] Assim, na verdade, o meu pai era pedreiro e carpinteiro e minha mãe sempre foi do lar, ela trabalhou na verdade, casaram muito cedo, né? Minha mãe na época dela vivia do lar, filhos e marido, então com essa coisa de meu pai estar sempre entre uma cidade e outra como tinha mais trabalho, oferta de

trabalho aqui em Petrópolis pra ele era mais constante então optaram por vir morar em Petrópolis. Entendeu, então eles moraram no Quarteirão Ingelhein, moraram no Pedras Brancas, Moraram no Quissamã, moramos no Bingen e ... isso assim né, que eu saiba, a informação que eu tenho desde então ... por último é... fixamos residência no Capela, que é um bairro no Bingen e lá minha mãe e a maioria da família dos meus irmãos que tão lá, porque minha mãe também já é falecida, meu pai faleceu eu tinha só dez anos e minha mãe faleceu tem um ano e meio, mas a maioria dos meus irmãos moram por lá e **só eu e minha irmã que moramos no bairro do Quitandinha**. Então o motivo maior mesmo que meu pai veio pra cá foi por causa do trabalho. Meu pai chamava-se José Bernardino da Silva e minha mãe Maria Souza da Silva, essa miscigenação de ... de peles vamos dizer assim já veio desde muito tempo, o meu avó, pai da minha mãe, era um índio Puri, uma pele meio chocolate, preto avermelhado, e minha avó era de origem portuguesa, branquinha de olho azul tinha até bigode (risos). E... os meus avós paternos eu não conheci, mas minha mãe dizia que ela tinha um lado, minha avó paterna tinha um lado meio alemão, mas o meu avó eu não sei, desconheço, não tenho informação.

Durante a fala da parceira Adriana, houve menções das experiências pessoais com várias religiões, e Rejane pediu vez para complementar a fala de sua trajetória. Dessa forma, é possível perceber que as trocas estabelecidas possibilitaram imersões, elementos que a parceira julgou pertinentes de serem compartilhados e que complementam sua fala:

Essa fala da Adriana me lembrou que eu vivi a mesma coisa porque a minha avó materna era espírita... ela frequentava, esporadicamente, mas ela frequentava um centro de Umbanda e a minha tia mais velha, irmã da minha mãe, também era espírita mas o irmão da minha mãe, meu tio que a gente vivia na casa deles, eram evangélicos então a gente ia pro o culto quando tinha (risos) e a minha mãe católica toda vida (risos) então eu falei assim eu não tenho nenhum tipo de problema com essa coisa de cultos, de religião, de rezas, entendeu, pra mim tá tudo bem porque eu fico à vontade em qualquer uma das situações (risos) porque eu já venho disso desde pequena e a gente já vive essa situação com muito respeito em cada uma delas ... eu acho o que vale nisso tudo mesmo é a fé e o respeito.

Quando surgiram identificações acerca do Colégio Estadual Cardoso Fontes, em Petrópolis, durante a infância e adolescência, houve uma efervescência e nostalgia na roda, evidenciando que a escola marca um lugar de afetividades e potencialidades na memória, e fez com que Rejane complementasse mais uma vez sua fala.

Assim, a gente parece que não tem ninguém e assim são pessoas tão próximas, né? Porque eu também estudei no Cardoso Fontes, estudei primeiro no Santa Maria Gorete, lá no Bingen, foi só o pré e da 1ª série que hoje é 1º ano que falam do nível 1 até 9º ano hoje, eu fiz no Cardoso Fontes também, aí depois eu fiquei porque eu tive que trabalhar porque meu pai morreu cedo, um monte de irmão, minha mãe foi mãe de doze filhos ... 10 criados então eu tive que trabalhar muito cedo, hoje em dia eu acho que é até proibido criança trabalhar de carteira assinada (risos), meu presente de 15 anos foi uma carteira assinada, e aí eu parei de estudar no Ensino Fundamental e só voltei a ... estudar novamente eu fiz por apostila no Sesi que ficava ali na Barão do Rio Branco, eu trabalhava de zeladora, fui trabalhar na UCP de zeladora e ... aí em 2002 retomei os estudos e terminei meu Ensino Médio por apostila. Hoje eu tenho minha bolsa integral pela UCP, mas tem as preferências né... [...] nesse meio tempo a Erica, a mais velha, eu já tinha colocado, já estava dois anos de funcionária a gente pode colocar um filho na escola, no Aplicação (Colégio de Aplicação da UCP), a Erica já estava no Aplicação e quando a Louise nasceu a Erica já ia pra 11 anos, então toda aquela luta, eu falei “bom eu não tenho cabeça pra estudar, não tenho que passar por tudo isso e chegar em uma sala de aula e ... saber se a menina tá bem, se não tá bem

então vamos fazer o seguinte... que elas aproveitem a bolsa que elas têm”, graças a Deus a Erica se formou em Fisioterapia, Louise acabou de me dar a notícia que ela foi aprovada no vestibular UCP, ela fez a prova essa semana e ... eu pensei assim na hora que elas tiverem na delas eu faço um curso técnico e também você precisa de um técnico né (risos), mas realmente ... pra aproveitar essa bolsa pra mim foi muito complicado, hoje talvez tenha a oportunidade de fazer um EAD (Educação a Distância), tem vários cursos EAD, mas eu ainda não me interessei porque a minha área eu gosto muito de área humana, Fisioterapia, Biomedicina, essa coisa toda e eu pretendo sim, talvez, fazer alguma coisa na área estética, só pra ter o que fazer mesmo porque não sei até quando o padre vai me deixar lá (risos), mas eu espero que ele pelo menos me deixe, pelo menos uns quatro anos até a Louise se formar na faculdade e vou levando numa boa, eu gosto de trabalhar onde eu tô, é um lugar que eu já me acostumei, eu já tô lá há 18 anos, conhece muito gente, muita gente me conhece porque o fluxo de ... alunos, professor, paciente, acompanhante de paciente tanto na Fisioterapia quanto na Psicologia é, só o fato de ter contato com esse povo todo já engrandece a gente de muito conteúdo da aérea de atuação deles.

Ao encerrar as falas da parceira Rejane, a parceira Marcela pediu a fala para fazer sua apresentação ao grupo.

Figura 9: Parceira Marcela Cardoso Machado



Fonte: Acervo da pesquisa (Autorização de uso de imagem via termo de consentimento de livre esclarecido)

Eu sou Marcela, tenho um filho, sou da área da educação, estou como gestora da Escola Municipal Salvador Kling, formada em história, licenciatura em história e pós-graduada em gestão escolar. Tenho um filho [...] é... **moro atualmente em Corrêas** mas já morei também durante muitos anos ali Quarteirão Ingelhein, onde a Rejane falou que morou também ... eu nasci no município de Vassouras, não sei se vocês sabem, mas conhecido ali como princesinha do café, **e eu vim pra cá, se eu me recordo tinha mais ou menos de 4 pra 5 anos**, meus pais ... moraram ali em Miguel Pereira, Paty Alfêres, aquela região bem mais do interior e eles vieram pra cá também por conta de trabalho... lá eles trabalhavam na lavoura, e quem trabalha na lavoura todo mundo sabe que é pesado, que é cansativo, enfim e eles tiveram a oportunidade

de vir pra cá e eu me lembro que meu pai e minha mãe sempre moraram no mesmo emprego até minha mãe vir a falecer, meu pai já aposentou, mas permanece ainda nesse sítio, ou seja, tem mais de 30 anos, 35 anos, que meu pai permanece no mesmo local. É... os meus avós paternos tenho assim poucas lembranças, mas a única lembrança que tenho é dá minha avó fazendo comida no fogão à lenha, essas coisas bem, bem, de interior mesmo, bem de roça, criava porcos, meu avô sempre sentado ali pedindo pra botar batata no ... forno, né, no fogão a lenha pra assar batata, banana essas coisas bem, bem de interior mesmo né e a família da minha mãe é... já foi assim mais para, vamos dizer assim se desenvolveu mais na parte da cidade, então quando eu ia passar férias na casa da minha avó eu ficava um pouco mesmo no interiorzão mesmo ali vivenciando tudo aquilo até colhendo as coisas da própria horta pra comer e quando via pra casa, da família materna era mais urbana, mas vamos dizer assim mais moderna. O nome do pai é Joaquim, vivíssimo até hoje, pleno, planta aipim dele, faz a hortinha dele, vem trabalhar uma vez por semana, permanece trabalhando na verdade uma vez por semana nesse sítio né, que eles vieram e minha mãe faleceu, minha mãe Diná faleceu tem 10 anos, e assim saiu de lá, veio morar aqui, trabalhar aqui e trabalhou aqui até quando veio a falecer.

Logo na sequência das falas, a parceira Adriana se prontificou para fazer sua apresentação.

Figura 10: Parceira Adriana Carvalho Rangel



Fonte: Acervo da pesquisa (Autorização de uso de imagem via termo de consentimento de livre esclarecido)

Meu nome é Adriana ... é importante até eu falar que eu era conhecida como Adriana Carvalho, Adriana muda a identidade quando se casa e passa a ser conhecida como Adriana Rangel. Eu vou explicar um pouquinho disso... eu acho que foi a minha construção junto à cidade que veio modificando essa Adriana, sou filha de Amilton Francisco da Silva, que também veio do interior para Petrópolis, e filha Maria Luísa Carvalho da Silva que veio do interior de Minas para Petrópolis, onde meu avô era caseiro de uma família muito rica da cidade e trouxe todos os filhos para cá e aqui trabalhava na casa do senhor da casa grande, e os filhos trabalhavam ali e aí eles foram trabalhando e se constituído né... casando! Então, eu sou filha de Amilton falecido, e

Maria Luísa, sou petropolitana, sou professora da rede municipal de ensino, tenho 30 anos de rede municipal de ensino ... atualmente estou como gestora de uma escola municipal e eu falo que em fim de carreira, que a vida é um ciclo, né? **Eu acho que talvez agora eu vou conseguir realizar o que eu sempre almejei, que o espaço escolar foi o espaço que nunca me agradou, e assim, pelo menos minha infância eu tenho péssimas recordações de espaço escolar nesta cidade porque eu estudei ne uma escola de alemães a minha infância inteira, da educação infantil ao 9º ano e eu como menina negra, única negra ne um espaço escolar privado é uma escola que me deixou muitas marcas ruins e eu só fui conhecer na verdade o prazer para escola quando eu já estava no Ensino Médio por um professor, eu acho importante isso tudo é relatar porque são marcas que foram deixadas pelo espaço escolar e que talvez se não fosse esse professor que eu encontrasse no caminho eu não teria um olhar que eu tenho hoje para a escola pública, que hoje eu vejo a escola pública por outro viés, é ... um espaço de oportunidades, principalmente para as crianças pretas.** É... sou pedagoga, especialista em educação, entrei para Serviço Social pra vê se a cidade, conhecer de política pública pra eu lutar por ações sociais, sou militante ativista, sou mãe de um filho de vinte anos, está terminando a universidade, trabalho também na Baixada Fluminense que pra mim foi mais uma ruptura de eu conhecer de outra educação, de outro parâmetro de educação que muitas vezes a gente fica muito na cidade imperial a gente tem um parâmetro, quando a gente muda de município, vai para a Baixada Fluminense a gente quebra alguns paradigmas de que nós achávamos como verdade ... então assim foi um divisor de águas na minha vida e como pessoa também. Quando eu falo de Adriana Rangel é... foi uma constituição de uma outra Adriana, a Adriana Carvalho que era conhecida nos bancos escolares era a Adriana muitas vezes que passava pela invisibilidade, que eu procurava passar de forma que ninguém me visse ... e assim, casei e fui incorporando outra figura de Adriana, né? Aquela Adriana que chega e se posiciona, então assim foi uma transformação e muitas vezes a gente vai até perdendo a identidade ... conhecida muitas vezes como Rangel eu falo que eu perdi minha identidade, fiquei com nome do marido (risos) e às vezes a gente chega perdendo a sua identidade de quem é a Adriana, mas a minha história foi uma história de invisibilidade junto aos bancos escolares nessa cidade chamada Petrópolis e quando assim, hoje, quando foi dado a oportunidade de gerenciar uma escola eu quero oportunizar os meus alunos o que não foi oportunizado pra mim na minha infância, eu quero construir uma história diferente.

Ao longo das interações, Adriana solicitou vez para fazer complementação de suas falas.

Hoje quando trabalho junto à questão dos movimentos sociais, principalmente de movimento negro é... eu consigo entender o outro lado devido à minha história de infância, eu tinha uma avó evangélica que fazia eu escrever os hinos dela da igreja que ela era analfabeta, mas escrevia os hinos, tinha uma avó materna que era muito católica e que precisava rezar a questão das orações e meu avó era chefe de terreiro, então assim eu na minha infância eu lidei com tudo, então hoje eu sou tão livre em relação a lidar com todas as situações porque eu fui sendo constituída em vários espaços e conheci tudo. Eu ia lá no centro do terreiro tomava passe, ao mesmo tempo a minha avó mandava escrever os livros da igreja evangélica, a outra me ensinava a rezar como se fosse para a igreja católica (risos) então assim é essa experiência também que foi me construído ... e não ter rupturas de dizer que essa é melhor ou pior é porque eu vivenciando tudo na minha infância ... e depois eu me constitui enquanto pessoa, tive essa história também da minha infância.

Eu nasci ali na Castelânea, conhecida como Praça Catulo e aí depois eu vim pro Alto da Serra, foi toda a minha adolescência, fui pra Rua Teresa, depois retorno para o Alto da Serra, onde resido há 23 anos.

Com o fim do compartilhamento de sua trajetória, a vez passou para a parceira Roberta.

Figura 11: Parceira Roberta Gregório dos Santos Neves



Fonte: Acervo da pesquisa (Autorização de uso de imagem via termo de consentimento de livre esclarecido)

(risadas) Eu sou a Roberta dos Santos Gregório Neves, né Adriana?! A gente tem esse problema do último nome ser o do marido, mas eu acho que pra mim ficou forte o Gregório mesmo, assim eu sou muito conhecida na cidade como a Roberta Gregório, que é de meu pai e até hoje eu ainda tenho dúvidas se Gregório é um sobrenome gente ou se é um nome, porque meu pai de Zé Gregório foi um homem adotado por volta dos 9 anos de idade na região ali da Posse (5º distrito que pertence à administração do município de Petrópolis), a que eu considero minha avó paterna que sempre me cuidou com muito carinho era avó adotiva assim, mãe adotiva do meu pai, e meu pai gente foi, segundo contam a história ... adotado em troca de um saco de milho, e essa minha avó, que adotou meu pai ela faz essa troca porque meu pai passava dias e dias ajudando ela na feira então ela tem até assim um carinho por ele e passado não sei quantos dias, meses vem uma senhora, eles eram de São José do Vale do Rio Preto, na época São José era distrito de Petrópolis, não é mais, e aí em enfim, começa a história do ramo do meu pai, e eu falo isso porque eu tenho alguns traços assim genéticos que me ligam muito a ele, então aí vem esse homem cheio de questões e ... complicações porque ele quer entender, né? Cadê a família dele, né? Da onde veio? A gente não tem assim... eu não tenho notícias e a gente só sabe história e ele é adotado, gente, por uma família branca, né? De Petrópolis, e o marido dessa minha avó, que eu não conheci, ele chegou a ser um político aí famoso da cidade ser... da câmara dos vereadores e enfim, presidente da câmara, então tem assim um peso, a política vai fazer parte aí da história do meu pai embora ele não tenha sido, ele foi adotado, mas não foi adotado no papel gente, então tem aquela coisa assim ... bom isso é um lado e do outro lado do lado materno, que é um lado que sempre me acolheu e que eu sempre me senti mais a vontade é o lado é... da minha avó ... Nair Dimas dos Santos, uma mulher guerreira, de fábrica, de chão de fábrica trabalhava desde os 9 anos nessas empresas de Petrópolis de tecido então ... e lá ela vai conhecer meu avô Armando, que parece que traz a linhagem assim de um entendimento de negritude pra minha família, que minha família por parte materna, embora sejamos todos negros, não tinha isso muito bem elaborado não e agora sabe eu percebo algumas conversas assim... (risos) eu não tive contato com nenhum dos meus avós, mas esse avô Armando trazia aí uma questão assim bem ... me aparece agora com mais clareza e lucidez que ele trazia isso. E aí surge, então eu sou a filha da filha mais velha de Dona Nair, a Sandra, e como Adriana sempre vivi, estudei em escola particular. **Então minha mãe sempre achou que a**

solução pra nossas vidas, pra gente sair da pobreza era a educação, então foi uma mulher que ficou assim, passava noites, porque na época as bolsas de estudo eram muito difíceis, então minha mãe passava a noites na chuva gente para conseguir vaga pra mim, assim, e foi minha trajetória que, lógico, agradeço muito pela formação que eu tive, mas tive um problema, uma menina negra (risos) no meio do povo branco, então demorei muito pra entender quem eu era (risos) e eu falo que a escola pública me salvou gente porque quando eu terminei minha faculdade eu fiz aí na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) como você geógrafo, dos anos 1990 (risos). Então é isso, eu saio de Juiz de Fora, da Geografia da UFJF e caio já no concurso público e aí a minha vida já começa a mudar porque o chão da escola pública é fantástico, né?! É um espaço que a gente vai achando que vai fazer (risos), mas na verdade a gente aprende muito, a gente ganha muito e aí aos poucos fui me encontrando até que eu conheço Adriana Rangel, e aí a gente começa o movimento na escola de projeto Consciência Negra que assim é uma grande realização pessoal, profissional e vejo que tá fazendo a diferença aí pros alunos, Adriane e Pedro já presenciaram lá no Rui Barbosa, todo ano a gente chama os amigos pra falar, homens e mulheres pretas, é importante isso, essa identificação da comunidade, uma gente que tem o que dizer, né?! E tem sido assim muito feliz nessa trajetória de me encontrar, encontrar os meus e poder fazer com que eles não se percam como por muito tempo eu me senti perdida.

Roberta complementa ainda a sua fala diante da interação da exposição de outras falas:

Eu andei essa cidade inteira, gente (risos), a gente com raiz pobre é formiga (risos). Fui criada no Bingen, mas morei muitos anos no Siméria, região do Quitandinha, depois passei no Centro e **agora tô aqui nas Duchas**, sou quase vizinha do Pedro, nossa rua, uma liga a outra [...] e pra terminar que eu acabei não falando, estudei muito tempo na UFJF, nos anos 1990 que eu fiz Geografia aí depois fui fazer meu mestrado na UFF (Universidade Federal Fluminense) e agora tô voltando pra casa junto com o Pedro, estou no Doutorando em Educação na UFJF.

Segue a gira com a participação da parceira Aline Andrade ao fazer a sua apresentação.

Figura 12: Parceira Aline Andrade



Meu nome é Aline, a minha mãe veio de Minas, era de Juiz de Fora. Na verdade, minha mãe nasceu em Guarani e veio pra Petrópolis em busca de empregos melhores porque lá em Juiz de Fora as oportunidades de trabalho não eram boas. Olha só! Minha mãe uma mulher negra, saiu de Juiz de Fora em 1960, trabalhou aqui em casa de família só que o que acontece, nessa casa de família que a minha mãe trabalhou ela desentendeu com a patroa e voltou para Juiz de Fora. Como era ruim de conseguir trabalho, ela virou um dia para o meu avô, que ela era muito ligada ao pai mais do que à mãe, e falou que ela ia retornar pra Petrópolis até avisou que se não voltasse ela tinha conseguido alguma coisa e veio para Petrópolis, foi batendo de porta em porta em busca de oportunidades, até que ela chegou aqui no hospital Casa Providência. Eu acho que o nome atual é Nossa Senhora Aparecida e chegou lá uma irmã atendeu e a minha mãe falou na história de vida. Minha mãe sempre falava assim, Aline conta sua história de vida quando você quiser uma oportunidade, não tenha medo, fala quem você é. E a minha mãe fez isso, chegou na casa da Providência e se abriu para irmã falou que era de Minas, que precisava trabalhar e a irmã a princípio virou falou que não tinha oportunidade, só que a minha mãe continuou contando a história de vida dela, e devido a isso acho que a irmã ficou com pena da minha mãe e falou que só tinha uma vaga na lavanderia. Aí minha mãe foi e falou assim: “– Não, mas eu pego!” E começou a trabalhar na lavanderia, só que com passado tempo minha mãe trabalhando em hospital via aqueles trabalhos ali, e falou com a irmã que ela queria aprender a dar injeção. Aí a irmã falou assim, você vai ter que fazer um curso de enfermagem, minha mãe fez um curso de enfermagem, se formou começou a trabalhar na casa Providência, Santa Teresa, no Socres que os médicos tudo queria porque minha mãe era muito competente. Fez concurso público do Ministério da Saúde, funcionária pública federal. Passou e começou a trabalhar nesses hospitais ... Na verdade quando a minha mãe passou para o Ministério da Saúde, ela ficou grávida de mim. Olha só dei sorte para minha mãe (risos). Só que minha mãe já tinha o meu irmão mais velho. **Minha mãe comprou um terreno aqui no Alto da Serra. Aí construiu só um quarto, porque naquele tempo era difícil, né? Hoje é difícil pra uma mulher negra, imagina naquele tempo, eu e meu irmão nascemos em 1975, minha mãe comprou o terreno e construiu um quarto, cozinha e banheiro, e logo depois meu avô veio pra ficar com meu irmão e ficou grávida de mim, e foi construindo aos poucos, eu nasci de Maria Imaculada Alves de Andrade, minha mãe faleceu tem 6 anos, eu nasci Aline de Andrade em 1976 nesse mesmo bairro que a minha mãe construiu essa casa.** Não tenho o nome do meu pai, meu pai era casado, na verdade tinha duas famílias ao mesmo tempo, não fui registrada pelo meu pai, por isso meu nome só é Aline de Andrade, meu irmão Marcelo de Andrade e depois veio o meu outro irmão Francisco José de Andrade. Fui criada pelo meu avô, porque minha mãe precisava trabalhar, trabalhava dois dias diretos e folgava dois dias pra poder sustentar a gente, na época meu avô também não era aposentado, minha mãe lutou pra cacete até vê se ele conseguisse a aposentadoria e conseguiu, graças a Deus e **minha mãe pagou escola pra mim e pro meu irmão, aqui no bairro próximo, sempre incentivou a gente estudar, a ler, comprava livros e foi ai que eu comecei a me interessar por leitura, pelo incentivo que minha mãe me dava comprando livros, porque eu via que ao meu redor que as mães, os pais dos meus amigos não tinham esse incentivo, meus amigos não tinham esses incentivos de leitura, de estudo igual eu tive.** Porque a minha mãe estudou, mas depois de formada, porque minha mãe se formou como auxiliar de enfermagem só que sempre falava que era importante a gente estudar, fiz teatro por incentivo da minha mãe, ela gostava muito de cultura, de música, pratiquei esportes, vôlei, depois fui estudar no Rui Barbosa, desde pequena no jardim até a 5ª série, sai e fui estudar no Aplicação, fiquei três anos, sai da escola particular e voltei pra escola pública, estudei no Santo Antônio e depois voltei pro Rui Barbosa e fiz normal, me formei lá em 1998. Depois que eu me formei eu comecei a trabalhar, nem pensava em faculdade porque eu achava que faculdade não era pra mim ... eu não me via estudando numa federal porque eu acho que eu não tive uma base e no Normal era mais voltado para área de educação, eu não tive aula de matemática, química e física. Comecei a trabalhar no mercado, trabalhei um ano no ABC (antiga rede de supermercados adquiridos pelo grupo Extra e Pão de Açúcar), gostei de trabalhar lá, peguei uma experiência boa porque gosto de lidar com pessoas, depois fui trabalhar na Rua Teresa (rua de comércio popular em

Petrópolis voltada para o segmento têxtil) um bom tempo, mas eu continuava a fazer meus passeios culturais, teatro, shows, musicais aí aquela sementinha de “poxa, eu posso ir além disso” não ficar só trabalhando na Rua Teresa, eu gosto tanto de educação, sou professora, fiz Normal então eu quero me aperfeiçoar nisso, quero fazer uma graduação, foi aí que eu entrei pra fazer Letras na UCP, fiz Letras lá, assim que eu entrei na faculdade fiquei grávida do João. Eu namorava cinco anos o pai do João, no ano que terminei eu não sabia e entrei na faculdade, só que eu não tranquei, continuei fazendo umas 3 matérias e o João nasceu em 28 de novembro de 2005 e não me atrapalhou em nada porque estava no fim do semestre, graças a Deus eu tinha a minha mãe, no outro ano eu continuei meus estudos, também não fazendo muitas matérias e não parei, me formei, foi uma luta. E eu tinha parado de trabalhar pra poder ficar com o João, porque minha mãe tinha os problemas de saúde dela, diabética, pressão alta, aí eu fiquei mais em casa durante esse período, uns cinco anos me dedicando ao João, mas depois eu voltei a trabalhar no Projeto Mais Educação, trabalhei em uma escola no Quitandinha, depois fui trabalhar em uma escola aqui perto de casa no Vila Felipe e foi aí que eu comecei a me apaixonar mais pelo Ensino do Fundamental I, educação infantil e foi quando eu resolvi fazer Pedagogia pelo CEDERJ (Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), prestei vestibular, passei, comecei a fazer, nossa! Me encontrei! E eu falava antes que nunca ia fazer Pedagogia, que Pedagogia era muito chata, muita teoria mas eu gostei muito mais, me identifiquei mais, gostei muito, tô aprendendo muito. Eu trabalho numa Escola do Bom Jesus, só que eu sou professora da biblioteca, eu faço contações de histórias, trabalhando até o 4º ano com literatura e incentivo à leitura.

A minha mãe era do Movimento Negro também, era coligada ao PT (Partido dos Trabalhadores), eu ia nas reuniões, minha mãe ia e eu pequenininha no Movimento Negro nas reuniões, nos encontros com a Benedita da Silva em Niterói, eu não esqueço disso que foi fazendo parte da minha formação política e da luta contra o racismo e minha mãe era bem ativista.

Dessa forma, seguimos para a última interação das apresentações com as falas do parceiro Cipriano.

Figura 13: Parceiro Pedro Ivo Cipriano Inocêncio



Meu nome é Pedro Ivo Cipriano Inocêncio, eu adoto o nome artístico Cipriano que é o sobrenome da minha mãe e depois eu ressignifiquei o nome Cipriano, Inocêncio é o nome do meu pai, meu pai é Jorge Inocêncio e minha mãe Irene Belmiro Cipriano Inocêncio, meu pai é ali de Vale Boa Esperança, é petropolitano da gema (risos) nasceu aqui em Petrópolis aí daquela região de Itaipava, Vale da Boa Esperança, e minha mãe é de Minas Gerais, de Tocantins, logo depois de Juiz de Fora ali né, aí a mãe foi para o Rio de Janeiro para trabalhar para conseguir melhores trabalhos e tudo e conheceu meu pai no Rio e eles vieram, e aí se gostaram, se apaixonaram (risos) e ele trouxe pra Petrópolis e minha mãe passou por aqui em Petrópolis, **eu sou petropolitano, nasci aqui em Petrópolis, nasci ali na curva do joia no Bingen ali**, uma casa onde meu pai trabalhava, foi caseiro durante muitos anos ali na curva do joia, na casa do ministro Hélio Beltrão, antigo Ministro Hélio Beltrão, meu pai trabalhou durante muitos anos e aí a gente foi criado ali eu e meus dois irmãos, assim nós somos três irmãos, somos criados ali e depois com o tempo meu pai trabalhando, ele conseguiu comprar uma casa em Itaipava e nós mudamos lá para Itaipava, mas até mudar a gente mandou para Itaipava eu já tinha sete anos por aí e eu estudei ali no Cardoso Fontes, desde pequenininho que ali no Cardoso Fontes agora que eu acho que não tem mais pré-escola no Cardoso Fontes, mas tinha antes então eu estudei ali até a quarta série por aí ... é isso... depois mudamos para Itaipava e estudei lá em Itaipava e depois nos mudamos para cá de novo porque meu pai é... saiu do trabalho dele, compramos essa casa aqui na Mosela e voltei pra o centro de Petrópolis pra Mosela, voltei com uns dez anos e voltei estudar do Cardoso Fontes, então eu tenho uma vida inteira (risos) no Cardoso Fontes praticamente, então aí ingressei, voltei pra quinta série lá e segui até o Ensino Médio no Cardoso Fontes, é uma vida de amor no Cardoso Fontes, mas é porque assim eu até depois que eu saí eu voltava pra ficar na escola para ficar na biblioteca porque... a escola é um espaço muito engraçado pra mim assim, eu não tinha muitos amigos na escola, interagia muito pouco, na escola eu ficava na biblioteca ou ali no jardim desenhando, eu sempre desenhei desde os dez anos de idade que eu desenho, faço cursos livres de desenho, estudei com a Professora Rosilda, [...] mas aí eu ficava assim seguia Dona Rosilda pra tudo quanto é aula, aí quando não tinha aula da Dona Rosilda eu podia matar aula (risos) de Educação Física eu ia pro jardim ou ia para a biblioteca e ali eu ficava a minha vida toda de adolescência foi essa coisa de desenhar e... desenho muito assim, desde muito pequenininho. Concomitante a isso fui fazendo esses cursos livres, minha mãe me levou pra fazer cursos de desenho no Palácio de Itaboraí, hoje não funciona mais o SESI ali no Palácio de Itaboraí não, ele tá na avenida Ipiranga se não me engano, mas ali onde é hoje a FioCruz que é o Palácio de Itaboraí funcionava uma escola de reforço escolar de ... vários cursos que aconteciam ali, secretaria de escola, e aí eu pequenininho ali minha mãe me levou lá pra fazer aula de desenho, Professora Neucinei e aí ela me perguntou: “Mas você... qual o seu nome você vai adotar pra assinar seus trabalhos?” **Ai eu falei: “Cipriano!” Porque eu sou umbandista desde criança, nasci dentro do terreiro de umbanda, e no terreiro de umbanda tem um Preto Velho chamado pai Cipriano, né? E aí eu achava que Cipriano era africano então eu achava um máximo, achava que Cipriano era nome africano, então assim achava oh (risos) descendente de africano, aí adotei o Cipriano pra assinar os meus trabalhos, depois eu entendi, vi que Cipriano não é africano, é um nome grego, mas assim eu ressignifiquei ele que agora ele é meu nome africano (risos) que descende de um preto velho né.** Assim eu fui seguindo, fiz UCP, fui fazer... Letras na UCP, concomitante a isso como eu cantava, cantava no terreiro, sempre fui cantador no terreiro, curimbeiro, canto desde criança também, então eu fui fazer curso de canto pra poder ingressar universidade que a nossa meta ali no Cardoso Fontes era fazer universidade pública, então a gente passava o final de semana estudando no Pré-vestibular pra Negros e Carentes, e aí nisso tudo eu também tentei pra UCP, vai que eu passo pra UCP também, mas eu só poderia estudar na UCP se conseguisse bolsa, do contrário eu tinha que amargar pra ficar no alojamento (risos) e ir para o Rio de Janeiro e enfrentar esse negócio todo, que era ali do nosso grupinho, nossa turma foi a primeira a pensar as coisas do vestibular, a tentar isso tudo. Eu passei pro coral porque eu já cantava no terreiro então assim, tinha afinação, tinha ritmo e passei para o coral e aí a pressão da família foi ah! Você não era pra ir para o Rio mais né! Você passou para o coral, você vai ficar aqui em Petrópolis, Rio é perigoso, Rio tem um

monte de coisa, vai pro Rio não, fica aqui! Aí fui fazer UCP, fiz UCP, entrei em 2004 e fui estudando e agora eu tô na UFJF junto com o Wanderson, com a Roberta, que é uma cidade, a universidade é uma cidade, isso pra mim, isso agora é uma coisa muito grandiosa porque UCP ela é bonita e tudo, mas assim a UCP não se compara uma cidade universitária que é a UFJF, que a gente ficava brilhando o olho pela UERJ, UFRJ, gente UFRJ linda, mas aí eu fiquei na UCP por pressão da família.

Eu moro na Mosela, no início da Mosela, aqui era casa dos meus pais e hoje virou minha casa ateliê, que meus pais moram no Bataillard por conta de um acidente que meu pai teve, ele foi amputado de uma perna e minha mãe com problemas na coluna e joelhos não podem mais subir aqui, tem uma escada bem íngreme aqui no meu ateliê e aqui virou minha casa ateliê porque é uma casa grande só pra mim, então vamos colocar arte aqui, até na cozinha (risos).

Diante das contribuições das falas dos parceiros e parceiras, gostaria de destacar sobre o fato do movimento de trabalho sobre identidade e conscientização negra na educação básica desenvolvido pela parceira Adriana, Roberta e Cipriano por buscar a valorização de referências afrocentradas da educação ao evidenciar a cultura e identidades negras em Petrópolis. Percebemos em momentos diversos das falas que a escola não era um espaço de acolhimento na temporalidade da infância e adolescência dos parceiros e das parceiras, que muito pouco era citado ou mencionado sobre a cultura negra e indígena de forma valorativa, e que agora assumem importância sobre seus olhares sensíveis sobre a causa racial. Chamo atenção sobre esse ponto, porque evidentemente vai ao encontro da importância da Lei Federal 10.639 de 2003 e Lei Federal 11.645 de 2008 que instituiu como obrigatoriedade o ensino de Africanidades, cultura Afro-brasileira e Indígenas como mote de formação de professores e professoras no Ensino Superior e, além disso, a obrigatoriedade do ensino nos currículos da educação básica.

Torna-se evidente também a importância da Lei de Cotas 12.711 de 2012 que completou em novembro de 2022 dez anos, e permitiu, de fato, uma maior universalização do acesso e políticas de permanência de alunos e alunas que se autodeclararem pretas, pardas indígenas e baixa renda com até 1,5 salários mínimos. A ocupação das universidades por essa parcela da população permitiu que esses corpos e essas existências adentrassem com maior proporção a um dos espaços mais embranquecidos, que é a universidade. Além disso, é evidente que essas políticas combatem o racismo estrutural e o racismo institucional das universidades brasileiras.

Após as apresentações, seguimos com o eixo temático da roda de conversa que focou especificamente sobre as vivências de nossas parceiras e parceiros em relação aos monumentos petropolitanos.

1.3 – POR VOZES NEGRAS: MEMÓRIAS E MONUMENTOS

Antes de adentrarmos sobre as falas das parceiras e dos parceiros, se torna oportuno elucidar que nosso entendimento aqui sobre os monumentos se trata, conforme orienta Corrêa (2013) de elementos simbólicos circunscritos na paisagem, o que nos possibilita evocar memórias tais como estátuas, bustos, obeliscos, pórticos, prédios, templos religiosos e praças sendo dotados de intencionalidades de determinados grupos culturais. É aí que a gente percebe que esse pensamento se soma ao estudo de Sousa (2020) sobre o contexto latino-americano da Praça Ignácio Agramonte em Camaguay, Cuba, e do Bandeirante em Goiânia, Brasil, de que os monumentos assumem uma centralidade como catalizadores de práticas sociais nos espaços públicos da cidade. Esse duplo papel que os monumentos exercem evocando fatos históricos sobre determinadas intencionalidades, mas também por exercer a função de influenciadores das práticas sociais no nosso cotidiano que se relaciona sobre nossas construções identitárias, foram os dois entendimentos adotados aqui (CORRÊA, 2013; SOUSA, 2020).

Para entender a dimensão desses elementos simbólicos no contexto petropolitano e suas influências sobre as formações identitárias, as perguntas direcionadoras desse eixo temático foram instigadas sobre as experiências passadas na infância e adolescência dos parceiros e parceiras e, assim, se encaminham sobre outros períodos ao logo das vivências adultas. Assim, Cipriano abre os diálogos.

A minha memória afetiva com o monumento, [...] pra gente se situar na cidade, assim, é a Praça da Liberdade, eu tenho uma memória muito afetiva na Praça da Liberdade que meus pais me levavam lá quando eu era pequeno e a gente andava naqueles bodinhos, a Praça da Liberdade tinha um bodinho, sabe ?! (risos), Já tô dizendo minha idade (risos), a gente andava ali na Praça da Liberdade, ficávamos ali um bom tempo e ia brincar, isso quando a gente era pequenininho. E depois ... eu fui ressignificado a própria Praça da Liberdade, porque eu fui entendendo o quanto ... **hoje eu vejo o quanto a Praça da Liberdade me pertence, mas isso hoje, na época eu só achava assim um máximo ali, andar de bodinho, brincar**, ali tinha um bar, onde hoje ... o cite de informações (construção localizada dentro da Praça da Liberdade que era abrigo do Centro de Informações Turísticas CIT) tinha um bar antes e ... aí é isso minha memória afetiva enquanto criança é na Praça da Liberdade, agora em termo de me sentir pertencente depois que você vai ... isso eu tinha sete anos de idade, bem pequeno, até menos talvez, aí nesse momento eu não entendia Praça da Liberdade igual eu entendo hoje, que hoje entender a Praça da Liberdade pra mim voltou a ser um lugar muito importante, era quando criança, porque tinha essa coisa de andar de bodinho, andar de charrete, era uma charretinha pequenininha (risos), aí hoje eu meio que ressignifiquei a Praça da Liberdade, **mas durante a minha adolescência os monumentos da cidade que eu me identificava não tinha, eu andava bastante no centro da cidade, andava com a minha pastinha de desenho embaixo do braço (risos) e passava ali em frente ao Museu Imperial, ao Teatro Dom Pedro, mas nada daquilo me identificava muito, apesar de ter essa coisa de querer fazer parte, sabe? Então eu entrava ali nos jardins do Museu eu ficava me questionando será que eu posso entrar aí? (risos) Será que eu posso visitar o Museu?** E aí eu ficava no jardins do Museu, durante muitos anos eu ... desenhei no jardim do Museu, achava um máximo isso, até o momento que fui trabalhar ... aí ficava

projetando eu vou trabalhar ali dentro, vou me apropriar desse lugar, brincava que eu era Dom Pedro II, hoje a gente vê que D.Pedro II ... não é legal muito ser D.Pedro II, é melhor ser o Pantera Negra (risos) do que o próprio D.Pedro II, aí eu fui trabalhar no Museu Imperial e o negócio virou de ponta cabeça.

Figura 14: Vista panorâmica da Praça da Liberdade



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023

Figura 15: Passeios de Bodinhos na Praça da Liberdade década de 1990



Fonte: IBGE. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=445039> > Acesso em 12 fev. 2023.

Percebemos, diante das experiências de infância do parceiro Cipriano, que o momento de lazer e descontração chama a atenção pelas memórias afetivas. Os monumentos circunscritos na Praça da Liberdade passam despercebidos onde as vivências no espaço público naturalizam os padrões culturais eurocêntricos. Já durante a adolescência, percebemos uma não identificação sobre as representações simbólicas monumentais pelo seu caráter hegemônico da branquitude. Sendo assim, intervi fazendo direcionamentos se o mesmo ocorria com outros monumentos da cidade para ir mais afundo sobre essa questão:

Esses outros monumentos, a Praça da Inconfidência ... eu fui entender dela bem depois assim ... engraçado, ela não é muito ícone pra mim assim, o Palácio de Cristal **eu passava pelo Palácio de Cristal, mas eu também assim, durante muito tempo eu achava que eu nem podia entrar, depois que eu entendi que era gratuito (risos)** ... engraçado, uma coisa doida assim, o Palácio de Cristal eu passava em frente ... eu passei a entrar no Palácio de Cristal eu já tava na universidade, estava no meio da universidade e a Catedral, eu só entrei na Catedral quando eu fui cantar, que eu também estava na universidade, participava do coro da universidade e aí sim eu passei a todo terceiro domingo cantar na Catedral e depois sair correndo pra cantar no terreiro (risos).

Figura 16: Conjunto paisagístico da Praça da Inconfidência – Igreja do Rosário dos Homens Pretos e Mercado de Abastecimento Popular



Fonte: Praça da Inconfidência. Disponível em: < <https://www.aconteceempetropolis.com.br/noticias-petropolis/praca-da-inconfidencia/> > Acesso em 12 de fev. 2023.

Figura 17: Palácio de Cristal



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 05 de jan. 2021.

Dessa forma, na sequência a parceira Marcela pediu a fala:

A minha memória afetiva é bem parecida com a do Pedro, eu só me lembro da questão da praça (Liberdade) que eu acho que era o lugar mais acessível na época né, a questão dos bodinhos parados ... no chafariz, é ... porque na verdade eu me lembro que eu ia na missa com a minha mãe, não era na Catedral, era no Sagrado, a gente frequentava muito ali o Sagrado, então do Sagrado já ia na praça, dava uma volta no bodinho, dava uma balançada, ia na gangorra e voltava pra casa, não me recordo assim de outros monumentos, de outros lugares. A Catedral eu só fui entrar depois também quando estava terminando o normal na verdade, eu saía do CENIP (Centro de Ensino Integrado de Petrópolis), estudei um ano no CENIP, e passei ali um tempo com as meninas e **eu também tinha essa mesma ideia que o Palácio de Cristal tinha que pagar pra entrar e naquela época a gente não tinha grana pra isso**, eu me lembro que eu tocava na banda do CENIP aí eu saía do CENIP eu ia pra casa a pé, voltava pra banda a pé e só ia pra casa com a ficha marrom porque a gente não tinha dinheiro e se você andasse de ônibus você ia perder a ficha marrom, você não podia comprar mais de cinquenta fichas durante o mês, era uma luta e como família simples, somos em quatro, então criar quatro filhos com algumas regalias, impossível, então memória de monumento mesmo era só a questão da Praça da Liberdade mesmo.

Figura 18: Igreja do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

Durante a fala da parceira ao mencionar a Igreja do Sagrado no período da infância e adolescência, fiz uma intervenção para saber se o lugar onde atualmente se situa a igreja tinha relação com o cemitério onde foram sepultadas pessoas negras escravizadas, quando o parceiro Cipriano se prontificou a falar sobre.

É a mesma relação do Quilombo que existiu ali, quilombo central no Palácio de Cristal, a gente sabe disso hoje ... **cemitério que existiu ali no Sagrado Coração de Jesus ali era um cemitério que tinham mais de duzentos negros enterrados, escravizados, foram enterrados ali, tem uma história ali, mas a gente sabe disso hoje, na época a gente acreditava que Petrópolis era uma cidade é ... de herança europeia muito forte, é uma cidade que fazia réplica de cidade europeia ...** da junção dos rio Comblér com o rio Moser. Fazia essa alusão lá, Alemanha, Palácio de Cristal que era réplica do palácio inglês, entendeu? Então era essa história que a gente escutava, eu não tive HGTP porque estudei em escola estadual, mas depois eu estudando a história de Petrópolis os manuais não falam sobre isso.

Sendo assim, acerca dessa interação, a parceira Marcela complementou sobre o direcionamento da relação da Igreja do Sagrado com a cultura negra.

Precisamos na verdade de alguém mesmo que estude, que pesquise, que investigue mais essa questão. Porque assim, eu acredito que tem um monte de histórias aí ... que não veio à tona, porque eu tô falando isso, nem sei se eu posso falar isso, foi descoberto agora há pouco tempo lá no Rio (cidade do Rio de Janeiro) o Museu dos Pretos Novos, gente foi mais ou menos assim, eles descobriram fazendo uma reforma de uma casa, eu fui lá visitar pela prefeitura, muito bacana, na semana passada nós tivemos um seminário aqui que falava sobre a África e veio uma pessoa falar lá desse museu e a história é muito bacana, a pessoa que comprou a casa ela pediu pra reformar e quando o pedreiro foi reformando foram encontrando várias ossadas né, aí foi

descobrimo ... no primeiro momento o moço pensou até que fosse osso de algum bicho, de algum cachorro, alguma coisa assim aí chamaram os estudantes lá da faculdade e eles descobriram que não, que eram ossadas de pessoas que vieram na condição de escravos, porque ali tinha todo o desembarque, enfim, igual encontraram uns materiais na reforma do Palácio de Cristal, eu acho que se fossem mais a fundo muitas coisas seriam descobertas, ou foi mas não veio à tona exatamente por conta disso tudo, ah, não foi encontrado, mas não vamos divulgar porque tem que se manter a cultura ainda europeia, enfim, eu acho que tem muita história, porque nossa cidade é uma cidade de muita história, mas talvez ... talvez não com tanta história, mas só voltada ainda pra essa questão da branquitude na verdade.

Seguimos as interações, quando a parceira Rejane tomou fala compartilhando experiências próximas entre os relatos anteriores.

Então, não tenho nada muito diferente do Pedro e da Marcela, porque na verdade pra infância da gente a Praça da Liberdade é que grita, né? Que foi o símbolo da nossa infância exatamente porque as mães no domingo levava a gente na missa e nem sempre dava pra andar de bodinho, mas tinha o escorrega, tinha o balanço o estalinho que era uma das poucas diversões que tínhamos acesso. **Em relação a monumentos eu tô pra te falar que assim eu vejo vários bustos, mas assim eu mesmo nunca me interessei pra saber quem era, quem deixou de ser,** sei de alguns porque na escola a gente tinha aula, mas eu sempre fui péssima em história, nunca gostei de história, **mas tinha que fazer e assim eu só fui saber que tinha um busto de Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade deve ter o que uns dez anos ou doze anos que soube que aquilo ali era Zumbi dos Palmares, que vinha saber quem foi Zumbi dos Palmares,** que vi a ... igual o Pedro estava falando que aquela parte do bar que era do Rui Barbosa, que estava sempre com fedor de xixi, porque os banheiros eram nas laterais do bar, então aquilo fedia muito xixi e tem o Marowil, na época que a gente era criança tinha patinação, mas assim pras crianças que tinha patins, pras crianças que tinha bicicleta, pros pais que podiam porque era um bar mais refinado vamos dizer assim, hoje ele está mais popularizado, mas não era pra todo mundo o Marowil, o Rui Barbosa sim, mas o Marowil não e a Praça da Liberdade fica ali no meio daquilo, entendeu. Mas assim isso nunca interferiu na minha vida, nunca me fez inferior a ninguém por ser branca, por ser preta, por ser amarela porque criança acho que não se liga nessas coisas, quando a gente passa a ter uma certa idade que a gente vai ... porra, fulano me dechavou ali cara, sem necessidade, acho que tinha alguma coisinha em relação à pele, mas assim quando criança não tinha. [...] Obelisco, o que quê é Obelisco? Pra que que serve aquilo? A gente nunca teve esse tipo de informação na escola, pelo menos eu estudei no Cardoso Fontes do 1º ano ao 9º nunca ninguém me falou pra que que serve aquilo no meio da avenida, um marco. Um marco de quê? Pra quê? Quem botou aquilo lá? Eu sei que branco de olho azul não foi. Entendeu, mas não tem nenhuma foto deles lá, esse pessoal aqui que foi que botou isso aqui até lá em cima, porque não tinha carvalhão naquela época, como que aquilo foi chegar lá em cima? [...] Mas, isso pra mim não quer dizer nada porque eu não tenho informação nenhuma disso, a pouca coisa que eu sei foi lá nos livros de 1900 e antigamente. Por que tem o Museu Imperial? Porque foi casa de dom Pedro, aí tinha aqueles passeios da escola que a gente ia lá, eu particularmente eu fui fazer uma visita no Museu Imperial quando eu voltei a estudar isso em 2002, quando eu fui fazer meu EJA (Educação de Jovens e Adultos) aí eu tive que fazer um trabalho, tipo um Trabalho Conclusão de Curso, um TCC, e a gente tinha que escolher um desses prédios pra contar a história pra se aprofundar, aí sim em 2002 eu já tinha mais de 40 anos que eu fui saber da história do SION (Igreja de Nossa Senhora do Sion), que aquilo lá era convento, depois foi comprado pra residência pra Princesa Isabel, que foi presente de casamento, que depois veio a ser faculdade, virou universidade, que o Relógio das Flores era um hotel de luxo, **não era pra preto não, era só pros nobres (risos), da Catedral, por que a gente estudou da catedral? Porque tem o pessoal enterrado lá da família do dom Pedro que o túmulo tá lá, então assim, todas essas informações voltado pra o pessoal nobre, por isso que a gente sabe. Essa história do quilombo aí eu fiquei sabendo na semana passada, eu não sabia que Petrópolis**

tinha quilombo. Quando a gente às vezes passava no centro da cidade, não sei se vocês lembram, eram duas coisas que me chamava a atenção, era umas reuniões de evangélicos, que tinham ali ... na travessa Vereador Prudente Aguiar [...] e outra coisa que eu gostava muitíssimo, mas que minha mãe não deixava eu chegar perto era as rodas de capoeira, eu adoro, desde de criança eu era apaixonada, mas minha mãe dizia que aquilo era coisa de homem, que menina não ficava perto e ... que era coisa de macumbeiro, então minha mãe não deixava. E aquilo chegava a me arrepiar quando via aquele pessoal gingando e eu adoro roda de capoeira, era ali onde hoje é o ... até hoje de vez em quando ainda tem ... ali onde é o Shopping Dom Pedro, na porta do Bradesco, ali a gente passava porque era nosso ponto de ônibus era ali naquelas calçadas, ai a gente passava lá, geralmente era domingo a tarde, uma 18, 19 horas na hora de ir embora pra casa e ela me puxando porque eu queria ficar vendo aquilo ali, aquele berimbau, eu me amarro no berimbau e ela: “- Vambora! Vambora! Isso não é coisa de menina não”. Mas minha mãe, coitada, criava doze filhos e meu pai nunca teve, assim a participação do meu pai ... tipo nível de casal, pegar a esposa e sair com os filhos, não, meu pai trabalhava e fazia as compras e colocava as coisas dentro de casa e ponto, isso é a memória que eu tenho do meu pai e minha mãe que se virava pra levar a gente pra uma praça ... pra fazer uma peteca de casca de bananeira com pena de galinha, era a nossa diversão. Então, é o que eu tô te falando essas coisas dos monumentos né, lembrança de monumentos eu realmente eu só vim ... na infância eu não tive eu só vim agora de mais velha, nem de adolescente não, de mais velha mesmo que a gente começa a futucar, a questionar, a querer saber o porquê que aquilo tá ali, que que representa, mas isso veio agora já de velha, na escola não sei se hoje tem, mas na minha época não tinha essas informações, não.

Eu não sou nobre, nunca fui nobre, essa realeza toda, eu digo essa nobreza que eles dizem, tem muita gente que não nasceu aqui, que não é daqui e ... você sempre escuta isso, o pessoal de Petrópolis come chuchu e arrota caviar, porque eles se acham, sabe? Tem um nariz em pé, isso existe aqui em alguns lugares que você vai, igual comentamos na semana passada que até pouco tempo eu não passava na 16 de Março porque as pessoas te olham meio que de banda, **principalmente eu pobre, gorda, preta e macumbeira eu tô toda errada na visão desse povo (risos), sou toda errada, então eu não preciso passar em um lugar que as pessoas me olham de banda.**

Diante das falas anteriores e da contribuição da parceira Rejane, observamos que a Praça da Liberdade estabelece relação de afetividades no período de infância, porém no período da adolescência os monumentos começam a ser confrontados sobre aspectos de identificação e autopertencimento. Também se torna notório destacar, dentro da cidade de Petrópolis, a rua 16 de Março, que é um dos espaços urbanos com alta valorização imobiliária devido à sua localização centralizada. Essa rua atualmente se destaca por prédios residenciais e comércios, onde os segmentos estão voltados a atender classes de alto poder aquisitivo, o que se relaciona com a fala da parceira sobre seu desconforto em transitar por essa via, da qual existem inúmeros relatos locais sobre discriminação por questões socioeconômicas e raciais durante atendimentos prestados em várias lojas locais (Figura 20).

Figura 19: Obelisco



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 05 de jan. 2021.

Figura 20: Rua 16 de Março em Petrópolis



Fonte: Sou de Petrópolis. Disponível em: < <https://soupetropolis.com/2020/04/24/empresarios-da-rua-16-de-marco-fazem-bazar-online-com-pecas-em-promocao-e-entrega-em-domicilio/> > Acesso em 25 de mar. de 2023.

Dessa forma, seguimos com as falas da parceira Roberta com pontos em comum com as falas anteriores.

Eu tava meio que igual a Rejane, gente, eu não tenho memória nenhuma, de que esses monumentos, eu também sou igual a Rejane eu olhava pra aquilo tudo e não fazia o menor sentido pra mim (risos), era a história dos outros, eu tava ali de intrusa, eu sempre me senti uma intrusa nessa cidade. Eu lembro de pequena perguntar minha mãe, inclusive é uma pergunta que agora tá sendo respondida, da coisa da onde a gente vem e ela não saber me dizer, da onde a gente vem em Petrópolis porque não tinha referência, mas aí o Pedro trouxe a memória que realmente eu tenho, realmente que é a coisa da Praça da Liberdade e do bodinho e meu irmão era apaixonado com aqueles bichos e ... (risos) teve uma vez gente, que os bodinhos ficavam na praça, Wanderson, e eles bebiam da água do chafariz, se banhavam ali (risos), então era um fedor a praça, eu sempre lembro desse fedor que você falou, era o xixi do banheiro do bar, era exatamente esse xixi e o fedor dos bodinhos (risos), a praça era um mar de cocô de bodinho (risos), e aquilo era um máximo! E meu irmão que era terrível, eu era mais quietinha e tal e ele cismou que ia tomar banho no chafariz e ele tomou, gente e meu irmão ficou com aquele cheiro entranhado no corpo e minha mãe dando banho de álcool na gente e aquele cheiro de bode na gente (risos). E aí Rejane é isso mesmo que você falou, minha mãe também que batalhava lá pelo nosso lazer e agora gente pensando as referências de lugar negro não tinha nenhuma, a gente não tá sabendo de nada dessas histórias, a praça era o local da diversão, a igreja que a gente frequentava também era do Sagrado, igual à Marcela falou, porque a gente era dessa região do Bingen (bairro de Petrópolis) então todo mundo do Bingen ia no Sagrado mesmo, mas a minha avó paterna morava ali... eu ainda chamo de final da avenida gente, a região ali da Paulo Barbosa que na verdade é o início e ela frequentava a Igreja do Rosário, mas ... era só proximidade, era igreja mais próxima, então às vezes eu ia na Igreja do Rosário, mas a Praça da Inconfidência era um lugar ... gente agora eu tenho memórias tristes da Praça da Inconfidência! Primeiro porque era o local que tinha muitos supermercados, quem é mais velho aqui acho que vai lembrar disso, ali tinha o Discos, Casa da Banha e ainda tinha o matadouro de aves ali. Aquilo gente ... eu tenho assim memórias horríveis, não era bonito, aquilo ali era um cheiro horrível, coisas de sangue e era o local do comércio popular, então a gente frequentava aquilo ali pra conseguir, eu lembro... ainda mais na época da hiperinflação dividia eu, minha mãe, meu irmão, minha avó, cada um entrava né, um mercado ali pra ver o preço, a Praça da Inconfidência era onde estava mais barato e aí voltava pra comprar. A Igreja do Rosário ficava ali, então a Igreja do Rosário era um refúgio, mas eu não gostava, eu achava uma igreja escura, não tinha muita luz, eu tinha um pouco de medo da igreja (risos), eu preferia o Sagrado. A missa tinha uma coisa esquisita que eles apagavam a luz, não sei se ainda tem essa tradição tá, gente. E aí você não tinha aquele afeto né, **me vem assim, Wanderson, aquela coisa da Carolina Maria de Jesus, o Quarto de Despejo, entendeu, ali era isso, onde despejavam os pobres da cidade e a gente tinha que conviver com aquele espaço porque era um espaço que dava pelo menos, fazer o dinheirinho render um pouquinho no final do mês, das compras do mês.**

Atualmente, a Praça da Liberdade em Petrópolis conta com onze monumentos distribuídos por pontos diferentes de sua localização. Desses, apenas dois fazem referência à memória da cultura negra que se relacionam com o busto do Zumbi dos Palmares e os painéis de grafites de lideranças negras importantes na luta antirracismo na história brasileira e resgate de elementos culturais negros no CIT, construção que se encontra dentro da Praça da Liberdade. Cabe ressaltar que apenas a partir de 2009 que teremos a inserção de figuras memorativas da

cultura negra na Praça da Liberdade, sendo a primeira diretamente relacionada sobre referências negras petropolitanas apenas em 2022.

Isso significa que nossos parceiros e parceiras, no período de infância e adolescência, não tiveram acesso aos monumentos que se relacionam sobre a memória negra em Petrópolis no espaço público da Praça da Liberdade. Indígenas nem se fala. Ou seja, a única referência que tiveram foram da cultura branca eurocentrada. Diante disso, percebemos que, na ausência referências culturais, diversas a experiências de nossas parceiras e parceiros revela a imposição de um padrão cultural de referenciais subjetivas da colonização que nos invade com força.

Tabela 2: Conjunto de Monumentos Distribuídos na Praça da Liberdade

		
<p>Estátua José Tomaz da Porciúncula (1922)</p>	<p>Obelisco 1º Centenário da Independência (1922)</p>	<p>Busto Nilo Peçanha (1933)</p>
		
<p>Busto Almirante Barroso (1965)</p>	<p>Busto Euclides da Cunha (1966)</p>	<p>Busto José Plácido de Castro (1973)</p>

 <p>Busto Nelson de Sá Earp (1992)</p>	 <p>A Bíblia (2009)</p>	 <p>Busto Zumbi dos Palmares (2009)</p>
 <p>Grafite Zumbi dos Palmares (2016)</p>	 <p>Grafite Tereza de Benguela, Dandara e Negritude (2016)</p>	

Fonte: Arquivo pessoal do autor. 05 de jan. 2021.

Outro destaque é que durante a menção da Praça da Inconfidência houve vários pontos de convergência sobre a desordem nesse lugar. Cabe destacar que a Praça da Inconfidência, em conjunto com a Igreja do Rosário dos Homens Pretos e o Mercado de Abastecimento Popular é uma das poucas áreas no centro histórico de Petrópolis relacionada diretamente à memória negra da cidade. Dessa forma, o descaso do poder público com o local citado também nos demonstra como o racismo institucional opera sob a negligência de ação do poder público em relação à falta de preservação e cuidado com um lugar representativo da memória negra na cidade.

Isto posto, o parceiro Cipriano complementa sua fala.

A Catedral é outro lugar assim que, igual eu falei, só fui entrar depois da universidade porque também achava que eu não podia entrar (risos), gente eu achava que não podia entrar na Catedral (risos), que não podia entrar no Palácio de Cristal, no Museu, todos os lugares assim eu achava que a gente não podia entrar. Eu lembro da Dona Vânia levando a gente assistir o Dom Ratão, que existe até hoje lá no museu uma peça de 30

anos que não muda aquele negócio, tá lá aquela porcaria (risos). Mas eu lembro da Dona Vania levando a gente visitar o Museu Imperial entendeu, **e todo mundo ficando meio ... deslocado não sabia se podia mexer, se não pode, aquela história que é contada no Dom Ratão da família Imperial, Dom Pedro II, tudo aquilo não nos pertencia, pelo menos era a sensação que eu tinha, igual a Rejane falou antes a nobreza lá longe.** Aí tinha a famigerada a sala da tortura, hoje não tem mais, uma sala que tinha os objetos de tortura, de prisão, aquela sala ... nossa eu lembro disso! Horrível! Eu falo sala de tortura, mas era uma sala onde era exibida os objetos de tortura dos escravizados, pra mim que trabalhei ali achava aquilo horrível, as correntes, geramundo (objeto de tortura utilizado no período da escravidão) e contraponto tinha outra sala que tinha joia, os primeiros ourives do Brasil que são, foram as negras ... os baragandagues, a ourivaria do Brasil começou ali, aí tinha uma sala assim tudo muito bonito, a coroa, durante muito tempo porque eu trabalhei lá cinco anos, aí no último ano que tiraram aquela sala, hoje não tem mais essa sala, de tanto a gente falar (risos) na cabeça aquilo ali não cabe mais.

Figura 21: Catedral São Pedro de Alcântara



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

A parceira Roberta complementa com as suas experiências em relação aos monumentos.

Um exemplo, gente, é o Palácio Amarelo que é do Barão Negro, eu fui saber disso muito recentemente também, dez, cinco anos atrás, então assim não nos era mostrado nada, não tinha trabalho disso, como o Pedro falou quem ainda tava no ... **município ainda tinha História e Geografia de Petrópolis horrível! Né? Totalmente eurocêntrica**, mas assim, ainda tinha uma explicação pra as “coisas” visíveis, eu estudei em escola particular, não tinha nada! **Não tinha informação nenhuma, a única coisa era a família mesmo imperial ali e ponto... e dos alemães no obelisco a única coisa que eu tinha uma noção e não fazia parte**, então o único lugar por exemplo desses pontos assim mais dá coroa eu gostava do jardim do museu, que eu aprendi adolescente que ali não pagava (risos), e ia fazer trabalho ali no jardim, entendeu? No Museu não!

Figura 22: Palácio Amarelo



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 28 de jul. 2021

Dessa forma, Marcela também traz uma contribuição interessante sobre os monumentos e a relação da educação básica.

Os alunos das escolas municipais eles, só têm informação sobre a história e a geografia, muito pouco sobre a Geografia de Petrópolis, uma falinha (fala de curta duração) só dos distritos e pronto, já falou de Geografia, eles só têm essa informação a partir do 6º ano, do 6º ao 9º ano, então do 1º ao 5º nada. E quando se fala dos monumentos falou, virou a página acabou, entende?

Segue a contribuição da parceira Adriana com elementos próximos aos relatos já

transados anteriormente.

A minha experiência na verdade com o Museu Imperial só foi quando eu cheguei no Normal, olha só, ou seja no curso normal eu já estava com 15, 16 anos que aí teve a necessidade devido eu estar fazendo a formação de professores e de conhecer porque a minha história e assim, **de acordo com meus pais, é como se fosse um espaço que não me pertencia então eu não tinha acesso.** Então quando eu estava no curso normal que eu via a necessidade de conhecer até mesmo porque eu ia lecionar, então precisava, mas algo que eu não tive essa vivência na infância... só porque eu já estava com 16, 17 anos... e assim, os monumentos em si era algo que não causava um impacto, não via uma importância, creio eu a questão mesmo de pertencimento, como se fosse algo que tivesse significado pra mim e também a questão, também, **que não tinha um despertar da família em relação àqueles espaços, então é como se não existissem era uma invisibilidade.** O que acontece, né? Eu tenho 50 anos, a Praça da Inconfidência era como algo muito negativo, era essa imagem que tinha, era lugar de prostíbulo, de pessoas que não prestava e a Praça da Liberdade até tinha, mas era muito raro ir, era algo muito raro e quando ia era algo muito esporádico, Parque Cremeri era elitizado, não tinha essa experiência, quando alguém levava que eu tinha essa vivência, então era algo que não fazia parte da minha vivência como criança e assim **eu trabalhando na escola pública eu fui ver que as minhas crianças também não têm essa experiência junto a esses espaços, eu lembro quando eu estava no segundo segmento até mesmo no Batallard (Escola Municipal Batallard) nós levamos as crianças até o Museu (Museu Imperial) porque era algo que eles não conheciam,** eles falavam eu vou à Petrópolis, e eles morando ali tão próximo, era como o espaço do Museu e esses espaços não pertenciam e isso bem recente. Tem a questão do acesso, mas é uma questão mesmo de como se aquele espaço não pertencesse e assim é interessante você não vê nenhum certo interesse nesse sentido, eu vejo mais interesse dos turistas em relação ao espaço do que os nossos, e assim fui trabalhar com Educação de Jovens e Adultos e eles também não tinham acesso e não tinham o despertar do interesse, interessante, **tanto as crianças como os adolescentes e os adultos eles apresentam a questão dessa semelhança, é como aquele espaço não pertencesse, não fizesse parte da vida deles.**

Continuamos com a contribuição da parceira Aline

Então, quando eu era pequena nesses encontros que a minha mãe ia ... políticos, eu lembro muito de ir no Sagrado nos porões do Sagrado ali com os freis, os encontros que a minha mãe participava dessas reuniões do Movimento Negro, até tinha um Frei Macalé, o Leonardo Boff. E eu acho que isso foi assim um dos movimentos que eu tive mais acesso, assim, em contato que eu frequentava mais é a Igreja Sagrado. Eu também ia na Praça da Liberdade, gostava muito de ir ali. Na verdade eu não tenho muitas boas lembranças. Tem uma memória afetiva negativa ali porque eu sempre fui alta, eu tinha dez anos, tava balançando aí o guarda virou falou que era para eu sair que não podia, assim, mais de dez anos, só que eu só tinha tamanho, eu tinha idade apropriada. Então eu acho que por causa disso não gostava muito por causa que eu ficava com receio de ir de ser chamada atenção.

Além disso, nessa parte foi direcionado se nossas parceiras e parceiros se identificavam com os monumentos presentes no centro histórico e a roda caiu na risada. Falaram que a resposta já tinha sido dada sobre a falta de pertencimento que tinham sobre os espaços públicos onde estão circunscritos os monumentos. Dessa forma, o parceiro Cipriano direciona sua fala.

Eu falo por mim né, **hoje que eu tô entendendo que é uma PRETÓPOLIS, mas quando eu tinha lá uns 7 anos, 10 anos de idade, era a cidade de Pedro mesmo e só quem podia circular ali no centro era Pedro e representante de Dom Pedro II,**

porque você tinha lá o Palácio que você não podia entrar, assim porque você tinha que pagar e eu lembro trabalhando lá ... eu trabalhei lá até 2014, no Museu Imperial, trabalhei em vários setores lá dentro, desde a pantufa até a administração lá dentro, **então tinha muita gente que não se sentia petropolitano, tinha muito visitante dos Estados Unidos, Europa, de todo quanto é lugar do mundo, mas petropolitano mesmo não visitava o Museu, porque não se sentia pertencente ao museu, não achava que podia entrar**, sendo que a gente tinha dias gratuitos, as quartas-feiras se não me engano, não sei se ainda é, mas nas quartas-feiras era gratuitos para petropolitanos, mas a gente não sabia porque não era uma informação divulgada, **passa ali e não sente que pode entrar nem nada disso, não faz parte da história e a gente era seguido lá dentro.**

Figura 23: Museu Imperial



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 15 de fev. 2020.

Dessa forma, a fala da parceira Roberta compartilha suas experiências no Museu Imperial:

Pedro, a nossa presença ali incomoda, né? Eu trabalhei alguns anos no PVNC, Pré-vestibular para Negros e Carentes, e aí teve um dia no PVNC não sei por que motivo a gente sempre usava uma sala locada, ou no Santa Catarina (escola) ou lá no Sagrado e aí não podia ter aula naquele dia sei lá, os padres, as freiras iam precisar daquilo pra alguma coisa, aí ficou aquela coisa “pô onde a gente ia dar aula, tinha que ter, era só final de semana que os meninos têm aula” e a gente lembrou do Museu, do pátio, do jardins do museu, aí eu falei : “- Não, vamos pra lá, aula ao ar livre!” Então a gente fez uma roda, gente? (risos) Olha Foi um dia inteiro de luta com os seguranças! “- O que vocês estão fazendo aqui? - É aula!” **E aquele espaço é público e a gente tem o direito, ninguém estava fazendo nada, mas a presença dos corpos negros dos alunos ali estava incomodando, até que no final do dia, assim, a gente ficou o dia**

inteiro se explicando, virava e mexia chegava um segurança, aquela coisa, aquela presença hostil, né? Não é o que se fala é o como se comporta incomodado ali e a gente no canto, atrás entre aquela parte das carruagens, nem atrapalhando a circulação dos turistas a gente tava e eles incomodados com a nossa presença ali.

Assim, diante dessas trocas sobre experiências racistas no Museu Imperial, Marcela também compartilha suas experiências sobre esse monumento:

No mês passado, nós fomos com os nossos alunos lá no Museu (Imperial), não foi pra entrar, foi só na parte externa pra tirar foto pra formatura, gente foi exatamente isso! O rapaz lá da empresa, ele chegou e colocou as bolsas em cima do banco aí veio o segurança e falou: “- **Não pode botar nada em cima do banco porque atrapalha os turistas!**” Aí o cara falou: “- **Não eu só tô esperando o pessoal chegar!**” Enfim, aí ele: “- **Pode fotografar ali!**” Aí a gente falou: “- **Mas moço ali tá interditado, não pode!**” Aí a gente teve que procurar um outro lugar, nós fomos na parte de trás do museu, onde sai ali no Bosque, aí ele tinha colocado as becas, ele só estava separando as becas em cima do hidrante, era coisa rápida, aí passou um outro segurança também e falou: “- **Não pode!**” Eu acho assim, tudo bem a gente não estava atrapalhando os turistas, mas como era um grupo, não era um grupão, mas também não era um, grupinho, era um grupo mais ou menos então a todo momento eles passavam, pontuava o que podia e o que não podia, só que a gente não estava atrapalhando nada, **mas mesmo assim não podia atrapalhar os turistas. Eu não sei se na época que você trabalhava lá, Pedro, ainda era assim, mas tenho duas amigas que trabalham lá no Museu na parte da educação e elas falaram que ... é muito pequeno, é muito baixo o número de escolas, porque tem gratuidade pra escola, mas isso não é tão divulgado, é muito baixo o número de escolas em Petrópolis que visitam o próprio Museu.**

Dessa forma, podemos apreender também no relato de Aline sobre essa questão ao compartilhar suas experiências sobre os monumentos e elementos arquitetônicos do centro histórico da cidade:

Eu confesso que nem pelo Palácio de Cristal eu me sinto representada. Porque a gente sabe, a gente conhece a história, só que o pessoal ... da cultura alemã ali, eles apropriaram daquele palácio, eles falam que aquela ali é deles. Então eu acho que nem pelo Palácio de Cristal eu tenho afinidade, passo sempre ali perto do ... Museu Imperial, Catedral, porque eu trabalho na Ipiranga, **aquelas casas ali da Ipiranga não sinto representada, pelo contrário, me sinto bem oprimida passando por esses lugares que me remetem coisas assim ... que me deixam triste e chateada.**

Eu já me identifico muito mais com a Igreja do Rosário ali atualmente. Que a gente ali vê mais é povão do que outras igrejas em Petrópolis que, por exemplo, a Catedral. A Catedral tem missa ali que você fica com receio, porque ali a gente vê que o povo que frequenta não é o mesmo do Rosário. Então a gente tem meio que essas limitações. Eu acho que ... pra tu vê, a Catedral foi reformada. Ficou linda, só que eu acho que foi assim uma igreja que é pra elite. Claro que a igreja não é construída, ao meu ver, que não tem que ser construída com esse propósito de escolher a classe social, mas eu sinto isso em alguns lugares aqui em Petrópolis, a Catedral é um exemplo de igreja que para mim foi construída para o povo rico frequentar. Eu tenho essa impressão.

Adriana também nos possibilita apreender a dimensão que estamos tratando aqui sobre a repressão dos corpos negros nos espaços públicos:

Assim, não me sentia representada na infância, era indiferente a questão dos

monumentos e hoje com o passar do tempo se torna mais indiferente ainda, pelo contrário, ainda causa certa repulsa assim quando você sabe do histórico de toda essa situação. Antes era indiferente e hoje com a reflexão da questão causa uma certa repulsa.

É aí que está o barato de transar com os nossos e com as nossas: observamos que, além dos monumentos funcionarem enquanto demarcadores culturais eurocêntricos, desconsideram totalmente as contribuições que as culturas negras e indígenas exerceram sobre a formação espacial da cidade. Diante dessas experiências diversas nos espaços públicos em que estão circunscritos os monumentos petropolitanos, notamos como o racismo, racismo estrutural, racismo institucional e agressões operam sobre os corpos subalternizados. Por esse motivo, as pessoas subalternizadas sentem desconforto e dificuldades em estabelecer relação identitária em Petrópolis porque constantemente são reprimidas, física e mentalmente, seja pelas histórias evocadas pelos monumentos da falácia de história única eurocentrada, de homens brancos em sua grande maioria, seja como a cultura negra e indígena são tratadas como plateia de seus protagonismos, ou até mesmo pela opressão causada pelos monumentos na paisagem da cidade coagindo o ir e vir.

Sendo assim, foram instigados outros direcionamentos sobre como os monumentos nos impactam na forma como nós, negros e negras, nos reconhecemos em Petrópolis. Dessa forma, a parceira Roberta compartilha suas experiências:

Eu vejo assim, um impacto negativo no sentido de ... **que a gente não se vê representado, por muito tempo a gente se sulbaterniza aquela situação, você quer se sentir pertencente de alguma maneira.** Hoje eu tenho um olhar muito diferenciado, mas eu vou contar uma história pra você e vocês vão morrer de rir, quando eu fui casar eu queria um casamento ecumênico, sabe? Aquele sonho, negócio de jardim ... em Petrópolis chovendo pra caramba, não tinha estrutura que hoje, hoje você tem um mundo de empresa de casamento, tudo pra rico. Acabou gente que ... vou entalhar a história que a história é enorme, um padre chegou e falou assim: “- Minha filha!”. Que eu cheguei a ver lá perto do Tapera, lá no Vale do Cuiabá, era uma igreja que não tinha símbolo nenhum, não tinha santo, não tinha nada e tinha um pé de jabuticaba, que eu tinha um sonho de casar no pé de uma árvore, gente (risos), o padre só que chegou e eu descobri que a igreja não era de uma diocese, era de uma fazenda, tinha que pagar um absurdo na época, aí nós desistimos e o padre falou: - Minha filha, porque você tá procurando uma igreja tão longe? Aí eu falei, eu não sou católica e tal, mas assim pelo menos as famílias iam agradadas e a gente consegue um jardim e ele: “- Da onde vocês são?” E aí quando a gente foi falar eu era da paróquia do São Sebastião e meu marido gente, ele era da paróquia da Catedral aí o padre virou: “- Por que vocês não casam na Catedral?” Vai pagar uma o preço da taxa ... de quem é da diocese que era um negócio mais barato e a gente ficou olhando assim como assim eu casar na Catedral? **Eu não podia nem imaginar em ter um sonho desses, entendeu?** Gente, nós fomos ver e realmente, eu lembro do valor que foi assim com R\$80,00 reais a gente casava na Catedral (risos). Gente, quando eu cheguei pra minha família e falei: “- Eu acho que dá pra gente casar na Catedral?” Aquilo foi o um negócio: “- Meu Deus!” (risos) A família inteira, gente eu casei na Catedral, vocês acreditam nisso? (risos) **Eu nunca vou esquecer da minha avó (risos) falando do dia do meu casamento, me arrumando e ela chorando: “- Preta, você vai casar**

na Catedral!” Aquilo foi um suprassumo assim, me senti uma rainha (risos). Chamei aluno, foi aluno pra porta, lotamos a Catedral (risos), gente, acredito, sem brincadeira, deve ter ido umas 500 pessoas porque aquilo virou uma comoção na família: “- Minha filha vai casar na Catedral!” (risos). Olha quando eu entregava o meu convite que as pessoas: “- Na Catedral?” (risos) Olha foi todo mundo, não faltou ninguém que as pessoas... **eu descobri que as pessoas também não eram convidadas pra um casamento na Catedral, né? Só alta society, foram alunos ... eu cheguei a chamar mesmo meus alunos: “- Gente vai lá na Catedral!” Alguns foram e não tiveram coragem de entrar e sentar, então eu tenho fotos de gente na porta olhando assim, pra você vê como é marcante essa coisa do monumento, da gente não se pertencer. E quando eu casei que o padre depois teve um momento lá que pediu pra eu e meu marido olhar pra trás: “- Olha igreja lotada!” Lógico (risos), foi um acontecimento (risos), aí a gente ficou impressionado (risos), foi uma revolução, uma preta casando na Catedral! (risos).**

Cipriano complementa ainda em sua fala:

Eu acho porque a gente passa a querer se pertencer na cidade, a querer se ver na cidade enquanto negro, né? A gente fica viajando, gente será que eu sou filho de alemão? Será que eu sou ... Sabe? Olhar no Obelisco ali, o Obelisco é o marco quando a cidade fez cem anos de fundação e ergueram o Obelisco, mas ali não tem nenhum nome de quilombo ali, quilombola ali, não só tem das duzentas famílias que vieram no ... 29 de junho só, dia do colono, naquela faixa do Obelisco, por isso que tá ali algum prefeito desse que quando a cidade fez cem anos colocou Obelisco em homenagem aos cem anos da cidade. **A todo momento a gente olha pra Dom Pedro sentado com as pernas cruzadas na Praça Dom Pedro, um monumento enorme, grande, imenso! E a gente fica “não tem nada a ver comigo, mas não tem nada a ver” e aí você passa achar que você caiu de paraquedas, né, uma cidade estranha (risos), mas só que você nasceu nela. Nasceu nessa cidade! Será que a gente não fez nenhuma história nessa cidade? Depois quando a gente vai no ensino médio, vai entrando na universidade a gente vai começando a questionar essas coisas, quando a gente tá criança, andando pelo centro da cidade, não se vendo porque a gente continua não se vendo, continua não entrando nos lugares porque acha que tem que pagar e precisa de renda, pelo menos eu fico questionando assim ... tá, mas onde que eu entro nisso, aí eu descobri assim que Caxambu é uma palavra africana , eu lembro disso de falar “gente, não é possível, Caxambu então lá que deve ser meu lugar”, quer dizer tambor grande em quimbundo. Aí também a gente fica assim, também, como é que pode Caxambu tá aqui no meio, no meio no centro da cidade de Pedro, eu nunca achei resposta pra isso, hoje eu tenho resposta. Mas, nesse momento de adolescência eu não achei resposta pra isso, mas quando você vai mais pra Itaipava, de Corrêas pra lá, que é onde meu pai nasceu, né, ali no Vale da Boa Esperança, você vê muita comunidade preta, porque tem isso, você anda no centro da cidade tem uns pretos espaçados, pelo menos eu tinha essa sensação, pode ser que ... impressão minha, mas eu tinha essa sensação porque até no centro a gente via pouco, você ia a cidade, vou a Petrópolis, Petrópolis é o centro da cidade, Itaipava não é Petrópolis? (risos) Mas meus tios, meus primos tinha isso, eu morei em Itaipava um tempo, lá em Itaipava tinha muito isso “a gente vai a Petrópolis”, porque assim não pertencia muito a gente, ainda é assim, **os monumentos não te favorece, não falam de você. Na escola você aprende que você foi escravizado, escravo, pelo menos quando eu estudei, acho não tem tanto tempo assim (risos), nos livros didáticos, livros de história, você só tinha aquele recorte negro escravo.** Então pelo que eu li, você não queria se identificar e eu lembro de perguntar a professora de história, eu nem lembro o nome dela, ela era uma professora até simpática e eu perguntei pra ela: “ Professora não tem nenhum livro que fala da história do negro? – Ah, tem *Casa Grande e Senzala*.” Cara eu era da 5º série e eu fui na biblioteca peguei aquele carma e procurei *Casa Grande e Senzala* dei uma foleada e falei assim não... larguei pra lá, depois eu voltei no *Casa Grande e Senzala* e aí eu pensei assim que bom que eu larguei pra lá (risos) não me serviu ontem também não me serve hoje. **Aí você vai e olha pra cidade e a cidade é uma cidade das hortênsias, cidade de Pedro, cidade do russo, mas não tem nada de preto aqui, aí tem o pórtico, tem****

uma festa alemã e ... a festa afro é uma festa recente, né? Que ela tem aí vamos botar dez anos, ela completou esse ano dez anos de festa afro, quer dizer é muito pouco pra uma cidade que tem mais de cem anos.

Dessa forma, Adriana aprofunda as reflexões e traz uma análise próxima em relação à contribuição do parceiro Cipriano:

O impacto é grande porque você não tem uma representatividade, em relação até ao Palácio Amarelo ... eu sempre indago essa questão porque não é levantado a questão do Palácio Amarelo que pertencia a um Barão Negro, porque é um espaço onde leva a criança pra conhecer, porque parece que Petrópolis não é uma cidade preta, porque você não tem esses símbolos para representar os monumentos, e aí dentro essa pergunta que fiz com um rapaz de visita do Museu ele é o único que levanta essa questão, tem 4 estudantes que faz aula a passeio e ele é o único que levanta essa questão, então assim ali é um espaço de visita de escolas e onde você poderia ter essa representatividade desse espaço e não é voltado, então aí você vê como é forte essa questão dos monumentos, nem um retrato do Barão tem naquele espaço, pra pessoa falar sobre a história... ah, ele tinha questão de escravizados!? Tinha, mas era a modalidade da época, existia na época como trabalho, mas nem isso é contado. Se você for ver a própria placa que tem ali, a Igreja do Rosário não traz nada em relação que é a igreja dos pretos, não tem, você lê a placa não tem, até retiraram a placa, agora que colocaram a imagem de São Benedito dentro da igreja porque não tinha esse símbolo da questão de um santo preto. Agora a Praça da Liberdade que tem a pintura que fizeram agora que botaram a Mariele, que botaram a questão da representatividade negra, mas até então era um apagamento, tanto que é chamada de Praça Rui Barbosa e ponto né, **quase não se falava a questão da Praça da Liberdade o que acontecia e ainda não contam, quando tem o passeio a cavalos ali você não escuta contar essa história da população preta, você escuta contar uma história da população do império, não da questão da história do povo preto.**

Aline também completa sobre suas experiências:

Eu acho que os monumentos aqui eles nos oprimem assim só de você olhar você vê que ... eu não me sinto ... como é que eu vou dizer ... assim não me pertence na minha história, assim, não me vejo, não me identifico com esses monumentos da nossa cidade, porque esses monumentos não têm nada a ver com a nossa cultura, nosso jeito de viver, da nossa ancestralidade. São monumentos dos colonizadores que nos oprimiram, não é nossos ancestrais. Eu estudei pra esse concurso aí de Petrópolis e eles pediram pra estudar sobre esses monumentos, aí a gente vê que esses monumentos eles são todos, a maioria ali, pertencente as culturas europeias. Não tem nada de identificação com a nossa, não consigo identificar porque ali eu consigo ver tipo moradias de colonizadores. Assim, não consigo me identificar com o Palácio Amarelo, eu vejo que mesmo ele sendo antes do Barão de Guaraciaba negro, que ele que era um dono daquilo ali, mas mesmo assim eu não consigo ver que aquilo pertence às minhas origens. **E também pela contemporaneidade, o que tem ali dentro hoje em dia eu acho que devido a isso, por isso que eu não consigo me identificar, assim fazer essa ligação com o passado.** Eu vejo hoje, agora funciona a Câmara dos Vereadores, eu acho devido a isso eu não consigo fazer essa identificação com a minha pessoa. Na Praça da Liberdade temos Zumbi dos Palmares, você acredita que, poxa, eu sei que aquela estátua foi inaugurada há um tempão, sempre passei e nunca vi aquela estátua, nunca sabia onde estava aquela estátua porque ela não tá, Zumbi parece que tá escondido ali, para você ver eles fizeram Zumbi pequeno e num ponto que eu acho que as pessoas passam e muitos não conseguem enxergar. Lá no Rio a estátua do Zumbi enorme ali no Centro, não tem nem como passar e não enxergar aquilo, **agora em Petrópolis, tu vê o Zumbi bem pequeno e se tu não prestar atenção não enxerga onde ele tá. É igual eu falei realmente sobre a praça da Liberdade, assim eu sei que ela tem uma historicidade negra ali, só que eu não consigo me ver representada por essa praça também.** Entendeu, Petrópolis, eu acho que de um modo geral, eu me sinto perdida aqui nessa cidade. Não me sinto em

casa, apesar de ter nascido aqui, eu não me sinto bem, não só pelos monumento também, pelas pessoas eu acho que são pessoas assim muito preconceituosas. Tem uma cabecinha meio, sabe! Quadrada? Isso me deixa bem chateada de viver aqui, por isso que às vezes eu penso em mudar, claro que isso tem em todos os lugares, mas eu acho que aqui ... quando eu vou ao Rio eu me sinto melhor do que aqui.

Portanto, ao instigar a roda sobre a disciplina de HGTP, a parceira Adriana completa sobre esse entendimento ao trazer a última fala da reflexão sobre a forma como as culturas negra e indígena são tratadas nos manuais escolares:

Na verdade, ali trata da questão dos povos originários como eram selvagens, feios, era um povo de cabeça grande e selvagens e a população preta em Petrópolis falavam que eram, roubavam linguiça na casa dos alemães, essa é a forma pejorativa que esse material didático tratava Petrópolis em relação aos povos originários e a população preta. E agora foi abolido das escolas, estão pensando em reestruturar esse material porque começou a ter tanta críticas em relação a esse material que era passado para os alunos eles retiram, porém nos anais da Prefeitura, como teve o concurso agora, ainda tá esse material lá e é o material que alguns profissionais utilizaram pra dar capacitação pro concurso, então para tirar tem que tirar por completo, não só das salas de aula, até lá dos anais que tem lá no portal da prefeitura. Até eu questionei muito isso porque eu fiz um preparatório em Magé, então assim uma outra realidade, mas o material que ele tinha como apoio era esse material de pesquisa e ele estava falando a origem dos lugares, ah esse aqui é alemão! **E eu falei Quitandinha vem de quitanda, vem quimbundo, iorubá, povo preto e o professor ficou todo espantado olhando pra mim e assim acho que até ele ficou espantado porque ele estava dando curso de formação pra concurso da história de Petrópolis e acho que nem ele sabia na verdade que Petrópolis teve colono preto ...** e aí ele ficou me olhando, a turma ficou me olhando como se eu tivesse falando uma grande aberração né, porque assim a questão da população branca, dos imigrantes europeus é muito forte e isso é passado para os turistas, é passado ainda nos bancos escolares, apesar de terem tirado o material ainda é muito presente essa história.

Percebemos, diante das falas, outro detalhe importante que merece destaque. Conforme reflexão direcionada por França e Malta (2021), em conjunto com as falas dos parceiros e parceiras, possibilita-nos compreender que todos os monumentos presentes em espaços públicos que envolvem a cultura negra petropolitana, sendo as indígenas inexistentes até a conclusão do presente estudo, são sempre tratadas com menor importância, tendo a sua preservação material e imaterial com pouca valorização. Esse é o caso da Praça da Inconfidência, Igreja do Rosário (dos Homens Pretos) e o Mercado de Abastecimento Popular. Além disso, ao longo do tempo, muitas descaracterizações arquitetônicas foram feitas sobre esses monumentos em que também é possível constatar que a informação divulgada para a população local e turistas gira sempre em torno de protagonistas brancos, que assumem a centralidade da narrativa. É o caso novamente da Igreja do Rosário (dos Homens Pretos), Praça da Liberdade, Palácio Amarelo e do bairro do Quitandinha (FRANÇA; MALTA, 2021). Isso se potencializa ainda mais onde o poder público local em todas as suas esferas faz questão de

reforçar a imagem colonizadora eurocêntrica da “Petrópolis, cidade imperial ou dos colonos alemães”.

Observamos, assim, a responsabilidade direta do poder público local, executivo, legislativo e judiciário sobre a construção de uma cultura racista, que incide sobre a cidade de Petrópolis; percebem muitas vezes, mas fazem vistas grossas. Isso se reflete sobre como as identidades locais são influenciadas sobre uma base colonizadora eurocêntrica racista que nega a produção cultural material e imaterial da cidade por meio das múltiplas culturas. Sobre a realidade da América Latina, negar esse protagonismo é concordar e compactuar com a continuação de um pensamento colonialista, que incita violência contra grupos culturais diferentes do padrão europeu-branco.

Dessa forma, para mostrar a potência em que Petrópolis é produzida sobre múltiplas contribuições culturais, a reflexão coletiva que segue faz um resgate e mapeamento de referências culturais simbólicas indígenas e negras sobre a produção cultural material e imaterial da cidade, reforçando apontamento de estudos de Dias (2016), Aquino (2018), Cipriano (2021) e sobre o trabalho que se desenvolve no Conselho Municipal de Cultura no segmento de Cultura Africana e Afro-brasileira e sobre o Museu da Memória Negra de Petrópolis.

1.4 – MONUMENTOS BRANCOS, PAISAGENS NEGRAS

Em vários relatos das nossas parceiras e parceiros, diversas referências culturais negras foram direcionadas durante suas falas. Embora o discurso da cultura hegemônica emerge sobre a cidade na tentativa de nos embranquecer, nossas ancestralidades deixaram circunscritos nos espaços símbolos que nos possibilitam, no tempo presente, olhar para o passado e perceber o quantos referenciais indígenas e negros estão presentes; infelizmente, a primeira de forma menos incisiva devido ao genocídio provocado sobre a cultura originária local. Desse modo, sobre as referências culturais negras é o que vamos tratar aqui como afroinscrições (AQUINO, 2018).

Para a Professora Renata Aquino (2018, p.33) em sua tese intitulada “**Afroinscrições em Petrópolis: memórias, identidades e territorialidades**” as afroinscrições, como a própria pesquisadora nos direciona, podem ser entendidas como “conceito que elaborei a fim de nominalizar as marcas de contribuições de africanos e afrodescendentes de ordem intelectual,

técnica, científica, religiosa, de intervenção urbana, de alteração da flora, de modos de produção em contextos embranquecidos”.

Dessa forma, ficou nítida essa rica contribuição que a cultura negra possibilitou no passado sobre a produção espacial urbana de Petrópolis nas falas trocadas durante os encontros das rodas de conversas. Embora Petrópolis possua em seu cenário monumentos brancos, suas paisagens são negras pela vasta contribuição da população preta. E isso é o que vamos destacar aqui por meio desse mapeamento participativo de gira com a contribuição dessa parceria.

Assim, Rejane abre as falas sobre como a contribuição de nossas ancestralidades negras possibilitaram sobre o urbano petropolitano:

Eu pensei da seguinte forma, contribuí no intuito da mão de obra. Isso não fica registrado pra gente porque conforme eu tinha falado antes, o que é visto dentro da cidade de Petrópolis? É tudo muito ... de forma europeia entendeu, não se fala de como aquilo foi feito, de quem fez e a gente sabe que foram feitos na época para a nobreza. Porque não houve muita mudança, o progresso, vamos assim dizer, aqui em Petrópolis, não teve muita mudança. Então a gente vive muito do que aconteceu aqui antes, vamos atrás mais ou menos. Então eu acho que eles contribuíram, a ancestralidade então contribuiu nessa parte, entendeu, da mão de obra. Agora memórias que eu tenho de alguma forma para mim não tem nada, não tem um monumento não tem: “Ah que viveu fulano de tal”. Né? **Como, vamos supor se ... igual eu falei na reunião passada do ... quilombo. Se tivesse um lugar público aqui era um quilombo que aconteceu isso, aconteceu aquilo, e tivesse um que fosse uma pintura uma estátua ou qualquer coisa para a gente poder: “poxa, isso aqui faz sentido para mim! Porque talvez o meu avô veio daqui”. Alguma coisa, mas a gente não tem, eu pelo menos eu não tive essa informação não tive nada disso até hoje.**

Diante dessa contribuição da parceira, percebemos a dificuldade de compreender referências culturais múltiplas sobre a produção espacial da cidade. Não pela sua ausência, mas pela falta de informação, descaracterização, estudos e mediação sobre outros referenciais culturais fora da centralidade eurocentrada.

Logo na sequência a parceira Marcela se pronuncia.

Eu acredito que essa questão da ancestralidade, né? Realmente o que me vem a memória é a questão mesmo da Praça da Liberdade, porque há um tempo atrás se eu não me engano, ela era até chamada de Praça Rui Barbosa, mas ninguém conhecia como o Praça Rui Barbosa, todo mundo falava de Praça da Liberdade, Praça da Liberdade, eu acho, não tenho certeza, que realmente foi nomeada como Praça da Liberdade e ali na parte externa, da praça naquela parte que vai dar de frente para o restaurante, tem até uma pintura ali de Zumbi de Palmares. Então isso também contribuiu, mas uma certa forma faz uma menção, de que ali naquele espaço, de uma certa forma havia, né? Tinha alguns ... o povo africano, de uma certa forma estava presente ali em busca da sua alforria. Concordo também com a Rejane, quando ela fala que acredita que a ancestralidade, ela se deu por parte da mão de obra, porque sem mão de obra escrava nada era feito. Apesar de que, existem relatos também de que a Princesa Isabel ali na frente da casa da Princesa Isabel, eles cultivavam Camélias

que eram símbolos da Liberdade, dos abolicionistas naquela época, que uma certa forma entre aspas eles não, como dizer que não é que não concordava, mas de uma certa forma também buscava ... não sei se o termo certo é buscar tá, mas de uma certa forma, incentivava talvez eu não sei, proporcionava de uma certa maneira a alforria de alguns escravos, então é isso que me vem ... quando fala de ancestralidade, é isso que eu lembro. Até por conta do que eu estudei alguns anos atrás sobre a história de Petrópolis. **Nós sabemos agora que é divulgado, até descobrimos, por conta do nosso primeiro encontro a questão do Quilombo da Tapera, de uma certa forma também ali existem as histórias dos antepassados que ainda não é divulgado. Não é divulgado como deveria, mas não é no Centro, né? Mas de uma certa forma existe uma história que a gente tem que divulgar isso daí e botar para frente, compartilhar mesmo, porque assim como nós muitos não sabe dessa existência.**

Sobre a contribuição da parceira, foi mencionado sobre o grafite de Zumbi dos Palmares com autoria do artista grafiteiro Doug Graff feito para o dia da Consciência Negra de 20 de Novembro de 2015, na casa que abriga o CIT dentro da Praça da Liberdade, que atualmente funciona como monitoramento da CPTRANS. Além disso, em 2016 foram ampliados os painéis, também, por Doug Graff trazendo as representações de Tereza de Benguela, Dandara e a imagem de um rosto de uma pessoa negra representando nossas negritudes.

Ressalto que a festa que celebra o Dia da Consciência Negra em Petrópolis se chama **Festa Afro-brasileira Umbunto**, que acontece em 20 de Novembro que é organizada pelo Conselho Municipal de Cultura de Petrópolis sobre o planejamento do segmento de Cultura Africana e Afro-brasileira. Em 2022 aconteceu a 11ª edição da festa Umbunto, em que os painéis mencionados foram restaurados pelo mesmo artista e novos foram criados por meio da direção do grafiteiro Airá, o Crespo, envolvendo o trabalho coletivo de Foks, Karlin, Kelf, Krast, Lok, Smek e Sunk, trazendo novas representações simbólicas de lideranças negras nacionais e a primeira representação simbólica negra local petropolitana.

Então, atualmente sobre a vista lateral sul da casa do CIT, podemos apreender a vista do painel de Zumbi dos Palmares ao lado das novas representações das nossas ancestralidades, como Lélia Gonzalez, feminista negra, intelectual, antropóloga, filósofa, escritora, professora universitária, fundadora do Movimento Negro Unificado no Brasil; Abdias Nascimento, poeta, ator, professor universitário, político, ativista dos direitos civis e humanos das populações negras e também fundadores do Movimento Negro Unificado no Brasil; Marielle Franco, socióloga, feminista negra, ativista e política brasileira assassinada junto com seu motorista, Anderson Silva, na cidade do Rio de Janeiro em 2018 (Quem mandou matar Marielle Franco e Anderson Silva?); Milton Gonçalves, artista e ativista anti-racista (Figura 24).

Figura 24: Vista do Mural na lateral sul do CIT na Praça da Liberdade



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

Sobre a vista do mural na parede lateral leste, contemplamos os grafites de Tereza de Benguela, Dandara e Negritudes (Figura 25).

Figura 25: Vista do Mural na lateral oeste do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

Na parede oeste, observamos representações culturais que remetem à capoeira que, na cidade, diversos grupos de capoeiristas utilizam os espaços da praça para reproduzir essa prática cultural ancestral, e sobre a benzedeira petropolitana Dona Damiana.

Figura 26: Vista do Mural na lateral leste do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

E sobre a lateral norte (frente), observamos grafites que nos remetem a elementos da cultura africana e afro-brasileira (figura 27).

Figura 27: Vista do Mural na lateral norte do CIT na Praça da Liberdade em Petrópolis



Fonte. Arquivo pessoal da pesquisa. 26 de jan. 2022.

Seguimos na gira com a fala do parceiro Cipriano:

De memória ancestral que eu tenho são os terreiros de Umbanda e Candomblé que existe em Petrópolis. Principalmente terreiro de umbanda que eu faço parte. Então, quando diga memória ancestral eu me remeto logo a terreiro de Umbanda. Mas, agora, como eu já falei, que a gente agora que tá tendo um pouco de noção de quanto que a cidade é preta, né? Então a gente tem um quilombo da Vargem Grande por exemplo, que é ali no Fazenda Inglesa que tá sabendo que ele existe agora, com a tese da Professora Renata Aquino, até o próprio Quilombo da Tapera, que é uma memória ancestral da cidade é algo que ... é muito recente, que a gente tá tendo noção do Quilombo da Tapera tá aí, é uma ancestralidade viva, é ... pulsante agora com a gente contemporaneamente. Mas, agora pra mim se você me perguntar dessa questão da ancestralidade eu me remeto aos terreiros de Umbanda e Candomblé que tem bastante.

Diante das falas do parceiro Cipriano, percebemos um repertório rico de referências culturais negras sobre as religiosidades de matrizes africanas ao mencionar os terreiros de Umbanda e Candomblé em Petrópolis. Também se percebe, diante da fala, a menção da contribuição dos quilombos que antecedem a própria fundação da cidade conforme nos orientam os estudos de Dias (2016) sobre o Quilombo da Tapera e Aquino (2018) ao abordar as afroinscrições em Petrópolis acerca do resgate da memória negra do Quilombo da Vargem Grande (Figura 28). Atualmente o Quilombo da Tapera é o único que perdurou desde o período colonial e que está preservado em pleno presente (Figura 29).

Figura 28: Margem esquerda e direita do rio que foi local do quilombo da Vargem Grande em Petrópolis



Fonte: Aquino, Renata (2018).

Figura 29: Quilombo da Tapera no Vale do Cuiabá em Petrópolis



Fonte: Quilombo da Tapera. @quilombodatapera.

Dessa forma, a fala da parceira Adriana nos possibilita uma profunda reflexão sobre a contribuição das referências culturais negras em Petrópolis, no que tange às questões materiais e imateriais. Assim, a parceira nos instiga sobre sua fala.

Se for pela questão de um olhar colonizado, a gente vai falar que não. Mas se você olhar pela questão de projetos de pesquisas que há da cidade você sabe que sim. Não só a parte da uma questão tecnológica, de tecnologia, a questão do ferro a questão mesmo da parte medicinal. A gente sabe dessa questão da tecnologia, da questão medicinal, quando eu falo da questão dos colonos alemães que cuidava, tinha a questão do trabalho medicinal a gente sabe que isso tudo tem a ver com a cultura preta, quando fala lá na questão da Mosela que tinha uma senhora que rezava as pessoas que tinham problemas de bronquite, na época eu não tinha esse conhecimento dessa literatura e hoje você vê, imagina você rodar em volta de uma fogueira com sal grosso na mão e falava algumas palavras e jogava uma fogueira isso, era uma colona alemã que tinha na Mosela, ela que fazia essa questão da cura. **Ou seja, isso é um simbolismo afro e na verdade foi apropriação cultural da população preta.** E se formos ver a questão daquela área da Mosela ali do Pedras Brancas, era uma área também de Quilombo, toda aquela parte. Então na verdade foi apropriação cultural, se formos a questão lá da Casa do Padre Correia a questão do ferro, a gente sabe da tecnologia do ferro da população preta que aí fala da questão das ferraduras, mas existe uma questão do apagamento que era todo uma tecnologia da população preta, então o que existe na verdade é uma apropriação de conhecimento, e aí quando você pega o material didático da rede municipal (educação) você não vê a questão de quem era essa ... tecnologia essa ... cultura, na verdade fala da colonização alemã que na verdade é da população preta, dos Colonos Pretos. Então o que falta, até nos meus projetos de pesquisa que eu falo da questão letramento afro, é essa importância o letramento afro há para nossas crianças nas nossas escolas públicas e também o letramento afro para o professor, pra ele entender que dá importância desse conhecimento afro que não é passado, que existe um apagamento na nossa cidade em relação a isso, né, uma verdade uma apropriação cultural.

Percebemos, diante da fala da parceira, a importância de entendermos de onde vêm as tecnologias negras e como elas contribuíram ao trazer alterações espaciais, que nos possibilitam compreender como a cultura negra foi e é importante para a produção sociocultural e socioespacial da cidade. Esse pensamento vai ao encontro do estudo de Aquino (2018), que nos possibilita apreender justamente a importância das afroinscrições. A parceira provoca ainda sobre a importância de uma formação continuada na educação básica acerca do letramento afro para professores e crianças da educação básica, como movimento de trazer a devida valorização da cultura negra sobre a produção da cidade e, conseqüentemente, no impacto que essa ação traz sobre as construções identitárias das crianças negras.

Assim, seguimos nossa gira trazendo as contribuições da fala da nossa parceira Roberta sobre o seu entendimento:

Eu acredito que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento de Petrópolis, urbano, não só acredito como penso que a partir da tese da pesquisadora e doutora Renata Aquino a gente consegue dizer com clareza que sim, indubitavelmente a negritude brasileira no século XVIII e XVIII já estava aqui ... na espacialidade que hoje a gente vem chamar de Petrópolis e de **acordo com as pesquisas que a Renata fez a gente acredita que até o plano urbanístico da nossa cidade já tenha sido de alguma maneira desenhada pelos cinco quilombos que aqui existiam, então sim, com certeza eu acredito que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento urbano de Petrópolis e mais do que isso, provavelmente ela foi a base precursora de tudo isso.** Agora triste é perceber que os monumentos da nossa cidade não fazem referência a isso, não mostram de maneira ... objetiva e ao mesmo tempo dignificante, nada disso, inclusive os únicos monumentos que a gente tem na cidade em referência à cultura negra e que eu fico aqui pensando que seria o Busto do Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade e com toda reverência que a gente faz a Zumbi, toda gratidão, né a ... luta dele em Palmares que reverbera como um **símbolo de luta negra no mundo inteiro, mas não dá voz aos líderes que existiram aqui em Petrópolis, Dona Sebastiana do Quilombo da Tapera, Pai José da Vargem Grande, então assim a gente não tem aqui nenhum monumento que enalteça e que homenageia de alguma maneira a negritude ancestral e nem presente, atual, que a gente possa mudar isso pro futuro** e ... talvez a mais recente tentativa que a gente espera se consolidar fisicamente que é um Museu Virtual da Memória Negra que vem tentando levantar essas memórias e ... trazer uma base pra que a gente possa comemorar essas memórias mais existentes não temos. **E como nunca nós tivemos monumentos na cidade que enaltecesse isso, foi muito difícil pra mim pessoalmente e penso que pra toda a negritude de Petrópolis entender essa cidade como nossa, entender esse espaço urbano como ... uma base de construção nossa, então eu sempre me senti aqui meio que como não lugar.** Mas, com as pesquisas recentes e aí eu cito novamente porque foi um marco de divisor de águas na minha vida ter acesso a pesquisa da Renata Aquino e mais recentemente a proximidade com ela me mostram assim, é como se tivesse tirado um véu dos meus olhos pra gente **começar a enxergar na paisagem o que a Renata chama de Afroinscrições, essas marcas da negritude na paisagem de Petrópolis, então saber que por exemplo o telhado do Museu Imperial é de adobe e que é uma tecnologia de telhado africana, saber que toda esse ... tradição que a gente tem de deixar os rios a frente e construir ao redor também vem de uma urbanística africana e não “convencionado por Koeler que é o plano urbanístico dele” então é lógico que a gente não consegue afirmar, mas é uma tese que se levanta. Será que realmente ele teve essa ideia? Ou será que ele copiou? Porque em África, em cidades africanas isso tudo aponta que eram traçadas assim, então mais um apagamento, mais uma**

pilhagem aí na nossa história. Depois a gente começa a observar a praça, o nome da praça, Praça da Liberdade porque desse nome, talvez tenha sido o único monumento em Petrópolis feito pra homenagear a cultura negra, mas que é de uma coisa disfarçada, porque a Praça da Liberdade, a liberdade de que quem teria dado era a Princesa Isabel então assim, é tudo muito confuso, mas que a gente vê menções aí contradizendo a própria história oficial que dizia que aqui não tinham escravos, né? Então se aqui não tinham escravos por que a concessão de liberdade e cartas de alforrias ali? Então totalmente contraditórios.

Sobre as contribuições das falas da parceira Roberta, ela nos traz valiosos apontamentos a serem destacados. O primeiro ponto que ela transa é sobre o monumento do busto do Zumbi dos Palmares presente na Praça da Liberdade (Figura 30). A crítica que nos atravessa é que, embora Petrópolis tenha inúmeras contribuições da cultura negra sobre a produção espacial da cidade, quase nenhum nome de forma objetiva nos é apresentado para celebrar nossas ancestralidades locais. Dessa forma, celebramos outras figuras simbólicas importantes da cultura negra no cenário nacional, mas a sensação que ainda temos é que a nossa cultura petropolitana ainda oculta nossas negritudes ancestrais. E é nessa ausência da nossa história indígena e negra, colocada de forma intencional pela branquitude, que percebemos que os monumentos enaltecendores da cultura eurocêntrica nos invadem com força.

Figura 30: Busto Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade



Assim, ela nos apresenta nomes de grandes lideranças negras em Petrópolis que podem ser pensadas em se criar referências monumentais importantes para o resgate da cultura negra local, como o de Dona Sebastiana Augusta Corrêa da Silva, uma das fundadoras do Quilombo da Tapera, Pai José (Figura 31), onde complemento também o nome de Dona Teresa (Figura 32), ancestrais que fundaram o Quilombo da Vargem Grande (AQUINO, 2018). Dessa forma, teríamos na Praça da Liberdade monumentos que nos possibilitariam celebrar nossas ancestralidades locais e, mais do que isso, ressignificar esse espaço público que, ao longo do tempo, sempre foi lugar de relação com a cultura negra e que contraditoriamente hoje possui mais elementos simbólicos da cultura branca.

Figura 31: Pai José Ancestral do Quilombo da Vargem Grande Petrópolis



Fonte: Cipriano. Pai José. Técnica mista desenho sobre papel paraná. 103x87. 2021.

Figura 32: Dona Teresa Ancestral do Quilombo da Vargem Grande Petrópolis



Fonte: Cipriano. Dona Teresa. Técnica mista desenho sobre papel paraná. 103x87cm. 2021.

A contribuição das falas da parceira também está atravessada pelo estudo da Professora Renata Aquino (2018), que é uma grande lança direcionadora para apreendemos o papel fundamental que as negritudes assumiram sobre a formação espacial da cidade de Petrópolis. Nos orienta também a pensar como as culturas indígenas e negra assumiram um protagonismo sobre a produção espacial do que hoje conhecemos sobre a cidade de Petrópolis antes da consolidação urbana na segunda metade do século 18 e depois sobre o papel que exerceram sobre a urbanização. O que isso significa? Significa que, antes de pensar o papel que a colonização eurocentrada assumiu sobre a cidade, precisamos apreender uma evolução espacial pelas múltiplas culturas subalternizadas que continuam com suas histórias (in)visibilizadas. Por isso a importância do Museu da Memória Negra em Petrópolis, citado pela parceira que possui idealização colaborativa de Felipe Graciano, Karol Cerqueira, Pedro Ivo Cipriano e Lucas Ventura que, atualmente, se encontra apenas em ambiente virtual; contudo, a sua edificação material é uma reparação histórica urgente e imprescindível (Figura 33).

Figura 33: Site do Museu da Memória Negra em Petrópolis



Fonte: Museu da Memória Negra de Petrópolis. Disponível em: <
<https://museudamemorianegradepetropolis.com/>> Acesso em 01 de mar. de 2023.

Sendo assim, nossa parceira Aline contribui com sua fala reforçando a importância da cultura indígena e sobre o estudo da Professora Renata Aquino sobre a realidade petropolitana.

Eu acho que **a contribuição negra na nossa cidade como dos Índios Coroados foram super importantes e existiu e que eles escondem isso, a gente precisa conhecer mais a contribuição dos povos negros, dos índios**, tu vê a Renata Aquino mesmo com a tese dela que é maravilhosa, os Índios Coroados eles que foram os precursores do Caminho Novo que aí vieram o Bernardo Proença, eles depois apropriaram falaram que foram eles que construíram que criaram e não. **Claro que tem mão indígena, mão dos negros aí. Até nessas construções aí que a gente ... de Museu, do Palácio de Cristal e muitas outras coisas.**

Assim, a parceira Rejane contribui com apontamentos importantes sobre bens materiais e imateriais da cultura negra:

Eu acredito que aí a gente vai falar da Praça da Liberdade de novo e ali, hoje em dia, do lado da Igreja do Rosário que tem o Mercado Popular que o povo se encontra ali os finais de semana, mais aos finais de semana, ele fica aberto a semana inteira. E é uma população negra maior porque eles acham que aquilo ali é o espaço permitido a eles, não sei se é assim se eu posso pensar dessa maneira, mas se concentram mais ali **e aquilo é um espaço cultural, muitos não percebem isso, mas ele é um espaço cultural, então eu acredito que aquele canto do Mercado Popular junto com a Praça da Inconfidência e a Igreja do Rosário me remete a esse espaço cultural do povo negro.** Na verdade, é de todo mundo, mas assim a maioria são de negros mesmo. Então, o pessoal fica à vontade ali sem problema nenhum. Tem música, os cortes afros, tem cabeleireiro ali dentro, tem barbeiro, tem rodinha de samba, então é muito legal. Fora o espaço, que tem agora também ali na praça da Liberdade ao lado daquela casa que era o bar do Rui Barbosa. Porque eles colocam palco ali e o pessoal faz encontros de dança de hip hop ... funk, os jovens se encontram mais para esse tipo de coreografia, então ali também é um lugar bem ... que remete muito essa cultura afro.

Sobre a fala da parceira Rejane, percebemos que existe uma retomada sobre a Praça da Liberdade e os monumentos da Igreja do Rosário dos Homens Pretos em conjunto com a Praça da Inconfidência e o Mercado de Abastecimento Popular são relacionados sobre a cultura negra. Indo além, estão relacionados sobre a reprodução social coletiva negra onde acontecem diversas manifestações culturais desses grupos culturais (Figuras 34 e 35).

Ressaltamos também a descaracterização do nome da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, que hoje possui apenas o nome de Igreja do Rosário, retirando as referências do nome que são associadas diretamente sobre a cultura negra. Além disso, é possível averiguar que a história que se desdobra sobre esse monumento, ao analisar as placas autoguiadas do circuito do centro histórico, está centrada sobre uma figura branca de Monsenhor Gentil, homem branco, em que termos pejorativos são associados sobre a cultura negra conforme estudos de Freitas e Malta (2021) nos direcionam. Também cabe ressaltar o descaso do poder público sobre o espaço do conjunto arquitetônico da Praça da Inconfidência, Igreja do Rosário e Mercado de Abastecimento Popular, monumentos e espaço público que estão um do lado do outro, onde já foi mencionado sobre as experiências das nossas parceiras e parceiros.

Figura 34: Igreja do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 28 de jul. 2021.

Figura 35: Mercado Popular Municipal



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan.2023.

Seguimos na gira com a fala do parceiro Cipriano.

Uma das coisas que me remete à memória negra em Petrópolis, eu concordo com a Rejane e com a Adriana, acho que muito informação indébita nos conhecimentos aqui de Petrópolis no que tange à negritude, o negro, a presença do negro de Petrópolis, **mas Praça da Liberdade como a Rejane levantou e a gente falou muitas vezes aqui, acho que é um ícone. E agora a Praça da Inconfidência, usar ali também, uma ideia muito forte na presença negra de Petrópolis e a gente sabe ... dos portões, mesma coisa como eu digo assim o cada tempo que a gente vai te dando um pouco de Petrópolis vendo Petrópolis preta**, mas a gente tem a presença dos adinkras nos portões da avenida Koeler que é essa escrita da ... civilização Akan, quer dizer que volta ao passado pra pegar o que interessa no passado e ressignificar o presente, pra projetar uma futuridade tem a ver com ancestralidade também e tá ali, em Petrópolis em muitos portões, mas eu acho emblemático na avenida Koeler, mas eu tenho no meu portão de casa tem, na Mosela muitas casas tem também, então isso é um dado de uma tecnologia preta que tá aqui em Petrópolis e que a gente tem que evidenciar, mas a Praça da Liberdade e a praça da Inconfidência, ali a Igreja do Rosário são monumentos importantes, eu acho.

Percebemos que a fala do parceiro Cipriano vai ao encontro das contribuições anteriores ao reforçar a Praça da Liberdade e Praça da Inconfidência como símbolos da cultura negra em Petrópolis. Amplia também o repertório de tecnologias deixadas pela nossa ancestralidade ao mencionar sobre os adinkras. Para Eliza Larkin Nascimento (2008, p.31), os adinkras podem ser entendidos como “conjunto de símbolos gráficos de origem akan chamado adikra. Cada ideograma, ou adinkra, tem um significado complexo, representado por ditames ou fábulas que expressão conceitos filosóficos”. Advinda do povo Akan, atual país africano de Gana, constitui representação cultural e de comunicação dessa civilização onde dominavam também a tecnologia da forja do ferro e do aço (NASCIMENTO, E., 2008), na qual suas afroinscrições podem ser apreendidas pelas contribuições do parceiro Cipriano ao mencioná-las sobre vários portões presentes na avenida Koeler e nos bairros em petropolitanos (Figura 36).

Sobre a contribuição da fala do parceiro Cipriano, a parceira Adriana complementa trazendo mais uma referência sobre a cultura negra petropolitana.

É importante também lembrar, né, Pedro? A questão do Quitandinha, se você for ver a questão do Qui-tan-di-nha que é kimbundu e tem todo uma história que na verdade as pessoas ... eu até comentei com o nosso grupo lá que estava estudando que o professor tava dando sobre a questão dos monumentos e só falava em alemão e quando ele chegou no Quitandinha ele falou: “Mas qual a origem de Quitandinha?” Aí eu falei de kimbundu, yorubá. E aí ele ficou olhando pra mim. **Eu falei tem a ver com a população preta, com as mulheres da época que vendiam os seus produtos ali, então vem de kimbundu e aí ele ficou com aquela cara assim, né? Porque assim quando fala em quitandinha você imagina em tudo menos a questão que a origem tem a ver com a questão do kimbundu iorubá, né? Das mulheres que vendiam, então assim o próprio quitandinha que tá na porta de entrada da nossa cidade, tem uma marca preta, até mesmo pelo seu nome. Só que antes do cassino tinha uma história.**

Figura 36: Símbolos adinkras nos portões dos casarões da Avenida Koeler



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023

Essa fala da parceira nos traz a dimensão importante sobre a origem do nome Quitandinha, sendo muito utilizado no cotidiano da cidade seja pela especificação de localização do bairro Quitandinha ou sobre o monumento do prédio do Quitandinha.

Assim, seguimos nossa gira direcionando a reflexão sobre quais elementos da cultura negra possuem um significado maior para os parceiros e parceiras, quando Adriana abre as falas:

É assim, como o passar do tempo com essas pesquisas e tudo a gente começa a ter um outro olhar e até mesmo um olhar mais crítico. Conversando com meu marido, quando eu olho para as comunidades é algo que hoje me dá prazer de olhar que eu vejo a pluralidade e um dia eu tava falando aquelas montes de luzinha, aquele monte de coisa, gente, isso é uma cultura viva, que muitas vezes é a gente não para contemplar e algo assim. **Ah, você sente prazer. Mas você vê a diferença de pessoas e ali onde tem um grande contingente uma população preta, né?** Essa pluralidade essa diversidade e se você for olhar toda assim todas as casas gente parece uma obra de arte. E aí, eu tava olhando assim, gente, é belíssimo. Eu tava olhando para ele, olha a questão desse monte de casas juntos, parece uma obra de arte, né? E é isso que me causa assim hoje prazer não, mas a questão da grande diversidade que tem na nossa cidade e que muitas vezes não é mostrado. Entendeu? É essa questão assim que me marca muito essa diversidade, essa pluralidade.

Já para a nossa parceira Marcela, ela faz outros apontamentos relacionados à reprodução cultural negra:

O que eu acho bacana, acontece não sei agora com essa com o que frequência está, mas nesse espaço ali que a Rejane comentou que é atrás do chafariz, na parte externa ali da Praça da Liberdade, o que me chama atenção quando eu passo ali quando tem a roda de capoeira e eu percebo que não somente os negros estão ali tocando, dançando, jogando, mas também alguns, ainda em pequenas, quantitativo bem pequeno menor,

mas ainda, né? Encontramos ali pessoas brancas que querem neste momento fazer parte da cultura, né da cultura negra que nós sabemos que lá atrás eles não expressavam com tanta liberdade que fazem hoje, né? **E assim uma coisa que eu gosto de ver naquele espaço no espaço bacana os negros, mostrando para a população uma cultura, tentando trazer um pouco mais da cultura deles e eu acho isso bacana.**

Outro direcionamento importante na fala da parceira é sobre o espaço na Praça da Liberdade utilizado para várias manifestações culturais da cultura negra, como a capoeira. Também ocorrem nesse local encontro dança de rua promovido por grupos de jovens e batalha de rimas (Figura 37). Esse espaço está ao lado da casa que abriga os grafites de nossas ancestralidades, o que o torna muito simbólico e significativo.

O parceiro Cipriano nos auxilia sobre o seu entendimento:

O que me veio aqui na cabeça foi ... o caminho do ouro na Serra Velha que eu posso estar enganado, mas eu não vejo muito associado à presença de negro em Petrópolis, mas eu acho fundamental também porque além de ser um caminho que já tinha sido feito pelos Índios Coroados mais a pedra que segmentou o caminho ainda mais foram os negros que colocaram e também ali no Meio da Serra tem vários terreiros de Candomblé e Umbanda e tem um espaço ali onde há o encontro de vários terreiros com as cachoeiras, então assim, a natureza fazendo parte de toda uma cerimônia, uma natureza como elemento agregador, como elemento, também, de agência no mundo, então a gente vai ver a presença dos Inquices (orixás) ali com o próprio rio e a distribuição daquele espaço do Meio da Serra, um espaço de ritualística afro e acho que isso é importante também e ... **mas não vejo isso muito relatado, talvez seria aí um patrimônio imaterial e até material também com todo esse material de ... cultura de terreiro, mas a própria pedra fundamental, pedra do caminho do ouro remetendo não só à memória indígena que fazia esse caminho, mas à memória negra também.**

Figura 37: Espaço na Praça da Liberdade destinado a reproduções culturais negras diversas



A parceira Aline também traz a mesma observação que o parceiro Cipriano sobre os terreiros de religiosidades africanas na subida da Serra Velha:

Eu acho que ali na subida da Serra Velha a gente encontra muito da religião de matriz africana, tem uns centros ali, a mata onde eles fazem os encontros deles.

O mesmo ocorre com a contribuição da parceira Roberta ao mencionar sobre os terreiros de religiosidades de matriz africana, indo ao encontro da fala do parceiro Cipriano e da parceira Aline:

Percebo também na nossa paisagem a quantidade de templos é ... de Umbanda, um pouco afastados, sim, mas eles estão presentes, a capoeira jogada na frente do que a gente chama da galeria do Shopping d. Pedro II, as rodas de capoeira que vira e mexe acontecem também na praça (Liberdade). **Então são inscrições na paisagem que nos permitem, sim, ver que a negritude faz parte desse espaço e que merece um lugar de destaque, um lugar, talvez, se pudesse usar essa palavra aí de colono, sim, não como um dominador, mas como alguém que vem para contribuir com práticas, saberes e tecnologias.**

Assim, nossos diálogos são encaminhados para se pensar sobre relatos ou símbolos da participação da cultura negra na produção material ou imaterial da cidade que não aparecem nos monumentos, e nossa parceira Adriana argumenta:

Os guias turísticos quando passa ali ele fala da questão da Praça da Liberdade, mas ele não fala o porquê da Liberdade, né? Ele não fala do busto do Zumbi que tá ali e hoje o busto do Zumbi, ele tá sem os matos porque já teve tempo ali que o Zumbi ficava escondido atrás da árvore, então assim na verdade nós temos ali a Praça da Liberdade, **mas quando os guias passa eles não falam o porquê do nome Praça da Liberdade. Dependendo ele vai falar até da Praça Rui Barbosa, não vai falar da questão da Praça da Liberdade. Então nós enquanto petropolitanos até, tem pessoas petropolitanas que não sabe também nem porque do nome Praça da Liberdade. São poucas pessoas que fala que conhece a verdadeira história que ali tinha até um pelourinho (espaço público das cidades brasileiras destinado para castigar publicamente pessoas escravizadas no Brasil colonial), então assim, são poucas pessoas que na verdade conhece o próprio símbolo da questão da Praça da Liberdade o porquê desse nome. Esse que eu falo da questão desse apagamento mesmo é a própria Palácio Cristal que ali era um quilombo.** Então assim ele acabou sendo incorporado a questão de um grande baile que era realizado ali que o grande presente que a princesa (Isabel) recebeu então a história que tinha antes. **Também ficou um apagamento. Isso a questão do apagamento ele é muito forte nos monumentos aqui da cidade. A real história na verdade não são contadas.**

Percebemos mais uma vez sobre as experiências que a parceira Adriana nos trouxe como a falta de uma história centrada sobre um enfoque multicultural, trazendo a valorização de fato da cultura negra e indígena, associada sobre a projeção dos monumentos em Petrópolis tenta ocultar a todo momento essas outras referências culturais. Além disso, percebemos que os monumentos que enaltecem a cultura negra foram, de alguma forma, descaracterizados, tendo as suas características embranquecidas ou trazendo a centralidade da narrativa da história sobre uma figura branca, como acontece na Praça da Liberdade, Palácio de Cristal, Igreja do Rosário

dos Homens Pretos, Mercado de Abastecimento Popular, Palácio Amarelo e o Bairro Quitandinha, onde todos os referidos locais mencionados passaram por intensos processos de reformas paisagísticas nas últimas décadas.

Dessa forma, a parceira Aline traz um relato de experiência interessante que nos demonstra uma dimensão do relato da parceira Adriana, que destaca a importância de dois locais de referência da cultura negra:

A Igreja do Rosário, a Praça da Liberdade. Que até um vizinho meu esses dias, veio que teve né a semana da Consciência Negra e ele falou que não sabia que ali na Praça da Liberdade por causa do nome, não sabia o significado, porque Praça da Liberdade, então com essa semana da Consciência Negra, que eu acho que foi até muito legal, ele conheceu o significado da história ali. Que é uma coisa que também que me remete isso.

Assim, a parceira Marcela complementa a fala da parceira Adriana.

Eu vou complementar a fala da Adriana. Realmente nós temos alguns guias que desconhece. **Volto a dizer, falta informação, falta divulgação, falta estudo, falta até mesmo interesse porque ... os guias na verdade eles destacam aquilo que pra eles é o mais importante é o Museu, a Catedral e fala sobre a questão histórica daquele momento, mas é pouco falado sobre a presença negra do povo na cidade.** Eu ainda continuo achando isso. Acho que falta informação e falta divulgação.

Dessa forma, evidenciamos a importância do dia da Consciência Negra conforme destaca a fala da parceira Aline ao possibilitar, via cultura, acesso a informações que pessoas negras compreendam de forma valorativa à sua própria história e, mais do que isso: que toda sociedade compreenda o papel fundamental que a cultura negra exerceu e exerce sobre a produção material e imaterial da cidade. Sendo assim, o relato da parceira Marcela se destaca sobre as poucas menções da cultura negra no cenário de Petrópolis, bem como sobre a cultura indígena e como não reverberar isso é ser conivente com práticas sociais passadas que propagam ideias racistas sobre a cidade.

Desse modo, a parceira Roberta nos traz apontamentos oportunos sobre a sua fala ao direcionar:

E aí somando essas memórias assim, e essas afroinscrições que eu percebo na cidade, hoje fico lembrando, Petrópolis teve uma tradição de ter escolas de samba que infelizmente foi meio apagado pelos últimos governos, um desmonte total do carnaval com a venda de uma cidade pros turistas que é uma cidade pacata, que não tem carnaval, arrancaram de nós a tradição do carnaval, dos desfiles de blocos e escolas de samba que aconteciam na avenida, inclusive algumas delas com grandes parcerias com escolas de samba do Rio de Janeiro. Há pouco tempo uma conhecida, colega de trabalho do meu marido falou que tem registro que o avô teria sido amigo do Cartola e que ele é um dos fundadores da Escola de Samba 24 de Maio, que foi a grande escola campeã de vários carnavais aqui na cidade. Então o desfile acontecia no centro na Rua do Imperador e isso foi ceifado, ceifado o direito dessas escolas de existirem, que gerava emprego, gerava arte, cultura em nossa cidade, você tem o abandono de várias,

dezenas e talvez milhares de pessoas que eram envolvidas com o carnaval aqui que foram abandonadas à própria sorte e ainda de novo o apagamento do povo negro e a retirada desse povo porque no carnaval e no 7 de Setembro eu confesso que eram os dois únicos momentos assim né ... do ano que a gente via a negritude ocupando o espaço da cidade. O desfile de 7 de Setembro porque era um desfile de um monte de escolas públicas, então a gente via população negra majoritariamente mais pobre, mas ali representada e tinha ônibus gratuito, tinha um lanchinho então era um momento de oportunidade pra essas famílias estarem no centro da cidade e o carnaval que a avenida era fechado, no lado ali da Lojas Americanas, Casas Bahia, Galeria Marquese, aquele lado todo era, o trânsito era impedido, e havia o desfile dos blocos e das escolas de samba então essa cultura, **esse constructo social também foi retirado de nós, da visibilidade do povo negro de Petrópolis.**

O relato da parceira nos coloca diante de mais uma tentativa de apagamento de manifestação cultural negra em Petrópolis, onde o tradicional desfile das escolas de samba não acontece desde o ano de 2012. Dessa forma, percebemos não somente a perda sobre essa manifestação cultural, mas o impacto econômico que incide sobre as comunidades que desfilavam e giravam suas dinâmicas de vida em torno dessa festa.

Assim, o parceiro Cipriano nos traz outras dinâmicas sobre referências culturais sobre a cidade de Petrópolis:

Os próprios topônimos que existem na cidade que fazem essa referência da presença negra, foi falado do Quitandinha, do hotel Quitandinha, do bairro Quitandinha que é profissão de mulher preta, as quitadeiras, como a Adriana, falou essa palavra que sai do tronco linguístico banto que é kimbundu, que quer dizer quitanda, que quer dizer levar para longe em kimbundu, essa língua que sai do troco linguístico banto, mas **também tem outras referências na cidade, que é Quissamã, do povo Quissamã tá também presente, um bairro que tem um nome de um povo africano,** então deveria ter muitos negros nessa região aqui em Petrópolis, **o próprio Caxambu outro bairro da cidade, quilombo de Caxambu é uma palavra que quer dizer tambor, tambor grande, que serve de comunicação, tambor que fala é ... tem uma outra Carangola, bairro Carangola, “cara” que é um tipo de inhame, comida de preto,** então quer dizer então tudo aqui que a gente conversou na nossa roda de conversa outros pontos que são bem evidentes ao meu ver. E claro, voltando a dizer a tese da Professora Renata Aquino, assim, foi um divisor de águas nesse sentido pra gente evidenciar o quanto que a cidade é preta pra gente. Mas eu lembro bem quando eu estava no 2º grau e essa palavra Caxambu ... eu ficava tentando entender porque um bairro tinha um nome de um nome de um tambor grande, um bairro com um nome preto, né? **Por conta dessa história que a gente escuta que a colonização alemã, mas a gente vai percebendo que antes da colonização alemã existia todo um povo que foi sequestrado, mas que chegou no Brasil, chegou em Petrópolis e se inscreveu em Petrópolis dando nome de bairros, a própria policultura, maneira que tem muito presente ali no Caxambu, Caxambu no alto lá em cima, a policultura tá muito presente lá.**

Cipriano nos possibilita entender diante desses aspectos uma lança direcionadora sobre os nomes de vários bairros de Petrópolis, a forte influência da cultura negra na produção da

cidade. É inegável, dessa forma, que nossas ancestralidades contribuíram com o espaço que antecede a fundação de Petrópolis, fundação e consolidação: bairro Quissamã (Figura 38); bairro Caxambu (Figura 39); bairro Carangola (Figura 40).

Figura 38: Vista do bairro Quissamã



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023

Figura 39: Vista do Bairro Caxambu



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

Figura 40: Vista do Bairro Sertão do Carangola



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 26 de jan. 2023.

Por último, trazemos a contribuição da parceira Rejane, que nos mostra mais uma das grandes contribuições da cultura negra em Petrópolis no que concerne às religiosidades de matrizes africanas:

Olha, eu vou falar que eu não sei se é um bem material são bem material. **Mas eu lembrei de uma coisa que eu sinto muita falta mesmo, são das rezadeiras. Que todo mundo procurava, mas assim meio que sabe onde tem uma rezadeira? Era meio que em off, mas todo mundo queria uma rezadeira, é porque era assim fazia bem para todo mundo.** Eu não entendi muito bem porque eu adorava, a minha avó era rezadeira, a mãe da minha mãe era rezadeira. Entendeu? Então a gente não recorria, muitas coisas a gente não recorrer à farmácia, a gente recorrer à minha avó. E durante assim, muitos anos depois, nossa espinhela caída, vento virado, quebranto, olho grande, cobreiro, tudo ... mau olhado, tudo minha avó rezava, pegava, botava um galhinho de arruda em cada orelha, pegava mais três raminhos, falava umas coisas lá, era como um passe de mágica. E assim não tinha contraindicação, eu cresci nisso e aí depois que eu me casei, eu só tive mais contato com duas e foi assim bem pouco, todo mundo deve conhecer que era dona Sebastiana do Bairro Castrioto. Que depois a dona Sebastiana foi morar lá na Ponte de Ferro, lá para o lado do Bela Vista, morreu bem velhinha, também, e a Dona Maria Teresa que era amiga da minha mãe. Mas também que ela incorporava uma preta velha, mas ela não gostava de incorporar preta velha. E foi muito engraçado porque assim depois da minha avó. A minha avó morreu já tinha uns 14 anos e aí essa senhora foi morar do lado da minha mãe, eram vizinhas e a minha mãe muito católica, minha mãe rezava tudo quanto é terço, salve rainha, não sei o quê. E aí um dia em conversa daqui, conversa dali, ela perguntou a minha mãe se a minha mãe tipo cambonasse ela (na Umbanda se diz cambono ou combona pessoa que auxiliam quem recebe entidade, assessorar). A minha mãe ficou meio assim, gostava de ajudar, eram amiga, vamos lá ver que dá para fazer e aí essa senhora passou a incorporar a vovó Maria Conga, a preta velha dela toda quarta-feira e óbvio que eu

estava lá (risos). Eu gostava... daqueles trajes, do cachimbo, daquela sainha quadriculada preto e branca, daquela batinha branca, sem ninguém me falar eu me identificava muito com aquilo, eu gostava de ver aquelas imagenzinha, aquelas contas coloridas no pescoço. E um belo dia, ela saiu de perto da casa da minha mãe e foi morar numa outra rua para baixo ali no bairro e eu já era casada, já tava com meus 28 anos, aí ela virou, a vovó Maria Conga virou pra mim e falou assim “filha, quando é que você vai botar roupa?” e eu muito debochada eu tô pelada por acaso? Ela me deu um esporro (risos), ela você presta atenção, você vê com quem que você está falando? Eu estou falando uma coisa séria (risos). Aí eu vi que o negócio era sério mesmo, né? Eu falei assim eu falei. Ah vovó, eu não sei não sei se eu se eu preciso colocar, mas assim na verdade eu não tenho vontade. Porque eu sou tipo uma moleca, eu gosto de ir aos lugares onde eu quero ir, onde tenha vontade de ir, e a minha mãe disse que uma vez a gente se comprometendo com qualquer, que seja religião ou trabalho, você tem que ter o comprometimento e eu vejo que assim tantas igrejas evangélicas como a igreja católica como qualquer um outro centro que você participa, você tem que ter aquela rotina, você tem horário, você tem as coisas pra fazer e eu não me vejo nisso, aí ela virou e falou assim, ela perguntou que idade que eu tava e eu falei com 28 anos. Aí ela falou assim, “quando você fazer a tinta, isso é 30, você não tem mais onde fugir”. Falei meu Deus do céu! Quê que eu vou fazer da minha vida, eu já me via virada na Maria Padilha virando uma garrafa de cachaça na boca (risos). Só que eu já era casada e meu marido não gostava que eu acendesse uma vela dentro de casa. Mas enfim, aí aos 30 anos acabou que eu já tinha esquecido. Aí ela falou assim: “A coisa vai acontecer o que tiver que acontecer vai ser, mas não precisa ficar preocupado com isso”. Aí eu engravidei, vim morar no Quitandinha, acabei conhecendo a moça que mora do meu lado até hoje que é uma, e ela yalorixá (mãe de santo) na época ela era recém-feita do Santo e eu acabei virando aqueda (auxiliar de pai ou mãe de santo em seus ofícios ritualísticos religioso) da casa de santo. Então quer dizer, foi o chamado e assim as rezadeiras, rezadeiras mesmo, tu não se vê mais tu não acha elas em lugar nenhum e eu sinto muita falta delas. Eu acho que isso era um bem cultural muito grande que faz falta a muita gente. Porque assim, não era ensinado, isso não era ensinado, não era passado de mãe para filha não, se você tivesse o dom você acabava pegando uma coisinha ou outra e depois no centro você ia se aperfeiçoando, mas não tem. Não sei como é que funcionam, mas eu sinto falta delas (risos).

E, assim, fechamos nossa gira compreendendo as vastas contribuições da cultura negra sobre a produção material e imaterial de Petrópolis. Percebemos que Petrópolis é, sim, cidade de colonos e colonas negras que possibilitaram diretamente sobre a produção no-sobre o espaço geográfico, trazendo várias contribuições valorativas. Petrópolis é uma Pretópolis onde sem a participação de conhecimentos intelectuais, mão de obra, técnicas e tecnologias africanas e afro-brasileiras a ideia da “cidade imperial” não funciona.

Além disso, cabe ressaltar que todo esse panorama só se deu por meio da contribuição que a apreensão da paisagem geográfica possibilitou sobre nossas leituras. Trazer as apreensões dos moradores e moradoras de Petrópolis foi uma estratégia imprescindível para revisitar o conceito geográfico da paisagem. Dessa forma, adentramos de forma mais específica sobre o pensamento de descolonização da paisagem e pensamentos em movimento no capítulo que se segue.

**CAPÍTULO 2 - NO CAMINHO DA
DESCOLONIZAÇÃO, PAISAGENS E
PENSAMENTOS EM MOVIMENTO**

É preciso saber de onde se vem, para saber aonde se vai.

Beatriz Nascimento

Gostaria de pontuar, já de início, o quanto é doloroso escrever uma dissertação enlutado pelas mais de 560 mil vidas brasileiras ceifadas diante da pandemia da Covid-19 até o presente momento; ademais esse número está subindo. Digo isso, pois o desdobramento desta pesquisa iniciou em conjunto com a pandemia em que vários(as) brasileiros e brasileiras foram assassinados diante da (des)gestão ineficiente do Estado brasileiro. Frente a essa política fascista, promovida por Jair Messias Bolsonaro, o medo sobre as pessoas se instalou. É inconcebível dizer que isso não interfere em minha maneira de fazer pesquisa ou dizer que esta dissertação é uma análise neutra indissociável deste momento histórico lamentável na forma como tem sido gerido. Convivi com familiares, amigos e amigas que estavam vivas ao meu lado e que, em menos de uma semana, já estavam sepultadas. Morreram de uma doença da qual já existe vacina em que aquele desgoverno genocida insistiu sistematicamente em nos matar.

Dessa forma, é impossível falar de memória e esquecimento sem compreender esses processos, nos quais naturalizam-se as mortes por números estatísticos. Esquece-se que, por trás dessas mais de 560 mil mortes, existiam essências vivas. Famílias inteiras deixaram de existir ou as que ficaram se recuperam de sequelas do medo, da aflição, da ansiedade, de impotência que para sempre ficarão na memória, permeando as subjetividades e refletindo diretamente em nas construções identitárias. Deixaram de existir não apenas vidas, mas sonhos, pensamentos políticos, arte, ciência, cultura, criatividade, poemas e poesias, samba e enredo, dores, amores, decepções. Sendo assim, não seria o esquecimento um projeto político de destruição dos grupos socioculturais subalternizados? Qual é o perfil da grande maioria das pessoas que morrem de uma doença para a qual existe vacina, mas que o desgoverno bolsonarista fez questão de atrasar a vacinação da população para cobrança de propina? Quais grupos culturais são mais prejudicados por esse genocídio?

Ressalto também, em relação ao desgoverno bolsonarista, a sua alucinação constante em atacar a ciência brasileira e a educação pública, prejudicando o desenvolvimento científico do nosso país, inclusive nas áreas da saúde e da educação, das quais o povo tanto necessita no atual cenário. Obviamente, isso impacta com maior proporção os povos originários e os povos negros. Além disso, destaco o fato de a população estar passando fome novamente, roendo ossos crus de boi. Isso mesmo! Pergunto-me: qual é a cor da fome? Mas fome tem cor? Tem! Como Jesus (1993, p.96) nos instrui, ao fazer um retrato da realidade do Brasil de 1955, em que a autora compartilha um pequeno trecho da sua vivência na favela do Canindé, na cidade de São Paulo: “2 de agosto vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros. Até eu digo que é para os cachorros...”.

Essa infeliz realidade atemporal, é vivenciada por Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Ela, mulher negra, periférica, mãe solo de três filhos por escolha própria, empobrecida por um racismo estrutural implementado pelo Estado brasileiro, chama a atenção para um retrato cíclico e fiel do país que desnuda uma realidade frágil neste ano de 2021. Mais de 66 anos se passaram desde a lucidez das vivências retratadas em suas escritas, e ainda é possível se deparar com pessoas subalternizadas vivenciando uma política de fome vergonhosa (Figura 41).

Figura 41: Capa Revista Extra Fome na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Capa do Jornal Extra sobre garimpo da fome repercute em todo o país e no mundo político. Disponível em: < <https://extra.globo.com/noticias/rio/capa-do-jornal-extra-sobre-garimpo-da-fome-repercute-em-todo-pais-no-mundo-politico-25217529.html> > Acesso em 02 de out. 2021.

Indo além, percebemos o impacto do racismo e dessa estrutura racial criada pela branquitude para empobrecer e desumanizar pessoas não brancas: ao andar em meio aos centros das cidades, fazemos uma análise rápida da cor da população em condição de rua, as famílias mais vulneráveis nas áreas de risco nas cidades, dos povos originários que ainda no tempo presente lutam contra a invasão de seus territórios pelo garimpo ilegal, as pessoas que lutam por terras em conflitos no campo, as crianças e adolescentes que voltaram a vender doces nos

semáforos, os corpos baleados pela polícia que invadem as periferias e que matam pessoas negras dentro de suas próprias casas. Isso inclui um número estarrecedor de várias crianças como o caso de Marcos Vinícius da Silva (14 anos) que antes de morrer, em março de 2018, perguntou a sua mãe sobre o policial que lhe atirou: “ **Ele não viu que estava com roupa da escola, mãe?**”; Agatha Felix (8 anos) baleada com um tiro nas costas dentro de uma van, em setembro de 2019, quando voltava pra casa com sua mãe ou o caso do João Pedro Mattos (14 anos), que estava aguardando a quarentena dentro de casa, em São Gonçalo – Rio de Janeiro, em consequência da Covid-19 em maio de 2020, e mesmo assim foi morto enquanto brincava com os primos, quando a polícia retira seu corpo e desova no necrotério sem sequer dar satisfação aos seus próprios pais. Todos sem nenhum julgamento dos policiais envolvidos nos casos!

Tratativa totalmente diferente no caso da morte de Henry Borel (4 anos), em março de 2021, garoto branco assassinado pelo padrasto e pela mãe, que repercutiu na mídia, em que o caso já se desdobra em julgamento. Quando me deparo com essas cenas lamentáveis, pergunto sempre qual é a cor dessas pessoas? A justiça funciona igualmente para brancos, indígenas e negros nesse país? Por que um dos maiores países produtores de alimento do mundo deixa seu próprio povo passar fome? Por que naturalizamos esses processos com corpos não brancos, mas quando se trata de um corpo branco isso nos traz incômodos?

Indago isso, pois essas experiências impactam diretamente como o indivíduo apreende a paisagem, como interpreta seus símbolos, quais referências vamos internalizado em nossas subjetividades ao longo do tempo, ou em um curto intervalo, mas que parece interminável, como a pandemia da Covid-19. Essas vivências vão ganhando outros sentidos e significados. Não poderia deixar de enfatizar essas questões específicas, pois a minha apreensão nesta pesquisa mudou drasticamente por isso. Tive que buscar forças quando me faltava motivação para escrever. Sentia-me muitas vezes em desespero, desânimo, desesperançoso, aflito, ansioso, com falta de perspectiva de futuro, de superação. Por esse motivo, tive que deixar de lado um pouco o tempo presente e me projetei na filosofia africana de Sankofa, revisitando paisagens em minhas memórias para me motivar (NASCIMENTO, E., 2014).

Ressalto que meu objetivo aqui não é traçar um recorte teórico bem definido e rigoroso neste capítulo. As referências serão tecidas em todo o âmbito do texto, ora com enfoque sobre determinados conceitos, ora de forma fluida como me vieram as ideias. Nessas imersões pode-se perceber que não se trata de fechar conceitos, mas sim de utilizá-los como uma peça de quebra-cabeça, que dão sentido e, assim conduzindo, organizando, reorganizando, bagunçando

e permitindo uma análise aprofundada em horizontes que antes eram ocultos e que agora se revelam.

Sendo assim, o ato de pesquisar exige essas sábias palavras expressadas por Beatriz Nascimento, em seu poema *Como Começou*, apresentado no início do capítulo. Essa filosofia de “saber de onde se vem” evoca em mim uma ancestralidade, conduzindo meus passos para saber “aonde se vai”. De início, esse processo parecia-me inalcançável, mas, ao reencontrar minhas origens de formação cultural e identitária, uma constelação de caminhos foram revelados. Assim, esta dissertação foi construída por encontros e desencontros, em caminhos que não davam em lugar algum e em outros em profundas imersões, em se perder, mas também em se reencontrar. O saber não é a conclusão, mas, sim o caminhar. Então caminhamos.

2.1 – A TRANSA COM A PAISAGEM

É tempo de falarmos de nós mesmos não como “contribuintes” nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes desta formação.

Beatriz Nascimento

Perdido em meio às ideias no desenvolvimento desta dissertação, encontrei-me em Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. A singularidade de mundo que essas mulheres negras têm e como elas conseguiram apreender o racismo e o sexismo no Brasil deixou um legado imensurável na ciência brasileira, que me permitiu girar uma chave na cuca. A experiência delas, enquanto mulheres negras, em um país construído cultural e estruturalmente machista e racista, levaram-nas a transgredir na maneira de se fazer ciência por meio do modo de vida delas.

Foi justamente nessa transgressão que pude perceber que a minha singularidade de mundo poderia também possibilitar uma nova forma de se fazer Geografia. São mulheres que lembram aquelas que me forjaram, que fazem parte da minha vida e que, se não fosse por elas, não apreenderia a paisagem e o espaço de forma tão sensível como apreendo hoje. Por isso me senti acolhido por elas e juntos caminhamos.

Sempre que viajava de Niquelândia para Goiânia, em um percurso de mais de 300 quilômetros, gostava de me sentar na janela do ônibus para observar a transição da paisagem. Ela se revelava como um filme, ganhando movimento, no qual era possível vislumbrar diversas formas, símbolos culturais e vivências à medida que ocorria a mudança do interior para a capital: casas modestas, fazendas, pastagens, criações de animais, plantações de eucalipto,

mineração, rios, formas variadas de relevos, as várias formas dos cerrados, indústrias, prédios e a cidade grande em toda a sua complexidade.

Nunca encarei a paisagem de forma neutra ou pacífica. Eu sempre a questionava diante dos padrões e dos valores culturais impostos a mim. Isso dava-se em consequência das minhas subjetividades e a forte referência que herdei de Dona Gertrudes, conforme já relatado no memorial. A transa com a paisagem surge justamente diante das minhas vivências, no forjar da minha identidade, da tentativa dela de me deixar marcas, mas também da minha tentativa de deixar marcas nela. Nessa troca, surgiu-me uma sensibilidade em relação à sua análise, despertando problematizações e reflexões (GONZALEZ, 1983).

Essa troca relaciona-se com as paisagens guardadas na memória, na trama que os nossos corpos vão tecendo no-sobre o espaço e na forma que essas experiências servem de alicerce das identidades (HALBWACHS, 1990). O fio condutor dessa matriz é a memória que é utilizada para validar ou refutar nossa forma de apreender o mundo ao nosso redor. Assim, embora as memórias sejam construídas individualmente, elas dependem de referências, símbolos e formas coletivas projetadas no-sobre o espaço para guiar o indivíduo. E, nessa trama, entre corpo, espaço, paisagens, monumentos, memória individual e memória coletiva o tempo vai se encarregando de trançá-las e compor um cordão sólido que apontam caminhos.

Dessa forma, quando eu estava confrontado com os monumentos de Petrópolis, me questionei em qual momento havia surgido o meu interesse por eles. Ao fazer uma reflexão mais profunda, pude perceber que essa dimensão sempre esteve intrínseca em mim, justamente na cidade da qual sou natural. Niquelândia é uma cidade histórica que possui em sua paisagem diversos monumentos, bem como Petrópolis. Entre eles há a igreja de Santa Efigênia, construída por pessoas negras escravizadas, a igreja Matriz, o Cristo em uma das serras mais altas da cidade e o Obelisco, edificado em 1985, em comemoração ao aniversário dos 250 anos da cidade (Figura 42). Assim, os monumentos fazem parte das minhas vivências desde o meu nascimento. A minha vida toda foi permeada por essas representações monumentais, mas, ao chegar a Petrópolis, uma transa ocorreu como nunca tinha acontecido, o confrontar das ideias com os monumentos dessa cidade invadiu-me de uma tal forma a ponto de querer transformar isso em um projeto de pesquisa e cá estou.

Consequentemente, estou falando sobre a minha cultura ser avessa à cultura petropolitana, e que, por isso, há esse incômodo que se relaciona com a apreensão de uma paisagem diferente do meu lugar. Além disso, falo também como os monumentos influenciam diretamente as construções objetivas e subjetivas das identidades dos indivíduos, e como isso incide sobre o apagamento intencional da memória de culturas fora eixo eurocentrado em

Petrópolis. Esse efeito catastrófico traz inúmeros prejuízos sobre a toda a população, mais especificamente sobre a população negra e indígena, revelando uma estrutura racial de formas simbólicas sobre a paisagem que privilegiam a branquitude. Isso revela paisagens contraditórias sobre a forma como o racismo estruturou-se, no espaço e no tempo.

Figura 42: Conjunto de monumentos em Niquelândia-Goiás



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Set. de 2021.

Mas esse mesmo processo não ocorre em Niquelândia? A resposta é sim, mas não na mesma intensidade. Embora não seja o foco da pesquisa, gostaria de apontar caminhos para estudos futuros sobre as questões monumentais niquelandense. Essa base apreendida, vivenciada e experimentada em Niquelândia me possibilitou carregar na memória questões oportunas para que as trocas estabelecidas em Petrópolis me possibilitassem as indagações sobre o papel que os monumentos exercem em nossas construções subjetivas da identidade.

Embora Niquelândia seja um dos municípios mais antigos do estado de Goiás, fundada em 1735, ela não possui centro histórico preservado e, com muita dificuldade, recebe algum tipo de manutenção ou devida valorização memorativa por parte do poder público local, estadual e federal. Além disso, conforme nos direcionam os estudos dos geógrafos Castilho

(2017), Arrais (2016) e Ambrozio (2008), é compreensível que processos de formação territoriais distintos entre as duas cidades as diferenciaram nas políticas de preservação de seus patrimônios. Enquanto Niquelândia perdia sua importância econômica no estado de Goiás, ao final do século 19, com o declínio da atividade mineradora do ouro, nessa mesma época, Petrópolis assumia um papel central como extensão administrativa da cidade do Rio de Janeiro e mais tarde na Nova República democrática brasileira em 1889.

Obviamente as questões culturais incidem diretamente nessa percepção, sendo o que me chama a atenção na paisagem de Petrópolis é a imponência dos monumentos que projetam um forte discurso eurocêntrico em contrapartida de uma ampla população negra que habita a cidade. Além disso, por ser um goiano habitando outra cidade, o discurso cultural da branquitude é muito imponente aos imigrantes. O que quer que se observe nessa cidade, lá estão os monumentos impondo seus discursos, impondo ideias e padrões da colonização.

Contudo, ao olhar para o passado alicerçado sobre a Filosofia Africana de Sankofa é possível perceber o papel fundamental que as culturas negra e indígena exerceram sobre a produção espacial da cidade (NASCIMENTO, E., 2014). Isso demonstra como movimentos contra-hegemônicos sobre um sistema opressor deixou símbolos, visíveis e invisíveis, sobre a paisagem remontando a territorialidades indígenas e negras ao longo da história no processo de evolução socioespacial e sociocultural petropolitano (BONNEIMEISON, 2002). Trata-se de desconstruir também a falácia de que a submissão dos povos originários e dos povos sequestrados da África, na consolidação da América Latina aconteceram de forma pacífica diante do processo de escravização e, no tempo presente, pensando sobre a falácia da “democracia racial” (GONZALEZ, 2018; NASCIMENTO, 2006).

O interessante disso tudo é analisar como a cultura brasileira, no tempo presente, possui reproduz a lógica da Modernidade-Colonialidade (M-C). Em nossa cultura, percebe-se a insistência da tentativa de apagar memórias dos colonizados na maneira como se apreende as manifestações culturais no-sobre o espaço. Ao encontro dessa realidade, é importante avaliar como isso projeta, na paisagem apreendida, elementos de racialização social. Nesse sentido, percebe-se que os monumentos apontam caminhos os quais permitem dialogar diante desses demarcadores territoriais em reforçar a colonialidade que nos embranquece num piscar de olhos (GONZALEZ, 1983).

Aqui, entende-se por colonialidade a continuação das amarras opressoras deixadas pelos invasores europeus sobre a América Latina após o processo de independência desses territórios (FANON, 2022). O fim da colonização não significou o fim da dominação hegemônica eurocentrada. Dessa forma, há uma estrutura criada sobre uma base de

discriminação racial, de gênero e cultural que se utiliza desse aparato para manter e perpetuar em uma escala local e regional (Brasil – América Latina) o privilégio de pessoas brancas e, em uma escala global, a dominação de uma pequena classe hegemônica branquitude (BENTO, 2022).

Ou seja, muda-se apenas a aparência da exploração, mas em seu cerne, diante da globalização capitalista, a violência continua sendo praticada e beneficiando o poder hegemônico eurocêntrico (SILVA, T., 2020). Assim, há uma falsa sensação de liberdade, em que as nações colonizadas possuem uma autonomia no pensamento, em suas vivências e ações cotidianas, sendo ela independente e democrática, porém, na verdade, reproduz-se uma lógica global de dominação do poder hegemônico, que desencadeia várias formas de opressões (FANON, 2022). Dito isso, pode-se compreender a colonialidade também na forma como se apreende as relações culturais, que alteram o espaço e como isso revela formas na paisagem que podem ser apreendidas por mim e os demais geógrafos e geógrafas.

Por isso, estamos trabalhando com a noção entre a memória e o esquecimento para ajudar a elucidar a tessitura das ideias. Desse ponto de partida, Gonzalez (1983, p. 226) alerta pelo sobre o fato que:

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência.

Assim, ao longo do tempo, muitas referências culturais indígenas e negras foram arrancadas das nossas percepções sobre o espaço pela cultura hegemônica. O que se apreende na paisagem, o que invade a consciência é o estabelecido pela cultura do embranquecimento. Ou seja, diante da ausência de consciência sobre referências culturais múltiplas é onde o pensamento colonial pode se estabelecer a partir de um padrão de referência branca onde “o trabalho do colono é tornar impossíveis até os sonhos de liberdade dos colonizados” (FANON, 2022, p.73).

A consciência de tudo que se tem hoje, as referências culturais, as memórias, os símbolos nacionais, as estruturas sociais e identitárias atravessam fortemente a própria subjetividade. Isso faz com que se enxergue nelas apenas aquilo que os colonizadores projetaram. Indígenas, negros e negras são vistos no país, ainda no século 21, como pessoas

marginalizadas, analfabetas, incapazes, violentas, submissas. Isto é, a “crioulada” e os “selvagens”, e todo adjetivo negativo que se possa imaginar que os brancos gostam de rotular. Dessa forma, diante dessa forte dominação e sua continuação de estruturas, por intermédio da colonialidade, se desconhecem todas as contribuições que as culturas negra e indígena proporciona para a construção socioespacial e sociocultural da nação brasileira e da América Latina (GONZALEZ, 1983; NASCIMENTO, 2006; RATTS, 2006).

É aí que entra a sacada da memória, pois as histórias que nos são ensinadas pelas narrativas dos monumentos em Petrópolis e pelas ideias que projetam na paisagem fazem questão de tentar esquecer tudo fora da centralidade do colonizador. A memória não se trata apenas de recordar ou lembrar, mas sim de ser e estar no mundo, como um movimento político, relações de poder e como isso vai sendo passado adiante em um modelo de ideia racialmente e culturalmente construído pela branquitude (CHAUÍ, 2008).

Contudo, a memória tem suas astúcias, que deixa caminhos e marcas que remontam os passos dos antepassados, isso é axé (GONZALEZ, 1983). Podemos perceber esses caminhos que apontam como a branquitude deixou impresso na paisagem uma tentativa sistemática de apagar as referências culturais negra e indígena. Se tiveram esse trabalho e, mesmo assim os elementos culturais dos colonizados resistiram, isso significa que as referências desumanizadas são maiores do que se pode imaginar. Um forte processo de resistência se apresenta. Indago sobre essa questão: será que somos quem realmente somos ou uma invenção cultural que associa a imagem de indígenas, homens negros e mulheres negras a uma inferioridade inventada?

Esse pensamento invade as subjetividades que conduzem as ações cotidianas. Essas ações moldam o espaço que se apresenta contraditórios, pois brancos, indígenas e negros foram desigualmente constituídos. Irreconhecíveis diante dos resultados materializados no espaço, essa apreensão revela como resultado paisagens contraditórias. De um lado tem-se uma tentativa de naturalização desses processos do colonizador, e do outro, uma contradição dos colonizados reforçadora daquilo que nossos sentidos apreendem diante da paisagem (LACERDA, 2014). Assim, o resultado desse processo em aceitar ideias e materialidades simbólicas projetadas no-sobre o espaço geográfico se torna totalmente inaceitável, haja vista que é uma falácia inventada do embranquecimento cultural (NASCIMENTO, 2006).

Dessa maneira, a paisagem torna-se um campo complexo de compreensão dos fenômenos socioculturais que incidem no-sobre o espaço. Isso relaciona-se diretamente com o pensamento proposto por Almeida (2013, p. 441) ao afirmar que “enfocar a paisagem é buscar

compreender as relações entre a natureza, cultura, sociedade e indivíduo, em toda a sua complexidade”. Sendo assim, é possível compreender que a maneira como se encara uma determinada paisagem relaciona-se com um corpo no mundo, dotado de sentidos, despertando sons, cheiros, sabores, texturas dentro de um horizonte observável que invadem a memória e que trazem sentidos e significados sobre as subjetividades de cada indivíduo (ALMEIDA, 2013).

Em síntese, compreende-se, nesta reflexão, que se perder também é se reencontrar. Nessa lógica, autoras negras brasileiras apresentam-nos um repertório rico para que se compreendam as amarras racistas que ainda persistem, beneficiando um grupo cultural embranquecido. Dessa forma, iniciou-se a compreensão do conceito de colonialidade e como isso afeta a subjetividade do indivíduo ao entender o protagonismo de indígenas, negros e negras na produção do espaço. Também se analisou a noção de memória e de esquecimento como uma metodologia de interpretar os fenômenos culturais no-sobre o espaço e como isso incide diretamente nas projeções simbólicas que se apreende na paisagem.

Assim sendo, de forma mais oportuna no tópico que segue, apontarei caminhos sobre pensamentos de descolonização e seus direcionamentos sobre os estudos geográficos. Sendo assim, não se trata de fechar conceitos, mas sim de compreender como essa vertente de pensamento nos possibilita avançar no debate do âmbito científico de forma mais autônoma. Portanto, descolonizar compreende-se justamente propor reflexões que nos possibilita de fato em nossos hábitos cotidianos práticas para a liberdade.

2.2 – CAMINHOS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

*Vermelho, de ouro assustado
Foge o índio na sua canoa
Anhanguera bateia o tempo
Levanta, arraial Vila Boa!*

Trecho do Hino do Estado de Goiás

*Petrópolis,
tens do passado gloriosas tradições,
Petrópolis,
cultura e fibra de homens de outras nações,
Que lutaram e criaram as riquezas,
guardaram as belezas
que devemos defender.*

Trecho do hino da cidade de Petrópolis

Os trechos dos hinos do estado de Goiás e da cidade Petrópolis nos possibilita entender a exaltação de uma memória de violência da colonização sobre as nossas formações identitárias. De um lado temos um símbolo de identidade coletiva goiana validada sobre a fuga, massacre e genocídio dos povos originários **Guaiás** pela exaltação da figura do **anhanguera**, conceito indígena atribuído ao criminoso que em tradução para o português significa diabo vermelho, financiados pela coroa portuguesa e burguesia paulista responsável por criar grupos de extermínio e roubo de territórios indígenas, sobre o que hoje entendemos enquanto estado de Goiás, sendo a toponímia original **Guayazes**, também de referencial originária, apagada das nossas memórias. Do outro lado temos as gloriosas tradições de genocídio dos povos originários **Coroados** da região serrana do Rio de Janeiro e da escravização de pessoas negras onde a referência patriarcal sobre “cultura e fibra de homens de outras nações” com toda certeza não se refere sobre nações africanas conforme percebido em nossa gira.

Indago: Riquezas criadas a que custa? Quais povos derramaram seu sangue guardando as belezas? Quem invadiu e saqueou as belezas? Quem foi apagado intencionalmente da memória nacional para privilegiar outro? Quais povos são tratados como culturas atrasadas em detrimento de outras? Ser civilizado significa exterminar outras culturas? Quem saiu do outro lado do atlântico para invadir e matar quem? Qual cultura é atrasada? Qual cultura é selvagem de fato?

Essas duas reflexões nos direciona o tamanho da consequência da colonização em naturalizar violências a ponto de virarem símbolos nacionais, que são sistematicamente repetidos sobre nossas práticas cotidianas. Não se observa de forma explícita, mas tá lá nas entrelinhas. Naturalizamos a violência cantando esses hinos nas escolas e em atos “civis”. Mas não é qualquer violência, é a violência que incide sobre qualquer coisa fora da centralidade branca. Qualquer coisa desumanizada, que pode ser coisificada para ser apropriado pela outra: a branquitude.

Seguindo na mesma lógica percebemos essa mesma naturalização no que diz respeito sobre nossas formações do pensamento intelectual geográfico nas instituições universitárias. Na academia, me ensinaram que a Geografia se desenvolveu enquanto ciência a partir do século 17, quando Humboldt e Ritter foram os “bravos naturalistas viajantes percursores” e, sem grandes novidades, a premissa histórica parte de dois homens europeus brancos. Lembro que conforme pudemos apreender em nossa gira da roda de conversa sobre os monumentos em Petrópolis serem em sua grande maioria, também, símbolos da cultura branca em que figuras

masculinas quase sempre assumem a centralidade da narrativa histórica. Guardem essa informação, porque qualquer semelhança é mera coincidência.

Quando adentrei a universidade sempre me senti excluído frente a um embranquecimento científico como já elucidado no memorial. A universidade é uma amostra do que se vivencia em um território colonizado. A base científica importada da Europa, e sobre nossa localização americana a base estadunidense, imposta com o discurso da “modernidade” desconsidera, muitas vezes, outras formas de ser e de estar no mundo (RATTS, 2020). Portanto, é reproduzida pela comunidade acadêmica uma estrutura de pensamento que opera também como uma continuidade da colonização por meio de um embranquecimento intelectual. É o que Sueli Carneiro (2005) e Boaventura de Sousa Santos (1995) conceituam como **epistemicídio**⁴.

Não é para menos se sentir perdido dentro do âmbito acadêmico sendo negra, negro ou indígena onde em quase nenhuma disciplina acadêmica que cursei em uma “ciência que se dispõe a ser crítica” os referenciais ou ementas apresentadas em quase nada tinham relação com o meu universo existencial enquanto negro. Ao exemplo, o pensamento de Milton Santos chegou primeiro antes da sua cor de fato, onde retomando a memória das primeiras aulas depois de tantas referências embranquecidas pensei ser só mais um branco falando de Geografia. Só fui descobrir que esse grande referencial era negro de fato na disciplina de estudo sobre Geografia da África ministrada pelo professor Alex Ratts no curso de Geografia da UFG, importante cientista negro brasileiro com quem aprendi, refletindo sobras as aulas ministradas, que meu desconforto na universidade não era apenas uma paranoia da minha cuca. Nas aulas de Ratts, Milton Santos ganhou cor, nome e sobrenome, mas ainda sim isolado e muito embranquecido pelos diálogos marxistas da academia que tentavam inflamar uma consciência crítica sem considerar as discussões raciais ou de outras minorias sociais em direito.

Além disso, cabe ressaltar que a minha turma em 2013 foi a primeira a cursar de forma obrigatória uma disciplina na sua grade curricular que estabelecia relação com a cultura Africana e Afro-brasileira após dez anos de implementação da Lei Federal 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Provavelmente se não fosse a imposição da obrigatoriedade da lei se quer seria inserida, nesse momento de forma espontânea pelas cabeças a frente do planejamento curricular

⁴ Termo utilizado para apagamento intencional da intelectualidade não ocidental. Nessa forma de controle da produção do conhecimento mundial, extensão da colonialidade, povos e grupos sociais historicamente empobrecidos não têm disseminação de suas formas de pensamento ao exemplo dos povos originários da América, quilombolas, povos africanos, aborígenes, refugiados, negros e negras, mulheres etc. Ou seja, suas formas de pensar, refletir, viver não possui relevância acadêmica ou científica perante a modernidade eurocêntrica para manter historicamente sua centralidade intelectual e, dessa forma, estabelecer um controle global da produção do conhecimento (SOUSA SANTOS, 1995).

para uma formação de nevos geógrafas e geógrafos. É evidente a importância dessa lei porque possibilitou a contratação de professores(as), fomento e desenvolvimentos de pesquisadoras(es) interessados na área.

Conforme Ratts (2020, p. 18) nos direciona:

No terreno do saber-fazer geográfico há uma disputa epistemológica acerca dessas questões. Que seja devidamente identificada, reconhecida e abordada, dos estudos às publicações, dos espaços das salas de aula às associações científicas. É preciso que se compreenda o racismo, combinado com o sexismo e classismo, em várias medidas e contornos próprios (na Geografia, na Antropologia e áreas afins) está na base da formação da ciência, da disciplinaridade, da composição etnicorracial e de gênero dos departamentos, institutos ou faculdades, dos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação, dos eventos e das publicações.

Muitas vezes, diante desse contexto, somos induzidos a aceitar tudo de forma pronta e acabada sobre uma estrutura pré-concebida de pensamento pela visão da colonização sem perceber (ou de forma intencional por grupos dominantes) que outras referências intelectuais são colocadas em condição de desumanização em detrimento da manutenção do poder de outra. Além disso, de um modo geral quando essas outras culturas são mencionadas aparecem quase sempre de uma forma minuciosamente pensadas para que, ao serem comparadas com a cultura “civilizada” ou “desenvolvida” eurocentrada, sejam associadas à forma inferior, negativa ou pejorativas ou como gostam de nos falar “sem o devido rigor científico”.

Disseram-nos que libertaram nossos corpos e que pararam de nos matar após quase quatrocentos anos de escravidão e a liberdade das nossas mentes se resumiria a pouco mais de um século? Isso não seria a continuação da escravização pelos brancos invasores, mas como formas distintas para manter e perpetuar essa estrutura racial de poder? Por qual motivo um território tão rico cultural e economicamente como a América Latina continua sendo subdesenvolvida pela lógica da M-C? Qual é o papel da universidade enquanto instituição na promoção de ideias que nos possibilite tensionar essas problemáticas sobre a realidade da nossa sociedade? E o papel da Geografia?

Lembro que os “clássico” da ciência geográfica como Paul Vidal de lá Blache, a serviço França, e Friedrich Ratzel, a serviço da Alemanha estavam fechados como uma proposta de expansão colonial dessas nações europeias. Portanto, enquanto geógrafos, são responsáveis por consolidar uma estrutura racial utilizando o pensamento geográfico na produção desigual do mundo ao desumanizar outras culturas fora da centralidade eurocentrada para atender os anseios gananciosos de suas nações. E aí vai vir meia dúzia de abobrinha dizendo que não podemos julgá-los dessa forma porque são frutos do seu tempo. E como são, por isso atendiam uma lógica de expansão colonialista que empobrecia outros territórios em

detrimento do enriquecimento compulsório da Europa ao escravizar, invadir, roubar, exterminar, desumanizar e por aí vai todo tipo de violência que se possa imaginar sobre África, América, Oceania e sul Asiático.

Todo esse conjunto de problematizações nos fazem refletir duas experiências cíclicas sob o crime de garimpo ilegal nas terras dos povos indígenas **Yanomami** no estado de Roraima (Figura 43), em janeiro de 2023, onde o genocídio desse povo estava sendo denunciado desde 2018, mas foi ignorado pela (des)gestão bolsonarista (RELATÓRIO VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2020). A outra experiência é **o número crescente de denúncias de trabalho escravo (escravocratas)**, como no caso das vinícolas no Rio Grande do Sul e nas indústrias canavieiras em Goiás em março de 2023 (Figura 44), estados que tradicionalmente possuem um passado vinculado sobre um regime escravocrata. Geografia brasileira isso não são questão de produção do espaço geográfico sobre concepções raciais e suas interseccionalidades?

Indago isso, pois, conforme elucidada Paulo Freire (2007), existe um vazio na cultura brasileira, na forma como contam a história, na forma como desconsideram outros povos no processo de evolução do espaço, sendo reflexo de uma estrutura racial que privilegia um pensamento eurocêntrico, que me tira o sossego ao dormir. É uma relação abusiva que tentam apagar o lado de quem sempre foi prejudicado historicamente. É uma manipulação sem fim, uma falácia em que se é induzido a acreditar nessas estruturas de pensamento da branquitude.

Figura 43: Genocídio provocado pelo garimpo ilegal em terras Indígenas Yanomamis em Roraima – BR



Figura 44: Operação Polícia Federal contra trabalho escravo nos municípios goianos de Itumbiara, Edéia e Cachoeira Dourada



Fonte: TV Anhanguera. Disponível em: < <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/03/17/mais-de-200-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-goias.ghtml> > Acesso em 17 de mar. 2023.

A mentira que se aponta aqui é a de um Brasil que só passa a existir quando um homem branco, europeu, cristão, heterossexual e cisgênero coloca seus pés nestas terras. Além disso, percebemos, também, como se criou uma ideia de que, sem ele, sem essa figura “redentora”, nada aqui existiria. Evidencia-se que paira uma ideia de uma dívida, que a Europa prestou um “favor” ao invadir a América ao provocar o genocídio dos povos originários e o sequestro dos povos negros da África, traficados como mercadorias, como se isso fosse a salvação, e aqui estão os colonizados enfrentando a M-C e o racismo na América Latina como consequência desse fato, que estamos pagando com nosso próprio sangue derramado (GOMES, 2011a).

Torna-se importante destacar que existem relatos históricos de escravidão desenvolvidos em todos os continentes por várias sociedades e culturas antes das grandes navegações ao final do século 14 e início do século 15. Contudo, em cada continente, modelos de escravidão distintos eram promovidos. Em África esse cenário existiu, no entanto, a escravidão africana consistia em um sistema de pagamentos de dívidas morais, em que grupos étnicos que perdiam conflitos eram condicionados sobre o pagamento de sua dívida. Cabe ressaltar, também, que a escravidão africana não fazia classificação racial entre os povos, não classificava as culturas acerca das características físicas (formato da boca, orelha, nariz, cor da pele, formato do cabelo) ou as tratavam sob uma estrutura binária: desenvolvidas ou subdesenvolvidas, avançadas ou atrasadas, civilizadas ou selvagens.

Entretanto, o modelo de escravidão desenvolvido na Europa na Idade Média, século 5, já forjava um modelo amplamente violento. Brancos escravizavam brancos? A resposta é que sim, e o próprio pensamento de classificação racial já ganhava força na Europa ao exemplo das denominações sobre os “povos bárbaros” e os “povos eslavos”. Outro detalhe importante é que o modelo escravista europeu já operava sob uma lógica comercial, de essência capitalista, fomentando um mercado de sequestro e tráfico de pessoas em busca de acúmulo de riquezas. Com as grandes navegações ao final do século 14 e a invasão colonial europeia sobre o continente africano, percebemos uma alteração na estrutura cultural da escravidão africana em que o modelo europeu foi imposto sobre o continente. O sequestro e o tráfico de pessoas virou um mercado lucrativo para as nações europeias explorarem em África, além da utilização da força de trabalho altamente qualificada, para impulsionar suas colônias. O super desenvolvimento de países ricos que observamos na atualidade precede um passado de acumulação operado pela violência e desumanização de culturas fora do eixo eurocentrado pela colonização (ALADRÉN, 2012; QUERINO, 2018; FANON, 2022).

Faço questão de destacar a distinção entre os dois modelos escravistas, porque ainda no tempo presente muitas pessoas tentam justificar o tráfico de pessoas de África, fato histórico conhecido como diáspora africana, como prerrogativa de que no continente negros escravizavam negros. Assim como brancos escravizavam brancos na Europa, sociedades indígenas escravizavam indígenas nas Américas, árabes escravizavam árabes na Ásia. De fato, contudo esse pensamento genérico sobre um único modelo de escravidão não pode ser aplicado ou partir da premissa de um modelo universal que se operava globalmente, e sobre o contexto africano em toda extensão territorial, em seus diversos reinos e impérios, que antecede a invasão colonial europeia.

Cabe ressaltar, conforme nos orienta Darcy Ribeiro (2014), que antes das grandes navegações cada sociedade em suas regiões continentais vivia dentro de um sistema ecológico em equilíbrio e que a miséria e o desequilíbrio do mundo foram promovidos pelas sociedades europeias. Ai a chave central para compreendermos questões imprescindíveis que em África, assim como nas Américas sociedades altamente desenvolvidas operavam na produção do espaço geográfico. O que julgamos hoje como “atrasado”, “selvagem” ou “desprovido de pudor” é o relato do colonizador sobre outros modelos de produção social e cultural dos colonizados.

Percebemos, diante disso, que a imposição de um pensamento eurocentrado não se trata apenas sobre a escravidão. Boa parte da nossa memória, de compreendermos a evolução espacial geográfica de forma múltipla sobre América Latina se reproduz numa tentativa

sistemática de apagamento, esquecimento, silenciamento intencional para sobreposição do modelo europeu de mundo (IANNI, 1988). Como sabemos mais sobre a Europa do que da própria África, que deu povo ao Brasil? Como uma nação pode saber mais sobre a Europa do que da sua própria realidade? Ou ainda: como podemos saber mais culturalmente de um povo branco em outro continente do que sobre os povos latinos? São problematizações que devem ser exercitadas, e se isso não incomoda é aconselhável repensar a forma de apreender a cultura da América Latina.

Isso é só mais uma prova, como direciona os estudos de Gonzalez (1983) e Nascimento (1989), de que o mito da democracia racial no Brasil nunca existiu. Mas a quem essa falácia beneficia? Como esse sistema se mantém, mesmo após mais de dois séculos da independência territorial brasileira? Será que é um projeto coletivo que insiste em não cicatrizar feridas abertas em mais de quatro séculos, enquanto colônia ou elas permanecem abertas atendendo interesses de um determinado grupo social (BENTO, 2022; GALENO, 2010)?

Posto isto, Grosfogel (2008, p. 64) também argumenta sobre a M-C e como ela atende os interesses da colonização ao compartilhar que

[...] sin localización espacio-temporal en las relaciones de poder mundial, inaugura el mito epistemológico de la modernidad eurocentrada de un sujeto autogenerado que tiene acceso a la verdad universal, más allá del espacio y el tiempo, por medio de un monólogo, es decir, a través de una sordera ante el mundo y borrando el rostro del sujeto de enunciación, es decir, a través de una ceguera ante su propia localización espacial y corporal en la cartografía de poder mundial⁵.

Em suma, denuncia-se uma forma de controle, ou melhor dizendo, de continuação da escravização que incide diretamente na forma como indígenas, negros e negras se apreendem e se situam frente a uma escala global dos fenômenos históricos e socioculturais. A forma como se naturalizam as mazelas das desigualdades não poderia ser, se não mais um mecanismo de dominação e continuação da exploração sustentadora de uma estrutura global da colonização.

A Geografia enquanto ciência moderna não foge dessa regra. Nela são utilizadas, frequentemente, formas e estruturas de pensamento que desconsideram a diversidade cultural a qual o mundo é consolidado, desconsidera-se a autonomia de pensamento de outros povos, fora do eixo eurocêntrico, que somente por ela é possível alcançar formas únicas de apreender as relações socioespaciais e socioculturais dentro de múltiplas possibilidades no-sobre o espaço.

⁵ [...] sem a localização espaço-tempo nas relações de poder mundial, inaugura-se o mito epistemológico da modernidade eurocentrada de um sujeito autogerado que tem acesso à verdade universal, para além do espaço e do tempo, por meio de um monólogo, isto é, através de uma surdez para o mundo e apagamento do rosto do sujeito da enunciação, isto é, uma cegueira ante sua própria localização espacial e corporal na cartografia de poder mundial (tradução nossa).

Em um exercício simples indago: quantos professores e professoras indígenas, negros e negras tivemos durante nossas formações? Quantas eram mulheres negras ou indígenas? Quais referências direcionam as formações curriculares e ementas das disciplinas nas formações dentro da universidade? Quantas dessas referências são latinas, negras, africanas ou indígenas utilizadas nos planos de ensino? E se são utilizadas bases epistemológicas eurocêntricas isso é suficiente para dar conta de refletir a própria realidade a qual estamos circunscritos(as)?

Digo isso porque iniciei esse processo de descolonização há mais de seis anos e acredito que até a minha morte o farei. À medida que me distancio de um pensamento hegemônico, encontro um repertório riquíssimo sobre as intelectualidades indígenas e negras, que sofrem com o epistemicídio no Brasil. Como elucida Nascimento (2006, p.99) ao mencionar que o racismo no Brasil é “espicaçado no seu cotidiano, historicamente é evidenciado na ausência de um pensamento livre do brasileiro com relação a ele mesmo, de um pensamento livre do negro sobre si”. Desse modo, percebe-se no cotidiano as marcas deixadas pelo invasor branco.

Essa racialização envolve inevitavelmente desconsideramos da história da ciência geográfica que existia uma **Abya Yala** (nome atribuído pelo povo Kuna, região atual do Panamá, antes da invasão colonial ao final do século 14 sobre o que conhecemos hoje enquanto “América” que significa **Terra Viva**), e uma **Pindorama** (nome atribuído pelas etnias Tupi-Guarani sobre a disposição do território da América do Sul que designa **Lugar das Palmeiras**) onde circulavam sociedades desenvolvidas e complexas produzindo o espaço geográfico (KRENAK 2015). Cabe ressaltar, também, sobre a **Alkebulan** (nome antigo do território que conhecemos hoje como África que significa **Mãe das Nações**) cheia de reinos e impérios altamente desenvolvidos produzindo as mais variadas formas de pensamento e ciência, o que incluiu a formação dos gregos nas universidades do Egito como Platão, Pitágoras, Tales de Mileto e Euclides para só depois com a retomada do pensamento dessas referências no Iluminismo, séculos 17 e 18, difundirem a “boa nova de um ciência moderna” que traria luz sobre a Geografia enquanto campo científico na Europa conforme nos direciona estudos de Cheikh Anta Diop (FINCH III, 2014). Em raros casos excepcionais ao exemplo de Milton Santos como apontado anteriormente que nos possibilitam projetar a Geografia latina no cenário global.

Percebe-se então o efeito devastador dessa imposição colonial, que é transmitida por uma base estrutural via cultura. Ao exemplo, compreende-se que, antes da chegada dos

colonizadores, os povos originários e os povos negros sequestrados da África possuíam suas próprias formas de ser e de estar no mundo, reproduzindo-as culturalmente. Conforme Asante (2014) direciona, em África temos os primeiros grupos humanos a formarem as primeiras civilizações citando o reino do Mali com 6.000 mil anos e o reino egípcio com dinastias de mais de 7.000 anos. Inclusive com desenvolvimentos avançados sobre estudos envolvendo a geografia, astronomia, agricultura, mineração, metalurgia, escrita, leis jurídicas, políticas, matemática, religiosidades, arquitetura, entre outros conhecimentos (QUERINO, 2018).

Diante de uma sobreposição racial branca em detrimento da cultura africana, tudo isso foi minuciosamente colocado a margem do esquecimento pelo pensamento colonial para a substituição do padrão cultural branco-europeu. Com a ausência dessa consciência, a sociedade é, muitas vezes, incapaz de considerar essas subjetividades na produção de conhecimento científico onde a escala temporal dos fenômenos analisados passa a atuar sobre o padrão europeu. O que resta é um forte filtro opressor, que gera uma tensão cultural que desconsidera a diversidade dos modos de vida e de pensamentos na produção científica.

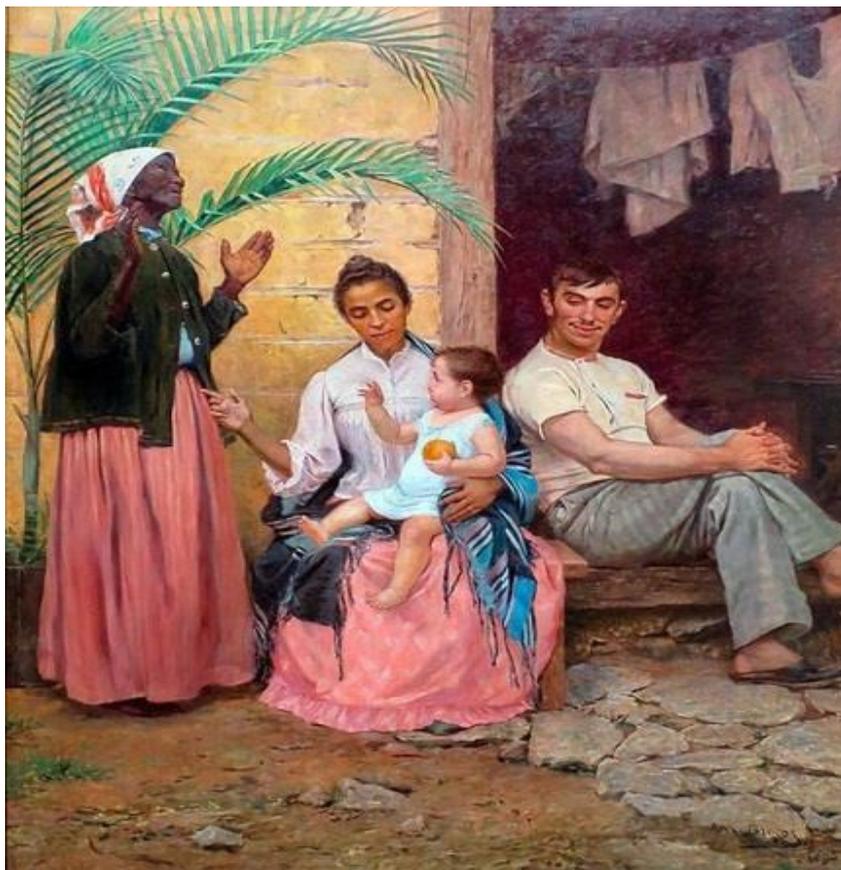
Cabe destacar que foi por meio de uma base de pensamento “racional moderna” que políticas higienistas e eugenistas foram implementadas no Brasil no início do século 19, e ganharam maior intensidade após o fim do regime escravocrata brasileiro em 1888. Ou seja, por meio de “ideias racionais científicas” pessoas brancas acreditavam serem superiores geneticamente sobre “outras raças” (DIAS, 2016). Isso justificaria, via ideia da branquitude, que pessoas indígenas e negras teríamos uma “pré-disposição natural e biológica” de serem dominadas pelos brancos já que essas outras culturas foram colocadas ao longo da história como “atrasada” (SEYFERTH, 1994). Isto é, um papo de branco para privilegiar os brancos e justificar suas violências e vaidades diante do extermínio de outros grupos culturais.

Essa ideia inventada pode ser apreendida na análise da obra *A redenção de Cam* do artista espanhol naturalizado brasileiro Modesto Brocos (1852-1936) de 1895 que apoiava as políticas higienistas (Figura 45). Percebemos nela o pensamento doentio da branquitude de passar o negro a branco em três gerações e a adesão que esse pensamento tomou no Brasil (DIAS, 2016). Um comportamento que era tido como aceitável, já que “racionalmente” a cultura negra foi julgada como inferior à cultura branca diante de um pensamento interpretado erroneamente, o que convém sobre o pensamento hegemônico, dos estudos do naturalista e botânico Charles Darwin sobre a evolução das espécies animais.

Conforme interpretações da obra em conjunto com as análises feitas por Rita Von Hunty (2020) em seu canal do **YouTube, Tempero Drag**, é possível apreender uma série de

elementos que nos possibilitam uma interpretação próxima do pensamento da branquitude da época. Sendo assim, a obra gira em torno da retratação de quatro personagens principais onde cada um representa um elemento da racialização, pensando o projeto de embranquecimento da população brasileira pós a “abolição da escravidão”.

Figura 45: *A Redenção de Cam*, do pintor espanhol Modesto Brocos de 1895.



Fonte: RONCOLATO, Murilo. A tela *A Redenção de Cam* e a tese do branqueamento no Brasil. Disponível em < <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/> > Acesso em 23 de nov. 2021.

Observamos que a negra retinta, a figura mais velha e possivelmente uma pessoa escravizada, ergue as mãos para o céu em sinal de agradecimento a “Deus” pelo seu neto ter nascido branco. Para gente entender melhor como a cultura negra foi captada, chamo a atenção para a sua retratação estar descalça, representando a inferiorização da negra sobre o branco dentro do cenário, ou seja, a sujeira, a imundície da sociedade que precisa ser “higienizada”, limpada da cultura brasileira. Por esse motivo sua filha, uma negra não retinta, segura seu filho em posição de redenção onde seu manto azul representa Maria, símbolo da religiosidade cristã,

também agradecendo a “Deus” pelo filho ter nascido branco e o possível comportamento a ser aceito pelas mulheres nesse período. O possível pai, branco, representa a cultura europeia e a possível superioridade da branquitude, onde com cara sarcástica contempla sua “obra prima”: o filho que nasceu branco. Chamo a atenção em sua retratação, pois com sorriso quase inexpressivo seus pés estão calçados, complementando subjetivamente a ideia de estar limpo da imundice da negra retinta descalça, construindo assim na interpretação da obra sua “superioridade cultural”. E, por último temos, seu filho que nascera branco, em posição de menino Jesus anuncia a “boa nova” em posição de redenção do padrão cultural eurocêntrico “divino” a ser seguido pela sociedade brasileira.

Gostaria de ressaltar, nesta análise, que foi por meio dessas ideias higienistas que políticas de imigração europeia foram incentivadas pelo Estado-imperial a partir da segunda metade do século 19 e logo depois com o novo Estado-democrático de 1889 para a povoação do território brasileiro, evidenciando assim que a população negra e indígena foi desconsiderada em seu processo de formação sociocultural e socioespacial. Momento histórico esse em que se funda Petrópolis, e a projeção dos monumentos que permeiam o centro histórico da cidade (SANDES, 2011).

Além disso, com a chegada dos imigrantes europeus, a cultura de estupro foi incentivada para o embranquecimento da população, em que a criança apreendida na obra possivelmente representa esse cenário lastimável. Isso transa bem com o pensamento proposto por Gonzalez (1983) sobre **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**, em que a autora, desenvolve o conceito de neurose cultural, que consiste como culturalmente, por intermédio da lógica racista e patriarcal naturalizamos subjetivamente a interseccionalidade das mulheres negras. Esse cenário nos permite relacionar diretamente o porquê em nossa cultura, atualmente, somos um dos países que mais comentem feminicídio, onde a cada quinze segundos uma mulher é agredida no Brasil, e a cada duas horas em média uma morta, sendo essa logica mais prejudicial sobre as mulheres negras. Também chamo a atenção dentro do cenário retratado na obra que o pé de coqueiro atrás da negra retinta representa a tradição religiosa cristã, imposta pela colonização portuguesa, de ramos (domingo de ramos) o que se relaciona diretamente a entrada de Jesus em Jerusalém – “aquele que vem em nome do Senhor” – melhor dizendo, o desejo de “Deus” sobre a entrada de imigrantes europeus para implementarem uma cultura de estupro para o embranquecimento da sociedade brasileira.

Sendo assim, Silva, T., (2020) orienta que a M-C encontra-se presente em vários ambientes do cotidiano, como na escola, nos currículos da educação, no trabalho, na gestão

pública do Estado etc. Incluo também que ela está na bala “perdida”, a qual encontra corpos negros nas ruas e nas periferias, na população em condição de rua, nos povos indígenas que vêm perdendo suas terras para dar lugar ao “progresso”. Acrescento ainda que está também na universidade e na Geografia brasileira, expressada na maneira como tem se organizado na perpetuação dessa estrutura de dominação cultural e sobre nossa forma de desenvolver estudos geográficos.

Gostaria de esclarecer, para se compreender os estudos culturais, que a base de pensamento de descolonização é de grande importância. Conforme aponta Almeida (2020), a Geografia Cultural é uma maneira de ver as manifestações culturais no-sobre o espaço. Dessa forma, a relação dos estudos culturais em conjunto com uma base epistemológica afrocentrada, possibilita compreender outros horizontes para além de conceitos e pensamentos culturais hegemônicos que, muitas vezes, não dão conta de apreender a totalidade que estamos imersos.

Assim, Freire (2007) nos lembra que o que transforma o mundo são pessoas. Pessoas munidas de conhecimento crítico, que compreendam a sua realidade cultural em sua ampla totalidade, atentas para as mazelas que nosso povo está circunscrito, mudam o mundo que temos dentro e fora de nós. Assim, “aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura para ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, p.47, 2007).

Sendo assim, depois de uma longa caminhada e leituras em várias vertentes de pensamento destaco três caminhos que possam oportunizar geógrafas, geógrafos e pessoas que se interessam pela temática a se aprofundarem sobre estudos da Geografia sobre uma reflexão mais crítica, mais próxima da produção espacial desigual da cultura brasileira pautada sobre caminhos de descolonização que considere as pautas raciais e consequentemente interseccionalidades diante dessa questão.

A) Afrocentrismo – embora referenciais afrocentradas foram utilizadas por diversos estudiosos e estudiosas ainda no século 19 o pensamento afrocentrico envolve um campo de interesse em valorizar matrizes filosóficas africanas de produção de conhecimento científico amplamente difundido pelo senegalês Chaikh Anta Diop, na década de 1970, mas a sua utilização de forma epistemologicamente notória foi ampliada pelo afro-estadunidense Molefi Kate Asante, na década de 1980 (NASCIMENTO, E., 2014). Conforme o próprio Asante (2014, p. 101-102) nos orienta que “a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses” e complementa ainda que “afrocentricidade é a conscientização sobre agência dos povos africanos”. Sendo assim,

compreende em uma linha de pensamento centrada na valorização de uma base cultural de referências africanas na produção do conhecimento intelectual. Portanto, busca-se por meio dessa epistemologia retomar de forma valorativa a posição central que África assumi no desenvolvimento cultural da humanidade, ao mesmo tempo que combate a desumanização fomentada pela colonização eurocentrada. Assim, embora esse fato histórico lamentável atrasou o avanço do continente, só somos o que somos hoje em sua totalidade pela exponencial contribuição que África nos proporcionou enquanto nação latina-afro-brasileira e mais específico sobre a nossa América-Latina (GONZALEZ, 1983). Sendo o Brasil ligado fortemente ao continente africano, país de maior contingente negro fora de África, esse fato nos possibilita entender inúmeras constatações que, embora um passado de violência colonial nos conecta, por outro podemos caminhar sobre o entendimento de que recebemos a mais alta intelectualidade de diferentes regiões africanas na produção da sociedade brasileira (QUERINO, 2018). Isso reafirma a importância que a cultura africana estabeleceu sobre nossas formações identitárias, culturais, econômicas, políticas, sociais e subjetividades, subvertendo a lógica eurocêntrica de desvalorização dos conhecimentos africanos e afro-brasileiros. Grandes nomes podem nos auxiliar a se enveredar nos estudos afrocentrados como já citados Chaikh Anta Diop e Molefi Kate Asante. Destacando-se também Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis, Eliza Larkin Nascimento, Abdias Nascimento, Leda Maria Martins, Amadou Hampâté Bâ, Henrique Cunha Junior, Alex Ratts, Renata Aquino da Silva, Roberta Gregório dos Santos Neves, Pedro Ivo Cipriano Inocêncio, Manuel Querino, Kabengele Munanga, Muniz Sodré, e entre outras(os) orí que nos possibilita enveredar nesse rico repertório de pensamento. Como essa pesquisa foi objetivada em fazer uma análise geográfica envolvendo produção espacial sobre a pauta racial e suas interseccionalidades, ela transa em torno de vertentes de descolonização, no entanto, o Afrocentrismo se torna central para trançá-las, pois é a filosofia que me possibilitou avançar de forma mais concisa, e valorativa, sobre referenciais culturais indígenas e negras sobre a realidade a qual estou imerso.

B) Decolonialidade – atualmente a maior porta aberta pela Geografia brasileira sobre estudos para a descolonização do pensamento. A vertente decolonial iniciado na década de 1990 envolve pensar os efeitos da colonização como mote de produção espacial desigual da América Latina e todas as consequências, envolvendo passado-presente sobre a temática. Conforme Cruz (2017, p. 28) nos orienta “Descolonizar o saber, o pensamento, a ciência implica a construção de epistemologias outras que estejam vinculadas às experiências, às dores e aos sofrimentos dos grupos, lugares que são vítimas do processo colonial”. Embora esse

estudo iniciou ensaiando o pensamento Decolonial optei por me manter focado no Afrocentrismo porque nossas experiências na cultura latino-brasileira pautando os estudos raciais estão para além da experiência da dor e violência, centrando de forma valorativa as contribuições culturais negras e indígenas na produção do espaço geográfico petropolitano, conforme pudemos notar na gira com nossas parceiras e parceiros. Ao citar nomes que possam auxiliar nos estudos decoloniais auxiliam em seu entendimento Anibal Quijano, Ramon Grosfogel, Santiago Castro-Gomez, Zulma Palermo, Catherine Walsh, María Lugones, Yuderlys Espinosa Miñoso, Ochy Curiel, entre outras(os). Referências que podem orientar estudos na geografia brasileira: Rosselvelt José Santos, Juliana Grasiéli Bueno Mota, Valter do Carmo Cruz, Mônica Cox de Britto Pereira, Eduardo Oliveira Miranda, Rogério Haesbaert, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Eduardo José Marandola Júnior, entre outras(os).

C) Leituras de intelectuais negras, negros, indígenas e latinas – Desde o primeiro contato de invasão colonial de nações europeias sobre outros continentes diversos povos originários se colocaram em processo de descolonização. Na realidade da Brasil e demais países da América Latina existem diversas referenciais que se estruturam sobre pensamentos de descolonização, bem como a produção desigual do espaço geográfico, que não necessariamente envolvem o Afrocentrismo ou a Decolonialidade, sendo estruturadas sobre o Feminismo, Marxismo, Pós-Estruturalismo, Epistemologias Sul-Sul, ou de suas experiências empíricas envolvendo questões raciais ou interseccionalidades partindo da escala de suas próprias realidades. Dessa forma, variados(as) cientistas em outras vertentes possibilitaram avançar na presente reflexão. Nomes como Milton Santos, Ailton Krenak, Sonia Guajajara, Juliano Moreira, Rita Segato, Franz Fanon, Darcy Ribeiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Rita Von Hunty, David Kopenawa, Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), Paulo Freire, Alessandra Munduruku, Jaqueline Conceição, Winnie de Campus Bueno, Cida Bento, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Charlotte Wescla Vasconcelos Braga, entre outras(os) nos possibilita adentrar em importantes caminhos de descolonização do pensamento.

Assim, a Geografia-latino-brasileira tem uma responsabilidade profunda sobre a construção desigual do espaço mundial, portanto um dever e compromisso a ser assumido sobre estudos que direcionem uma reflexão crítica acerca dessas questões raciais como medida de reparação histórica. E essa mudança não começa simplesmente partindo de professores, homens brancos, cisgêneros, heterossexuais, reproduzindo uma lógica patriarcal discutindo os “clássicos” e gozando de todos os privilégios que essa estrutura racial amparada pela M-C possa

lhe proporcionar. Por isso a importância de mais estudantes indígenas e negros nas universidades, por isso a importância de se ler referências indígenas e negras, por isso a importância de se ler mulheres indígenas e negras, por isso a importância de professoras e professores indígenas e negros nos departamentos de graduação e pós-graduação, por isso a importância das ementas das disciplinas trazerem referências indígenas e negras, por isso a importância de referências eurocentras serem tencionadas, problematizadas e transadas por referências indígenas e negras, por isso a importância de lermos nossos pares indígenas e negros, por isso a importância de nos aldearmos e aquilombarmos nos estudos geográficos.

2.3 – PAISAGEM ORÍ ... DIÁSPORAS

*Atravessei o mar, um sol
Da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração, um adeus*

*Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte*

[...]

*Cada rua dessa cidade cinza
Sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas*

*E a palavra amor, cadê?
E a palavra amor, cadê?*

No tópico anterior, foi apresentado como a modernidade e o racionalismo advindos do contexto histórico formado na Europa impactaram o modo como se produz conhecimento e como é possível compreender os fenômenos socioculturais no-sobre o espaço. Percebeu-se também a importância dos estudos sobre vertentes de descolonização e como o pensamento central dessa pesquisa está alicerçado sobre o pensamento Afrocentrismo e como a M-C incide diretamente sobre nossas construções epistemológicas, identitárias, subjetivas e culturais. Sendo assim, o que destaco nesta análise é buscar uma paisagem que direcione para outros caminhos fora do convencional hegemônico.

Uma desses caminhos se relaciona com a letra da música **Um Corpo no Mundo** de autoria da cantora brasileira **Luedji Luna**, que nos possibilitem fazer um deslocamento escalar de reflexão sobre a importância de um pensamento múltiplo sobre a formação espacial da América Latina. Essa escala que apreende a história do nosso lugar, fora de uma centralidade embranquecida, nos desperta para outros sentidos e significados da nossa cultura, do espaço, da paisagem, do território, do nosso lugar, da nossa forma de fazer e pensar a Geografia. Percebemos que essa travessia mais autônoma do pensamento é uma manobra de resistência, que colocamos à nossa própria sorte “sobre o olhar dos brancos que nos fitam”.

É dessa forma que a **paisagem orí** surge nessa reflexão. Em leituras alternadas de autoras e autores da Geografia Cultural, como Almeida (2013, 2020), Vargas (2020, 2021), Corrêa (1998, 2013), e concomitante às leituras de Beatriz Nascimento (1989 e 2006), que me desbravo no caminho de **Orí**. Ressalto que essa reflexão é ensaio de descolonização epistêmica, é uma busca de autonomia aos meus pensamentos e na forma como estou me redescobrendo nessas vivências de mundo que me conduzem para outras geografias.

Posto isto, o termo Orí, de origem Iorubá, é utilizado nas religiosidades africanas que cultuam os orixás e significa cabeça ou centro que liga o mundo material ao mundo espiritual. Com astúcia, Beatriz Nascimento propõe uma metáfora em que o termo significa “relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra, correlação adequada para se interpretar numa única visada restauradora a desumanização do indivíduo negro e suas possibilidades de reconstrução de si, como parte de uma coletividade” (RATTS, 2006, p.63).

Assim, pode-se perceber que, diante do significado de Orí, há um amplo leque de possibilidade de análise dos fenômenos culturais geográficos. Quando se liga o intelecto à memória, quando se buscam as referências subjetivas, ou ainda, quando se problematizam os símbolos que invadem nossos sentidos e os significados que são referências para nossas construções identitárias, percebem-se as múltiplas relações humanas no-sobre o espaço em que se fazem, de certa forma, um mapeamento geográfico das coisas. Essas escalas que vêm da filosofia africana, das negritudes, na travessia do atlântico entre África e América Latina colocam as mentes em um círculo epistêmico, transporta o indivíduo para outros tempos de análise dos fenômenos espaciais, revelando rupturas de um pensamento linear advento do progresso da modernidade (MARTINS, 2021).

Dessa forma, nesse misto de possibilidades de compreensão do conceito de paisagem, percebi a relação dos estudos culturais sobre ela concomitante ao conceito de Orí. Além disso, podemos remeter ao conceito como um novo “estágio da vida” ou um “novo encontro” como o

que ocorreu com a minha mudança de Goiás para o estado do Rio de Janeiro. Compreendo meu deslocamento espacial como um novo encontro comigo mesmo percebendo minha trajetória, minha orientadora geográfica para vida toda, Dona Gertrudes, as paisagens de Niquelândia e com as paisagens divergentes da cidade de Petrópolis onde somente por essa passagem que minha cabeça pode “revisitar o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a sua origem e com o seu momento” (NASCIMENTO, 1989 apud RATTS, p.63, 2006, p.64).

Assim, pude perceber que falar de paisagem, uma das categorias de análise da ciência geográfica, é uma tarefa difícil e está além de uma simples descrição do que se apresenta diante de nós. No entanto, a forma como apreendemos ela diz mais sobre como fomos constituídos culturalmente, ou seja, a construção que perpassa nossas subjetividades, as transas, as vivências e identidades, sendo uma relação mútua entre o habitar interno do sujeito e sua relação do corpo no-sobre o espaço (DIAS, 2019).

Sendo assim, Muñárriz (2011, p.69) nos esclarece que o estudo da paisagem envolve uma percepção individual, algo que desperte a nossa atenção. Dessa forma, o autor orienta ainda que

Para que existan paisajes deben existir una serie de elementos objetivos que los compongan, pero sobre todo es necesario alguien que los perciba, los viva y les otorgue un significado. Desde esta perspectiva las unidades de paisaje se establecen en base a los factores que se consideran como definitorios del paisaje, es decir, depende esencialmente de las formas de ver y de interpretar. La división espacial que se selecciona dentro de un territorio depende del punto de vista⁶.

Destaco que esta pesquisa nasceu por meio das transas estabelecidas nas observações das paisagens da cidade de Petrópolis. O lugar que me situo nessa cidade enquanto negro, confrontando os monumentos do centro histórico e a periferia, na qual residi, me marcou profundamente. Desse modo, o meu intuito aqui é compreendê-la sobre o enfoque cultural em sua complexidade, percebendo seu curso principal, mas também os seus meandros que se entrelaçam, tecendo formas as quais algumas se apresentam bem definidas e outras em contradições (ALMEIDA, 2013).

Consoante, Almeida (2013) afirma que a paisagem é uma maneira de ver o mundo, de acordo com as referências culturais que carregamos, e dessa forma:

⁶ Para que existam paisagens devem existir uma série de elementos objetivos que as compõem, mas sobretudo, é necessário que alguém as perceba, as vivenciem e lhes dê significado. Nesta perspectiva, as unidades de paisagens se estabelecem em base dos fatores que são considerados como definidores da paisagem, ou seja, dependem essencialmente das formas de ver e interpretar. A divisão espacial que se seleciona dentro de um território depende do ponto de vista (tradução nossa).

Enfocar a paisagem é buscar compreender as relações entre natureza, cultura, sociedade e indivíduo, em toda sua complexidade. Ora, a dimensão subjetiva permite a concepção de outras paisagens como as paisagens sonoras, dos odores, a outra paisagem, paisagens do intangível, paisagens do medo... (ALMEIDA, p.422, 2013).

Assim nos direciona García (2003, p.156) sobre o contexto de compreensão da paisagem cultural sobre o contexto da América Latina que

constituye un caso particular en este sentido, ya que la relación ser humano-entorno como también el medio natural sufrieron, por primera vez hace cientos de años, los traumatismos de la colonización ibérica, y así, al haberse debilitado la identidad primitiva, el territorio y el pueblo han sido más vulnerables y susceptibles a dar la bienvenida a influencias foráneas de uno y otro lado, de una y otra condición, a la manera de nuevas colonizaciones, menos violentas sí, pero no menos contundentes.⁷

Dessa forma, fica nítido que um grupo cultural, branco, munido de uma estrutura de pensamento eurocêntrica, ao longo do tempo foi impondo seus símbolos no-sobre o espaço da cidade de Petrópolis. Sendo assim, tem-se como resultado os monumentos como demarcadores territoriais de poder, que servem como marcas da M-C que invadem as formações identitárias no tempo presente. Sem referências culturais múltiplas na paisagem, capazes de abarcar a diversidade circunscritas, desconhecemos outras contribuições culturais na formação espacial.

Diante disso, Vargas (2021, p.396) orienta a acerca do conceito de paisagem sobre a realidade cultural sergipana, trazendo um entendimento oportuno ao afirmar que:

[...] se permite entrar em um jogo de entrelaçamento entre o conhecimento advindo das práticas cotidianas com a paisagem, com o entendimento de que as práticas e a objetivação da paisagem têm e produzem os sentidos da vida, daquilo que nos pertence e daquilo que pertencemos.

Sendo assim, as vivências de um corpo negro sobre o espaço, tecendo-o e modificando-o de forma pertinente à sua singularidade de mundo, estão circunscritas na paisagem colocando em contradição os símbolos de uma padronização cultural eurocêntrica.

Dessa forma, ao compreender a paisagem sobre um enfoque cultural me atentei em buscaras delimitações sobre/as:

- toda a sua complexidade que envolve subjetividade e objetividade (ALMEIDA, 2013);
- vivências culturais que pude estabelecer com ela bem como as transas, onde o se perder e se encontrar, foi tido como uma práxis (VARGAS, 2020);

⁷ Constitui um caso particular nesse sentido, uma vez que a relação ser humano-entorno como também o meio natural sofreu, pela primeira vez há centenas de anos, os traumas da colonização ibérica e, assim, ao ter enfraquecido a identidade primitiva, o território e o povo ficaram mais vulneráveis e sucessivos a receber influências estrangeiras de um lado e de outro, de uma e outra condição, a maneira de novas colonizações, menos violentas, sim, mas não menos fortes (tradução nossa).

- analisá-la como um testemunho de “um modo de produção pela memória e do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada [...], as formas espaciais do passado como características socioculturais específicas” (SANTOS, 1996, p.139);
- reveladora de territórios sobre o espaço que nos permite traçar operações simbólicas, o que se remete à noção de geossímbolos (BONEMEISON, 2002) e;
- introduzindo a escala temporal em circularidade na análise dos problemas compreendendo a importância de buscar no passado alterações espaciais pelas culturas colonizadas pela filosofia africana de Sankofa (NASCIMENTO, E.; NASCIMENTO, A., 2014).

É nessa relação de formas bem definidas e contradições que a paisagem dessa cidade se apresentou a mim. A paisagem apreendida nesta pesquisa não ficou apenas no campo das observações, ela foi experimentada, vivenciada, perpassando as subjetividades do meu ser, a Geografia que carrego no coração e pela transa com o urbano. Além disso, cabe mencionar a nossa experiência de imersão da gira, trocando com nossas parceiras e parceiros, nos possibilitaram sobre as apreensões das paisagens contraditórias.

Outro importante fato a ser mencionado aqui é que essa empreitada ganhou um maior sentido e comprovação do que eu já vinha indagando quando tive a oportunidade de experimentar a cidade como motorista de aplicativo, de janeiro de 2019 até março de 2020, vivenciando uma Petrópolis totalmente diferente daquela que o discurso hegemônico tenta instaurar sobre a falácia de “cidade imperial” ou cidade do “colono alemão”.

Isso ficou nítido quando ouvia os vários relatos dos passageiros e passageiras, em sua grande maioria homens negros e mulheres negras, de vários bairros periféricos. Ao contrapor as narrativas dos passageiros, paisagens e monumentos fica evidente o quanto brancos e negros experimentam a mesma cidade de formas distintas.

Entendemos que o lugar que nos situamos, enquanto negros petropolitanos e negras petropolitanas experienciado uma autonomia epistêmica, nos possibilita revelar uma cidade de paisagens contraditórias em relação à narrativa que nela emerge. Contraditória, porque percebemos a força da M-C que se formou ao longo do tempo, desde as histórias que narram o processo de evolução espacial pela centralidade de personalidades brancas, perpassando os pórticos, toponímia dos itinerários que adentram a cidade, toponímia dos espaços públicos, patrimonialização e edificação dos monumentos, o que caracteriza embranquecimento cultural do espaço urbano, ou seja, o que tem “valor cultural” a ser preservado. Em contrapartida, com

um olhar sensível sobre a paisagem percebemos horizontes de uma cidade múltipla em sua composição com referenciais culturais indígenas diversas e uma expressiva população negra habitando os seus bairros empobrecidos que possuem dificuldades de apreender suas negritudes impressas na paisagem como protagonistas ou quando percebida seu enfoque é reduzido ao período da escravidão, como se a cultura negra se resumisse a isso (GOMES, 2011b).

Dessa forma, diante dessa experiência, há várias Petrópolis dentro de uma só. Confirmando, em parte, aquelas paisagens buscadas pelos turistas que chegavam à rodoviária e que se deslocavam para o centro histórico para viverem uma experiência “imperial” ou de uma “Europa” na América Latina (imagem vendida pelo turismo local). Descobri paisagens onde seus filhos e filhas de terreiros vestem a cidade de branco aos domingos ao cultuar caboclos, vovós, pretos-velhos, pretas-velhas e orixás que se deslocam pelos bairros da Mosela, Alto da Serra, Quitandinha, Quarteirão Brasileiro e Chapa Quatro, compreendendo o desespero das mães com os filhos doentes em seus braços, que não conseguiam apreender a beleza que é viver na “cidade imperial” pela falta de transporte público adequado no bairro da Cidade de Deus ou apreciando no alto de um morro no bairro da Siméria o vislumbre de uma vista da baixada fluminense, onde bravos homens e mulheres se atiram em pipas amarradas aos corpos para terem uma experiência de quase morte, flutuando sobre esquivos vales.

Apreendi a enxergar negritudes em uma paisagem tomada pelo embranquecimento por caminhos deixados pelas ancestralidades que perpassam desde os grafites de lideranças negras nacionais-locais e o busto do Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade, sendo um dos poucos territórios negros no centro histórico da cidade, os cartazes pregados nos postes convidando a população para visitar o Museu da Memória Negra de Petrópolis no *Instagram*⁸, pelos painéis do Festival de Inverno do SESC, invadindo os pontos de ônibus da cidade para expor trabalhos do artista plástico Cipriano⁹ e a sua escrita da *Macumba Pictórica* que muito tenho aprendido, pelo trabalho fascinante do espaço cultural Afro Serra¹⁰ regatando o **jongo**¹¹, **história do samba petropolitano e outras manifestações culturais africanas e afro-**

⁸ @museumemorianegrapetrópolis

⁹ @cipriinocencio

¹⁰ @afro.serra

¹¹ Uma das manifestações culturais mais potentes da cultura Afro-brasileira que se relaciona com o ritmo trazido pelos ancestrais negros escravizados de origem banto, Angola e Congo, onde se dança em uma roda com os pés descalços. Criada por Afrodescendentes e repassadas culturalmente aos Afro-brasileiros em situação de escravizados, esse ritmo era utilizado para comunicar-se entre si onde cada ponto do jongo simbolizava um vocabulário próprio secreto protestando contra o regime de escravidão. A evolução rítmica do jongo possibilitou a criação do samba brasileiro (www.jongodaserrinha.org).

brasileiras, pelas trocas estabelecidas no Conselho Municipal de Cultura na cadeira do segmento da cultura Africana e Afro-brasileira com lideranças pretas múltiplas ou pelo acarajé vendido por dona Máxima Cruz dos Santos, na calçada do Palácio de Cristal, se tornando um corpo-território de resistência frente a uma cidade embranquecida. Pude apreender também, nessa experiência incrível, as paisagens naturais do bairro do Rocio onde a poética apreendida por Beatriz Nascimento nos desperta em uma análise geográfica desse lugar em 1984 tecendo as seguintes apreensões:

Feliz com a natureza
 Feliz por esta oportunidade
 De me sentir curada
 Em todas as minhas forças
 Sem neurose
 Sem medo
 Sentindo os raios do sol
 Em filtro cinzelados
 Cinza-azul-esverdeado a mil metros de altitude
 Percebendo meu corpo em ebulição
 Minha mente em paz
 Minha vida ressurgida
 Com vontade de Betha
 Com vontade de Berto
 Com certeza deles e de mim
 Com muito amor
 Alegria de estar sentada na terra
 Do alto desse monte
 Espantando os insetos com cuidado
 Com muito calor por dentro e por fora
 Como há muito não acontecia,
 Minha beleza original
 Sem pressa de nada

E é assim, abrindo passagem pelas múltiplas negritudes petropolitanas, evidenciando paisagens contraditórias na cidade que se diz “imperial”, que Petrópolis é a cidade de “Pedro”, que Petrópolis é uma cidade dos colonos alemães, que Petrópolis é uma “Europa” na América Latina e tantas outras nomenclaturas da branquitude, quando, na verdade, Petrópolis é também a cidade de Preto, Petrópolis é a cidade de colonos originários, PRETÓPOLIS. Dessa forma, percebe-se como os caminhos das nossas ancestralidades negras e indígenas foram deixando trilhas nessa formação espacial múltipla. Isso possibilita averiguar que a forma como a história foi construída ao longo do tempo e vem sendo reproduzida, não mensura a *práxis* que nela emerge e isso é o que iremos discutir no capítulo que sucede, então seguimos nossa caminhada.

CAPÍTULO 3 - PETRÓPOLIS, CIDADE IMPERIAL PRA QUÊ E PRA QUEM?

[...] O olhar percorrer as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as partes.

Ítalo Calvino

A todo momento a gente olha pra dom Pedro sentado com as pernas cruzadas na Praça Dom Pedro, um monumento enorme, grande, imenso! E a gente fica não tem nada a ver comigo, mas não tem nada a ver e aí você passa achar que você caiu de paraquedas, né?! Uma cidade estranha (risos), mas só que você nasceu nela. Nasceu nessa cidade! Será que a gente não fez nenhuma história nessa cidade?

Pedro Ivo Cipriano Inocência

Nessa breve passagem da obra *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, é possível averiguar que, no cerne de toda cidade, existe uma centralidade na ideia que nutre a memória coletiva. Marco polo, personagem viajante responsável por descrever as cidades sob o amplo domínio do Império Romano para o imperador Kublai Khan, traz à tona informações que estão intrínsecas no imaginário urbano, revelando cidades para além de suas formas físicas. Percebe-se, assim, que a cidade trata também das referências simbólicas, subjetividades, ao que se sente e ao que se experimenta.

Diante dessa apreensão, sendo o presente uma dádiva do aqui e do agora, há a possibilidade de olhar para esse passado e buscar a história que nos interessa sobre a lógica dessas relações. E foi assim quando cheguei a Petrópolis, lugar onde os imponentes pórticos (Figura 47) já anunciavam: **Petrópolis, cidade imperial!** Mas o que um geógrafo ou uma geógrafa tem a dizer sobre isso? Logo, diante das minhas vivências na cidade, a transa estabelecida com a paisagem, as experimentações enquanto negro em um habitat cultural diferente do meu e as trocas estabelecidas com os parceiros negros e as parceiras negras pode sistematizar algumas dessas respostas.

Figura 46: Pórticos nas entradas dos bairros Quitandinha e Bingen em Petrópolis-RJ



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Dez. 2020.

A verdade é que por trás desse “imperial” há um efeito devastador, o qual incide diretamente sobre uma tentativa insistente do apagamento da memória de culturas que experimentaram a violência da colonização de nação europeias. Nessa tentativa, pode-se entender como uma ideologia operante da M-C persiste no presente. O fim da colonização não

significou o fim da exploração racial, que está no âmago da desigualdade criada pela M-C, que atende aos anseios de uma branquitude hegemônica de base eurocêntrica.

Essa ideia imposta pela branquitude, no passado, foi se estruturando sobre uma base de racialização de outros grupos culturais para se apropriarem dos seus conhecimentos de mundo, técnicas, tecnologias e força de trabalho enraizadas nas ações culturais cotidianas, que foram se reproduzindo ao longo do tempo (ALMEIDA, 2019). No tempo presente, esse comportamento naturaliza-se em ideias que acabam por virar discursos racistas de uma narrativa com objetivo de perpetuar estruturas raciais de poder que materializam sobre o espaço geográfico seus símbolos. Essa estrutura, criada pela branquitude servem de base substancial no constructo das identidades da população petropolitana, sendo responsáveis por conduzir o comportamento social que altera e modifica o espaço (Figura 48). Por isso, o que se apreende na paisagem não é o resultado, mas a continuidade de uma imposição cultural que se consolidou no tempo passado e se perpetua no tempo presente.

Figura 47: Ideia do Imperial no site de informações aos turistas da TURISPETRO

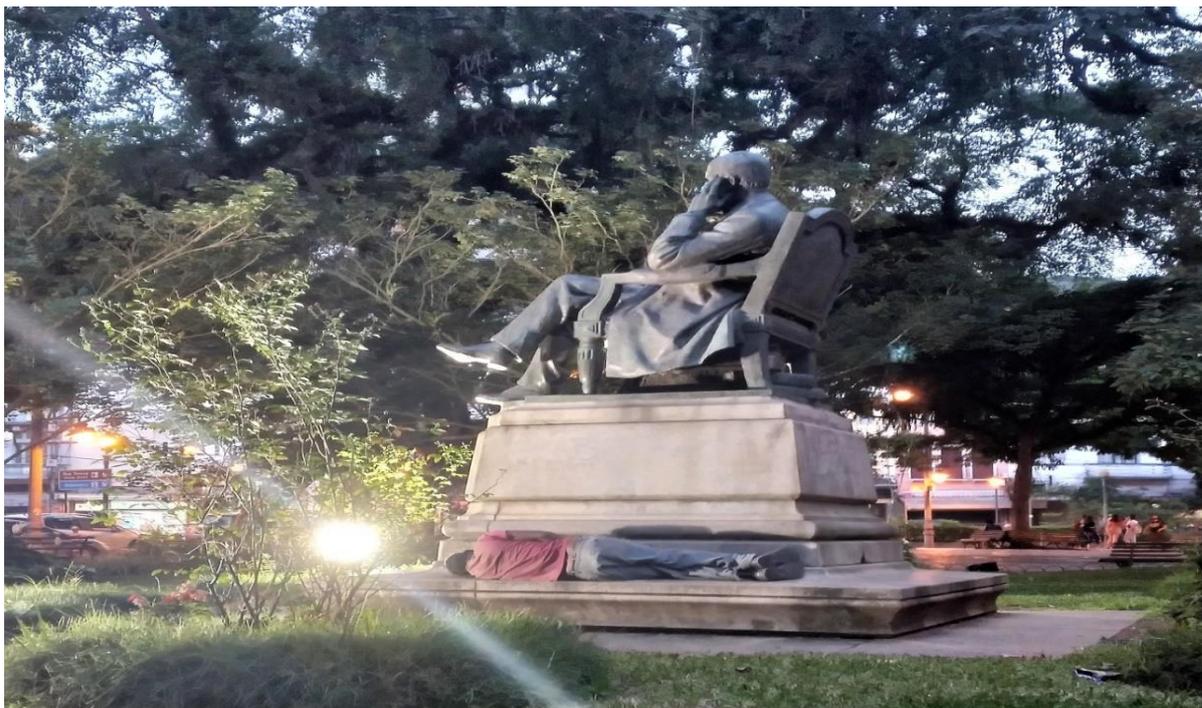


Fonte: TURISPETRO. Disponível em: < <https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/> > Acesso em: 15 de out. 2021.

O cerne principal dessa ideia é tirar o foco de uma compreensão multicultural do espaço enquanto os povos indígenas e negros são empurrados para as periferias, para o cárcere, para o empobrecimento (GOMES, 2011b). Assim, as pessoas brancas obtêm privilégios dessa estrutura racial, e isso ocorre, muitas vezes, de maneira subjetiva. Para os brancos, o sonho de uma cidade consolidada à sua imagem; para negros, negras e indígenas, o pesadelo de viver em

um espaço sistematicamente embranquecido pelos símbolos apreendidos na paisagem. Enquanto você acredita estar visitando Petrópolis dentro de uma historinha de príncipes, princesas, reis, rainhas, alemães e portugueses, você não faz nada além de reproduzir uma lógica racista (Figura 49).

Figura 48: Pessoa negra em carne e osso em condição de rua dormindo na base da estátua de d. Pedro II em Petrópolis – cidade imperial



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 24 de jan. 2021

Nesse sentido, a fala do parceiro Cipriano, no início deste capítulo, se torna muito oportuna, porque possibilita trazer a dimensão da falta de pertencimento das pessoas negras sobre a cidade de Petrópolis, na qual os monumentos exercem uma centralidade sobre esse fato. Para, além disso, sua problematização nos incita a buscar no passado nossa própria história, por nós mesmos, e como algumas estruturas raciais nos tiram a possibilidade de ter uma consciência voltada a valorizar referências culturais subalternizadas de forma valorativa, que respeitem nossas identidades. Ora, observe que não se trata de desconsiderar outras culturas sobre a produção da cidade, contudo perceber essa estrutura e que ela está alicerçada sobre a desvalorização de outras é o que possibilita compreender que a desigualdade não é algo natural, e sim construída. E se ela é construída, pode e deve ser (re) pensada, tensionada, problematizada. Dessa forma, os próximos direcionamentos nos possibilitarão justamente fazer o movimento e propor alguns caminhos possíveis sobre isso.

3.1 – O QUE O ESPAÇO E O TEMPO EM CIRCULARIDADE NOS REVELAM?

Percebe-se, no início deste capítulo, como uma construção cultural simbólica que gira em torno da imagem do "imperial" ou "da cidade dos colonos alemães" se consolidou ao longo do tempo, e como isso incide diretamente no apagamento intencional da memória negra e indígena petropolitana. A questão que coloco aqui é como existe uma escolha minuciosamente definida pela branquitude, sobre quais elementos culturais são dignos de terem suas memórias preservadas enquanto outros são conduzidos para o esquecimento intencional. Essa celebração histórica em torno de referências eurocêntricas, advento do processo da M-C, é a continuação das subordinações culturais que incidem sobre a forma como se constroem as subjetividades, memórias, identidades e o conhecimento de si em relação ao mundo.

Castro-Gomes (2007, p.58) orienta ainda que a M-C tem por objetivo "transformar radicalmente suas tradicionais formas de conhecer o mundo e a si mesmo, e, assim, levando o colonizado a adotar o próprio universo cognitivo do colonizador". Da mesma forma, percebe-se que a escala do tempo e do espaço em Petrópolis só passa a existir mediante o recorte de figuras eurocêntricas, que passa a atuar sobre a produção do espaço (BENTO, 2022). Diante desse processo, não se percebe a participação de outras culturas na produção desse espaço, o que caracteriza, também, que a forma como internalizamos esse processo de evolução espacial ao longo do tempo é feita de forma retilínea sobre a estrutura de pensamento da branquitude. Como observamos nesse conjunto de informações disponíveis no site da Secretaria de Turismo de Petrópolis (TURISPETRO), a cidade só passa a existir a partir de demarcadores históricos brancos (Figura 50). E seguimos cronologicamente apenas com referenciais brancos, sem nenhuma menção para turistas que se utilizam dessa ferramenta que existem referências indígenas e negros que participaram ativamente sobre formação urbanística.

Dessa maneira, Cruz (2017, p.21) complementa sobre esse entendimento ao dizer que

Isso significa que os lugares, as populações, as comunidades são tratados como se estivessem numa... fila histórica que vai do estágio dos mais "selvagens" até os mais "civilizados", dos mais "atrasados" aos mais "avançados", dos mais "subdesenvolvidos" aos mais "desenvolvidos". Nessa forma de conceber e classificar as experiências sociais e os lugares e, conseqüentemente, as identidades, as populações denominadas "tradicionais" são classificadas como "atrasadas" e "improdutivas" em detrimento dos tempos e espaços que são "modernos", "avançados" e "produtivos". Assim, essa visão colonialista caracteriza as expressões culturais de tais populações como "tradicionais" ou "não modernas", como estando em processo de transição em direção à modernidade, e lhes nega toda possibilidade de lógicas culturais ou de cosmovisões próprias.

Figura 49: “Nossa História” linha do tempo de fatos “importantes” na formação espacial de Petrópolis



Concomitante a isso, é possível apreender que embora indígenas, negras e negros tenham sido desconsiderados no papel de produção do espaço pela lógica da dominação, sendo reduzidas ao período da escravidão ou a ideias depreciativas, isso nos mediatiza a visão colonizadora reducionista da história, sendo ela insuficiente para apreender a totalidade da produção espacial a qual se está imerso. A história narrada pelo colonizador é dada fora de uma realidade verídica, em que as múltiplas culturas são desconsideradas, mas elas estão lá e jamais serão apagadas, pois suas subjetividades na produção desse mesmo espaço são inerentes a sua singularidade de ser e estar no mundo.

Assim, é necessário averiguar a forma como se revisita esse passado ao compreender o processo de evolução espacial. Essa preocupação é necessária, pois, diante de pontos de vistas colonialistas, pode-se cometer o erro de visitar o passado bem como a evolução do espaço pelo olhar do colonizador invasor. Dessa forma, ao dialogar com Abdias Nascimento (2014, p. 220) o autor sugere que:

A memória do negro brasileiro é parte e partícipe desse esforço de reconstrução de um passado ao qual todos os afro-brasileiros estão ligados. Ter um passado é ter uma consequente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negro africana, mesmo preservando nossa condição de cidadãos genuínos e edificadores deste país.

Sobre esse entendimento, Milton Santos (1996, p.176) nos permite compreender que em relação ao conceito de espaço que

[...] testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim, o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelo à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas pré-existentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

Dessa forma, como propõe Ianni (1988), é inconcebível falar da América Latina e não compreender a importância que outros povos exerceram e exercem para além da centralidade eurocêntrica e saxã no processo de evolução espacial. Do ponto de vista da história moderna, via branquitude, o único recorte possível de imaginar a contribuição das culturas negras e indígenas na formação socioespacial e sociocultural é de forma submissa, pejorativa ou que pouco contribuiu. Mesmo que isso seja excluído de nossas consciências, o povo preto estava lá, o povo indígena estava lá transformando, alterando, desconstruindo, resistindo, se reproduzindo no-sobre o espaço com seus modos únicos de produção. Não como plateia dos brancos, mas como protagonistas, pois coexistiram simultaneamente.

E o que nós, geógrafos e geógrafas, temos a dizer sobre isso? Qual é o nosso papel enquanto cientistas que investigam as relações humanas no-sobre o espaço? Cientes dessa lógica, qual é o nosso papel na subversão dessa escala racista implementada pela branquitude por um pensamento advento da modernidade sobre nossas apreensões das relações humanas no-sobre o espaço?

Por isso, a gira veio como primeiro capítulo nessa reflexão, porque ela subverte nossa apreensão progressiva e contínua dos fenômenos espaciais. Não buscamos respostas prontas num primeiro momento, esse conjunto de indagações nos provoca. Além disso, sendo a paisagem o resultado desse turbilhão de territórios e territorialidades no-sobre o espaço, isso altera a noção que se tem sobre uma evolução progressiva e contínua dos fenômenos espaciais. Não existe evolução espacial linear a partir de marcadores eurocentrados como não existe tempo linear. No momento em que se depara com essas questões, percebe-se um espaço-tempo em altos e baixos, em evolução e retrocessos, de avanços e recuos e isso a paisagem se encarrega de nos lembrar a todo o momento (MARTINS, 2021).

Diante disso, essa imposição da M-C não é suficiente para dar conta de um espaço que, ao longo do tempo, foi multicultural, ou seja, também **empretecido e indígenecido** (esse último reflexão minha). Assim, outras noções de evolução espacial nos invadem. Percebe-se, diante disso, outros territórios e territorialidades, ligando o intelecto ao mundo sensível, ligando o corpo ao mundo material em que se apreende o espaço à nossa volta, como um ciclo que nos remete a um curso de um rio serpenteando, ora em fluxos lentos ora em corredeiras bravias, ora seguindo a calha e ora transbordando-se. Isso nos possibilita subverter a escala eurocêntrica de evolução contínua do espaço-tempo.

Para indígenas, negros e negras, outras possibilidades escalares de interpretações dos fenômenos socioculturais e socioespaciais se apresentam. Dessa forma, é inconcebível pensar desenvolvimento territorial, espacial, temporal e cultural utilizando apenas figuras de branquitude. Estou considerando aqui a centralidade dos povos originários, dos povos negros sequestrados da África e traficados para a América quando assumiram um papel imprescindível no processo de evolução espacial da América Latina.

Esses, sim, são colonizadores, uma vez que os povos negros proporcionaram o conhecimento de mundo da África, ofertaram técnicas e tecnologias altamente qualificadas que deixaram suas assinaturas, subjetividades e símbolos circunscritos no-sobre o espaço (NASCIMENTO, 2006; CUNHA JÚNIOR, 2012; QUERINO, 2018). É impossível imaginar um Brasil tão rico cultural, tecnologicamente e intelectualmente, e pensar que a figura dos

povos originários e dos povos negros se resume apenas à escravidão ou a pequenos fragmentos descritivos sem nexos ao longo da história.

Se o invasor branco obteve sucesso em seu processo de colonização, é porque os povos originários, os colonizadores negros e as colonizadoras negras tinham um profundo conhecimento geográfico de mundo. Seus conhecimentos foram utilizados no desenvolvimento territorial em uma escala inimaginável, que somente por isso apreende-se o Brasil de hoje como um país rico cultural e socialmente.

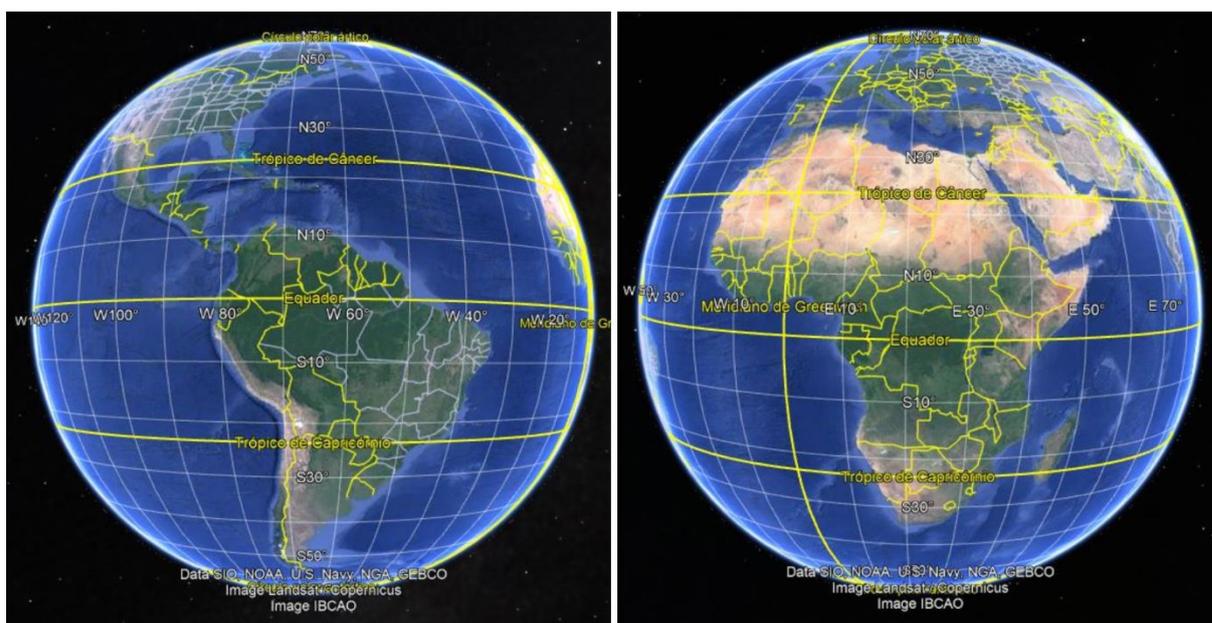
Em uma constatação difusa, pode-se dizer que quem detinha o conhecimento dos elementos espaciais que impulsionou a América Latina são os povos originários e os povos negros. Com a chegada dos invasores brancos, e aqui não estou falando de uma figura de um colonizador pacífico salvador da pátria, se encarregaram de se apropriar, roubar, esses conhecimentos de mundo para impor o que chamamos hoje de "progresso" (NASCIMENTO (2007). Contudo, gostaria de destacar que a conotação que se tem hoje sobre progresso, sobre a lógica modernista da produção capitalista na América Latina, sucede violência, massacre e genocídio dos povos originários e dos povos negros. Progresso por meio da branquitude significa apropriação epistêmica do mundo desses povos e a criação de hierarquias raciais para associar objetiva e subjetivamente de que tudo fora dessa centralidade eurocêntrica é atraso cultural, desprovida de “rigor” e de “qualidade”, necessárias na produção de conhecimento (QUIJANO, 2005). Entretanto, não passa de uma falácia que nos retoma a ideia da M-C.

Os primeiros caminhos por onde os invasores brancos adentraram nas Américas não eram de seus domínios, não eram de seus conhecimentos. Os povos originários tinham conhecimento das terras, dos caminhos, dos solos, dos relevos, dos rios, da vegetação, do clima e de todo o ciclo e dinâmica das propriedades da natureza, povos que já possuíam suas técnicas e tecnologias desenvolvidas antes da chegada dos invasores. Seus corpos estavam ligados à natureza, circulando e cultivando nessa vasta Pindorama, suas mentes estavam ligadas à natureza, equilíbrio entre o mundo físico e o mundo espiritual em aspirações (KOPENAWA, 2015; KRENAK, 2020).

Posteriormente a esse fato, com a chegada dos invasores europeus, o que se vê é o genocídio dos povos originários e o sequestro dos povos negros da África, tráfico humano e despejo nas Américas. Historiadores datam por volta de 1554 a chegada das primeiras levas de tráfico de pessoas de África para o continente americano. Curiosamente, quando se observam as faixas latitudinais entre América Latina e África temos a mesma disposição (Figura 51). Parece uma constatação simples, mas isso muda drasticamente o curso do progresso na evolução espacial desse território. Nessa mesma faixa latitudinal, temos uma aproximação dos

elementos físicos-geográficos entre América e África. Dois continentes ligados por um cordão umbilical chamado Atlântico, que possui elementos físicos (clima, relevo, vegetação, solo, hidrografia) muito próximos.

Figura 50: Disposição Latitudinal entre América Latina e África



Fonte: Google Earth

É notório que, para abrir caminhos no Brasil, se utilizaram de conhecimento espacial geográfico daqueles que tinham um profundo domínio dos aspectos geográficos, conhecimento adquirido pelas vivências, oralidades passadas pelos ancestrais, pelo amor ao lugar que nutre a vida e a reprodução cultural dos povos originários. Com similaridade, os povos negros sequestrados e despejados no Brasil tinham os lugares guardados em suas memórias. Observando geográfica e cartograficamente as invasões coloniais eurocentradas na África que se conhece hoje, Cabo Verde, Benim, Guiné-Bissau, Congo, Angola e Moçambique estão na mesma faixa latitudinal tropical e equatorial do Brasil, o que lhes causam conhecimentos geográficos de mundo próximos. Por isso, os povos negros sequestrados e despejados no Brasil conseguiram consolidar o progresso da forma que se conhece hoje, porque trouxeram seus lugares na memória e, com isso, sabedorias de mundos vividos (NASCIMENTO, 2006; QUERINO, 2018).

Quando às mulheres negras e homens negros, são sequestrados de distintas regiões da África, traficados e comercializados, os sequestradores não escolheram povos africanos

aleatoriamente. Escolheram mão-de-obra altamente qualificada para a disposição do trabalho escravo, que se ligariam ao continente americano possibilitando um avanço inimaginável no desenvolvimento territorial da América Latina. Além disso, conforme nos orienta Querino (2018, p.13) “o colono preto, ao ser transportado para a América, estava já aparelhado para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinheiro, criador, extrator do sal, abundante em algumas regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim etc.”.

Pode-se atribuir a esse fato a compreensão da potência dessa noção sociocultural geográfica o nome de **sincretismo espacial**. Em outras palavras, esse conceito significa que esses povos já transavam com espaços na África com elementos semelhantes aos da América, o que lhes possibilitou associá-los na produção do espaço da América Latina. Por isso, técnicas de construção arquitetônicas, formação de quilombos, técnicas agrícolas, manifestações religiosas diversas, múltiplas línguas africanas e tantas outras contribuições culturais dos colonos negros e das colônias negras possibilitaram um progresso inimaginável que a figura do invasor colonial sozinha não seria capaz de tal feito (QUERINO, 2018). Foram despejadas em novas terras, contudo, com similaridades com as terras que guardavam em suas memórias, subjetividades e no coração. E, assim, se apropriando da episteme dos povos originários e dos povos negros sequestrados, a branquitude pode expandir rapidamente a sua invasão colonial sobre a América Latina e, em especial, no domínio português.

Aos invasores brancos lhe restaram as estruturas e instituições da documentação dos fatos históricos na forma que se conhece hoje na ciência moderna, como documentos de uma "história verídica". Isso revela a índole duvidosa que se apreende muitas vezes sobre esses fatos, colocando em protagonismo a figura do invasor eurocêntrico em detrimento da tentativa do esquecimento de demais povos. Quando se utilizam apenas desses documentos desconsiderando as subjetividades no modo de produzir conhecimento, dificilmente será compreendido o potencial multicultural de evolução espacial.

Julgaram-se superiores e acreditavam apagá-los(las) do tempo e da história, mas se esqueceram que suas afroinscrições e **indígenasinscrições**¹² já tinham escritas as linhas mais verídicas da história sobre o espaço e reveladas pelas paisagens contraditórias (AQUINO, 2018; KOPENAWA, 2015; KRENAK, 2020). Não existe sentido de progresso indistinto dos povos

¹² Conforme nos orienta o conceito de afroinscrições, elaborado pela professora Renata Aquino (2018) e em leituras alternadas de Davi Kopenawa (2015) e Ailton Krenak (2020), o conceito de indígenasinscrições é estendido e cunhado nesse estudo como o conjunto de contribuições das culturas indígenas e de suas ancestralidades no que se refere ao conjunto de bens materiais, imateriais e intelectuais, que deixaram marcas simbólicas no-sobre o espaço, que podem ser apreendidas em paisagens contraditórias em contextos urbanos e rurais embranquecidos.

originários da mesma forma que não existe progresso indistinto dos povos negros sequestrados e afro-brasileiros. Sendo assim, não existe progresso na América Latina sob uma lógica colonizadora: ela deve ser apreendida multiculturalmente, o que possibilita apreender o tempo em circularidade à escala progressiva dos fenômenos espaciais.

Diante disso, percebe-se que relacionar a evolução espacial petropolitana mediante a contribuição significativa de nossas ancestralidades se faz imprescindível, bem como utilizar o espaço-tempo na medida de buscar uma consolidação ampla e múltipla para romper com a estrutura de dominação da M-C. Dessa forma, busca-se fazer isso no tópico que sucede.

3.2 – AS SESMARIAS

Se torna evidente destacar esses direcionamentos ao longo da história de Petrópolis para compreendermos como uma estrutura de pensamento via branquitude foi sendo materializada sob a lógica do racismo, que desconsidera as culturas subalternizadas do processo de formação espacial geográfica petropolitana. Ao voltar no passado e buscar o que nos pertence, assentando nosso pensamento sobre referências multiculturais, percebemos como o embranquecimento epistemológico se faz presente. Sendo assim, esse é um detalhe importante a ser mencionado, porque a evolução espacial passa a ser considerada apenas mediante a celebração da cultura eurocentrada, enquanto o lugar que é reservado para as culturas indígenas e negras se resume apenas ao ponto de vista do colonizador.

Assim, acerca da contribuição dos indígenas, colonos negros e colonas negras sobre a formação espacial rural do espaço que antecede a formação urbana petropolitana, do ano de 1500 até o final da primeira metade do século 18, período de fundação de Petrópolis, se relaciona com a subdivisão das Capitânicas Hereditárias conhecidas como sistema das Sesmarias no Brasil Colonial (AMBROZIO, 2008; DIAS, 2016; AQUINO 2018). Essa subdivisão consistia na doação de cotas de terras pelos capitães donatários, homens brancos, designados pela coroa portuguesa por outros homens brancos, que tinham condição financeira para colocar as “terras improdutivas” para produzir algo rentável do ponto de vista econômico da colonização. A concessão de terras era feita apenas a portugueses ou brasileiros considerados “natos”, filhos de invasores portugueses. Esse processo resultou na centralidade do acúmulo da terra nas mãos de pessoas brancas (Figura 52).

Até aí, ok, já é a história que todo mundo tá cansado de saber. Acontece que o bom desempenho da invasão colonização portuguesa não está atrelado ao simples fato de cotas de terras que foram doadas e que possibilitaram a ocupação espacial na forma como apreendemos

hoje. Nas entrelinhas, está a apropriação do conhecimento intelectual geográfico dos povos originários e sobre o conhecimento das culturas africanas sequestradas e traficadas para as Américas.

Figura 51: Sesmaria do Vale do Rio Piabanha em território dos Índios Coroados, atual município de Petrópolis – Rio de Janeiro

Estudo de localização de Sesmarias no Vale do Piabanha



Fonte: RABAÇA, Henrique José. História de Petrópolis. Instituto Histórico de Petrópolis, 1985.

Percebemos, no que diz respeito sobre esse processo, que o caminho que possibilitou o avanço da colonização continente adentro se relaciona com o conhecimento da fauna e flora da Mata Atlântica, ligando a região litorânea ao que conhecemos hoje como interior do continente. Sobre a realidade da região serrana do Rio de Janeiro, fato esse que se associa diretamente ao conhecimento dos povos Indígenas Coroados, sem o conhecimento intelectual geográfico indígena do relevo, da vegetação, da hidrografia, do clima, solos que transitavam entre a zona da mata mineira e a baixada fluminense, dificilmente os portugueses avançariam colônia adentro com facilidade.

Mas o barato disso tudo é perceber como eles embranquecem a história colocando figuras brancas, eurocêtricas, para centralizar a narrativa histórica citando os “bravos desbravadores que abriram os caminhos” como Garcia Rodrigues Paes, Bernardo Soares Proença e outras figuras, em que a narrativa parte sempre deles e o mérito também conforme leitura nos sites da própria prefeitura de Petrópolis, materiais de estudos de HGTP e no site da TURISPETRO. Aos indígenas coroados, o que lhes resta são os termos pejorativos como bravios, selvagens e cabeças chatas. Nada, além disso, é mencionado tentando colocar a imagem e memória dos originários sobre uma estrutura de pensamento “menos importante”, logo deve ser esquecida. Entretanto, graças à apropriação intelectual geográfica indígena, as sesmarias se desenvolvem usurpando de sabedorias, ora escravizando os indígenas, ora provocando o genocídio que se colocava contra o "progresso português".

Posto isso, foi esse o fato que possibilitara a fixação das primeiras sesmarias serra acima. Obviamente, as primeiras famílias a se fixar também não desenvolveriam sozinhas as alterações espaciais rurais, uma vez que o sequestro e tráfico de pessoas negras de África possibilitaria apropriação de mão-de-obra qualificada que dispunha o continente africano (QUERINO, 2018). Não chegaram aqui apenas corpos negros, chegaram filosofias africanas, uma outra cosmovisão de mundo, que possibilitaria a impulsão da colonização portuguesa.

Sem a mão-de-obra do colono negro e da colona negra (AQUINO 2018; CUNHA JÚNIOR, 2019), não existiria expansão econômica a nível nacional e nem a nível local como ocorria no espaço que antecede a formação rural, que daria lugar à futura cidade petropolitana. Conforme já ilustrado anteriormente, foi o colono negro e a colona negra que tinham notórios domínios de conhecimento geográfico devido à disposição de localização entre África e América Latina. Assim, sobre o desenvolvimento das sesmarias serra acima fica notório perceber que os sesmeiros e sesmeiras que possuem maior desenvolvimento são os maiores escravocratas, conforme nos orienta estudos de Ambrozio (2008). Além disso, as técnicas agrícolas como fruticultura, café e cana-de-açúcar demonstram o caráter evidente dessa apropriação intelectual, técnica e tecnológica africana. Ao exemplo, cabe mencionar que a fabriqueta de ferraduras e a produção de fruticultura na fazenda de Padre Corrêa, o sesmeiro de maior desenvolvimento serra acima, demonstra mais uma vez como essa mão de obra do colono negro e da colona negra foi utilizada para o enriquecimento de uma das figuras que mais tarde se sobressairia emblematicamente sobre o impulsionamento da urbanização se tornando parte importante da memória petropolitana (AMBROZIO, 2008).

Concomitante a isso, percebemos a força de luta e resistência contra a escravidão devido a investidas de fugas constantes no litoral da Baixada Fluminense e nas Minas Gerais que empreenderam sobre a região serrana uma rede articulada de quilombos conforme nos orienta estudos de Nascimento (2006), Dias (2016) e Aquino (2018). Sobre esse fato, cabe fazer mais um resgate importante porque, devido às dificuldades de acesso sobre a região serrana, os quilombos formaram verdadeiros impérios antes da coroa portuguesa fundar “oficialmente” a cidade de Petrópolis. Sobre esse fato, a historiadora Beatriz Nascimento (2006, p. 115) faz um destaque que aguça os entendimentos onde, em trabalho de campo realizado em quilombos no estado brasileiro de Minas Gerais e no país africano de Angola, percebeu similaridades geográficas entre os quilombos:

É muito comum encontrar no Brasil – mas o vimos também em Angola – os quilombos se localizando em planaltos ou colinas, nas proximidades de rios, ou outros caminhos naturais, possuindo clima bastante específico, onde as condições do Sol e de outros astros dão uma sensação de espaço aberto, diríamos, oceânica e infinito. Figura, por isso, a características de fronteira, não só geográfica, como também demográfica, econômica e cultural que estas organizações possuem.

Obviamente, se torna latente esse destaque porque a região serrana possibilitou características geográficas de planaltos direcionadas por Nascimento (2006). É evidente que a redução da imagem dos quilombos de forma deturpada e pejorativa apenas como refúgio de pessoas negras e indígenas, que fugiam da casa grande é oportuna ser mencionada, porque se percebe a tentativa do pensamento colonial de reduzir mais uma vez essa produção socioespacial e sociocultural de resistência. Essa ideia, que perdurou por muito tempo, mas contestada ainda na década de 1970 por Beatriz Nascimento (CUNHA JÚNIOR, 2012) nos direciona sobre a ideia do quilombo como um fator que possibilitou o surgimento de várias cidades brasileiras. Sobre o contexto da cidade de Petrópolis, podemos confirmar esse fato pela tese de Aquino (2018), em que algumas cidades nascem indígenas e negras.

Desse modo, a articulação de resistência de quilombos na região serrana do estado do Rio de Janeiro nos possibilita apreender que, na realidade petropolitana que antecede a consolidação urbana a partir de 1843, o espaço já estava sendo transado por indígenas e negros muito antes da invasão branca. Sendo assim, levanto a hipótese de que a construção urbana de Petrópolis foi articulada e materializada como estratégia de frear um dos maiores territórios de resistência negra e indígenas no país devido ao seu exponencial crescimento, o que beirava uma algo muito próximo da experiência de Palmares. Além de se localizar em um local estratégico para a coroa portuguesa no que diz respeito sobre o avanço da invasão adentrando a porção pindorama, roubo frenético do ouro na porção centro-oeste, bem como seu escoamento no porto

de Paraty que obrigatoriamente perpassava atravessar a região serrana, e assim se funda o mito da cidade imperial de veraneio da família real e a edificação de monumentos monumentais, que nos ocultam essa possibilidade muito evidente.

A neurose de construção de uma cidade à imagem e semelhança da Europa, além dos exagerados monumentos nos aguça os sentidos sobre quanto maior é os símbolos feitos para enaltecer a cultura da branquitude maior é a verdade que a colonização quer esconder sobre a importância que as culturas indígenas e negras exerciam sobre essa região. Ainda mais se tratando de um dos momentos históricos brasileiros em que já se encaminhavam pensamentos da branquitude sobre o embranquecimento da população brasileira e, assim, ganham força pensamentos darwinistas, higienistas e eugenistas (SEYFERTH, 1994). Tendo esse caminho apontado, ele transa bem com transição do espaço rural para a construção urbana de Petrópolis na reflexão que segue.

3.3 – PRETÓPOLIS

Por volta de 1820, evadidos de uma fazenda dos arredores de Paty de Alferes, na cidade de Vassouras, e da Fazenda Pampulha, em Belo Horizonte, onze homens e cinco mulheres africanos ou afrodescendentes empreenderam uma longa caminhada, por muitos dias, no interior da mata virgem, em busca de terras férteis, fonte de água e segurança de um lugar de difícil acesso que pudesse impedir qualquer investida de captores. Nominado Vargem Grande, o lugar definido para o grupo se estabelecer foi na nascente do Rio da Cidade, onde foi fundada uma sociedade quilombola que culminou com duzentos moradores que se refizeram livres.

Renata Aquino

A mando de D. Pedro II, aos 16 de março de 1843, cumpre-se a construção de um palácio de veraneio imperial e outras providências para a sua urbanização. Essa é a história que nos contam, mas o que não nos contam é justamente o que foi feito com toda mão de obra de pessoas negras e indígenas, ainda em condição de escravizadas, nas fazendas das sesmarias e a rede quilombos, que permeavam as áreas de mata atlântica, no espaço que antecede a consolidação urbana. Indaga-se: com a construção do palácio imperial e a chegada de imigrantes europeus os indígenas, colonos negros e as colonas negras simplesmente desapareceram do espaço e da história de Petrópolis?

O que quero dizer com tudo isso é que todas as nossas referências históricas e geográficas que a sociedade branca estruturou para nos apresentar Petrópolis converge em referenciais à sua própria imagem. Sem trégua alguma, nós, negras, negros e indígenas, somos condicionados pelos valores brancos por meio da geografia, história, religiões cristãs, toponímias das ruas e avenidas, e aqui sobre meu foco de análise os monumentos estrategicamente dispostos sobre os espaços públicos petropolitanos. Daí que percebemos que boa parte do que se sobressai na paisagem é sobre o universo dos valores da branquitude e sobre a ausência dos valores das culturas múltiplas dos colonizados, o que fica fácil de se empurrar “goela abaixo” o que projetam sobre nós (GONZALEZ, 1983; FANON, 2022).

É um questionamento oportuno, porque diante da “história oficial” é essa sensação que se tem da cidade. Para exemplificar essa ideia sobre como nossos elementos simbólicos são propositalmente colocados como de menor importância se comparados com as referências deles, Rita Segato (2021), por meio da sua experiência no Museu Imperial, nos dá uma contribuição desse bem bolado que é um prato cheio para se analisar. Ao percorrer todas as exposições do museu, a antropóloga nos revela que a única representação artística que havia na exposição sem autoria era de uma mucama¹³ que segurava D. Pedro II ainda bebê (Figura 53), cuja descrição era “ Anônimo. Mucama com menino nos braços, Óleo sobre tela sem assinatura” (SEGATO, 2021, p.193). Nessa reflexão, a autora propõe como a representação das mulheres negras, mucamas e amas de leite, no Brasil colonial foi, ao longo do tempo, sendo apagada mediante a transição para a Nova República pelas burguesias urbanas emergentes ao tentarem esquecer intencionalmente uma base cultural inteira sobre a exploração de trabalho de mulheres negras (SEGATO, 2021). O fato de a obra colocar uma imagem de referência cultural negra em evidência, não podemos deixar de destacar a problemática sexista discutida no texto, mas a descrição constar “anônimo” e “sem autoria” não deve ser encarada como uma simples falta de informação. A imagem negra é definida pela ausência de uma referência que nos possibilitaria acessar nossa memória e nos compreendemos enquanto parte dessa história de forma valorativa.

Outro exemplo que vai ao encontro dessa experiência é discutido por Gonzalez (1983), onde a pesquisadora aponta um entendimento oportuno ao apreender como uma apropriação do

¹³ No Brasil colonial, se nomeavam mulheres negras escravizadas ou de estimação, que auxiliavam nos afazeres domésticos de *mucamas*. A sobrecarga de trabalho pode ser apreendida sobre a função da mucama onde era delegada, também, a tarefa de ama de leite, cuidar das crianças recém-nascidas das suas opressoras brancas até o seu encaminhamento para a adolescência e a satisfação sexual dos opressores brancos (GONZALEZ, 1983).

trabalho, sobre o recorte racial e sexista das mulheres negras do Brasil colonial, como as referências das mucamas e das amas de leite eram imprescindíveis no processo de formação e organização social nacional, e como a transição colonial para república criou uma neurose cultural, que tentou esquecer esses referenciais culturais negros. Contudo, toda a formação subjetiva, imaginária e identitária da nação já tinha sido consolidada sobre a apropriação da força de trabalho de mulheres negras em condição de escravizadas (GONZALEZ, 1983). Conseqüentemente, embora a tentativa insistente da branquitude de apagar qualquer referência não branca, a cultura brasileira se consolidou sobre valores culturais negros e indígenas, o que trouxe conflitos raciais para a nossa sociedade.

Figura 52: Mucama que sustenta o império de Orleans e Bragança



Fonte: Museu Imperial sede peças para exposição do MASP. Disponível em: <
<http://petropolisnews.com.br/?p=44761> > Acesso em 20 de mar. 2023.

Destacando esse pensamento de transição do Brasil colonial para a república “moderna”, que trouxe tantos problemas de ordem racista e sexista (SEGATO, 2021; GONZALEZ, 1983) para a cultura brasileira, Sandes (2011) também traz uma contribuição

muito oportuna a ser mencionada sobre esse bem bolado. O autor expõe que, diante de uma frágil passagem entre a monarquia e a república, se consolidava, no mesmo período, as políticas eugenistas (SANDES, 2011). Isso significa que os símbolos nacionais criados que daria a nova identidade republicana foram escolhidos à imagem da branquitude. Logo, a fundação de Petrópolis em 1843 marca justamente o período dessa transição política e de valores culturais que desprezavam todo o universo de referências culturais não brancas.

Por esse motivo, fica fácil entender por que o espaço rural, que deu origem à consolidação urbana petropolitana, a partir em 1843, não é muito destacado na história local ou quando mencionado passa pelo crivo da branquitude, pois falar do rural é falar sobre a ampla contribuição que os povos indígenas e negros possibilitaram conforme Dias (2016) e Aquino (2018) nos orienta muito bem.

De fato, tivemos a participação assídua do emprego de mãos indígenas e negras sobre a produção material da cidade petropolitana antes da chegada das primeiras levas de imigração dos europeus, que se consolidou apenas a partir de 1845, onde as paisagens contraditórias permeadas de afroinscrições e indígenasinscrições e as experiências da gira nos revelam isso. Contudo, o discurso para ocultar essas contribuições culturais, colocando-as em condição de subserviência, revela a ideia que a imagem da “cidade imperial” cumpre ao nos empurrar os valores da branquitude. Além disso, os monumentos estabelecidos ao longo do tempo fecham esse “bem bolado” da interpretação de nossas apreensões sobre o espaço e a sensação que temos é de uma “Europa latina”, de que mesmo nascendo nessa cidade ou morando por longos anos, é a de que somos estranhos a ela.

Contudo, estamos falando de América Latina, estamos falando de Brasil e estamos falando de Petrópolis, a cidade que surge sobre o caminho dos indígenas coroados e uma rede articulada de quilombos. Por isso, muito neguinho e neguinha em Petrópolis, se bobear, não se compreendem negros e negras, porque foram construídos o tempo todo sobre essa estrutura racial embranquecedora de suas subjetividades identitárias. Nesse sentido, é aí que apreendemos como desde crianças somos expostos a espaços públicos cheio de monumentos brancos, e como isso infere sobre um efeito devastador de incorporarmos essas referências sobre as nossas produções identitárias, onde na fase da adolescência e da vida adulta começamos a passar por conflitos existenciais de pertencimento sobre a cidade, conforme apreendemos em nossa gira com nossas parceiras e parceiros.

Assim como acontece sobre o domínio da narrativa que centralizada sobre figuras brancas no sistema de cotas das sesmarias, o mesmo ocorre nesse pequeno recorte temporal de fundação da cidade entre 1843 até 1845. Faço esse destaque porque, embora muito se mencione sobre a história de Petrópolis, o mordomo Paulo Barbosa da Silva e o engenheiro alemão Júlio Frederico Koeler, mais uma vez a narrativa histórica parte de homens brancos, responsáveis pelo planejamento de urbanização petropolitana da monarquia portuguesa, organizaram o projeto visando a “mão de obra livre”. Contudo, utilizar mão de obra livre não consistia em devolver as terras dos povos originários ou alforriar pessoas negras que ainda se encontravam escravizadas na região serra acima, mas sim substituir essa força de trabalho pela mão de obra de imigrantes europeus, visando à higienização dessa cidade, sendo assim, o embranquecimento populacional em nada alterou a condição de vida dos grupos culturais indígenas e negros (DIAS, 2016).

Ou seja, substituir o trabalho escravo pelo trabalho de imigrantes europeus não amenizava em nada a escravidão no Brasil, uma vez que nenhuma reparação histórica foi concedida sobre esses grupos culturais. Além disso, a ideia que se tem é que magicamente, ao utilizar a mão de obra dos imigrantes europeus, é mais uma benevolência da branquitude sobre o contexto da escravidão da realidade petropolitana continuaram a sofrer com o genocídio e sobre a continuação da escravização. Outro detalhe é que em momento algum as pessoas negras e indígenas foram consideradas pelo planejamento urbanístico, o que evidencia a falácia no entendimento equivocado que algumas pessoas fazem de que a família real era contra a escravidão, onde mais uma vez tentam centrar a narrativa de luta e resistência da escravidão sobre figuras brancas.

Isso nos levanta a hipótese de que as pessoas negras que permaneceram nas fazendas que não foram adquiridas para a consolidação urbana permaneceram escravizadas com a fundação da cidade. Além disso, as primeiras levas de imigrantes europeus chegaram apenas em 1845, ou seja, dois anos após o decreto imperial: quais grupos culturais foram responsáveis por edificar as primeiras infraestruturas que possibilitaria a organização urbana petropolitana?

A figura de Ogum, sentada à frente da canalização do rio que abre as discussões do primeiro capítulo deste estudo, se torna importante de ser retomada sendo um dos exemplos das vastas contribuições que o trabalho dos colonos negros e das colonas negras foram capazes de produzir nas primeiras infraestruturas da cidade. Podemos mencionar, enquanto técnica e tecnologia africana, o corte das árvores para dar lugar às edificações, ruas e espaços públicos, a rocha cortada para calçamento das ruas, arquiteturas de origem africana em várias construções

presentes em todo o centro histórico e bairros mais afastados, o domínio do ferro das construções e portões, os telhados de adobe conforme destacado pelos nossos parceiros e parceiras na roda de conversa.

Inúmeros outros referenciais indígenas se somam sobre essa ideia ao exemplo de técnicas e tecnologias sobre o conhecimento da fauna e da flora, que possibilitaram exploração da mata atlântica como base nutricional para a alimentação, fitoterápicos medicinais e estruturas para as edificações, hidrografia e relevo, onde quais áreas eram propícias para construção, navegação e suscetibilidade para deslizamentos e alagamentos, conhecimento dos solos para utilização da exploração da agricultura, adaptação ecológica fazendo trocas e cruzamentos de espécies variadas de plantas nativas da mata atlântica, zona da mata mineira e cerrados (KRENAK, 2018).

São direcionamentos oportunos de serem destacados e que todos perpassam sobre as intelectualidades indígenas e negras sobre os processos de formação urbana de Petrópolis que tentam a todo custo reduzir sobre o a ideia do “espetáculo de cidade imperial”. Contudo mais indígenas e negras do que se pensa.

3.4 – O RELEVO COMO POTENCIALIZADOR DA IMAGEM DO RACISMO

Sobre a minha experiência como morador e enquanto motorista de aplicativo percorrendo toda a cidade, muito me incomodou sobre o relevo em Petrópolis funcionar como um potencializador da estrutura de pensamento de base colonialista da branquitude. Sobre esse fato, conforme Ab’Saber (2003) nos orienta que a disposição de localização de Petrópolis se situa sobre planaltos de mares de morros na serra geral do mar. Mas o que isso tem a ver com toda essa discussão?

Tem a ver que a urbanização de Petrópolis aconteceu predominantemente sobre esquivos vales com poucas áreas planas, que incidiu uma concentração espacial sobre as calhas dos rios. Dessa forma, essa sobreposição urbanística soma-se as pouquíssimas áreas públicas voltadas para o lazer da população.

Além dos poucos espaços públicos que dispõe para os moradores e moradoras conforme podemos perceber, também sobre as experiências trocadas na gira por nossos parceiros e parceiras, fica evidente o papel que os monumentos exercem sobre as construções identitárias, porque estão dispostos justamente sobre as poucas áreas que a população reproduz suas práticas cotidianas no ir e vir e lazer da cidade. Diante disso, não resta se não outra

alternativa para os grupos colonizados se submeterem sobre esses espaços públicos que enaltecem exacerbadamente a estrutura de pensamento da branquitude, que ora converge sobre a “cidade imperial”, ora “cidade dos colonos alemães”, interferindo diretamente sobre a qualidade dos equipamentos dispostos.

Sendo assim, em todos os espaços públicos do centro histórico de Petrópolis, destacando a Praça da Liberdade, Praça D. Pedro II, Praça da Inconfidência, Praça Duque de Caxias, jardins do Museu Imperial, Praça Visconde de Mauá (área verde do Palácio Amarelo) e Praça da confluência (área disposta no Palácio de Cristal), todos, sem exceções possuem um excesso de monumentos e elementos simbólicos relacionados à cultura eurocentrada. Mesmo os espaços públicos de territórios historicamente negros, como a Praça da Inconfidência e a Praça da Liberdade possuem monumentos e toponímias que se relacionam sobre a cultura eurocêntrica porque, ao longo da história, passaram por intervenções arquitetônicas e, conseqüentemente, a perda da dimensão original que era associada a base material simbólica da memória negra. Além do mais, esses espaços são sempre mencionados de menor importância na história local, reduzindo o protagonismo dessa referência cultural. É o caso da Igreja do Rosário dos Homens Pretos e do Palácio Amarelo confirme destacados também em nossa gira.

Isso incide, também, sobre outros espaços públicos fora do eixo do centro histórico, como no caso do Parque Crémérie, área verde do Palácio do Quitandinha, Praça de Cascatinha, Praça da Mosela e Praça de Nogueira.

Então, como se compreender indígena, negro e negra em Petrópolis de forma valorativa se quase tudo possui referências eurocentradas ou, quando as fazem, as culturas indígenas e negras são sempre tratadas de forma depreciativa? Como compreender a referência da cultura indígena sobre a formação urbana da cidade se elas são inexistentes? Como isso afeta diretamente sobre as construções identitárias de moradoras, moradores e turistas? Como isso infere sobre a qualidade dos equipamentos dos espaços públicos? Como isso cria memórias que irão permear as subjetividades de crianças negras e indígenas que frequentam esses espaços públicos?

São problematizações importantes que envolve uma percepção racial da produção do espaço geográfico que incidem sobre nossas formações identitárias. Após apreendida essa questão, percebi que essa ideia opera em outras experiências que tive em visitas a cidades históricas com a mesma disposição de relevo, como na minha cidade natal, Niquelândia, mas

também experiências em Teresópolis-RJ, Nova Friburgo-RJ, Corumbá de Goiás-GO, Pirenópolis-GO, Cidade de Goiás-GO, Ouro Preto-MG e Congonhas-MG.

Esse “bem bolado” da branquitude pode ser apreendido em vários exemplos de cidades brasileiras, mas em Petrópolis isso se potencializa ainda mais pelos enormes monumentos e pela disposição do relevo sobre essa experiência. Assim, não me aprofundarei sobre essa temática, contudo é oportuno apontar esse caminho para estudos geográficos que aferem sobre a qualidade dos espaços públicos nas cidades brasileiras, em especial as cidades de incidência com relevos semelhantes aos de Petrópolis. O recorte racial deve ser levado em consideração sobre essas discussões, porque devemos (re)pensar como o poder público investe nossos recursos públicos em que, em muitos casos, estão reproduzindo uma lógica racista ao priorizar nos equipamentos públicos referenciais simbólicos e paisagísticos da branquitude.

3.5 – ESTRUTURAS DE EMBRANQUECIMENTO JURÍDICAS

Outro detalhe importante a ser mencionado que gira em torno da fala chata e repetitiva da “cidade imperial” diz respeito ao conjunto de leis jurídicas muito bem articuladas, que funciona como uma estrutura quem mantém o privilégio da branquitude. Elevar a cidade ao *status* de “cidade imperial” é um efeito violento e devastador do racismo que reforça a estrutura de pensamento dominante, que desconsidera totalmente a contribuição imprescindível que as culturas indígena e negra possibilitaram sobre a produção espacial da cidade. Isso tudo via um dos poderes democráticos, que deveria garantir o princípio de que todas nós somos “iguais”, porém percebemos o efeito contrário ao revisitar o conjunto de normas jurídicas. Assim, a dominação racial se exerce sobre uma estrutura de poder, mas ela só se mantém mediante a reprodução cultural que é imposta em nossas práticas cotidianas. Consequentemente conforme afirma Almeida, (2019, p.49) que

Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro. Características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas.

Percebe-se, então, que para a ideia do imperial funcionar ela se ampara em elementos temporais históricos, que colocam a cultura do invasor branco como central no processo de desenvolvimento espacial, desconsideram a contribuição de outras culturas na consolidação do espaço. Dessa forma, diante das contribuições das falas das parceiras negras e dos parceiros negros durante a realização da roda de conversa, ficou nítido como essa lógica de pensamento

opera na cidade ao reduzirem o protagonismo negro e indígena a uma mera mão de obra escravizada, destituída de inteligência, conhecimento, técnicas e tecnologias que foram primordiais para impulsionamento da evolução espacial petropolitana (AQUINO, 2018).

Percebe-se, nessa inversão, de pensamento que o papel de indígenas, negros e negras na consolidação da evolução espacial petropolitana foi tão importante quanto o papel dos brancos. Conforme orienta Aquino (2018), o espaço que antecede a consolidação da estrutura urbana de Petrópolis era marcado pela resistência negra, por meio da formação de quilombos, antes mesmo da forte colisão branca. Essa colisão só passa a ocorrer com o decreto de fundação da cidade em 1843, que segundo relatos históricos, a cidade deveria funcionar para servir como extensão administrativa da cidade do Rio de Janeiro e posteriormente, em 1845, com a chegada das primeiras levas de colonização eurocentrada.

Na sequência, gostaria de destacar sobre esses fatos, a queda da monarquia em 1889 por um golpe de Estado, enquanto um novo regime de governo era implementado. Surge aqui a Primeira República, que pouco alterou as estruturas de dominação e o poder das classes agrárias mais abastadas incidentes sobre o território nacional. Dessa forma, as mesmas reproduções socioculturais e socioespaciais se mantiveram na travessia do regime monárquico para a frágil república em que a branquitude continuava a se reproduzir e acumular riquezas sobre uma lógica de poder alicerçada na exploração racial de outros grupos culturais, isso representa a continuação da estrutura de poder da M-C (SANDES, 2011; CRUZ, 2017).

Outro ponto da história que merece destaque é o nascimento da uma nova neurose cultural (GONZALEZ, 1983), que se relaciona com o fim da Primeira República. Nesse cenário, temos outro golpe de Estado, que coloca no poder Getúlio Vargas, em 1930, quando se altera a estrutura de dominação. Aqui estamos falando de uma desconcentração do poder das classes abastadas agrícolas para as novas classes abastadas urbanas, que surgiam nas cidades. Observa-se, nesse ponto, a saudade da casa grande em anexar às residências urbanas os quartos das mucamas. Toda a organização social e cultural se baseia nessa nova neurose, que foi responsável por impulsionar a modernidade das cidades, mantendo estruturas raciais de empobrecimento da população indígena e negra para suprir os mimos da branquitude urbana (RODRIGUES, 2009).

Sendo Getúlio Vargas representante dessa transição de classe social em emergência, compreende-se que os desdobramentos de suas ações em planejar um país à imagem da branquitude, ao inventar histórias, memórias, heróis e símbolos nacionais, foi um dos fatores primordiais ao resgatar a centralidade da figura “imperial” (SANDES, 2011). Diante disso, Petrópolis continuou com sua função de extensão administrativa da cidade do Rio de Janeiro,

até então, ainda capital brasileira. Assim, percebe-se a forte consolidação das operações em escolher o que culturalmente seria lembrado e enaltecido e o que seria esquecido.

Diante desse contexto, o imperial não é apenas uma ideia inventada, uma estrutura jurídica de brancos feita por brancos para brancos, sendo a materialização de uma forma de pensamento racista, dada dentro de um contexto histórico, amparada e legitimada por uma estrutura jurídica, o que se torna inconcebível de se aceitar no tempo presente. Mas, isso se deve a uma tríade de leis utilizadas no processo de tombamento e patrimonialização a nível nacional e posteriormente local. A primeira instituída pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional no governo de Getúlio Vargas. Em sequência, o Decreto-lei nº 2.096, de 29 de março de 1940, que cria, na Cidade de Petrópolis, o Museu Imperial, também no governo de Getúlio Vargas. Para fechar o “bem bolado” dessa neurose, temos o Decreto nº 85.849, de 27 de março de 1981, sancionado no governo do golpista militar João Figueiredo, sobre a elevação da Petrópolis ao título de “cidade imperial” (SILVA, L., 2020).

Dessa forma, diante desse cenário político, emergiram os “símbolos nacionais” de uma “nova república democrática brasileira”, que se reproduziram ao longo do tempo por meio de símbolos autoritários eurocêntricos, instituindo a “ordem e o progresso brasileiro” (SANDES, 2011). Sob essa orientação, gostaria de destacar partes dos textos dessas leis que foram se materializando ao longo do tempo. Entretanto, antes de adentrar sobre esse entendimento gostaria de fazer uma lembrança sobre o conceito de racismo, pois, embora não tenha elucidado anteriormente de forma direta este momento se torna oportuno ao destacar que “[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2019, p.22).

Conforme Almeida (2019) destaca, esse conjunto de práticas conscientes ou inconscientes foi utilizado na sistematização das leis de preservação da memória nacional e orientou a escolha dos símbolos que representariam a nação brasileira sobre o domínio de pensamento eurocêntrico (FONSECA, 2005). Além disso, na realidade petropolitana isso veio bem a calhar! Dessa forma, temos a sobreposição das ideias da branquitude de superioridade sobre as culturas entendidas como “atrasadas” e, como efeito dessa dualidade, a estruturação jurídica segue.

Verifica-se, assim, o seguinte destaque do texto no Decreto-lei Nº 25 em seu artigo primeiro, incisos 1º ao 2º, a lógica desse pensamento:

Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei.

§ 2º Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.

Obviamente, sendo Petrópolis um projeto perfeito desse embranquecimento dos símbolos nacionais, observamos no Decreto-lei Nº 2.096 de criação do Museu Imperial a materialização dessa escolha meticulosa sobre a égide racial, em que destaco em sua apreensão a seguinte leitura:

Art. 2º O Museu Imperial terá por finalidades:

- a) recolher, ordenar e expor objetos de valor histórico ou artístico referente a fatos e vultos dos reinados de D. Pedro I e, notada mente, de D. Pedro II;
- b) colecionar e expor objetos que constituam documentos expressivos da formação histórica do Estado do Rio de Janeiro e, especialmente, da cidade de Petrópolis;
- c) realizar pesquisas, conferências e publicações sobre os assuntos da história nacional em geral e de modo especial sobre os acontecimentos e as figuras do período imperial, assim como da história do Estado do Rio de Janeiro e, particularmente, da cidade de Petrópolis.

Percebe-se, diante disso, a obsessão de Getúlio Vargas sobre a imagem do imperial na recente república democrática brasileira em enaltecer elementos culturais de uma matriz de dominação eurocêntrica. Além disso, apreende-se nitidamente a preservação histórica que utiliza como centralidade a formação espaço-tempo por elementos da branquitude. Isso reduz a importância da preservação de dados e símbolos referentes a outras culturas no processo de formação espacial de Petrópolis.

Como se não bastasse duas leis de preservação dos bens históricos nacionais que valorizam a branquitude, observa-se a implementação de uma lei específica no período do golpe militar. Quem iria imaginar isso dos bacanas dos militares, né? Até porque estão colocando “ordem e progresso” no país. Só que no lugar em que nos situamos diante desse pensamento é marcharmos para a branquitude, como se toda a Petrópolis se resumisse a isso. Consequentemente, tem-se a implementação do Decreto nº 85.849, de 1981, que “eleva” a cidade ao *status* de imperial em que se apreende

Art . 1º, Fica atribuído à cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, o título de Cidade Imperial.

Art . 2º, As edificações, paisagens e conjuntos situados na Cidade Imperial de Petrópolis, especialmente identificados pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), serão inscritos nos Livros de Tombo de que trata o [Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937](#), e submetidos à proteção do Poder Público.

Por isso, o que se apreende na paisagem enaltece exacerbadamente a imagem do “imperial” ou dos “colonos europeus”. Isso atende aos anseios da estrutura de poder da branquitude. Conseqüentemente a esse fato, os monumentos presentes na cidade relacionam-se diretamente à preservação da imagem da monarquia, nobreza ou sobre referenciais eurocentrados. Quando se percebem os atributos culturais nos patrimônios tombados que se relacionam diretamente com a memória negra, a tratativa ocorre como mera plateia de um protagonismo branco ou quando mencionado, é feito de forma cuidadosamente reduzida ao período da escravidão, classificando suas contribuições culturais como “primitivas” ou “atrasadas”. Sobre referenciais indígenas? Genocídio corporal e intelectual. Foi tudo muito bem bolado, muito bem articulado e aqui se demonstra escolhas racistas que testemunham que é preservado culturalmente sobre a identidade nacional.

Ainda nessa perspectiva, é o mesmo que dizer que, se os indígenas, negros e negras se esforçarem, eles garantem os mesmos direitos que os brancos. Mas como garantir os mesmos direitos aos grupos culturais que sofreram e ainda sofre diante dessa continuação da colonização se juridicamente observa-se uma estrutura racial de leis que salvaguardam os privilégios culturais da branquitude? Por que não se tem um aparato jurídico que garanta a preservação da memória sobre um enfoque espacial e cultural dos vários povos originários e negros que tanto contribuíram para essa consolidação desse país?

Percebemos aqui a naturalização do racismo que acaba por nos influenciar objetiva e subjetivamente sobre nossas construções identitárias, transformando-o em racismo estrutural e institucional pelo aparato jurídico que nos rege. Isso é o resultado de um pensamento de quem pensa um país por uma lógica de brancos para os brancos.

3.6 – DESABAFO DO CRIME DE RACISMO AMBIENTAL CLIMÁTICO DE 2022

Como nos dizeres de Lélia Gonzalez, há mais de cinco anos venho “transando” com as paisagens de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro. Diante das fortes chuvas ocorridas no dia 15/02/2022 e também lamentavelmente no dia 20/03/2022, vai aqui o meu desabafo, pois quisesse o Oxalá que eu não testemunha-se esse crime, a verdade é que existem várias formas

de puxar o gatilho de uma arma, mas nenhuma é tão letal quanto o racismo em nossa cultura. Seguimos em desabafo, revolta, retalhos e coração apertado.

Enchentes, alagamento, enxurradas e deslizamento nas encostas dos morros na cidade imperial com mortes? Quem disse? Aqui nesse espetáculo de cidade só tem casarões, mansões e castelos em lugares fantásticos e seguros! Imagina só o susto da mídia tradicional ao descobrirem que aqui tem nego e nega pobre ocupando área de risco todos os dias! Pasmem, olha só que novidade! No tempo das senzalas, as correntes que aprisionavam nossa ancestralidade eram mais evidentes, atualmente, na modernidade, nas encostas dos morros do espetáculo de cidade imperial, lá estão nossos irmãos e irmãs pretas. Desce o morro todo dia na rua Nova da 24 de Maio, no Alto da Serra, dona Maria para limpar a casa dos patrões na 16 de Março; sua avozinha dizia que era mucama e limpou a casa grande dos avós dos patrões, isso há pouco tempo atrás ela dizia! Já no Morro da Oficina, desce correndo todo dia dona Zefina, babá dos filhos de uma bacana branca lá da Roberto Silveira, de tão bacaninha até montou um quartinho para Zefinha dormir no trabalho para não se cansar, também viajam com os guris! Já foi para Orlando, Disney, olha só, até Paris! Quanta generosidade, mas no pagamento mesmo só o salário mínimo, porque aproveitou a viagem com tudo pago, cuidar do próprio filho mesmo Zefina fala que só às vezes, aos finais de semana quando dá! Ali, próximo no Morro da Independência, voltando para casa no ônibus 401, estava o seu João, neto do seu João de Moçambique, cozinheiro anunciado como escravizado fugitivo em um jornal local uns dias desses, jardineiro de uma mansão no Quarteirão Ingelhein, que não era a sua mansão, contudo trabalhava cuidadosamente nos jardins do magnata. Já no morro da Vila Filipe, descia todo dia o seu Luiz padeiro, que acordava às 3h da madrugada para sovar o pão para o povo petropolitano. Imagina o susto dos patrões ao acordarem bem cedinho no dia 16/02/2022, às 10 horas da manhã e perceber a casa toda desarrumada, o desespero da dona bacana branca com os filhos chorando às 10 horas da madrugada, e a aflição do magnata ao ver as folhas desconcertadas dos bonsais do seu jardim pelas chuvas da madrugada, e a cidade toda, ao perceber que pão na padaria não tinha e que, ao invés do povo preto descer os morros todos os dias para colocar a cidade imperial para funcionar, quem desceu hoje foram os próprios morros embalados pelas fortes chuvas de verão, soterrando e arrastando em meio às enchentes os escravizados modernos, digo trabalhadores e trabalhadoras. Racismo no Brasil? Não existe mais! O que existe é que até no último dia de suas vidas amaldiçoados pelas “tragédias” nos noticiários não seriam tratadas nem mesmo como gente, mas como vítimas, só assim pra nego e nega aparecer na TV! Viraram estatísticas e gráficos que se somam a tantos outros mais, mas

bom tempo mesmo é só para barão! E o ciclo se repete na tragédia de 1966, tragédia de 1979, tragédia de 1988, tragédia de 2001, tragédia de 2011, tragédia de 2013, tragédia de 2022, tragédia de 2022 2.0, tragédia... Olha só que grande novidade! É muita desgraça ou desgraçados? Contudo, os soterrados têm cor, classe social e pelourinho anunciado: negros e negras empobrecidos por uma estrutura racista! Mas quem se importa?! Eu até conheci um branco que morreu junto com o seu João no mesmo ônibus que foi arrastado pela enchente! O morro vem descendo há séculos desde que África virou América Ladina (GONZALEZ, 1983), o morro vem descendo desde que aquela gente boa da Isabel “deu a liberdade para nós negros e negras escravizados em 1888”. “Mas a família real era contra a escravidão, nem escravos tinham, eram todos remunerados!” Disse um camarada branco desinformado um dia desses! “Libertados da escravidão” sem direito a empregos, sem direito à moradia, sem direito a saneamento básico, sem direito a manifestar sua cultura, sem direito à educação de qualidade, sem direito a reconhecer os quilombos como percussores da urbanização (Vargem Grande, Maria Cumprida, Tapera, e atual área do Palácio de Cristal), sendo substituídos pelos imigrantes brancos bacaninhas. Que liberdade é essa? Sem direito ao nosso próprio direito, fomos empurrados pela família de Bertrand de Orleans e Bragança a todos os morros ocupados, onde diante da “tragédia” as suas palavras doces como o gosto da pólvora em operação polícia nas favelas diz “beneméritos particulares – dentre os quais há muitos monarquistas -, merece nossa admiração e gratidão, pois bem demonstram a caridade própria de um povo autenticamente voluntário e cristãos”. Imagina se não fossem! Na Nova República, o cenário não foi muito diferente, mas quem poderia imaginar isso da nova classe burguesa urbana em ascensão? Quem se importa? Não mandei construir a casa lá! Faz o seguinte: baixa decreto Nº 85.849 de 27 de março de 1981 em golpe militar e transforma tudo em título de cidade imperial que tá tudo certo, afinal para golpista governar nego e nega tem mais é que rebolar.

Mas o barato disso tudo ainda é que mesmo após roubarem todos os recursos naturais, sequestrar os filhos e filhas de tua África e traficá-los como coisas, genocídio geral para os originários, roubar e distribuir em cotas as terras para imigrantes brancos europeus enquanto nos escravizavam e nos empurravam para os morros, estamos em dívidas com eles e LAUDÊMIO temos que pagar! E assim os morrarei e morraus se multiplicam: morro do alto Independência, morro Vila Felipe, morro da Oficina, morro da Rua Nova, morro 24 de Maio, morro do alto Pedro Ivo, morro Lopes Trovão, morros do Alto da Serra, morro do Neylor, morro do João de Deus, morro Capitão Paladino, morro da Cocada, morro da Bela Vista, morro do Max Manuel, morro do Siméria, morro Duarte da Silveira, morro da Vila São José, morros da

beira da Estrada da Saudade, morro do Cascatinha, morro do Nova Cascatinha, Morro do Floresta, Morro do Provisória, Morro do Caxambu, Morro da Glória, Morro Madame Machado, morro do Bataillard, morro dos Pedras Brancas, morro do Moinho Preto, morro do Santo Antônio, morros do Vale do Cuiabá, morro do Cantagalo, morro do Atílio Maroti, Morro Cidade de Deus, morro no Vale dos Esquilos, morro do Alcobacinha, morros do Roseiral, Morro do Sargento Boening, Morro do Sertão do Carangola, morros aqui e acolá, mas todos com seus genocídios climáticos raciais anunciados e repito: LAUDÊMIO temos que pagar! Imagina se essa gente branca não precisasse de tanto dinheiro e tanta ganância para manter suas vaidades às nossas custas?! Imagina se eu pudesse morar em um local seguro e meus filhos criar?! Imagina se tivesse um monumento reconhecendo indígenas, negros e negras como fundadores dessa cidade?! Imagina se existissem políticas públicas de moradias e políticos compromissados com o povo injustiçado?! Imagina... Genocídio racial não seria confundido com tragédia em pleno 2022!

CONSIDERAÇÕES EM CIRCULARIDADES FINAL?

Se o mundo é terra de ninguém e o mal quer te subtrair
 A fé do povo brasilê, não vai te deixar cair
 Se o mundo é terra de ninguém e o mal quer te subtrair
 A fé do povo brasilê, não vai te deixar cair

Somos mistura
 Somos doçura
 Somos beleza
 Somos candura
 Somos a festa
 Somos a cura
 Somos a mágoa dessa estrutura

São Jorge venha me proteger
 São Jorge me ajude a seguir
 Meus passos não vão perecer
 Meus olhos enxerguem isso aqui
 A fé do povo brasilê, não vai te deixar cair
 A fé do povo brasilê, não vai te deixar cair

Ogum ogum!
 Ogum ogum!
 Ogum ogum!
 Ogum ogum!

Abre caminho, guia meu passo
 Lidera povo, tira cansaço
 Abre a mente, guerreiro valente
 A lança e a espada que vai na frente

Sabedoria pra viver
 Sabedoria pra sorrir
 Sabedoria de aprender
 Sabedoria, eu venho a ti

[...]

Criolo e Mayra Andrade

Ao longo desses três anos, perceber toda a minha trajetória de formação identitária, desde as observações das paisagens do mundo à minha volta, da minha orientadora da vida, Dona Gertrudes, atrelada aos monumentos niquelandense que atravessaram minhas experiências cotidianas interioranas goianas, minha formação acadêmica em Goiânia e logo depois estar em Petrópolis e trazer todas essas problematizações sobre os monumentos valorizando ponto de vista das nossas parceiras e parceiros, talvez não seja uma simples coincidência. Temos que estar onde estamos.

Por esse motivo, cabe ressaltar que estar reunido com nosso pessoal nessa cidade, com negras e negros, ao mesmo tempo que me tornava negro, compreendendo nossas formações identitárias, múltiplas, valorizando nossos pontos de vistas, foi o momento de me perceber enquanto pesquisador. Assim, nesse processo pude notar ao mesmo tempo que compreendia a potência das trocas afrocentradas contra o projeto de colonização, sendo um momento de grande aprendizagem e valorização onde, sempre fomos capazes no passado e continuamos a ser no presente, capazes de produzir conhecimentos, e vamos avançando sobre essa batalha.

Um dos avanços aqui compreendido foi o mito de fundação de Petrópolis, enquanto uma “Europa” na América enquanto discurso ultrapassado quando olhamos o amplo repertório que indígenas, negros e negras possibilitaram sobre a produção espacial da cidade. E é justamente nessa contradição do discurso que percebemos a falácia, em que os monumentos exercem um papel central, ao reforçar essa estrutura de continuidade da colonização em relação ao que de fato percebemos sobre a produção espacial geográfica negra e indígena. Toda escolha é política, e uma cidade que opta por esquecer determinadas memórias em detrimento de outras ressalta o pacto da branquitude de permanecer e perpetuar uma estrutura que lhes possibilita a continuação de uma exploração racial. Não apenas no sentido da força de trabalho, mas como uma neurose cultural que atende aos caprichos de seus egos.

Concordo com Dias (2016) e Aquino (2018) sobre a evidência de que a branquitude local tenta a todo momento nos colocar sobre a condição de esquecimento as nossas memórias. Mas o que temem? Toda estrutura criada por dor e sangue é insustentável pela sede de justiça daquelas e daqueles que não descansam. Junto com o esquecimento vem a forja da força da legião de nossas ancestralidades no tempo presente onde não nos sentimos pertencentes sobre as histórias, mitos e monumentos que querem nos empurrar goela abaixo.

Dessa forma, por meio desse estudo remetemos a filosofia ancestral africana de Sankofa em buscar no passado o que nos pertence onde foi possível formamos o nosso **aquilombamento** por meio da gira da roda de conversa. O caminho que se evidencia aqui é mostrar que ganhamos muito conhecimento ao trocar nossas experiências de forma independente, valorizando nosso ponto de vista sobre a preservação de nossas memórias por nós mesmas, em pluralidade de ideias.

Valorizar nossas memórias nos coloca em uma ruptura na forma como pensamos a cidade, como enxergamos os símbolos urbanos que são responsáveis por moldar nossas identidades. Percebemos também, como o lugar que a branquitude nos coloca no discurso e na história de forma desvalorizada e depreciativa não nos cabe mais. Pelo contrário, percebemos que cada metro quadrado dessa cidade fora regado com suor e sague daqueles que nos antecederam.

Além disso, cabe ressaltar que o conhecimento geográfico de nossas ancestralidades foi central nesse processo. Sem a apropriação do colonizador sobre o conhecimento dos povos originário não existiria Brasil, quem dirá a edificação da cidade petropolitana. Os saberes do relevo, da hidrografia, do clima, do solo, da vegetação, da fauna, de modelos de produção social, econômicos e culturais foram usurpados dos Indígenas Coroados.

Estamos exaustas e cansadas do mais do mesmo sobre a branquitude, queremos ouvir as histórias das nossas ancestralidades, queremos ouvir as histórias daqueles e daquelas que também foram centrais em produzir a cidade na forma que compreendemos hoje. Olhar para monumentos que nos possibilitem ter orgulho de nossas ancestralidades que foram imprescindíveis sobre as nossas formações identitárias é a urgência dessa reparação histórica, que ainda produz uma sociedade altamente desigual racialmente.

É por aí que a gente vai entendendo por que muitas pessoas negras sentem desconforto em viver na cidade, mesmo sendo naturais ou moradoras antigas. Soma-se a esse fato a consequência de muitas pessoas não se compreenderem enquanto negras, porque nossos referenciais simbólicos não são valorizados em nenhum momento na história dessa cidade e quanto o fazem sempre nos rebaixam a mera plateia do protagonismo branco. Não é mencionado o papel central que nossas ancestralidades exerceram ao contribuir com técnicas e tecnologias que nos possibilita enxergar a potência de um espaço construído multicultural.

Enfatizo que o direito à memória, e os elementos materiais simbólicos que nos possibilitam acessar essas memórias respeitando e valorizando as múltiplas culturas, é um dos maiores atos políticos pertinentes para um processo democrático e de construção das identidades. Sem essa preservação e manutenção, sem esse resgate de esquecimentos intencionais por grupos culturais dominantes na nossa história, que possibilite essa retomada, não de forma pejorativa, mas também como contribuintes em sua totalidade, entendedor de suas complexidades na nossa formação cultural, talvez seja um dos maiores desafios para a cultura brasileira.

O estabelecimento de estratégias sobre essa batalha contra o racismo, que se desdobra enquanto consequência dessa estrutura de pensamento da M-C, só pode ser combatido por meio da valorização de nossas próprias identidades, nossas memórias e nossas subjetividades que compreendam um mundo de forma valorativa, e entendendo que a desigualdade existe e que precisamos estabelecer ações para combatê-la e foi esse um dos caminhos que esse estudo buscou evidenciar.

Também, cabe destacar que o poder público local de Petrópolis tem uma responsabilidade fundamental nesse processo de fazer essas reparações históricas ao dialogar com essas identidades sobre quais interesses queremos projetar sobre essa cidade. Será continuar esse projeto nefasto de colonização trazendo sempre a ideia de referências eurocentradas que impacta de forma negativa no desenvolvimento sociocultural, socioespacial e socioeconômico da cidade ou valorizando a diversidade cultural, e possibilitando que todas e todos tenham acesso à cidade de forma a entender a contribuição de cada uma delas?

Temos por obrigação voltar ao passado e entender essas estruturas de desigualdade que empurram até hoje pessoas negras e indígenas para áreas empobrecidas das cidades onde a naturalização de ações desumanas não podem e nem devem ser aceitas. Não é natural ver pessoas negras e indígenas em condição de rua, não é natural ver pessoas negras e indígenas nos semáforos vendendo alguma coisa para sobreviver, não é natural ver pessoas negras e indígenas sendo assassinadas pelo Estado que deveriam lhes garantir a vida, não é natural o genocídio dos povos Indígenas Coroados, não é natural o genocídio dos povos indígenas pelo garimpo ilegal, não é natural que aconteça um crime de racismo ambiental e que provoca o genocídio de 238 pessoas que, em sua grande maioria, são negras, não é natural visitar museus ou espaços públicos em uma cidade latina-brasileira que só tem elementos paisagísticos que valorizem a cultura branca o tempo todo em detrimento da desvalorização das outras.

Concordar com essas estruturas de pensamento é validar um projeto nefasto da continuação da colonização, que ainda cria bases de desigualdade para que pessoas brancas sempre se sobressaiam sobre pessoas indígenas e negras. Entender esses processos, compreender o nosso lugar de fala e privilégios se torna bem oportuno para adentrarmos sobre a discussão onde somos impactados de forma diferentes na nossa sociedade e cultura. Não é criar uma única estratégia que irá resolver todas essas questões, mas procurar as estratégias que nos possibilitem avançar sobre a construção de uma sociedade mais justa.

Nossa educação, atravessada em todas as esferas, básica e superior, cumpre um papel imprescindível sobre esse processo ao incentivar o fomento sobre o acesso à ciência para evoluirmos cada vez mais na tentativa de promoção de uma sociedade compromissada a encarar suas reponsabilidade e dívidas históricas com grupos culturais que, ao longo do tempo, sempre foram prejudicados sobre o aceso material e intelectual para sua cidadania plena.

Além disso, a Geografia latino-brasileira cumpre um papel fundamental nessa reparação histórica. Adotar formação e reflexões que encarem de fato a produção desigual do espaço geográfico é no mínimo uma das pontas de lanças direcionadoras sobre essa batalha. A descolonização do nosso pensamento intelectual geográfico é um desafio cheio de meandros na medida que adentrarmos sobre essa estrutura de poder eurocentrado que atende a ganância acumulativa compulsiva da branquitude onde devemos pensar as estratégias que devemos estabelecer sobre esse campo de batalha intelectual.

Por isso o resgate da nossa memória e valorizar nosso ponto de vista é o que nos interessa aqui. A criação dessa base em conjunto com ações na educação básica nos possibilita criar um currículo aquilombado e aldeiado e assim formar nossas crianças e adolescentes negras e indígenas bem como nossos profissionais geógrafas e geógrafos no ensino superior com acesso a memória sobre o protagonismo que nossas ancestralidades exerceram e exercem sobre a produção da cidade valorizando suas identidades. Do imaginário para o concreto, entre o sonho e a realização, sonhamos com uma cidade com os monumentos com a cara do nosso povo, com a cara de uma Pretópolis.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Ateliê editorial, 2003.

ALANDREN, Gabriel. O tráfico de escravos e a escravidão na América Portuguesa. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. (orgs.). **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, paisagens e Patrimônio Cultural: reflexão desde o Brasil Central. **Espaço e Geografia (UnB)**, v.16, p. 417-441, 2013.

ALMEIDA, Maria Geralda de. A propósito do invisível, do intangível e do discurso da Geografia Cultural. IN: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia Cultural: um modo de ver**. Goiânia: EdUFG, 2018.

ALMEIDA, Maria Geralda de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo. **Geograficidade**, v.10, p.91-111, 2020.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.

AMBROZIO, Júlio César Gabrich. **O presente e o passado no processo urbano da cidade de Petrópolis (Uma História Territorial)**. 2008. 376f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AQUINO, Renata. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. 2018. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A Produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. Goiânia: FUNAPE: Ed. UFG, 2016.

ASANTE, Molefi Kate. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo, Selo Negro, 2014.

BÂ, Amadou Hampate. A tradição viva. In Ji-Zerbo, J. (org.). **História da África**. São Paulo: Ática, Paris: Unesco, 2010.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BERTRAN, Paulo. **História de Niquelândia: do julgado de Traíras ao Lago de Serra da Mesa**. 3. ed. Brasília: Verano Editora e Comunicação, 2002.

BRASIL. Decreto Lei Nº25, de 30 de Novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil**, Rio de Janeiro, RJ, 30 nov. 1937. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/De10025.htm>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

BRASIL. Decreto Lei Nº 2.096, de 29 de Março de 1940. Cria na cidade de Petrópolis, o Museu Imperial. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 29 mar. 1940. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-2096-29-marco-1940-412175-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

BRASIL. Decreto Nº 85.849, de 27 de Março de 1981. Atribui a cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, o título de Cidade Imperial, e da outras providências. **Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil**, Brasília, DF, 27 mar. 1981. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/decretos/1981/d85849.html>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 01 jun. 2016.

BRASIL, Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas Universidades Federais e nas Instituições Federais de Ensino técnico de nível médio e dá outras providências, Brasília, DF, 20 fev. 2023.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um Século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro com não ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTILHO, Denis. **Modernização territorial e redes técnicas em Goiás**. Goiânia: Editora UFG, 2017.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: LANDER, Edgar (Coord.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-23. Disponível em: < www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf > Acesso em: 05 de abr. 2021.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 1, n. 1, p. 53-76, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho, Braga, Portugal, vol. 16, núm. 2, 2003, p. 221-236. ISSN 0871-9187. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>> Acesso em: 15 de dez. 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros Negros: A Forma Urbana das Populações Negras no Brasil. **Revista ABPN**, v. 11, p. 65-86, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Quilombo: patrimônio cultural histórico e cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 129, p. 158-167, 2012.

- CIPRIANO, Pedro Ivo. Ponto cantado do espaço poético-político do Terreiro de Umbanda em espaço de educação. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 22, n. 237, 2022.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia cultural: uma antologia (2)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A Produção do Meio. In. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.
- CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In. CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo de. (org.). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar Geopiscíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia**. 2019. 172f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. **Do apagamento a fala publica: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera**. 2016. 183f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- FAISON, Leonardo Lazaro; BENEDICTO, Ricardo Mateus. **Candomblé: axé e ancestralidade como categoria analítica afrocêntrica**. 2020. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Ceará, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- FINCH III, Charles S. Chaikh Anta Diop Confirmado. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo, Selo Negro, 2014.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC/IPHAN, 2005.
- FRANÇA, Wanderson Freitas. **A paisagem como laboratório de compreensão do município de Niquelândia**. 2016. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- FRANÇA, Wanderson Freitas. Negro é cor mais quente: contribuições geográficas. In: SANTIAGO, Nilda Gonçalves Vieira; BERNARDES, Gisele Gomes Avelar.(org). **Pesquisas Interdisciplinares em Educação e Diversidade**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- FRANÇA, Wanderson Freitas; MALTA, Guilherme Augusto Pereira. A cidade vista do lado de lá: o turismo como potencializador da imagem do racismo em Petrópolis-RJ. In: XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2021, João Pessoa. **Anais do XIV ANANPEGE**. Campina Grande: Realize, 2021. v. 1. p. 1-19. Disponível em: < https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA148_ID378425102021151536.pdf > Acesso em: 15 fev. 2022.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L&PM Editores, 2010.
- GARCÍA, Gloria Aponte. Paisaje e identidad cultural. **Tabula rasa**, n. 1, p. 153-164, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade Étnico-racial, inclusão, e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE**, v.27, n.1, p.109-121, 2011a.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v.10, n.18, p.133-154, 2011b.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Ciências Sociais Hoje**, nº2. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: CNPQ, Anpocs, 1983, p.223-244.
- GONZALEZ, Lélia. **Prefácio a Caderno Negros**. The Journal of the Interdenominational Theological Center. Atlanta, 2018.
- GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra/POR, n.80, p. 115-147, mar. 2008. Disponível em: Acesso em: 10 de mai. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La memoire collective.
- HUNTY, Rita Von. Racismo Coisa de Branco. **YouTube**. [S.l: s.n.], 2020. 1 vídeo (26 min) Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0&t=127s> >. Acesso em: 22 de jul. 2021.
- IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 1, p. 5-40, 1988.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 2.ed. - São Paulo: Ática, 1993.
- JESUS, Priscila Barbosa de. **A mulher do campo e aposentadoria rural: um encontro com as trabalhadoras de Novo Brasil – GO**. 2021. 136f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2021.
- KOPENAWA, Davi. Desenho de escrita. In. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. **Espaço Ameríndio**, v. 9, n. 3, p. 327-327, 2015.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Guerras da Conquista. In. Guerras do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes. Brasil: **Netflix**, 2018 (26 min.). Disponível em: < <https://www.netflix.com/watch/81091387?trackId=255824129> > Acesso em 01 de dez. 2022.

LACERDA, Mariana de Oliveira. **Paisagem da Terra dos Diamantes: passado e presente a favor de uma reflexão prospectiva**. 2014. 387f. Tese (Doutorado em Geografia) –Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. v.17, n.1, p. 63-20, 1998.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MUÑÁRRIZ, Luiz Alvares. Paisagem e identidade cultural. **Revista de Antropologia Iberoamericana**. v.6, n.1, p.57-80, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo, Selo Negro, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e Racismo. In: RATTS, Alex. (org). **Eu sou atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Textos e narração de Ori. **Transcrição** (mimeo), 1989.

NASCIMENTO, Elisa Narkin. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo, Selo Negro, 2014.

QUERINO, Manuel. O colono Preto como Fator da Civilização Brasileira. **Cadernos do Mundo Inteiro**, Jundiaí, 2018. Disponível em < <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/O-colono-preto-como-fator-da-civilizacao-brasileira-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf> > Acesso em 01 de dez. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (Coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. p.107-130.

RATTS, Alex. **Eu Sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

RATTS, Alex. A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 104, p. 1-22, 2020.

RELATÓRIO VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Conselho Indigenista Missionário. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Darcy. A Utopia. **YouTube**. [S.l.: s.n.], 2014. 1 vídeo (1 h e 42 min) Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Xp6VW1jwnRM&t=4794s> >. Acesso em: 15 de dez. 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. História da Urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil. In CARNEIRO, Sandra de Sá e SANT'ANNA, Maria Josefina. Gabriel. **Cidades olhares e trajetórias. Rio de Janeiro**, Garamond, 2009, p. 85-120

SANDES, Noé Freire. **A invenção da nação: entre a monarquia e a república**. Goiânia: Editora UFG, 2011.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Bazar do Tempo, 2021.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário antropológico**, v. 18, n. 1, p. 175-203, 1994.

SOUSA, Larissa Alves de. **Monumento e Ativação Popular do Espaço Público Latino-americano: Cuba e Brasil**. 2020. 196f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. Afrontamento. 1995.

SANTOS, Milton Santos. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Tatiane Regina da. **Geografia e Pensamento Decolonial: um diálogo necessário**. 2020. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SILVA, Lucas Ventura da. Patrimônio Documental Sobre Escravidão: O Elemento Servil na Petrópolis do Oitocentos. **Manduarisawa**, v. 4, n. 1, p. 144-163, 2020.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Os ribeirinhos do baixo São Francisco: outros sentidos de ser. **Geograficidade**, v.10, n.1, p.58-75, 2020.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Referentes das paisagens culturais na legislação em Sergipe. **Sociedade e Território**, v. 33, p. 69-94, 2021.

WRIGHT, John Kirtland. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia/Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

ANEXO 1 – ROTEIRO ORIENTADOR DIRECIONADOR DA RODA DE CONVERSA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
Programa de Pós-graduação em Geografia

ROTEIRO DA RODA DE CONVERSA

Nome da (do) participante: _____

Local: _____ Data: ___ / ___ / _____

ENCONTRO 1: HISTÓRIA ORAL DOS PARCEIROS E PARCEIRAS

- Fazer uma apresentação da proposta da pesquisa, instigações iniciais a serem mediadas e definições de agenda.

* Levantamentos das trajetórias das (os) parceiras e parceiros de roda de conversa:

- Conte-nos sobre a sua trajetória em Petrópolis?

Orientações: nome completo, idade, bairro onde mora, formação, profissão, se é mãe ou pai de quantos(as) filhos(as), se é natural da cidade, se não é natural uma breve elucidação da motivação que fez escolher Petrópolis como morada, se atualmente participa ou não do Conselho Municipal de Cultura de Petrópolis em algum segmento, se é pioneiro ou pioneira na ocupação de bairros, se é líder de bairro, se está a frente de alguma associação de moradores, se está a frente de alguma Organização não governamental (ONG), se está a frente em alguma mobilização social, se é artista (se sim, em que campo atua).

ENCONTRO 2: MEMÓRIA E MONUMENTOS

- Conte-nos desde criança você tem contato com os monumentos do centro histórico?

Consegue descrever uma memória afetiva importante que se relaciona aos monumentos?

- Conte-nos qual foi o seu primeiro contato com os monumentos em Petrópolis que você se recorda? (**pergunta para parceiros e parceiras não naturais de Petrópolis caso haja**).

- Os monumentos presentes no centro histórico fazem parte do nosso cotidiano, no ir e vir da cidade, sendo negra ou negro, conte-nos se você se sente representada(o) de alguma forma pelas histórias projetada por esses elementos simbólicos?

- Você acredita que os monumentos impactam na forma como nos reconhecendo enquanto negros e negras em Petrópolis?

ENCONTRO 3: PAISAGENS E MAPEAMENTO DE ELEMENTOS SIMBÓLICOS E CULTURAIS DA MEMÓRIA NEGRA DE PETRÓPOLIS

- Você acredita que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento urbano em Petrópolis?

- Os monumentos permitem identificar grupos culturais negros na formação urbana da cidade?

- Quais elementos da cultura negra na paisagem tem um significado maior para você?
- Se recorda de algum relato ou símbolo da participação da cultura negra na produção material ou imaterial da cidade que não aparece nos monumentos?

PARTE 4: AVALIAÇÃO FINAL DA RODA DE CONVERSA

- Gostaria de comentar algo que não foi tratado durante a roda de conversa?

O QUE OBSERVAR NAS FALAS?

- Busca-se valorizar a tradição oral no resgate das memórias dos(das) parceiros e parceiras negras que está centrada em filosofias africanas bem como trocar experiências de suas corpos no urbano de Petrópolis por meio da roda de conversa. Assim, é possível traçar uma relação entre os monumentos históricos e a função cultural de racialização que esses elementos simbólicos exercem sobre a paisagem da cidade.
- Observar se os parceiros e parceiras se identificam com os monumentos históricos presentes nos espaços públicos do centro histórico de Petrópolis bem como averiguar se conseguem estabelecer relação afetiva com esses símbolos. Dessa forma, é possível analisar as consequências ocasionadas pela representação negra ou não nos monumentos, compreendendo o papel que o racismo e o racismo estrutural exercem sobre a produção da cultura local.
- Por fim, essa análise possibilita trazer a tona elementos culturais materiais e imateriais da cultura negra local, viabilizando o seu mapeamento geográfico.

ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO DE LIVRE ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
Programa de Pós-graduação em Geografia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **Entre a memória e o esquecimento: os monumentos na construção das identidades de Petrópolis-Rio de Janeiro**. Essa pesquisa tem por objetivo realizar uma análise dos monumentos presentes nos espaços públicos do centro histórico de Petrópolis-RJ pela paisagem, com recorte no apagamento da memória negra local, dialogicamente, reconhecendo a cultura negra na construção do espaço urbano, mas que não aparecem nas representações monumentais da cidade. Assim, realizar esta pesquisa implica em estudos que denunciem a colonialidade sobre a forma de monumentos históricos, que se desdobra na racialização e conseqüentemente no racismo sobre a população negra de Petrópolis. Analisar a paisagem pela vertente cultural da Geografia possibilita apreender a contradição que nela é evidente entre as ideias disseminadas pelos monumentos, em contrapartida das vivências negras trocas na cidade. Além disso, permite a nós, geógrafos e geógrafas, compreender de forma crítica os processos de evolução socioespacial e socioculturais mais próximo das múltiplas vivências apreendidas no-sobre o espaço.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você, serão realizados 03 (três) encontros no formato de Rodas de Conversa, durante o dia ou à noite, conforme ficar mais conveniente entre comum acordo com os (as) demais participantes, com tempo estimado de 02 (duas) horas cada encontro, por meio de ambiente virtual do **Google Meet** garantindo a segurança e integridade física de todos(as), ciente de que estamos sobre os protocolos de saúde segundo orientações do Ministério da Saúde do Brasil, ainda no atual cenário da pandemia da Covid-19 e mais atualmente sobre alerta da Varíola dos Macacos. Os encontros serão gravados onde você permite a sua identificação por meio de nome pessoal ou popular bem como uso, imagem, áudio e/ou vídeo que serão utilizados apenas com a finalidade do desenvolvimento dessa investigação. Os riscos nessa pesquisa são mínimos e podem estar relacionados ao desgaste sobre o tempo de exposição durante a realização dos encontros online, constrangimentos ao relembra alguma memória que lhe traga desconforto de uma experiência negativa passada, constrangimento relacionado às trocas de experiências com outros (as) participantes, sua identificação e uso de imagem bem como áudio e/ou vídeo. Mas, para minimizar esses riscos e possíveis desconfortos essa pesquisa foi planejada e organizada em 03 (três) encontros de curta duração, com aproximadamente 02 (duas) horas cada, visando reduzir desgastes prolongados em ambientes virtuais. Além disso, ao sentir o menor desconforto, incômodo ou constrangimento em responder alguma pergunta ou interagir com outros (as) participantes durante a realização da Roda de Conversa você poderá se negar a responder as perguntas direcionadoras, permanecer em silêncio ou se retirar a qualquer momento sem prejuízo algum ou penalidade. Fica ciente, também, caso você opte por não ser identificado(a) um nome fictício poderá ser estabelecido a seu critério. Também é notório destacar que caso você não permita a divulgação do uso de sua imagem, áudio e/ou vídeo, todos os seus dados serão mantidos em anonimato sobre domínio e responsabilidade do pesquisador. Nada será publicado ou divulgado sem o seu consentimento em nenhum meio científico para fins dessa ou quaisquer outras pesquisas.

É importante destacar, que a pesquisa ajuda no resgate e valorização da memória da cultura negra local bem como ampliar os diálogos sobre formas de racismo e racismo estrutural que colocam elementos simbólicos da cultura negra como menor importância em nossa cultura nacional, o que interfere diretamente em nossas referências simbólicas nas construções de

nossas identidades nos espaços públicos das cidades. Além disso, visamos aqui valorizar suas experiências pessoais com os monumentos históricos petropolitanos buscando reforçar os elementos simbólicos da paisagem da cultura negra e auxiliando em uma construção coletiva de um mapeamento memorativo que permita outras releituras da formação socioespacial e sociocultural da cidade para além de uma visão colonizadora hegemônica eurocêntrica. Nossa intenção aqui é ouvir você, bem como destacar de forma ativa a importância que a cultura negra exerceu e exerce diretamente na construção e evolução da nossa cidade.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

- () Autorizo meu nome publicado na pesquisa.
 () Autorizo o uso da minha imagem na pesquisa.
 () Autorizo a gravação e o uso de áudio e vídeo.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 _____.

 Assinatura do(da) Participante

 Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Wanderson Freitas França
 Campus Universitário da UFJF
 Instituto de Ciências Humanas
 CEP: 36036-900
 Fone: (61) 9 9855-0381
 wander_014@hotmail.com

Rubrica do participante de pesquisa ou do responsável:

Rubrica do pesquisador(a)

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÕES DA RODA DE CONVERSA

1º Encontro: 06 de Dezembro de 2022 – História Oral

Perguntas Orientadoras Geradoras:

- Levantamentos das trajetórias das (os) parceiras e parceiros da roda de conversa:
- Conte-nos sobre a sua trajetória em Petrópolis?

Orientações: nome completo, idade, bairro onde mora, formação, profissão, filiação, se é mãe ou pai de quantos(as) filhos(as), se é natural da cidade, se não é natural uma breve elucidação da motivação que fez escolher Petrópolis como morada, se é pioneiro ou pioneira na ocupação de bairros, se é líder de bairro, se está a frente de alguma associação de moradores, se está a frente de alguma Organização não Governamental (ONG), se está a frente em alguma mobilização social, se é artista (se sim, em que campo atua).

Rejane

Meu nome é Rejane da Silva Miosso, sou moradora de Petrópolis há muitos anos, mas não nasci aqui, sou mineira uai, numa cidadezinha chamada Pirapetinga, não sei se vocês conhecem e eu vim pra cá bem criança, tinha por volta uns quatro anos quando eu vim pra cá, então naturalizada petropolitana. Ai é ... tenho duas filhas, tendo uma bem branquinha de olho verde que puxou a família do pai e a outra mais mestiçada que puxou a minha família, mais moreninha ... eu trabalho na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) no cargo de auxiliar administrativo, alguns anos ... 22 anos na verdade. [...] Assim, na verdade o meu pai era pedreiro e carpinteiro e minha mãe sempre foi do lar, ela trabalhou na verdade, casaram muito cedo né, minha mãe na época dela vivia do lar, filhos e marido, então com essa coisa de meu pai estar sempre entre uma cidade e outra como tinha mais trabalho, oferta de trabalho aqui em Petrópolis pra ele era mais constante então optaram por vir morar em Petrópolis. Entendeu, então eles moraram no Quarteirão Ingelhein, moraram no Pedras Brancas, Moraram no Quissamã, moramos no Bingen e ... isso assim né, que eu saiba, a informação que eu tenho desde então ... por último é... fixamos residência no Capela que é um bairro no Bingen e lá minha mãe e a maioria da família dos meus irmãos que tão lá, porque minha mãe também já é falecida, meu pai faleceu eu tinha só dez anos e minha mãe faleceu tem um ano e meio, mas a maioria dos meus irmãos moram por lá e só eu e minha irmã que moramos no bairro do Quitandinha. Então o motivo maior mesmo que meu pai veio pra cá foi por causa do trabalho. Meu pai chamava-se José Bernardino da Silva e minha mãe Maria Souza da Silva, essa miscigenação de ... de peles vamos dizer assim já veio desde muito tempo né, o meu avô, pai da minha mãe, era um índio Puri, uma pele meio chocolate, preto avermelhado, e minha avó era de origem portuguesa, branquinha de olho azul tinha até bigode (risos). E... os meus avós paternos eu não conheci, mas minha mãe dizia que ela tinha um lado, minha avó paterna tinha um lado meio alemão, mais o meu avô eu não sei, desconheço, não tenho informação.

Marcela

Eu sou Marcela, tenho um filho, sou da área da educação, estou como gestora da Escola Municipal Salvador Kling, formada em história, licenciatura em história e pós-graduada em gestão escolar. Tenho um filho [...] é... moro atualmente em Corrêas mas já morei também durante muitos anos ali Quarteirão Ingelhein, onde a Rejane falou que morou também ... eu nasci no município de Vassouras, não sei se vocês sabem, mas conhecido ali como princesinha do café, e eu vim pra cá, se eu me recordo tinha mais ou menos de 4 pra 5 anos, meus pais ... moraram ali em Miguel Pereira, Paty Alferes, aquela região bem mais do interior e eles vieram pra cá também por conta de trabalho... lá eles trabalhavam na lavoura, e quem trabalha na lavoura todo mundo sabe que é pesado, que é cansativo, em fim e eles tiveram a oportunidade de vir pra cá e eu me recordo que meu pai e minha mãe sempre moraram no mesmo emprego até minha mãe vir a falecer, meu pai já aposentou, mas permanece ainda nesse sítio, ou seja, tem mais de 30 anos, 35 anos, que meu pai permanece no mesmo local. É... os meus avós paternos tenho assim poucas lembranças, mas a única lembrança que tenho é dá minha avó fazendo comida no fogão a lenha essas coisas bem, bem, de interior mesmo, bem de roça, criava porcos, meu avô sempre sentado ali pedindo pra botar batata no ... forno né, no fogão a lenha pra assar batata, banana essas coisas bem, bem de interior mesmo né e a família da minha mãe é... já foi assim mais para, vamos dizer assim se desenvolveu mais na parte da cidade, então quando eu ia passar férias na casa da minha avó eu ficava um pouco mesmo no interior mesmo ali vivenciando tudo aquilo até colhendo as coisas da própria horta pra comer e quando via pra casa, da família materna era mais urbana, mais vamos dizer assim mais moderna. O nome do pai é Joaquim, vivíssimo até hoje, pleno, planta aipim dele, faz a hortinha dele, vem trabalhar uma vez por semana, permanece trabalhando na verdade uma vez por semana nesse sítio né, que eles vieram e minha mãe faleceu, minha mãe Dina faleceu tem 10 anos e assim saiu de lá, veio morar aqui, trabalhar aqui e trabalhou aqui até quando veio a falecer.

Adriana

Meu nome é Adriana ... é importante até eu falar que eu era conhecida como Adriana Carvalho, Adriana muda a identidade quando se casa e passa a ser conhecida como Adriana Rangel. Eu vou explicar um pouquinho disso tudo... eu acho que foi a minha construção junto a cidade que veio modificando essa Adriana, sou filha de Amilton Francisco da Silva que também veio do interior para Petrópolis, e filha Maria Luísa Carvalho da Silva que veio do interior de Minas para Petrópolis onde meu avô era caseiro de uma família muito rica da cidade e trouxe todos os filhos para cá e aqui trabalhava na casa do senhor da casa grande, e os filhos trabalhavam ali e aí eles foram trabalhando e se constituído né... casando! Então, eu sou filha de Amilton falecido, e Maria Luísa, sou petropolitana, sou professora da rede municipal de ensino, tenho 30 anos de rede municipal de ensino ... atualmente estou como gestora de uma escola municipal e eu falo que em fim de carreira, que a vida é um ciclo, né? Eu acho que talvez agora eu vou conseguir realizar o que eu sempre almejei, que o espaço escolar foi o espaço que nunca me agradou, e assim pelo menos minha infância eu tenho péssimas recordações de espaço escolar nesta cidade porque eu estudei em uma escola de alemães a minha infância inteira, da educação infantil ao 9º ano e eu como menina negra, única negra em um espaço escolar privado é uma escola que me deixou muitas marcas ruins e eu só fui conhecer na verdade o prazer para escola quando eu já estava no Ensino Médio por um professor, eu acho importante isso tudo é relatar porque são marcas que foram deixadas pelo espaço escolar e que talvez se não fosse esse professor que eu encontrasse no caminho eu não teria um olhar que eu tenho hoje para a escola pública, que hoje eu vejo a escola pública por outro viés, é ... um espaço de oportunidades, principalmente para as crianças pretas. É... sou pedagoga, especialista em educação, entrei para Serviço Social pra vê se a cidade conhecer de política pública pra eu lutar por ações sociais, sou militante ativista, sou mãe de um filho de vinte anos, está terminando a universidade, trabalho também na Baixada Fluminense que pra mim foi mais uma ruptura de eu conhecer de outra educação, de outro parâmetro de educação que muitas vezes a gente fica muito na cidade imperial a gente tem um parâmetro, quando a gente muda de município, vai para a Baixada Fluminense a gente quebra alguns paradigmas de que nos achávamos como verdade ... então assim foi um divisor de águas na minha vida e como pessoa também. Quando eu falo de Adriana Rangel é... foi uma constituição de uma outra Adriana a Adriana Carvalho que era conhecida nos bancos escolares era a Adriana muitas vezes que passava pela invisibilidade, que eu procurava passar de forma que ninguém me visse ... e assim, casei e fui incorporando outra figura de Adriana, né? Aquela Adriana que chega e se posiciona então assim foi uma transformação e muitas vezes a gente vai até perdendo a identidade ... conhecida muitas vezes como Rangel eu falo que eu perdi minha identidade, fiquei com nome do marido (risos) e as vezes a gente chega perdendo a sua identidade de quem é a Adriana, mas a minha história foi uma história de invisibilidade junto aos bancos escolares nessa cidade chamada Petrópolis e quando assim, hoje, quando foi dada a oportunidade de gerenciar uma escola eu quero oportunizar os meus alunos o que não foi oportunizado pra mim na minha infância, eu quero construir uma história diferente.

Adriana

Wanderson, eu poderia complementar só uma experiência minha? Hoje quando trabalho junto à questão dos movimentos sociais, principalmente de movimento negro é... eu consigo entender o outro lado devido a minha história de infância, eu tinha uma avó evangélica que fazia eu escrever os hinos dela da igreja que ela era analfabeta, mas escrevia os hinos, tinha uma avó materna que era muito católica e que precisava rezar a questão das orações e meu avô era chefe de terreiro, então assim eu na minha infância eu lidei com tudo, então hoje eu sou tão livre em relação a lidar com todas as situações porque eu fui sendo constituída em vários espaços e conheci tudo. Eu ia lá no cetro do terreiro tomava passe ao mesmo tempo a minha avó mandava escrever os livros da igreja evangélica, a outra me ensinava a rezar como se fosse para a igreja católica (risos) então assim é essa experiência também que foi me construído ... e não ter rupturas de dizer que essa é melhor ou pior é porque eu vivenciando tudo na minha infância ... e depois eu me constitui enquanto pessoa, tive essa história também da minha infância.

Eu nasci ali na Castelânia, conhecida como Praça Catulo e aí depois eu vim pro Alto da Serra, foi toda a minha adolescência, fui pra Rua Teresa, depois retorno para o alto da Serra onde resido há 23 anos.

Rejane

Essa fala da Adriana me lembrou que eu vivi a mesma coisa porque a minha avó materna era espírita... ela frequentava, esporadicamente, mas ela frequentava um centro de Umbanda e a minha tia mais velha, irmã da minha mãe, também era espírita mais o irmão da minha mãe, meu tio que a gente vivia na casa deles eram evangélicos então a gente ia pro o culto quando tinha (risos) e a minha mãe católica toda vida (risos) então eu falei assim eu não nenhum tipo de problema com essa coisa de cultos, de religião, de rezas, entendeu, pra mim tá tudo bem porque eu fico a vontade em qualquer uma das situações (risos) porque eu já venho disso desde pequena e a gente já vive essa situação com muito respeito em cada uma delas ... eu acho o que vale nisso tudo mesmo é a fé e o respeito.

Roberta

(risadas) Eu sou a Roberta dos Santos Gregório Neves, né Adriana?! A gente tem esse problema do último nome ser o do marido, mas eu acho que pra mim ficou forte o Gregório mesmo, assim eu sou muito conhecida na cidade como a Roberta Gregório que é de meu pai e até hoje eu ainda tenho dúvidas se Gregório é um sobrenome gente

ou se é um nome porque meu pai de Zé Gregório foi um homem adotado por volta dos 9 anos de idade na região ali da Posse, a que eu considero minha avó paterna que sempre me cuidou com muito carinho era avó adotiva assim, mãe adotiva do meu pai, e meu pai gente foi, segundo contam a história ... adotado em troca de um saco de milho, e essa minha avó, que adotou meu pai ela faz essa troca porque meu pai passava dias e dias ajudando ela na feira então ela tem até assim um carinho por ele e passado não sei quantos dias, meses vem uma senhora, eles eram de São José do Vale do Rio Preto, na época São José era distrito de Petrópolis, não é mais, e aí em enfim, começa a história do ramo do meu pai e eu falo isso porque eu tenho alguns traços assim genéticos que me ligam muito a ele, então aí vem esse homem cheio de questões e ... complicações porque ele quer entender, né? Cadê a família dele, né? Da onde veio? A gente não tem assim... eu não tenho notícias e a gente só sabe história e ele é adotado gente por uma família branca, né? De Petrópolis, e o marido dessa minha avó, que eu não conheci, ele chegou a ser um político aí famoso da cidade ser... da câmara dos vereadores e em fim, presidente da câmara, então tem assim um peso a política vai fazer parte aí da história do meu pai embora ele não tenha sido, ele foi adotado, mas não foi adotado no papel gente, então tem aquela coisa assim ... bom isso é um lado e do outro lado do lado materno que é um lado que sempre me acolheu e que eu sempre me senti mais a vontade é o lado é... da minha avó ... Nair Dimas dos Santos uma mulher guerreira, de fábrica, de chão de fábrica trabalhava desde os 9 anos nessas empresas de Petrópolis de tecido então ... e lá ela vai conhecer meu avô Armando que parece que trás a linhagem assim de um entendimento de negritude pra minha família, que minha família por parte materna embora sejamos todos negros não tinha isso muito bem elaborado não e agora sabe eu percebo algumas conversas assim... (risos) eu não tive contato com nenhum dos meus avos, mas esse avô Armando trazia aí uma questão assim bem ... me aparece agora com mais clareza e lucidez que ele trazia isso. E aí surge, então eu sou a filha da filha mais velha de Dona Nair, a Sandra, e como Adriana sempre vivi, estudei em escola particular. Então minha mãe sempre achou que a solução pra nossas vidas, pra gente sair da pobreza era a educação, então foi uma mulher que ficou assim, passava noites, porque na época as bolsas de estudo eram muito difíceis, então minha mãe passava a noites na chuva gente para conseguir vaga pra mim, assim, e foi minha trajetória que lógico agradeço muito pela formação que eu tive, mas tive um problema, uma menina negra (risos) no meio do povo branco, então demorei muito pra entender quem eu era (risos) e eu falo que a escola pública me salvou gente porque quando eu terminei minha faculdade eu fiz aí na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) como você geógrafo, dos anos 1990 (risos).

Então é isso, eu saio de Juiz de Fora, da geografia da UFJF e caio já no concurso público e aí a minha vida já começa a mudar porque o chão da escola pública é fantástico, né?! É um espaço que a gente vai achando que vai fazer (risos), mas na verdade a gente aprende muito, a gente ganha muito e aí aos poucos fui me encontrando até que eu conheço Adriana Rangel, e aí a gente começa o movimento na escola de projeto Consciência Negra que assim é uma grande realização pessoal, profissional e vejo que tá fazendo a diferença aí pros alunos, Adriane e Pedro já presenciaram lá no Rui Barbosa todo ano a gente chama os amigos pra falar, homens e mulheres pretas, é importante isso, essa identificação da comunidade, uma gente que tem o que dizer, né?! E tem sido assim muito feliz nessa trajetória de me encontrar, encontrar os meus e poder fazer com que eles não se percam como por muito tempo eu me senti perdida.

Aline

Meu nome é Aline, a minha mãe veio de Minas, era de Juiz de Fora. Na verdade, minha mãe nasceu em Guarani e veio pra Petrópolis em busca de empregos melhores porque lá em Juiz de Fora as oportunidades de trabalho não eram boas. Olha só! Minha mãe uma mulher negra, saiu de Juiz de Fora em 1960 trabalhou aqui em casa de família só que o que acontece, nessa casa de família que a minha mãe trabalhou ela desentendeu com a patroa e voltou para Juiz de Fora. Como era ruim de conseguir trabalho, ela virou um dia para o meu avô, que ela era muito ligada ao pai mais do que a mãe, e falou que ela ia retornar pra Petrópolis até avisou que se não voltasse ela tinha conseguido alguma coisa e veio para Petrópolis, foi batendo de porta em porta em busca de oportunidades até que ela chegou aqui no hospital Casa Providência. Eu acho que o nome atual é Nossa Senhora Aparecida e chegou lá uma irmã atendeu e a minha mãe falou na história de vida. Minha mãe sempre falava assim, Aline conta sua história de vida quando você quiser uma oportunidade, não tenha medo, fala quem você é. E a minha mãe fez isso, chegou na casa da Providência e se abriu para irmã falou que era de Minas, que precisava trabalhar e a irmã a princípio virou falou que não tinha oportunidade, só que a minha mãe continuou contando a história de vida dela e devido a isso acho que a irmã ficou com pena da minha mãe e falou que só tinha uma vaga na lavanderia. Aí minha mãe foi e falou assim: “- Não, mas eu pego!” E começou a trabalhar na lavanderia, só que com passado tempo minha mãe trabalhando em hospital via aqueles trabalhos ali e falou com a irmã que ela queria aprender a dar injeção. Aí a irmã falou assim, você vai ter que fazer um curso de enfermagem, minha mãe fez um curso de enfermagem, se formou começou a trabalhar na casa Providência, Santa Teresa, no Socres que os médicos tudo queria porque minha mãe era muito competente. Fez concurso público do Ministério da Saúde, funcionária pública federal. Passou e começou a trabalhar nesses hospitais ... Na verdade quando a minha mãe passou para o Ministério da Saúde, ela ficou grávida de mim. Olha só dei sorte para minha mãe (risos). Só que minha mãe já tinha o meu irmão mais velho. Minha mãe comprou um terreno aqui no Alto da Serra. Aí construiu só um quarto, porque naquele tempo era difícil, né? Hoje é difícil pra uma mulher negra, imagina naquele tempo, eu e meu irmão

nascemos em 1975, minha mãe comprou o terreno e construiu um quarto, cozinha e banheiro e logo depois meu avô veio pra ficar com meu irmão e ficou grávida de mim e foi construindo aos poucos, eu nasci de Maria Imaculada Alves de Andrade, minha mãe faleceu tem 6 anos, eu nasci Aline de Andrade em 1976 nesse mesmo bairro que a minha mãe construiu essa casa. Não tenho o nome do meu pai, meu pai era casado, na verdade tinha duas famílias ao mesmo tempo, não fui registrada pelo meu pai, por isso meu nome só é Aline de Andrade, meu irmão Marcelo de Andrade e depois veio o meu outro irmão Francisco José de Andrade. Fui criada pelo meu avô porque minha mãe precisava trabalhar, trabalhava dois dias diretos e folgava dois dias pra poder sustentar a gente, na época meu avô também não era aposentado, minha mãe lutou pra cacete até vê se ele conseguisse a aposentadoria e consegui graças a Deus e minha mãe pagou escola pra mim e pro meu irmão, aqui no bairro próximo, sempre incentivou a gente estudar, a ler, comprava livros e foi aí que eu comecei a me interessar por leitura, pelo incentivo que minha mãe me dava comprando livros, porque eu via que ao meu redor que as mães, os pais dos meus amigos não tinham esse incentivo, meus amigos não tinham esses incentivos de leitura, de estudo igual eu tive. Porque a minha mãe estudou, mas depois de formada, porque minha mãe se formou como auxiliar de enfermagem só que sempre falava que era importante a gente estudar, fiz teatro por incentivo da minha mãe, ela gostava muito de cultura, de música, pratiquei esportes, vôlei, depois fui estudar no Rui Barbosa desde pequena no jardim até a 5ª série, sai e fui estudar no Aplicação, fiquei três anos, sai da escola particular e voltei pra escola pública, estudei no Santo Antônio e depois voltei pro Rui Barbosa e fiz normal, me formei lá em 1998. Depois que eu me formei eu comecei a trabalhar, nem pensava em faculdade porque eu achava que faculdade não era pra mim ... eu não me via estudando numa federal porque eu acho que eu não tive uma base e no Normal era mais voltado para área de educação, eu não tive aula de matemática, química e física. Comecei a trabalhar no mercado, trabalhei um ano no ABC (antiga rede de supermercados adquiridos pelo grupo Extra e Pão de Açúcar), gostei de trabalhar lá, peguei uma experiência boa porque gosto de lidar com pessoas, depois fui trabalhar na Rua Teresa (rua de comércio popular em Petrópolis voltada para o segmento têxtil) um bom tempo, mas eu continuava a fazer meus passeios culturais, teatro, shows, musicais aí aquela sementinha de “poxa, eu posso ir além disso” não ficar só trabalhando na Rua Teresa, eu gosto tanto de educação, sou professora, fiz Normal então eu quero me aperfeiçoar nisso, quero fazer uma graduação, foi aí que eu entrei pra fazer Letras na UCP, fiz Letras lá, assim que eu entrei na faculdade fiquei grávida do João. Eu namorava cinco anos o pai do João, no ano que terminei eu não sabia e entrei na faculdade, só que eu não tranquei, continuei fazendo umas 3 matérias e o João nasceu em 28 de Novembro de 2005 e não me atrapalhou em nada porque estava no fim do semestre, graças a Deus eu tinha a minha mãe, no outro ano eu continuei meus estudos, também não fazendo muitas matérias e não parei, me formei, foi uma luta. E eu tinha parado de trabalhar pra poder ficar com o João, porque minha mãe tinha os problemas de saúde dela, diabética, pressão alta, aí eu fiquei mais em casa durante esse período, uns cinco anos me dedicando ao João, mas depois eu voltei a trabalhar no Projeto Mais Educação, trabalhei em uma escola no Quitandinha, depois fui trabalhar em uma escola aqui perto de casa no Vila Felipe e foi aí que eu comecei a me apaixonar mais pelo Ensino do Fundamental I, educação infantil e foi quando eu resolvi fazer Pedagogia pelo CEDERJ (Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), prestei vestibular, passei, comecei a fazer, nossa! Me encontrei! E eu falava antes que nunca ia fazer Pedagogia, que Pedagogia era muito chata, muita teoria mas eu gostei muito mais, me identifiquei mais, gostei muito, tô aprendendo muito. Eu trabalho numa Escola do Bom Jesus, só que eu sou professora da biblioteca, eu faço contações de histórias, trabalhando até o 4º ano com literatura e incentivo a leitura.

A minha mãe era do Movimento Negro também, era coligada ao PT (Partido dos Trabalhadores), eu ia nas reuniões minha mãe ia e eu pequenininha no Movimento Negro nas reuniões, nos encontros com a Benedita da Silva em Niterói, eu não esqueço disso que foi fazendo parte da minha formação política e da luta contra o racismo e minha mãe era bem ativista.

Cipriano

Meu nome é Pedro Ivo Cipriano Inocêncio, eu adoto o nome artístico Cipriano que é o sobrenome da minha mãe e depois eu ressignifiquei o nome Cipriano, Inocêncio é o nome do meu pai, meu pai é Jorge Inocêncio e minha mãe Irene Belmiro Cipriano Inocêncio, meu pai é ali de Vale Boa Esperança, é petropolitano da gema (risos) nasceu aqui em Petrópolis aí daquela região de Itaipava, Vale da Boa Esperança, e minha mãe é de Minas Gerais, de Tocantins, logo depois de Juiz de Fora ali né, aí a mãe foi para o Rio de Janeiro para trabalhar para conseguir melhores trabalhos e tudo e conheceu meu pai no Rio e eles vieram, e aí se gostaram, se apaixonaram (risos) e ele trouxe pra Petrópolis e minha mãe passou por aqui em Petrópolis, eu sou petropolitano, nasci aqui em Petrópolis, nasci ali na curva do joia no Bingen ali, uma casa onde meu pai trabalhava, foi caseiro durante muitos anos ali na curva do joia, na casa do ministro Hélio Beltrão, antigo Ministro Hélio Beltrão, meu pai trabalhou durante muitos anos e aí a gente foi criado ali eu e meus dois irmãos assim nós somos três irmãos, somos criados ali e depois com o tempo meu pai trabalhando, ele conseguiu comprar uma casa em Itaipava e nós mudamos lá para Itaipava, mas até mudar a gente mandou para Itaipava eu já tinha sete anos por aí e eu estudei ali no Cardoso Fontes, desde pequenininho que ali no Cardoso Fontes agora que eu acho que não tem mais pré-escola no Cardoso Fontes, mas tinha antes então eu estudei ali até a quarta série por aí ... é isso... depois mudamos para Itaipava e estudei lá em

Itaipava e depois nos mudamos para cá de novo porque meu pai é... saiu do trabalho dele, comparamos essa casa aqui na Mosela e voltei pra o centro de Petrópolis pra Mosela, voltei com uns dez anos e voltei estudar do Cardoso Fontes, então eu tenho uma vida inteira (risos) no Cardoso Fontes praticamente, então aí ingressei, voltei pra quinta série lá e segui até o Ensino Médio no Cardoso Fontes, é uma vida de amor no Cardoso Fontes, mas é porque assim eu até depois que eu sai eu voltava pra ficar na escola para ficar na biblioteca porque... a escola é um espaço muito engraçado pra mim assim, eu não tinha muitos amigos na escola, interagia muito pouco, na escola eu ficava na biblioteca ou ali no jardim desenhando, eu sempre desenhei desde os dez anos de idade que eu desenho, faço cursos livres de desenho, estudei com a Professora Rosilda, [...] mas aí eu ficava assim seguia Dona Rosilda pra tudo quanto é aula, aí quando não tinha aula da Dona Rosilda eu podia matar aula (risos) de Educação Física eu ia pro jardim ou ia para a biblioteca e ali eu ficava a minha vida toda de adolescência foi essa coisa de desenhar e... desenho muito assim, desde muito pequenininho. Concomitante a isso fui fazendo esses cursos livres, minha mãe me levou pra fazer cursos de desenho no Palácio de Itaboraí, hoje não funciona mais o SESI ali no Palácio de Itaboraí não, ele tá na avenida Ipiranga se não me engano, mas ali onde é hoje a Fio Cruz que é o Palácio de Itaboraí funcionava uma escola de reforço escolar de ... vários cursos que aconteciam ali, secretaria de escola, e aí eu pequenininho ali minha mãe me levou lá pra fazer aula de desenho, Professora Neucinei e aí ela me perguntou: “Mas você... qual o seu nome você vai adotar pra assinar seus trabalhos?” Ai eu falei: “Cipriano!” Porque eu sou umbandista desde criança, nasci dentro do terreiro de umbanda, e no terreiro de umbanda tem um Preto Velho chamado pai Cipriano, né? E aí eu achava que Cipriano era africano então eu achava um máximo, achava que Cipriano era nome africano, então assim achava oh (risos) descendente de africano, aí adotei o Cipriano pra assinar os meus trabalhos, depois eu entendi, vi que Cipriano não é africano, é um nome grego, mas assim eu ressignifiquei ele que agora ele é meu nome africano (risos) que descende de um preto velho né. Assim eu fui seguindo, fiz UCP, fui fazer... Letras na UCP, concomitante a isso como eu cantava, cantava no terreiro, sempre fui cantador no terreiro, curimbeiro, canto desde criança também, então eu fui fazer curso de canto pra poder ingressar universidade que a nossa meta ali no Cardoso Fontes era fazer universidade pública, então a gente passava o final de semana estudando no Pré-vestibular pra Negros e Carentes, e aí nisso tudo eu também tentei pra UCP, vai que eu passo pra UCP também, mas eu só poderia estudar na UCP se conseguisse bolsa, do contrário eu tinha que amargar pra ficar no alojamento (risos) e ir para o Rio de Janeiro e enfrentar esse negócio todo, que era ali do nosso grupinho, nossa turma foi a primeira a pensar as coisas do vestibular, a tentar isso tudo. Eu passei pro coral porque eu já cantava no terreiro então assim, tinha afinação, tinha ritmo e passei para o coral e aí a pressão da família foi ah! Você não era pra ir para o Rio mais né! Você passou para o coral, você vai ficar aqui em Petrópolis, Rio é perigoso, Rio tem um monte de coisa, vai pro Rio não, fica aqui! Ai fui fazer UCP, fiz UCP, entrei em 2004 e fui estudando e agora eu tô na UFJF junto com o Wanderson, com a Roberta, que é uma cidade, a universidade é uma cidade, isso pra mim, isso agora é uma coisa muito grandiosa porque UCP ela é bonita e tudo, mas assim a UCP não se compara uma cidade universitária que é a UFJF, que a gente ficava brilhando o olho pela UERJ, UFRJ, gente UFRJ linda, mas aí eu fiquei na UCP por pressão da família.

Eu moro na Mosela, no início da Mosela, aqui era casa dos meus pais e hoje virou minha casa ateliê, que meus pais moram no Bataillard por conta de um acidente que meu pai teve, ele foi amputado de uma perna e minha mãe com problemas na coluna e joelhos não podem mais subir aqui, tem uma escada bem íngreme aqui no meu ateliê e aqui virou minha casa ateliê porque é uma casa grande só pra mim, então vamos colocar arte aqui, até na cozinha (risos).

Rejane

Assim, a gente parece que não tem ninguém e assim são pessoas tão próximas, né? Porque eu também estudei no Cardoso Fontes, estudei primeiro no Santa Maria Gorete lá no Bingen, foi só o pré e da 1ª série que hoje é 1º ano que falam do nível um até 9º ano hoje eu fiz no Cardoso Fontes também, aí depois eu fiquei porque eu tive que trabalhar porque meu pai morreu cedo, um monte de irmão, minha mãe foi mãe de doze filhos ... 10 criados então eu tive que trabalhar muito cedo, hoje em dia eu acho que é até proibido criança trabalhar de carteira assinada (risos), meu presente de 15 anos foi uma carteira assinada, e aí eu parei de estudar no Ensino Fundamental e só voltei a ... estudar novamente eu fiz por apostilha no Sesi que ficava ali na Barão do Rio Branco, eu trabalhava de zeladora, fui trabalhar na UCP de zeladora e ... aí em 2002 retomei os estudos e terminei meu Ensino Médio por apostilha. Hoje eu tenho minha bolsa integral pela UCP, mas tem as preferências né... [...] nesse meio tempo a Erica, a mais velha, eu já tinha colocado, já estava dois anos de funcionaria a gente pode colocar um filho na escola, no Aplicação (Colégio de Aplicação da UCP), a Erica já estava no Aplicação e quando a Louise nasceu a Erica já ia pra 11 anos, então toda aquela luta eu falei bom eu não tenho cabeça pra estudar, não tenho que passar por tudo isso e chegar em uma sala de aula e ... saber se a menina tá bem, se não tá bem então vamos fazer o seguinte... que elas aproveitem a bolsa que elas tem, graças a Deus a Erica se formou em Fisioterapia, Louise acabou de me dar a noticia que ela foi aprovada no vestibular UCP, ela fez a prova essa semana e ... eu pensei assim na hora que elas tiverem na delas eu faço um curso técnico e também você precisa de um técnico né (risos), mas realmente ... pra aproveitar essa bolsa pra mim foi muito complicado, hoje talvez tenha a oportunidade de fazer um EAD (Educação a Distância), tem vários cursos EAD, mas eu ainda não me interessei porque a minha

área eu gosto muito de área humana, Fisioterapia, Biomedicina, essa coisa toda e eu pretendo sim, talvez, fazer alguma coisa na área estética, só pra ter o que fazer mesmo porque não sei até quando o padre vai me deixar lá (risos), mais eu espero que ele pelo menos me deixe pelo menos uns quatro anos até a Louise se forma na faculdade e vou levando numa boa, eu gosto de trabalhar onde eu tô, é um lugar que eu já me acostumei, eu já tô lá à 18 anos, conhece muito gente, muita gente me conhece porque o fluxo de ... alunos, professor, paciente, acompanhante de paciente tanto na Fisioterapia quanto na Psicologia é, só o fato de ter contanto com esse povo todo já engrandece a gente de muito conteúdo da aérea de atuação deles.

2º Encontro: 13 de Dezembro de 2022 – Monumentos e memória

Perguntas Orientadoras Geradoras:

- Conte-nos desde criança você tem contato com os monumentos do centro histórico? Consegue descrever uma memória afetiva importante que se relaciona aos monumentos?
- Conte-nos qual foi o seu primeiro contato com os monumentos em Petrópolis que você se recorda? (**pergunta para parceiros e parceiras não naturais de Petrópolis caso haja**).
- Os monumentos presentes no centro histórico fazem parte do nosso cotidiano, no ir e vir da cidade, sendo negra ou negro, conte-nos se você se sente representada(o) de alguma forma pelas histórias projetada por esses elementos simbólicos?
- Você acredita que os monumentos impactam na forma como nos reconhecendo enquanto negros e negras em Petrópolis?

Cipriano

A minha memória afetiva com o monumento, [...] pra gente se situar na cidade, assim, é a Praça da Liberdade, eu tenho uma memória muito afetiva na Praça da Liberdade que meus pais me levavam lá quando eu era pequeno e a gente andava naqueles bodinhos, a Praça da Liberdade tinha um bodinho, sabe ?! (risos), Já tô dizendo minha idade (risos), a gente andava ali na Praça da Liberdade, ficávamos ali um bom tempo e ia brincar, isso quando a gente era pequenininho. E depois ... eu fui ressignificado a própria Praça da Liberdade, porque eu fui entendendo o quanto ... hoje eu vejo o quanto a Praça da Liberdade me pertence, mas isso hoje, na época eu só achava assim um máximo ali, andar de bodinho, brincar, ali tinha um bar, onde hoje ... o cite de informações (construção localizada dentro da Praça da Liberdade que era abrigo do Centro de Informações Turísticas CIT) tinha um bar antes e ... aí é isso minha memória afetiva enquanto criança é na Praça da Liberdade, agora em termo de me sentir pertencente depois que você vai ... isso eu tinha sete anos de idade, bem pequeno, até menos talvez, aí nesse momento eu não entendia Praça da Liberdade igual eu entendo hoje, que hoje entender a Praça da Liberdade pra mim voltou a ser um lugar muito importante, era quando criança, porque tinha essa coisa de andar de bodinho, andar de charrete, era uma charretinha pequenininha (risos), aí hoje eu meio que ressignifiquei a Praça da Liberdade, mas durante a minha adolescência os monumentos da cidade que eu me identificava não tinha, eu andava bastante no centro da cidade, andava com a minha pastinha de desenho embaixo do braço (risos) e passava ali em frente ao Museu Imperial, ao Teatro dom Pedro, mas nada daquilo me identificava muito, apesar de ter essa coisa de querer fazer parte, sabe? Então eu entrava ali nos jardins do Museu eu ficava me questionando será que eu posso entrar aí? (risos) Será que eu posso visitar o Museu? E aí eu ficava no jardins do Museu, durante muitos anos eu ... desenhei no jardim do Museu, achava um máximo isso, até o momento que fui trabalhar ... aí ficava projetando eu vou trabalhar ali dentro, vou me apropriar desse lugar, brincava que eu era dom Pedro II, hoje a gente vê que d.Pedro II ... não é legal muito ser d.Pedro II, é melhor ser o Pantera Negra (risos) do que o próprio d. Pedro II, aí eu fui trabalhar no Museu Imperial e o negocio virou de ponta cabeça.

(Pergunto: A Praça da Inconfidência, Catedral, Palácio de Cristal esses outros monumentos não?)

Esses outros monumentos, a Praça da Inconfidência ... eu fui entender dela bem depois assim ... engraçado, ela não é muito ícone pra mim assim, o Palácio de Cristal eu passava pelo Palácio de Cristal, mas eu também assim, durante muito tempo eu achava que eu nem podia entrar, depois que eu entendi que era gratuito (risos) ... engraçado, uma coisa doida assim, o Palácio de Cristal eu passava em frente ... eu passei a entrar no Palácio de Cristal eu já tava na universidade, estava no meio da universidade e a Catedral, eu só entrei na Catedral quando eu fui cantar, que eu também estava na universidade, participava do coro da universidade e aí sim eu passei a todo terceiro domingo cantar na Catedral e depois sair correndo pra cantar no terreiro (risos).

Marcela

A minha memória afetiva é bem parecida com a do Pedro, eu só me lembro da questão da praça (Liberdade) que eu acho que era o lugar mais acessível na época né, a questão dos bodinhos parados ... no chafariz, é ... porque na verdade eu me lembro que eu ia na missa com a minha mãe, não era na Catedral, era no Sagrado, a gente frequentava muito ali o Sagrado, então do Sagrado já ia na praça, dava uma volta no bodinho, dava uma balançada,

ia na gangorra e voltava pra casa, não me recordo assim de outros monumentos, de outros lugares. A Catedral eu só fui entrar depois também quando estava terminando o normal na verdade, eu saía do CENIP (Centro de Ensino Integrado de Petrópolis), estudei um ano no CENIP, e passei ali um tempo com as meninas e eu também tinha essa mesma ideia que o Palácio de Cristal tinha que pagar pra entrar e naquela época a gente não tinha grana pra isso, eu me lembro que eu tocava na banda do CENIP aí eu saía do CENIP eu ia pra casa a pé, voltava pra banda a pé e só ia pra casa com a ficha marrom porque a gente não tinha dinheiro e se você andasse de ônibus você ia perder a ficha marrom, você não podia comprar mais de cinquenta fichas durante o mês, era uma luta e como família simples, somos em quatro, então criar quatro filhos com algumas regalias, impossível, então memória de monumento mesmo era só a questão da Praça da Liberdade mesmo.

(Pergunto: E Marcela, falando da sua experiência pessoal e lá você comentou que vocês frequentavam a igreja do Sagrado e ali tinha alguma história? Alguma relação com a cultura negra? Cemitério de pessoas escravizadas?)

Que eu saiba não, se tem eu faltei essa aula de história e geografia de Petrópolis! (risos)

Cipriano

Tem relação, mas a gente sabe disso hoje.

Roberta

É muito recente, né, Pedro?!

Cipriano

É a mesma relação do Quilombo que existiu ali, quilombo central no Palácio de Cristal, a gente sabe disso hoje ... cemitério que existiu ali no Sagrado Coração de Jesus ali era um cemitério que tinham mais de duzentos negros enterrados, escravizados, foram enterrados ali, tem uma história ali, mas a gente sabe disso hoje, na época a gente acreditava que Petrópolis era uma cidade é ... de herança europeia muito forte, é uma cidade que fazia replica de cidade europeia ... da junção dos rio Comblér com o rio Mouser. Fazia essa alusão lá, Alemanha, Palácio de Cristal que era replica do palácio inglês, entendeu? Então era essa história que a gente escutava, eu não tive HGTP porque estudei em escola estadual, mas depois eu estudando a história de Petrópolis os manuais não falam sobre isso.

Marcela

Precisamos na verdade de alguém mesmo que estude, que pesquise, que investigue mais essa questão. Porque assim, eu acredito que tem um monte de histórias aí ... que não veio a tona, porque eu tô falando isso, nem sei se eu posso falar isso, foi descoberto agora a pouco tempo lá no Rio (cidade do Rio de Janeiro) o Museu dos Pretos Novos, gente foi mais ou menos assim, eles descobriram fazendo uma reforma de uma casa, eu fui lá visitar pela prefeitura, muito bacana, na semana passada nos tivemos um seminário aqui que falava sobre a África e veio uma pessoa falar lá desse museu e a história é muito bacana, a pessoa que comprou a casa ela pediu pra reformar e quando o pedreiro foi reformando foram encontrando várias ossadas né, aí foi descobrindo ... no primeiro momento o moço pensou até que fosse osso de algum bicho, de algum cachorro, alguma coisa assim aí chamaram os estudantes lá da faculdade e eles descobriram que não, que eram ossadas de pessoas que vieram na condição de escravos, porque ali tinha todo o desembarque, em fim, igual encontraram uns materiais na reforma do Palácio de Cristal, eu acho que se fossem mais a fundo muitas coisas seriam descobertas, ou foi mas não veio a tona exatamente por conta disso tudo, há não foi encontrado, mas não vamos divulgar porque tem que se manter a cultura ainda europeia, em fim, eu acho que tem muita história, porque nossa cidade é uma cidade de muita história, mas talvez ... talvez não com tanta história, mas só voltada ainda pra essa questão da branquitude na verdade.

Rejane

Então não tenho nada muito diferente do Pedro e da Marcela, porque na verdade pra infância da gente a Praça da Liberdade é que grita, né? Que foi o símbolo da nossa infância exatamente porque as mães no domingo levava a gente na missa e nem sempre dava pra andar de bodinho, mas tinha o escorrega, tinha o balanço o estalinho que era uma das poucas diversões que tínhamos acesso. Em relação a monumentos eu tô pra te falar que assim eu vejo vários bustos, mas assim eu mesmo nunca me interessei pra saber quem era, quem deixou de ser, sei de alguns porque na escola a gente tinha aula, mas eu sempre fui péssima em história, nunca gostei de história, mas tinha que fazer e assim eu só fui saber que tinha um busto de Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade deve ter o que uns dez anos ou doze anos que soube que aquilo ali era Zumbi dos Palmares, que vinha saber quem foi Zumbi dos Palmares, que vi a ... igual o Pedro estava falando que aquela parte do bar que era do Rui Barbosa, que estava sempre com fedor de xixi, porque os banheiros eram nas laterais do bar, então aquilo fedia muito xixi e tem o Marowil, na época que a gente era criança tinha patinação, mas assim pras crianças que tinha patins, pras crianças que tinha bicicleta, pros pais que podiam porque era um bar mais refinado vamos dizer assim, hoje ele está mais popularizado, mas não era pra todo mundo o Marowil, o Rui Barbosa sim, mas o Marowil não é a Praça da

Liberdade fica ali no meio daquilo, entendeu. Mas assim isso nunca interferiu na minha vida, nunca me fez inferior a ninguém por ser branca, por ser preta, por ser amarela porque criança acho que não se liga nessas coisas, quando a gente passa a ter uma certa idade que a gente vai ... porra, fulano me dechavou ali cara, sem necessidade, acho que tinha alguma coisinha em relação a pele, mas assim quando criança não tinha. [...] Obelisco, o que quê é obelisco? Pra que que serve aquilo? A gente nunca teve esse tipo de informação na escola, pelo menos eu estudei no Cardoso Fontes do 1º ano ao 9º nunca ninguém me falou pra que que serve aquilo no meio da avenida, um marco. Um marco de quê? Pra quê? Quem botou aquilo lá? Eu sei que branco de olho azul não foi. Entendeu, mas não tem nenhuma foto deles lá, esse pessoal aqui que foi que botou isso aqui até lá em cima, porque não tinha carvalhão naquela época, como que aquilo foi chegar lá em cima? [...] Mas, isso pra mim não quer dizer nada porque eu não tenho informação nenhuma disso, a pouca coisa que eu sei foi lá nos livros de 1900 e antigamente. Por que tem o Museu Imperial? Porque foi casa de dom Pedro, aí tinha aqueles passeios da escola que a gente ia lá, eu particularmente eu fui fazer uma visita no Museu Imperial quando eu voltei a estudar isso em 2002, quando eu fui fazer meu EJA (Educação de Jovens e Adultos) aí eu tive que fazer um trabalho, tipo um Trabalho Conclusão de Curso, um TCC, e a gente tinha que escolher um desses prédios pra contar a história pra se aprofundar, aí sim em 2002 eu já tinha mais de 40 anos que eu fui saber da história do SION (Igreja de Nossa Senhora do Sion), que aquilo lá era convento, depois foi comprado pra residência pra Princesa Isabel, que foi presente de casamento né, que depois veio a ser faculdade, virou universidade, que o Relógio das Flores era um hotel de luxo, não era pra preto não, era só pros nobres (risos), da Catedral, por que a gente estudou da catedral? Porque tem o pessoal enterrado lá da família do dom Pedro que o tumula tá lá, então assim, todas essas informações voltado pra o pessoal nobre, por isso que a gente sabe. Essa história do quilombo aí eu fiquei sabendo na semana passada, eu não sabia que Petrópolis tinha quilombo. Quando a gente às vezes passava no centro da cidade, não sei se vocês lembram, eram duas coisas que me chamava a atenção, era umas reuniões de evangélicos, que tinham ali ... na travessa Vereador Prudente Aguiar [...] e outra coisa que eu gostava muitíssimo, mas que minha mãe não deixava eu chegar perto era as rodas de capoeira, eu adoro, desde de criança eu era apaixonada, mas minha mãe dizia que aquilo era coisa de homem, que menina não ficava perto e ... que era coisa de macumbeiro, então minha mãe não deixava. E aquilo chegava a me arrepiar quando via aquele pessoal gingando e eu adoro roda de capoeira, era ali onde hoje é o ... até hoje de vez em quando ainda tem ... ali onde é o Shopping Dom Pedro, na porta do Bradesco, ali a gente passava porque era nosso ponto de ônibus era ali naquelas calçadas, aí a gente passava lá, geralmente era domingo a tarde, uma 18, 19 horas na hora de ir embora pra casa e ela me puxando porque eu queria ficar vendo aquilo ali, aquele berimbau, eu me amarro no berimbau e ela: “- Vambora! Vambora! Isso não é coisa de menina não”. Mas minha mãe coitada criava doze filhos e meu pai nunca teve, assim a participação do meu pai ... tipo nível de casal, pegar a esposa e sair com os filhos, não, meu pai trabalhava e fazia as compras e colocava as coisas dentro de casa e ponto, isso é a memória que eu tenho do meu pai e minha mãe que se virava pra levar a gente pra uma praça ... pra fazer uma peteca de casca de bananeira com pena de galinha, era a nossa diversão. Então, é o que eu tô te falando essas coisas dos monumentos né, lembrança de monumentos eu realmente eu só vim ... na infância eu não tive eu só vim agora de mais velha, nem de adolescente não, de mais velha mesmo que a gente começa a futucar, a questionar, a querer saber o porque que aquilo tá ali, que que representa, mas isso veio agora já de velha, na escola não sei se hoje tem mas na minha época não tinha essas informações não.

(Pergunto: Mas você acha que hoje a gente revira essas histórias porque não tem a identificação ou no sentido de saber mais sobre? Você se identifica com esses monumentos?)

Eu não sou nobre, nunca fui nobre, essa realza toda, eu digo essa nobreza que eles dizem, tem muita gente que não nasceu aqui, que não é daqui e ... você sempre escuta isso, o pessoal de Petrópolis come chuchu e arrotta caviar, porque eles se acham, sabe? Tem um nariz em pé, isso existe aqui em alguns lugares que você vai, igual comentamos na semana passada que até pouco tempo eu não passava na 16 de Março porque as pessoas te olham meio que de banda, principalmente eu pobre, gorda, preta e macumbeira eu tô toda errada na visão desse povo (risos), sou toda errada, então eu não preciso passar em um lugar que as pessoas me olham de banda. [...]

Roberta

Eu tava meio que igual a Rejane, gente eu não tenho memória nenhuma, de que esses monumentos, eu também sou igual a Rejane eu olhava pra aquilo tudo e não fazia o menor sentido pra mim (risos), era a história dos outros, eu tava ali de intrusa, eu sempre me senti uma intrusa nessa cidade. Eu lembro de pequena perguntar minha mãe, inclusive é uma pergunta que agora tá sendo respondida, da coisa da onde a gente vem e ela não saber me dizer, da onde a gente vem em Petrópolis porque não tinha referência, mas aí o Pedro trouxe a memória que realmente eu tenho, realmente que é a coisa da Praça da Liberdade e do bodinho e meu irmão era apaixonado com aqueles bichos e ... (risos) teve uma vez gente, que os bodinhos ficavam na praça Wanderson e eles bebiam da água do chafariz, se banhavam ali (risos), então era um fedor a praça, eu sempre lembro desse fedor que você falou, era o xixi do banheiro do bar, era exatamente esse xixi e o fedor dos bodinhos (risos), a praça era um mar de cocô de bodinho (risos), e aquilo era um máximo! E meu irmão que era terrível, eu era mais quietinha e tal e ele cismou que ia tomar banho no chafariz e ele tomou, gente e meu irmão ficou com aquele cheiro entranhado no corpo e

minha mãe dando banho de álcool na gente e aquele cheiro de bode na gente (risos). E aí Rejane é isso mesmo que você falou, minha mãe também que batalhava lá pelo nosso lazer e agora gente pensando as referências de lugar negro não tinha nenhuma, a gente não tá sabendo de nada dessas histórias, a praça era o local da diversão, a igreja que a gente frequentava também era do Sagrado, igual à Marcela falou, porque a gente era dessa região do Bingen (bairro de Petrópolis) então todo mundo do Bingen ia no Sagrado mesmo, mais a minha avó paterna morava ali... eu ainda chamo de final da avenida gente, a região ali da Paulo Barbosa que na verdade é o início e ela frequentava a Igreja do Rosário, mas ... era só proximidade, era igreja mais próxima, então as vezes eu ia na Igreja do Rosário, mas a Praça da Inconfidência era um lugar ... gente agora eu tenho memórias tristes da Praça da Inconfidência! Primeiro porque era o local que tinha muitos supermercados, quem é mais velho aqui acho que vai lembrar disso, ali tinha o Discos, Casa da Banha e ainda tinha o matadouro de aves ali. Aquilo gente ... eu tenho assim memórias horríveis, não era bonito, aquilo ali era um cheiro horrível, coisas de sangue e era o local do comércio popular, então a gente frequentava aquilo ali pra conseguir, eu lembro... ainda mais na época da hiperinflação dividia eu, minha mãe, meu irmão, minha avó, cada um entrava ne um mercado ali pra ver o preço, a Praça da Inconfidência era onde estava mais barato e aí voltava pra comprar. A Igreja do Rosário ficava ali, então a Igreja do Rosário era um refugio, mas eu não gostava, eu achava uma igreja escura, não tinha muita luz, eu tinha um pouco de medo da igreja (risos), eu preferia o Sagrado. A missa tinha uma coisa esquisita que eles apagavam a luz, não sei se ainda tem essa tradição tá gente. E aí você não tinha aquele afeto né, me vem assim Wanderson aquela coisa da Carolina Maria de Jesus, o Quarto de Despejo, entendeu, ali era isso, onde despejavam os pobres da cidade e a gente tinha que conviver com aquele espaço porque era um espaço que dava pelo menos, fazer o dinheirinho render um pouquinho no final do mês, das compras do mês.

Cipriano

A Catedral é outro lugar assim que igual eu falei só fui entrar depois da universidade porque também achava que eu não podia entrar (risos), gente eu achava que não podia entrar na Catedral (risos), que não podia entrar no Palácio de Cristal, no Museu, todos os lugares assim eu achava que a gente não podia entrar. Eu lembro da Dona Vânia levando a gente assistir o Dom Ratão, que existe até hoje lá no museu uma peça de 30 anos que não muda aquele negócio, tá lá aquela porcaria (risos). Mas eu lembro da Dona Vania levando a gente visitar o Museu Imperial entendeu, e todo mundo ficando meio ... deslocado não sabia se podia mexer, se não pode, aquela história que é contada no Dom Ratão da família Imperial, dom Pedro II, tudo aquilo não nos pertencia, pelo menos era a sensação que eu tinha, igual a Rejane falou antes a nobreza lá longe. Aí tinha a famigerada a sala da tortura, hoje não tem mais, uma sala que tinha os objetos de tortura, de prisão, aquela sala ... nossa eu lembro disso! Horrível! Eu falo sala de tortura, mas era uma sala onde era exibida os objetos de tortura dos escravizados, pra mim que trabalhei ali achava aquilo horrível, as correntes, geramundo (objeto de tortura utilizado no período da escravidão) e contraponto tinha outra sala que tinha joia, os primeiros orives Brasil que são, foram as negras ... os baragandagues, a orivaria do Brasil começou ali, aí tinha uma sala assim tudo muito bonito a coroa, durante muito tempo porque eu trabalhei lá cinco anos, aí no último ano que tiraram aquela sala, hoje não tem mais essa sala, de tanto a gente falar (risos) na cabeça aquilo ali não cabe mais.

Roberta

Um exemplo gente é o Palácio Amarelo que é do Barão Negro, eu fui saber disso muito recentemente também, dez, cinco anos atrás, então assim não nos era mostrado nada, não tinha trabalho disso, como o Pedro falou quem ainda tava no ... município ainda tinha História e Geografia de Petrópolis horrível! Né? Totalmente eurocêntrica, mas assim, ainda tinha uma explicação pra as “coisas” visíveis, eu estudei em escola particular, não tinha nada! Não tinha informação nenhuma, a única coisa era a família mesmo imperial ali e ponto... e dos alemães no obelisco a única coisa que eu tinha uma noção e não fazia parte, então o único lugar por exemplo desses pontos assim mais dá coroa eu gostava do jardim do museu, que eu aprendi adolescente que ali não pagava (risos), e ia fazer trabalho ali no jardim, entendeu? No museu não!

Marcela

Os alunos das escolas municipais eles só tem informação sobre a história e a geografia, muito pouco sobre a Geografia de Petrópolis, uma falinha só dos distritos e pronto, já falou de Geografia, eles só têm essa informação a partir do 6º ano, do 6º ao 9º ano, então do 1º ao 5º nada. E quando se fala dos monumentos falou, virou a página acabou, entende?

Adriana

A minha experiência na verdade com o Museu Imperial só foi quando eu cheguei no Normal, olha só, ou seja, no curso normal eu já estava com 15, 16 anos que aí teve a necessidade devido eu estar fazendo a formação de professores e de conhecer porque a minha história e assim, de acordo com meus pais, é como se fosse um espaço que não me pertencia então eu não tinha acesso. Então quando eu estava no curso normal que eu via a necessidade de conhecer até mesmo porque eu ia lecionar então precisava, mas algo que eu não tive essa vivência na infância... só porque eu já estava com 16, 17 anos... e assim, os monumentos em si era algo que não causava um impacto,

não via uma importância, creio eu a questão mesmo de pertencimento, como se fosse algo que tivesse significado pra mim e também a questão também que não tinha um despertar da família em relação àqueles espaços, então é como se não existissem era uma invisibilidade. O que acontece né, eu tenho 50 anos, a Praça da Inconfidência era como algo muito negativo, era essa imagem que tinha, era lugar de prostíbulo, de pessoas que não prestava e a Praça da Liberdade até tinha, mas era muito raro ir, era algo muito raro e quando ia era algo muito esporádico, Parque Cremeri era elitizado, não tinha essa experiência, quando alguém levava que eu tinha essa vivência, então era algo que não fazia parte da minha vivência como criança e assim eu trabalhando na escola pública eu fui ver que as minhas crianças também não tem essa experiência junto a esses espaços, eu lembro quando eu estava no segundo segmento até mesmo no Batallard (Escola Municipal Batallard) nós levamos as crianças até o Museu porque era algo que eles não conheciam, eles falavam eu vou à Petrópolis, e eles morando ali tão próximo, era como o espaço do Museu e esses espaços não pertenciam e isso bem recente. Tem a questão do acesso, mas é uma questão mesmo de como se aquele espaço não pertencesse e assim é interessante você não vê nenhum certo interesse nesse sentido, eu vejo mais interesse dos turistas em relação ao espaço do que os nossos, e assim fui trabalhar com Educação de Jovens e Adultos e eles também não tinham acesso e não tinham o despertar do interesse, interessante, tanto as crianças como os adolescentes e os adultos eles apresentam a questão dessa semelhança, é como aquele espaço não pertencesse, não fizesse parte da vida deles.

Aline

Então quando eu era pequena nesses encontros que a minha mãe ia ... políticos eu lembro muito de ir no Sagrado nos porões do Sagrado ali com os freis, os encontros que a minha mãe participava dessas reuniões do Movimento Negro, até tinha um Frei Macalé, o Leonardo Boff. E eu acho que isso foi assim um dos movimentos que eu tive mais acesso, assim, em contato que eu frequentava mais é a Igreja Sagrado. Eu também ia na Praça da Liberdade, gostava muito de ir ali. Na verdade, eu não tenho muitas boas lembranças. Tem uma memória afetiva negativa ali porque eu sempre fui alta, eu tinha dez anos tava balançando aí o guarda virou falou que era para eu sair que não podia assim mais de dez anos, só que eu só tinha tamanho, eu tinha idade apropriada. Então eu acho que por causa disso não gostava muito por causa que eu ficava com receio de ir de ser chamada atenção.

(Pergunto: Os monumentos presentes no centro histórico fazem parte do nosso cotidiano, no ir e vir da cidade, sendo negra ou negro, conte-nos se você se sente representada(o) de alguma forma pelas histórias projetada por esses elementos simbólicos?)

Cipriano

Eu falo por mim né, hoje que eu tô entendendo que é uma PRETÓPOLIS, mas quando eu tinha lá uns 7 anos, 10 anos de idade, era a cidade de Pedro mesmo e só quem podia circular ali no centro era Pedro e representante de dom Pedro II, porque você tinha lá o Palácio que você não podia entrar, assim porque você tinha que pagar e eu lembro trabalhando lá ... eu trabalhei lá até 2014, no Museu Imperial, trabalhei em vários setores lá dentro, desde a pantufa até a administração lá dentro, então tinha muita gente que não se sentia petropolitano, tinha muito visitante dos Estados Unidos, Europa, de todo quanto é lugar do mundo, mas petropolitano mesmo não visitava o Museu, porque não se sentia pertencente ao museu, não achava que podia entrar, sendo que a gente tinha dias gratuitos, as quartas-feiras se não me engano, não sei se ainda é, mas nas quartas-feiras era gratuitos para petropolitanos, mas a gente não sabia porque não era uma informação divulgada, passa ali e não sente que pode entrar nem nada disso, não faz parte da história e a gente era seguido lá dentro.

Roberta

Pedro a nossa presença ali incomoda né, eu trabalhei alguns anos no PVNC, Pré-vestibular para Negros e Carentes, e aí teve um dia no PVNC não sei por que motivo a gente sempre usava uma sala locada, ou no Santa Catarina (escola) ou lá no Sagrado e aí não podia ter aula naquele dia sei lá, os padres, as freiras iam precisar daquilo pra alguma coisa, aí ficou aquela coisa pô onde a gente ia dar aula, tinha que ter, era só final de semana que os meninos tem aula e a gente lembrou do Museu, do pátio, do jardins do museu, aí eu falei : “- Não, vamos pra lá, aula ao ar livre!” Então a gente fez uma roda, gente? (risos) Olha Foi um dia inteiro de luta com os seguranças! “- O que vocês estão fazendo aqui? - É aula!” E aquele espaço é público e a gente tem o direito, ninguém estava fazendo nada, mas a presença dos corpos negros dos alunos ali estava incomodando, até que no final do dia, assim, a gente ficou o dia inteiro se explicando, virava e mexia chegava um segurança, aquela coisa, aquela presença hostil, né? Não é o que se fala é o como se comporta incomodado ali e agente no canto, atrás entre aquela parte das carruagens, nem atrapalhando a circulação dos turistas a gente tava e eles incomodados com a nossa presença ali.

Marcela

No mês passado nos fomos com os nossos alunos lá no Museu (Imperial), não foi pra entrar, foi só na parte externa pra tirar foto pra formatura, gente foi exatamente isso! O rapaz lá da empresa ele chegou e colocou as bolsas em cima do banco aí veio o segurança e falou: “- Não pode botar nada em cima do banco porque atrapalha os turistas!”

Aí o cara falou: “- Não eu só tô esperando o pessoal chegar!” Em fim, aí ele: “- Pode fotografar ali!” Aí agente falou: “- Mas moço ali tá interditado, não pode!” Aí a gente teve que procurar um outro lugar, nos fomos na parte de traz do museu, onde sai ali no bosque, aí ele tinha colocado as becas, ele só estava separando as becas em cima do hidrante, era coisa rápida, aí passou um outro segurança também e falou: “- Não pode!” Eu acho assim, tudo bem a gente não estava atrapalhando os turistas, mas como era um grupo, não era um grupão, mas também não era um, grupinho, era um grupo mais ou menos então a todo momento eles passavam, pontuava o que podia e o que não podia só que a gente não estava atrapalhando nada, mas mesmo assim não podia atrapalhar os turistas. Eu não sei se na época que você trabalhava lá Pedro ainda era assim, mas tenho duas amigas que trabalham lá no Museu na parte da educação e elas falaram que ... é muito pequeno, é muito baixo o número de escolas, porque tem gratuidade pra escola, mas isso não é tão divulgado, é muito baixo o número de escolas em Petrópolis que visitam o próprio Museu.

Aline

Eu confesso que nem pelo Palácio de Cristal eu me sinto representada. Porque a gente sabe, a gente conhece a história, só que o pessoal ... da cultura alemã ali eles apropriaram daquele palácio, eles falam que aquela ali é deles. Então eu acho que nem pelo Palácio de Cristal eu tenho afinidade, passo sempre ali perto do ... Museu Imperial, Catedral, porque eu trabalho na Ipiranga, aquelas casas ali da Ipiranga não sinto representada, pelo contrário, me sinto bem oprimida passando por esses lugares que me remetem coisas assim ... que me deixam triste e chateada.

(Pergunta: Você tem essa mesma sensação desse distanciamento de acesso sobre os monumentos?)

Eu já me identifico muito mais com a Igreja do Rosário ali atualmente. Que a gente ali vê mais é povão do que outras igrejas em Petrópolis que, por exemplo, a Catedral. A Catedral tem missa ali que você fica com receio, porque ali a gente vê que o povo que frequenta não é o mesmo do Rosário. Então a gente tem meio que essas limitações. Eu acho que ... pra tu vê a Catedral foi reformada. Ficou linda, só que eu acho que foi assim uma igreja que é pra elite. Claro que a igreja não é construída, ao meu ver, que não tem que ser construída com esse propósito de escolher a classe social, mas eu sinto isso em alguns lugares aqui em Petrópolis, a Catedral é um exemplo de igreja que para mim foi construída para o povo rico frequentar. Eu tenho essa impressão.

Adriana

Assim, não me sentia representada na infância, era indiferente a questão dos monumentos e hoje com o passar do tempo se torna mais indiferente ainda, pelo contrário ainda causa certa repulsa assim quando você sabe do histórico de toda essa situação. Antes era indiferente e hoje com a reflexão da questão causa uma certa repulsa.

Roberta

Eu vejo assim, um impacto negativo no sentido de ... que a gente não se vê representado, por muito tempo a gente se sulbaterniza aquela situação, você quer se sentir pertencente de alguma maneira. Hoje eu tenho um olhar muito diferenciado, mas eu vou contar uma história pra você e vocês vão morrer de ri, quando eu fui casar eu queria um casamento ecumênico, sabe? Aquele sonho, negócio de jardim ... em Petrópolis chovendo pra caramba, não tinha estrutura que hoje você tem um mundo de empresa de casamento, tudo pra rico. Acabou gente que ... vou entalhar a história que a história é enorme, um padre chegou e falou assim: “- Minha filha!”. Que eu cheguei a ver lá perto do Tapera, lá no Vale do Cuiabá, era uma igrejazinha que não tinha símbolo nenhum, não tinha santo, não tinha nada e tinha um pé de jabuticaba, que eu tinha um sonho de casar no pé de uma árvore gente (risos), o padre só que chegou e eu descobri que a igreja não era de uma diocese, era de uma fazenda, tinha que pagar um absurdo na época, aí nos desistimos e o padre falou: - Minha filha, porque você tá procurando uma igreja tão longe? Aí eu falei, eu não sou católica e tal, mas assim pelo menos as famílias iam agradadas e a gente consegue um jardim e ele: “- Da onde vocês são?” E aí quando a gente foi falar eu era da paróquia do São Sebastião e meu marido gente ele era da paróquia da Catedral aí o padre virou: “- Por que vocês não casam na Catedral?” Vai pagar uma o preço da taxa ... de quem é da diocese que era um negocio mais barato e a gente ficou olhando assim como assim eu casar na Catedral? Eu não podia nem imaginar em ter um sonho desses, entendeu. Gente nos fomos ver e realmente, eu lembro do valor que foi assim com R\$80,00 reais a gente casava na Catedral (risos). Gente, quando eu cheguei pra minha família e falei: “- Eu acho que dá pra gente casar na Catedral” Aquilo foi o um negócio: “- Meu Deus!” (risos) A família inteira, gente eu casei na Catedral, vocês acreditam nisso? (risos) Eu nunca vou esquecer da minha avó (risos) falando do dia do meu casamento, me arrumando e ela chorando: “- Preta, você vai casar na Catedral!” Aquilo foi um suprassumo assim, me senti uma rainha (risos). Chamei aluno, foi aluno pra porta, lotamos a Catedral (risos), gente acredito sem brincadeira deve ter ido umas 500 pessoas porque aquilo virou uma comoção na família: “- Minha filha vai casar na Catedral!” (risos). Olha quando eu entregava o meu convite que as pessoas: “- Na Catedral?” (risos) Olha foi todo mundo, não faltou ninguém que as pessoas... eu descobri que as pessoas também não eram convidadas pra um casamento na Catedral, né? Só alta society, foram alunos ... eu

cheguei a chamar mesmo meus alunos: “- Gente vai lá na Catedral!” Alguns foram e não tiveram coragem de entrar e sentar, então eu tenho fotos de gente na porta olhando assim, pra você vê como é marcante essa coisa do monumento, da gente não se pertencer. E quando eu casei que o padre depois teve um momento lá que pediu pra eu e meu marido olhar pra trás: “- Olha igreja lotada!” Lógico (risos), foi um acontecimento (risos), aí a gente ficou impressionado (risos), foi uma revolução, uma preta casando na Catedral! (risos).

Cipriano

Eu acho porque a gente passa a querer se pertencer na cidade, a querer se ver na cidade enquanto negro, né? A gente fica viajando, gente será que eu sou filho de alemão? Será que eu sou ... Sabe? Olhar no Obelisco ali, o Obelisco é o marco quando a cidade fez cem anos de fundação e ergueram o Obelisco, mas ali não tem nenhum nome de quilombo ali, quilombola ali, não só tem das duzetas famílias que vieram no ... 29 de junho só, dia do colono, naquela faixa do Obelisco, por isso que tá ali algum prefeito desse que quando a cidade fez cem anos colocou Obelisco em homenagem aos cem anos da cidade. A todo momento a gente olha pra dom Pedro sentado com as pernas cruzadas na Praça Dom Pedro, um monumento enorme, grande, imenso! E a gente fica não tem nada a ver comigo, mas não tem nada a ver e aí você passa achar que você caiu de paraquedas ne uma cidade estranha (risos), mas só que você nasceu nela. Nasceu nessa cidade! Será que a gente não fez nenhuma história nessa cidade? Depois quando a gente vai no ensino médio, vai entrando na universidade a gente vai começando a questionar essas coisas, quando a gente tá criança, andando pelo centro da cidade, não se vendo porque a gente continua não se vendo, continua não entrando nos lugares porque acha que tem que pagar e precisa de renda, pelo menos eu fico questionando assim ... tá, mas onde que eu entro nisso, aí eu descobri assim que Caxambu é uma palavra africana, eu lembro disso de falar gente não é possível, Caxambu então lá que deve ser meu lugar, quer dizer tambor grande em quimbundo. Aí também a gente fica assim também como é que pode Caxambu tá aqui no meio, no meio no centro da cidade de Pedro, eu nunca achei resposta pra isso, hoje eu tenho resposta. Mas, nesse momento de adolescência eu não achei resposta pra isso, mas quando você vai mais pra Itaipava, de Corrêas pra lá, que é onde meu pai nasceu né, ali no vale da Boa Esperança você vê muita comunidade preta, porque tem isso você anda no centro da cidade tem uns pretos espaçados, pelo menos eu tinha essa sensação, pode ser que ... impressão minha mas eu tinha essa sensação porque até no centro a gente via pouco, você ia a cidade, vou a Petrópolis, Petrópolis é o centro da cidade, Itaipava não é Petrópolis? (risos) Mas meus tios, meus primos tinha isso, eu morei em Itaipava um tempo, lá em Itaipava tinha muito isso a gente vai a Petrópolis porque assim não pertencia muito a gente, ainda é assim, os monumentos não te favorece, não falam de você. Na escola você aprende que você foi escravizado, escravo, pelo menos quando eu estudei, acho não tem tanto tempo assim (risos), nos livro didáticos, livros de história, você só tinha aquele recorte negro escravo. Então pelo que eu li você não queria se identificar e eu lembro de perguntar a professora de história, eu nem lembro o nome dela, ela era uma professora até simpática e eu perguntei pra ela: “- Professora não tem nenhum livro que fala da história do negro? – Ah, tem Casa Grande e Senzala.” Cara eu era da 5ª série e eu fui na biblioteca peguei aquele carma e procurei Casa Grande e Senzala dei uma foleada e falei assim não... larguei pra lá, depois eu voltei no Casa Grande e Senzala e aí eu pensei assim que bom que eu larguei pra lá (risos) não me serviu ontem também não me serve hoje. Aí você vai e olha pra cidade e a cidade é uma cidade das hortênsias, cidade de Pedro, cidade do russo, mas não tem nada de preto aqui, aí tem o pórtico, tem uma festa alemã e ... a festa afro é uma festa recente, né? Que ela tem aí vamos botar dez anos, ela completou esse ano dez anos de festa afro, quer dizer é muito pouco pra uma cidade que tem mais de cem anos.

Adriana

O impacto é grande porque você não tem uma representatividade, em relação até ao Palácio Amarelo ... eu sempre indago essa questão porque não é levantado a questão do Palácio Amarelo que pertencia a um Barão Negro, porque é um espaço onde leva a criança pra conhecer porque parece que Petrópolis não é uma cidade preta, porque você não tem esses símbolos para representar os monumentos e aí dentro essa pergunta que fiz com um rapaz de visita do Museu ele é o único que levanta essa questão, tem 4 estudantes que faz aula a passeio e ele é o único que levanta essa questão, então assim ali é um espaço de visita de escolas e onde você poderia ter essa representatividade desse espaço e não é voltado, então aí você vê como é forte essa questão dos monumentos, nem um retrato do Barão tem naquele espaço, pra pessoa falar sobre a história... ah ele tinha questão de escravizados!?! Tinha, mas era a modalidade da época, existia na época como trabalho, mas nem isso é contado. Se você for ver a própria placa que tem ali, a Igreja do Rosário não traz nada em relação que é a igreja dos pretos, não tem, você lê a placa não tem, até retiraram a placa, agora que colocaram a imagem de São Benedito dentro da igreja porque não tinha esse símbolo da questão de um santo preto. Agora a Praça da Liberdade que tem a pintura que fizeram agora que botaram a Mariele, que botaram a questão da representatividade negra, mas até então era um apagamento, tanto que é chamada de Praça Rui Barbosa e ponto né, quase não se falava a questão da Praça da Liberdade o que acontecia e ainda não contam, quando tem o passeio a cavalos ali você não escuta contar essa história da população preta, você escuta contar uma história da população do império, não da questão da história do povo preto.

Aline

Eu acho que os monumentos aqui eles nos oprimem assim só de você olhar você vê que ... eu não me sinto ... como é que eu vou dizer ... assim não me pertence na minha história, assim, não me vejo, não me identifico com esses monumentos da nossa cidade, porque esses monumentos não tem nada a ver com a nossa cultura, nosso jeito de viver, da nossa ancestralidade. São monumentos dos colonizadores que nos oprimiram, não é nossos ancestrais. Eu estudei pra esse concurso aí de Petrópolis e eles pediram pra estudar sobre esses monumentos aí a gente vê que esses monumentos eles são todos, a maioria ali, pertencente as culturas europeias. Não tem nada de identificação com a nossa, não consigo identificar porque ali eu consigo ver tipo moradias de colonizadores. Assim, não consigo me identificar com o Palácio Amarelo, eu vejo que mesmo ele sendo antes do Barão de Guaraciaba negro, que ele que era um dono daquilo ali, mas mesmo assim eu não consigo ver que aquilo pertence as minhas origens. E também pela contemporaneidade, o que tem ali dentro hoje em dia eu acho que devido a isso, por isso que eu não consigo me identificar, assim fazer essa ligação com o passado. Eu vejo hoje, agora funciona a Câmara dos Vereadores, eu acho devido a isso eu não consigo fazer essa identificação com a minha pessoa. Na Praça da Liberdade temos Zumbi dos Palmares, você acredita que poxa eu sei que aquela estátua foi inaugurada há um tempão, sempre passei e nunca vi aquela estátua, nunca sabia onde estava aquela estátua porque ela não tá, Zumbi parece que tá escondido ali, para você ver eles fizeram Zumbi pequeno e num ponto que eu acho que as pessoas passam e muitos não conseguem enxergar. Lá no Rio a estátua do Zumbi enorme ali no centro não tem nem como passar e não enxergar aquilo, agora em Petrópolis, tu vê o Zumbi bem pequeno e se tu não prestar atenção não enxerga onde ele tá. É igual eu falei realmente sobre a praça da Liberdade, assim eu sei que ela tem uma historicidade negra ali, só que eu não consigo me ver representada por essa praça também. Entendeu, Petrópolis, eu acho que de um modo geral, eu me sinto perdida aqui nessa cidade. Não me sinto em casa, apesar de ter nascido aqui, eu não me sinto bem, não só pelos monumentos também, pelas pessoas eu acho que são pessoas assim muito preconceituosas. Tem uma cabecinha meio sabe! Quadrada? Isso me deixa bem chateada de viver aqui, por isso que às vezes eu penso em mudar, claro que isso tem em todos os lugares, mas eu acho que aqui ... quando eu vou ao Rio eu me sinto melhor do que aqui.

(Problematizo: E nem no HGTP vocês já viram algo relacionado sobre a valorização da cultura preta?)

Adriana

Na verdade, ali trata da questão dos povos originários como eram selvagens, feios, era um povo de cabeça grande e selvagens e a população preta em Petrópolis falavam que eram roubavam linguíça na casa dos alemães essa é a forma pejorativa que esse material didático tratava Petrópolis em relação aos povos originários e a população preta. E agora foi abolido das escolas, estão pensando em reestruturar esse material porque começou a ter tanta críticas em relação a esse material que era passado para os alunos eles retiram, porem nos anais da Prefeitura como teve o concurso agora ainda tá esse material lá e é o material que alguns profissionais utilizaram pra dar capacitação pro concurso, então para tirar tem que tirar por completo, não só das salas de aula, até lá dos anais que tem lá no portal da prefeitura. Até eu questionei muito isso porque eu fiz um preparatório em Magé, então assim uma outra realidade, mas o material que ele tinha como apoio era esse material de pesquisa e ele estava falando a origem dos lugares, ah esse aqui é alemão! E eu falei Quitandinha vem de quitanda, vem quimbundo, iorubá, povo preto e o professor ficou todo espantado olhando pra mim e assim acho que até ele ficou espantado porque ele estava dando curso de formação pra concurso da história de Petrópolis e acho que nem ele sabia na verdade que Petrópolis teve colono preto ... e aí ele ficou me olhando, a turma ficou me olhando como se eu tivesse falando uma grande aberração né, porque assim a questão da população branca, dos imigrantes europeus é muito forte e isso é passado para os turistas é passado ainda nos bancos escolares, apesar de terem tirado o material ainda é muito presente essa história.

3º Encontro: 20 de Dezembro de 2022 – Paisagem e resgate da memória negra petropolitana**Perguntas Orientadoras Geradoras:**

- Você acredita que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento urbano em Petrópolis?
- Os monumentos permitem identificar grupos culturais negros na formação urbana da cidade?
- Quais elementos da cultura negra na paisagem tem um significado maior para você?
- - Se recorda de algum relato ou símbolo da participação da cultura negra na produção material ou imaterial da cidade que não aparece nos monumentos?
- Gostaria de comentar algo que não foi tratado durante a roda de conversa?

Rejane

Eu pensei da seguinte forma, contribuiu no intuito da mão de obra. Isso não fica registrado pra gente porque conforme eu tinha falado antes, o que é visto dentro da cidade de Petrópolis? É tudo muito ... de forma europeia

entendeu, não se fala de como aquilo foi feito, de quem fez e a gente sabe que foram feitos na época para a nobreza. Porque não houve muita mudança, o progresso vamos assim dizer aqui em Petrópolis, não teve muita mudança. Então a gente vive muito do que aconteceu aqui antes, vamos atrás mais ou menos. Então eu acho que eles contribuíram, a ancestralidade então contribuiu nessa parte, entendeu, da mão de obra. Agora memórias que eu tenho de alguma forma para mim não tem nada, não tem um monumento não tem: “- Ah que viveu fulano de tal”. Né? Como vamos supor se ... igual eu falei na reunião passada do ... quilombo. Se tivesse um lugar público aqui era um quilombo que aconteceu isso, aconteceu aquilo, e tivesse um que fosse uma pintura uma estátua ou qualquer coisa para a gente poder: “poxa isso aqui faz sentido para mim! Porque talvez o meu avô veio daqui”. Alguma coisa, mas a gente não tem, eu pelo menos eu não tive essa informação não tive nada disso até hoje.

Marcela

Eu acredito que essa questão da ancestralidade, né? Realmente o que me vem a memória é a questão mesmo da Praça da Liberdade, porque há um tempo atrás se eu não me engano, ela era até chamada de Praça Rui Barbosa, mas ninguém conhecia como o Praça Rui Barbosa todo mundo falava de Praça da Liberdade, Praça da Liberdade, eu acho, não tenho certeza, que realmente foi nomeada como Praça da Liberdade e ali na parte externa, da praça naquela parte que vai dar de frente para o restaurante, tem até uma pintura ali de Zumbi de Palmares. Então isso também contribuiu, mas uma certa forma faz uma menção, de que ali naquele espaço, de uma certa forma havia, né? Tinha alguns ... o povo africano, de uma certa forma estava presente ali em busca da sua alforria. Concordo também com a Rejane, quando ela fala que acredita que a ancestralidade ela se deu por parte da mão de obra, porque sem mão de obra escrava nada era feito. Apesar de que, existem relatos também de que a Princesa Isabel ali na frente da casa da Princesa Isabel, eles cultivavam Camélias que eram símbolos da Liberdade, dos abolicionistas naquela época, que uma certa forma entre aspas eles não, como dizer que não é que não concordava, mas de uma certa forma também buscava ... não sei se o termo certo é buscar tá, mas de uma certa forma, incentivava talvez eu não sei, proporcionava de uma certa maneira a alforria de alguns escravos, então é isso que me vem ... quando fala de ancestralidade, é isso que eu lembro. Até por conta do que eu estudei alguns anos atrás sobre a história de Petrópolis. Nós sabemos agora que é divulgado, até descobrimos, por conta do nosso primeiro encontro a questão do Quilombo da Tapera, de uma certa forma também ali existem as histórias dos antepassados que ainda não é divulgado. Não é divulgado como deveria, mas não é no centro, né? Mas de uma certa forma existe uma história que a gente tem que divulgar isso daí e botar para frente, compartilhar mesmo, porque assim como nós muitos não sabe dessa existência.

Cipriano

De memória ancestral que eu tenho são os terreiros de Umbanda e Candomblé que existe em Petrópolis. Principalmente terreiro de umbanda que eu faço parte. Então quando diga memória ancestral eu me remeto logo a terreiro de Umbanda. Mas, agora como eu já falei que a gente agora que tá tendo um pouco de noção de quanto que a cidade é preta, né? Então a gente tem um quilombo da Vargem Grande por exemplo, que é ali no Fazenda Inglesa que tá sabendo que ele existe agora, com a tese da Professora Renato Aquino, até o próprio Quilombo da Tapera que é uma memória ancestral da cidade é algo que ... é muito recente, que a gente tá tendo noção do Quilombo da Tapera tá aí, é uma ancestralidade viva, é ... pulsante agora com a gente contemporaneamente. Mas, agora pra mim se você me perguntar dessa questão da ancestralidade eu me remeto aos terreiros de Umbanda e Candomblé que tem bastante.

Adriana

Se for pela questão de um olhar colonizado, a gente vai falar que não. Mas se você olhar pela questão de projetos de pesquisas que há da cidade você sabe que sim. Não só a parte da uma questão tecnológica, de tecnologia, a questão do ferro a questão mesmo da parte medicinal. A gente sabe dessa questão da tecnologia, da questão medicinal, quando eu falo da questão dos colonos alemães que cuidava, tinha a questão do trabalho medicinal à gente sabe que isso tudo tem a ver com a cultura preta, quando fala lá na questão da Mosela que tinha uma senhora que rezava as pessoas que tinham problemas de bronquite, na época eu não tinha esse conhecimento dessa literatura e hoje você vê, imagina você rodar em volta de uma fogueira com sal grosso na mão e falava algumas palavras e jogava uma fogueira isso, era uma colona alemã que tinha na Mosela, ela que fazia essa questão da cura. Ou seja, isso é um simbolismo afro e na verdade foi apropriação cultural da população preta. E se formos ver a questão daquela área da Mosela ali do Pedras Brancas, era uma área também de Quilombo, toda aquela parte. Então na verdade foi apropriação cultural, se formos a questão lá da Casa do Padre Correia a questão do ferro, a gente sabe da tecnologia do ferro da população preta que aí fala da questão das ferraduras, mas existe uma questão do apagamento que era todo uma tecnologia da população preta, então o que existe na verdade é uma apropriação de conhecimento e aí quando você pega o material didático da rede municipal (educação) você não vê a questão de quem era essa ... tecnologia essa ... cultura, na verdade fala da colonização alemã que na verdade é da população preta, dos Colonos Pretos. Então o que falta, até nos meus projetos de pesquisa que eu falo da questão letramento afro, é essa importância o letramento afro há para nossas crianças nas nossas escolas públicas e também o

letramento afro para o professor, pra ele entender que dá importância desse conhecimento afro que não é passado que existe um apagamento na nossa cidade em relação a isso né uma verdade uma apropriação cultural.

Roberta

Eu acredito que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento de Petrópolis, urbano, não só acredito como penso que a partir da tese da pesquisadora e doutora Renata Aquino a gente consegue dizer com clareza que sim, indubitavelmente a negritude brasileira no século 18 e 19 já estava aqui ... na espacialidade que hoje a gente vem chamar de Petrópolis e de acordo com as pesquisas que a Renata fez a gente acredita que até o plano urbanístico da nossa cidade já tenha sido de alguma maneira desenhada pelos cinco quilombos que aqui existiam, então sim, com certeza eu acredito que a ancestralidade negra contribuiu para o desenvolvimento urbano de Petrópolis e mais do que isso, provavelmente ela foi a base precursora de tudo isso. Agora triste é perceber que os monumentos da nossa cidade não fazem referência a isso, não mostram de maneira ... objetiva e ao mesmo tempo dignificante, nada disso, inclusive os únicos monumentos que a gente tem na cidade em referência a cultura negra e que eu fico aqui pensando que seria o Busto do Zumbi dos Palmares na Praça da Liberdade e com toda reverência que a gente faz a Zumbi, toda gratidão né a ... luta dele em Palmares que reverbera como um símbolo de luta negra no mundo inteiro, mas não dá voz aos líderes que existiram aqui em Petrópolis, Dona Sebastiana do Quilombo da Tapera, Pai José da Vargem Grande, então assim a gente não tem aqui nenhum monumento que enalteça e que homenageia de alguma maneira a negritude ancestral e nem presente, atual, que a gente possa mudar isso pro futuro e ... talvez a mais recente tentativa que a gente espera se consolidar fisicamente que é um Museu Virtual da Memória Negra que vem tentando levantar essas memórias e ... trazer uma base pra que a gente possa comemorar essas memórias mais existente não temos. E como nunca nos tivemos monumentos na cidade que enaltescesse isso foi muito difícil pra mim pessoalmente e penso que pra toda a negritude de Petrópolis entender essa cidade como nossa, entender esse espaço urbano como ... uma base de construção nossa, então eu sempre me senti aqui meio que como não lugar. Mas, com as pesquisa recentes e aí eu cito novamente porque foi um marco de divisor de águas na minha vida ter acesso a pesquisa da Renata Aquino e mais recentemente a proximidade com ela me mostram assim, é como se tivesse tirado um véu dos meus olhos pra gente começar a enxergar na paisagem o que a Renata chama de Afroinscrições, essas marcas da negritude na paisagem de Petrópolis, então saber que por exemplo o telhado do Museu Imperial é de adobe e que é uma tecnologia de telhado africana, saber que toda esse ... tradição que a gente tem de deixar os rios afrente e construir ao redor também vem de uma urbanística africana e não “convencionado por Koeler que é o plano urbanístico dele” então é lógico que a gente não consegue afirmar, mas é uma tese que se levanta. Será que realmente ele teve essa ideia? Ou será que ele copiou? Porque em África, em cidades africanas isso tudo aponta que eram traçadas assim, então mais um apagamento, mais uma pilhagem aí na nossa história. Depois a gente começa a observar a praça, o nome da praça, Praça da Liberdade porque desse nome, talvez tenha sido o único monumento em Petrópolis feito pra homenagear a cultura negra mas que é de uma coisa disfarçada porque a Praça da Liberdade, a liberdade de quem teria dado era a Princesa Isabel então assim, é tudo muito confuso, mas que a gente vê menções aí contradizendo a própria história oficial que dizia que aqui não tinham escravos, né? Então se aqui não tinham escravos porque a concessão de liberdade e cartas de alforrias ali? Então totalmente contraditórios.

Aline

Eu acho que a contribuição negra na nossa cidade como dos Índios Coroados foram superimportantes e existiu e que eles escondem isso, a gente precisa conhecer mais a contribuição dos povos negros, dos índios, tu vê a Renata Aquino mesmo com a tese dela que é maravilhosa, os Índios Coroados eles que foram os precursores do Caminho Novo que aí vieram o Bernardo Proença, eles depois apropriaram falaram que foram eles que construíram que criaram e não. Claro que tem mão indígena, mão dos negros aí. Até nessas construções aí que a gente ... de Museu, do Palácio de Cristal e muitas outras coisas.

(Pergunto: Os monumentos permitem identificar grupos culturais negros na formação urbana da cidade?)

Rejane

Eu acredito que aí a gente vai falar da Praça da Liberdade de novo e ali, hoje em dia, do lado da Igreja do Rosário que tem o Mercado Popular que o povo se encontra ali os finais de semana, mais aos finais de semana, ele fica aberto à semana inteira. E é uma população negra maior porque eles acham que aquilo ali é o espaço permitido a eles, não sei se é assim se eu posso pensar dessa maneira, mas se concentram mais ali e aquilo é um espaço cultural, muitos não percebem isso, mas ele é um espaço cultural, então eu acredito que aquele canto do Mercado Popular junto com a Praça da Inconfidência e a Igreja do Rosário me remete a esse espaço cultural do povo negro. Na verdade é de todo mundo, mas assim a maioria são de negros mesmo. Então, o pessoal fica à vontade ali sem problema nenhum. Tem música, os cortes afros, tem cabeleireiro ali dentro, tem barbeiro, tem rodinha de samba, então é muito legal. Fora o espaço, que tem agora também ali na praça da Liberdade ao lado daquela casa que era o bar do Rui Barbosa. Porque eles colocam palco ali e o pessoal faz encontros de dança de hip hop ... funk, os

jovens se encontram mais para esse tipo de coreografia, então ali também é um lugar bem ... que remete muito esse essa cultura afro.

Cipriano

Uma das coisas que me remete a memória negra em Petrópolis eu concordo com a Regane e com a Adriana, acho que muito informação indébita nos conhecimentos aqui de Petrópolis no que tange a negritude, o negro, a presença do negro de Petrópolis, mas Praça da Liberdade como a Rejane levantou e a gente falou muitas vezes aqui, acho que é um ícone. E agora a Praça da Inconfidência, usar ali também, uma ideia muito forte na presença negra de Petrópolis e a gente sabe ... dos portões, mesma coisa como eu digo assim o cada tempo que a gente vai te dando um pouco de Petrópolis vendo Petrópolis preta, mas a gente tem a presença dos adinkras (colocar nota de rodapé informando o leitor) nos portões da avenida Koeler que é essa escrita da ... civilização Akan, quer dizer que volta ao passado pra pegar o que interessa no passado e ressignificar o presente, pra projetar uma futuridade tem a ver com ancestralidade também e tá ali, em Petrópolis em muitos portões, mas eu acho emblemático na avenida Koeler, mas eu tenho no meu portão de casa tem, na Mosela muitas casas tem também, então isso é um dado de uma tecnologia preta que tá aqui em Petrópolis e que a gente tem que evidenciar, mas a Praça da Liberdade e a praça da Inconfidência, ali a Igreja do Rosário são monumentos importantes, eu acho.

Adriana

É importante também lembrar, né Pedro? A questão do Quitandinha, se você for ver a questão do Qui-tan-di-nha que é kimbundu e tem todo uma história que na verdade as pessoas ... eu até comentei com o nosso grupo lá que estava estudando que o professor tava dando sobre a questão dos monumentos e só falava em alemão e quando ele chegou no Quitandinha ele falou: “- Mas qual a origem de Quitandinha?” Aí eu falei de kimbundu, yorubá. E aí ele ficou olhando pra mim. Eu falei tem a ver com a população preta, com as mulheres da época que vendiam os seus produtos ali, então vem de kimbundu e aí ele ficou com aquela cara assim, né? Porque assim quando fala em quitandinha você imagina em tudo menos a questão que a origem tem a ver com a questão do kimbundu iorubá, né? Das mulheres que vendiam, então assim o próprio quitandinha que tá na porta de entrada da nossa cidade, tem uma marca preta, até mesmo pelo seu nome. Só que antes do casino tinha uma história.

(Pergunto: Quais elementos da cultura negra na paisagem tem um significado maior para você?)

Adriana

É assim, como o passar do tempo com essas pesquisas e tudo a gente começa a ter um outro olhar e até mesmo um olhar mais crítico. Conversando com meu marido quando eu olho para as comunidades é algo que hoje me dá prazer de olhar que eu vejo a pluralidade e um dia eu tava falando aquelas montes de luzinha, aquele monte de coisa, gente, isso é uma cultura viva, que muitas vezes é a gente não para contemplar e algo assim. Ah, você sente prazer. Mas você vê a diferença de pessoas e ali onde tem um grande contingente uma população preta, né? Essa pluralidade essa diversidade e se você for olhar toda assim todas as casas gente parece uma obra de arte. E aí, eu tava olhando assim, gente, é belíssimo. Eu tava olhando para ele, olha a questão desse monte de casas juntos, parece uma obra de arte, né? E é isso que me causa assim hoje prazer não, mas a questão da grande diversidade que tem na nossa cidade e que muitas vezes não é mostrado. Entendeu? É essa questão assim que me marca muito essa diversidade, essa pluralidade.

Marcela

O que eu acho bacana, acontece não sei agora com essa com o que frequência está, mas nesse espaço ali que a Rejane comentou que é atrás do chafariz, na parte externa ali da Praça da Liberdade, o que me chama atenção quando eu passo ali quando tem a roda de capoeira e eu percebo que não somente os negros estão ali tocando, dançando, jogando, mas também alguns, ainda em pequenas, quantitativo bem pequeno menor mas ainda né? Encontramos ali pessoas brancas que querem neste momento fazer parte da cultura, né da cultura negra que nós sabemos que lá atrás eles não expressavam com tanta liberdade que fazem hoje, né? E assim uma coisa que eu gosto de ver naquele espaço no espaço bacana os negros, mostrando para a população uma cultura, tentando trazer um pouco mais da cultura deles e eu acho isso bacana.

Cipriano

O que me veio aqui na cabeça foi ... o caminho do ouro na Serra Velha que eu posso estar enganado, mas eu não vejo muito associado a presença de negro em Petrópolis, mas eu acho fundamental também porque além de ser um caminho que já tinha sido feito pelos Índios Coroados mais a pedra que segmentou o caminho ainda mais foram os negros que colocaram e também ali no Meio da Serra tem vários terreiros de Candomblé e Umbanda e tem um espaço ali onde há o encontro de vários terreiros com as cachoeiras, então assim, a natureza fazendo parte de toda uma cerimônia, uma natureza como elemento agregador, como elemento, também, de agencia no mundo então a gente vai ver a presença dos Inquices (orixás) ali com o próprio rio e a distribuição daquele espaço do Meio da Serra, um espaço de ritualística afro e acho que isso é importante também e ... mas não vejo isso muito

relatado, talvez seria aí um patrimônio imaterial e até material também com todo esse material de ... cultura de terreiro, mas a própria pedra fundamental, pedra do caminho do ouro remetendo não só a memória indígena que fazia esse caminho, mas a memória negra também.

Aline

Eu acho que ali na subida da Serra Velha a gente encontra muito da religião de matriz africana, tem uns centros ali, a mata onde eles fazem os encontros deles.

Roberta

Percebo também na nossa paisagem a quantidade de templos é ... de Umbanda, um pouco afastados sim, mas eles estão presentes, a capoeira jogada na frente do que a gente chama da galeria do Shopping d. Pedro II, as rodas de capoeira que vira e mexe acontecem também na praça (Liberdade). Então são inscrições na paisagem que nos permitem sim ver que a negritudes faz parte desse espaço e que merece um lugar de destaque, um lugar, talvez, se pudesse usar essa palavra aí de colono sim, não como um dominador, mas como alguém que vem para contribuir com práticas, saberes e tecnologias.

(Instigo: Vocês comentaram da Praça da Liberdade, por que a Praça da Liberdade recebe esse nome? Essa história da Praça da Liberdade a gente pode dizer que ela é bem não material? Essa história ela é importante pra gente compreender esses símbolos da influência da cultura negra na formação da cidade?)

Adriana

Os guias turísticos quando passa ali ele fala da questão da Praça da Liberdade, mas ele não fala o porquê da Liberdade, né? Ele não fala do busto do Zumbi que tá ali e hoje o busto do Zumbi ele tá sem os matos porque já teve tempo ali que o Zumbi ficava escondido atrás da árvore, então assim na verdade nós temos ali a Praça da Liberdade, mas quando os guias passa eles não falam o porquê do nome Praça da Liberdade. Dependendo ele vai falar até da Praça Rui Barbosa, não vai falar da questão da Praça da Liberdade. Então nós enquanto petropolitanos até, tem pessoas petropolitanas que não sabe também nem porque do nome Praça da Liberdade. São poucas pessoas que fala que conhece a verdadeira história que ali tinha até um pelourinho (espaço público das cidades brasileiras destinado para castigar publicamente pessoas escravizadas no Brasil colonial), então assim, são poucas pessoas que na verdade conhece o próprio símbolo da questão da Praça da Liberdade o porquê desse nome. Esse que eu falo da questão desse apagamento mesmo é a própria Palácio Cristal que ali era um quilombo. Então assim ele acabou sendo incorporado a questão de um grande baile que era realizado ali que o grande presente que a princesa (Isabel) recebeu então a história que tinha antes. Também ficou um apagamento. Isso a questão do apagamento ele é muito forte nos monumentos aqui da cidade. A real história na verdade não são contadas.

Aline

A Igreja do Rosário, a Praça da Liberdade. Que até um vizinho meu esses dias, veio que teve né a semana da Consciência Negra e ele falou que não sabia que ali na Praça da Liberdade por causa do nome, não sabia o significado, porque Praça da Liberdade, então com essa semana da Consciência Negra que eu acho que foi até muito legal ele conheceu o significado da história ali. Que é uma coisa que também que me remete isso.

Marcela

Eu vou complementar a fala da Adriana. Realmente nós temos alguns guias que desconhece. Volto a dizer falta informação, falta divulgação, falta estudo, falta até mesmo interesse porque ... os guias na verdade eles destacam aquilo que pra eles é o mais importante é o Museu, a Catedral e fala sobre a questão histórica daquele momento, mas é pouco falado sobre a presença negra do povo na cidade. Eu ainda continuo achando isso. Acho que falta informação e falta divulgação.

Roberta

E aí somando essas memórias assim e essas afroinscrições que eu percebo na cidade, hoje fico lembrando, Petrópolis teve uma tradição de ter escolas de samba que infelizmente foi meio apagado pelos últimos governos, um desmonte total do carnaval com a venda de uma cidade pros turistas que é uma cidade pacata, que não tem carnaval, arrancaram de nós a tradição do carnaval, dos desfiles de blocos e escolas de samba que aconteciam na avenida, inclusive algumas delas com grandes parcerias com escolas de samba do Rio de Janeiro. Há pouco tempo uma conhecida, colega de trabalho do meu marido falou que tem registro que o avó teria sido amigo do Cartola e que ele é um dos fundadores da Escola de Samba 24 de Maio, que foi a grande escola campeã de vários carnavais aqui na cidade. Então o desfile acontecia no centro na Rua do Imperador e isso foi ceifado, ceifado o direito dessas escolas de existirem, que gerava emprego, gerava arte, cultura em nossa cidade, você tem o abandono de várias, dezenas e talvez milhares de pessoas que eram envolvidas com o carnaval aqui que foram abandonadas a própria sorte e ainda de novo o apagamento do povo negro e a retirada desse povo porque no carnaval e no 7 de Setembro

eu confesso que eram os dois únicos momentos assim né ... do ano que a gente via a negritude ocupando o espaço da cidade. O desfile de 7 de Setembro porque era um desfile de um monte de escolas públicas então a gente via população negra majoritariamente mais pobre, mas ali representada e tinha ônibus gratuito, tinha um lanchinho então era um momento de oportunidade pra essas famílias estarem no centro da cidade e o carnaval que a avenida era fechado, no lado ali da Lojas Americanas, Casas Bahia, Galeria Marquese, aquele lado todo era, o trânsito era impedido e havia o desfile dos blocos e das escolas de samba então essa cultura, esse constructo social também foi retirado de nós, da visibilidade do povo negro de Petrópolis.

Cipriano

Os próprios topônimos que existem na cidade que fazem essa referência da presença negra, foi falado do Quitandinha, do hotel Quitandinha, do bairro quitandinha que é profissão de mulher preta, as quitadeiras, como a Adriana falou essa palavra que sai do tronco linguístico banto que é kimbundu, que quer dizer quitanda que quer dizer levar para longe em kimbundu, essa língua que sai do troco linguístico banto, mas também tem outras referências na cidade que é Quissamã, do povo Quissamã tá também presente, um bairro que tem um nome de um povo africano, então deveria ter muitos negros nessa região aqui em Petrópolis, o próprio Caxambu outro bairro da cidade, quilombo de Caxambu é uma palavra que quer dizer tambor, tambor grande, que serve de comunicação, tambor que fala é ... tem uma outra Carangola, bairro Carangola, “cara” que é um tipo de inhame, comida de preto, então quer dizer então tudo aqui que a gente conversou na nossa roda de conversa outros pontos que são bem evidentes ao meu ver. É claro, voltando a dizer a tese da Professora Renato Aquino assim foi um divisor de águas nesse sentido pra gente evidenciar o quanto que a cidade é preta pra gente. Mas eu lembro bem quando eu estava no 2º gral e essa palavra Caxambu ... eu ficava tentando entender porque um bairro tinha um nome de um nome de um tambor grande, um bairro com um nome preto, né? Por conta dessa história que a gente escuta que a colonização alemã, mas a gente vai percebendo que antes da colonização alemã existia todo um povo que foi sequestrado, mas que chegou no Brasil, chegou em Petrópolis e se inscreveu em Petrópolis dando nome de bairros, a própria policultura, maneira que tem muito presente ali no Caxambu, Caxambu no alto lá em cima, a policultura tá muito presente lá.

Rejane

Olha, eu vou falar que eu não sei se é um bem material são bem material. Mas eu lembrei de uma coisa que eu sinto muita falta mesmo são das rezadeiras. Que todo mundo procurava, mas assim meio que sabe onde tem uma rezadeira? Era meio que em off, mas todo mundo queria uma rezadeira, é porque era assim fazia bem para todo mundo. Eu não entendi muito bem porque eu adorava, a minha avó era rezadeira, a mãe da minha mãe era rezadeira. Entendeu? Então a gente não recorria, muitas coisas a gente não recorrer a farmácia, a gente recorrer a minha avó. E durante assim, muitos anos depois, nossa espinhela caída, vento virado, quebranto, olho grande, cobreiro, tudo ... mau olhado, tudo minha avó rezava, pegava botava um galhinho de arruda em cada orelha, pegava mais três raminhos, falava umas coisas lá, era como um passe de mágica. E assim não tinha contra indicação, eu cresci nisso e aí depois que eu me casei, eu só tive mais contato com duas e foi assim bem pouco, todo mundo deve conhecer que era dona Sebastiana do Bairro Castrioto. Que depois a dona Sebastiana foi morar lá na ponte de ferro, lá para o lado do Bela Vista, morreu bem velhinha, também, e a Dona Maria Teresa que era amiga da minha mãe. Mas também que ela incorporava uma preta velha, mas ela não gostava de incorporar preta velha. E foi muito engraçado porque assim depois da minha avó. A minha avó morreu já tinha uns 14 anos e aí essa senhora foi morar do lado da minha mãe, eram vizinhas e a minha mãe muito católica, minha mãe rezava tudo quanto é terço, salve rainha, não sei o quê. E aí um dia em conversa daqui, conversa dali ela perguntou a minha mãe se a minha mãe tipo cambonasse ela (na Umbanda se diz cambono ou combona pessoa que auxiliam quem recebe entidade, assessorar). A minha mãe ficou meio assim, gostava de ajudar, eram amiga, vamos lá ver que dá para fazer e aí essa senhora passou a incorporar a vovó Maria Conga, a preta velha dela toda quarta-feira e obvio que eu estava lá (risos). Eu gostava... daqueles trajes, do cachimbo, daquela sainha quadriculada preto e branca, daquela batinha branca, sem ninguém me falar eu me identificava muito com aquilo, eu gostava de ver aquelas imagenzinha aquelas contas coloridas no pescoço. E um belo dia, ela saiu de perto da casa da minha mãe e foi morar numa outra rua para baixo ali no bairro e eu já era casada, já tava com meus 28 anos, aí ela virou, a vovó Maria Conga virou pra mim e falou assim “filha, quando é que você vai botar roupa?” e eu muito debochada eu tô pelada por acaso? Ela me deu um esporro (risos), ela você presta atenção, você vê com quem que você está falando? Eu estou falando uma coisa séria (risos). Aí eu vi que o negócio era sério mesmo, né? Eu falei assim eu falei. Ah vovó, eu não sei não sei se eu se eu preciso colocar, mas assim na verdade eu não tenho vontade. Porque eu sou tipo uma moleca, eu gosto de ir aos lugares onde eu quero ir, onde tenha vontade de ir e a minha mãe disse que uma vez a gente se comprometendo com qualquer, que seja religião ou trabalho, você tem que ter o comprometimento e eu vejo que assim tantas igrejas evangélicas como a igreja católica como qualquer um outro centro que você participa, você tem que ter aquela rotina, você tem horário, você tem as coisas pra fazer e eu não me vejo nisso, aí ela virou e falou assim, ela perguntou que idade que eu tava e eu falei com 28 anos. Aí ela falou assim, “quando você fazer a tinta, isso é 30, você não tem mais onde fugir”. Falei meu Deus do céu! Quê que eu vou fazer da minha vida, eu

já me via virada na Maria Padilha virando uma garrafa de cachaça na boca (risos). Só que eu já era casada e meu marido não gostava que eu acendesse uma vela dentro de casa. Mas enfim, aí aos 30 anos acabou que eu já tinha esquecido. Aí ela falou assim: “- A coisa vai acontecer o que tiver que acontecer vai ser, mas não precisa ficar preocupado com isso”. Aí eu engravidei, vim morar no Quitandinha, acabei conhecendo a moça que mora do meu lado até hoje que é uma e ela yalorixá (mãe de santo) na época ela era recém-feita do Santo e eu acabei virando aqueda (auxiliar de pai ou mãe de santo em seus ofícios ritualísticos regligioso) da casa de santo. Então quer dizer foi o chamado e assim as rezadeiras, rezadeiras mesmo, tu não se vê mais tu não acha elas em lugar nenhum e eu sinto muita falta delas. Eu acho que isso era um bem cultural muito grande que faz falta muita gente. Porque assim não era ensinado, isso não era ensinado, não era passado de mãe para filha não, se você tivesse o dom você acabava pegando uma coisinha ou outra e depois no centro você ia se aperfeiçoando, mas não tem. Não sei como é que funcionam, mas eu sinto falta delas (risos).